

A VIDA É O MAIOR ESPETÁCULO DA TERRA

SARA GRUEN

ÁGUA

para

ELEFANTES



SEXTANTE
FICÇÃO

SARA GRUEN

ÁGUA
para
ELEFANTES



prólogo

*Queria dizer o que disse, e disse o que eu queria dizer...
O elefante é cem por cento fiel!*

Theodor Seuss Geisel, *Tonho choca o ovo*, 1940

Restaram apenas três pessoas sob o toldo vermelho e branco da espelunca: Grady, eu e o cozinheiro. Grady e eu nos sentamos a uma mesa de madeira muito antiga e gasta, cada um diante de um hambúrguer num prato de lata amassado. O cozinheiro estava atrás do balcão, raspando a grelha com uma espátula. Ele já tinha desligado a fritadeira havia algum tempo, mas o cheiro de gordura impregnava o ar. O resto do pátio - que pouco tempo antes transbordava de gente estava vazio. Não fosse por um punhado de empregados e um pequeno grupo de homens aguardando para ir à tenda da dança do ventre. Eles lançavam olhares nervosos de um lado para o outro, usavam chapéus enterrados na cabeça e tinham as mãos enfiadas nos bolsos. Não ficariam desapontados: em algum lugar lá no fundo da tenda Bárbara e seus encantos abundantes os esperavam.

Os moradores da cidade, os caipiras, como Tio Al os chamava - já tinham atravessado a tenda das jaulas e chegado à grande tenda, que pulsava ao som de uma música frenética. O volume com que a banda executava seu repertório era ensurdecedor; como de costume. Eu sabia o programa de cor - nesse exato momento, a última parte do Grande Desfile saía, e Lottie, a trapezista, começava a subir no seu trapézio, no picadeiro central.

Olhei fixamente para Grady, tentando entender o que ele estava falando. Ele deu uma olhada ao redor e então se aproximou.

- Além disso - disse Grady, me olhando nos olhos -, acho que você tem muito a perder neste momento.

- E, para dar mais ênfase ao que dizia, levantou as sobrancelhas. Meu coração disparou.

Ouviram-se uma explosão de aplausos estrondosos na grande tenda e a banda emendou a valsa de Gounod. Voltei-me instintivamente para a tenda das jaulas porque essa era a deixa para o número do elefante. A essa altura, Marlena ou estaria se preparando para montar ou já estava sentada na cabeça de Rosie.

- Tenho que ir - falei.

- Sente aí - retrucou Grady.

- Coma. Se você está pensando em ir embora, pode ser que demore até encontrar o que comer.

Nesse momento, a música guinchou e parou. Ouviu-se uma terrível colisão de metais, sopros e percussão - os trombones e flautins produziram uma cacofonia, uma tuba emitiu um ruído grosseiro e o som oco de um címbalo tremulou na grande tenda, oscilou sobre nossas cabeças e se desfez no espaço.

Grady ficou paralisado e encolhido diante do seu hambúrguer, com os dedos mindinhos esticados e os lábios muito abertos.

Olhei de um lado para o outro. Ninguém mexia um músculo sequer - todos os olhos se dirigiam à grande tenda. Alguns fiapos de feno rodopiavam preguiçosamente pelo chão.

- O que foi isso? O que está acontecendo? - perguntei.

- Psiu! - silvou Grady.

A banda atacou de novo, dessa vez com Stars anti Strip es Forever. * - Meu Deus! Ah, que merda! - Grady jogou a comida na mesa e se levantou de um salto, derrubando o banco.

- O que foi? - berrei, pois ele já corria para longe de mim.

- A Marcha Fatídica! - ele gritou, virando a cabeça para trás.

Olhei nervoso para o cozinheiro, que estava se livrando do avental.

- De que diabos ele está falando? - Da Marcha Fatídica - disse ele, lutando para tirar o avental pela cabeça. - É sinal de que está acontecendo algo errado. Muito errado.

- Como o quê? - Fogo na grande tenda, estouro de animais, qualquer coisa assim. Ai, meu bom Jesus! Os pobres caipiras provavelmente ainda não sabem de nada. - Ele se abaixou para passar pela porta de vaivém e se mandou.

Caos - os baleiros saltavam por cima dos balcões, operários saíam cambaleantes saíam cambaleantes de debaixo das abas da tenda e outros empregados do circo atravessavam precipitadamente a área. Todos que estivessem ligados ao Maior Espetáculo da Terra do Circo Irmãos Benzini dispararam em direção à grande tenda.

Diamond Joe passou por mim em disparada, o equivalente humano de um galope.

- Jacob, são as jaulas - gritou ele. - Os animais se soltaram. Corra, corra! Ele não precisava repetir. Marlena estava naquela tenda.

Ao me aproximar, ouvi um grande estrondo e fiquei apavorado. Não se podia chamar aquilo de barulho. O chão estava vibrando.

Entrei cambaleante e me deparei com um iaque - um animal enorme, de pêlos enrolados, cascos agitados, ventas vermelhas furiosas e olhos que giravam.

Ele passou galopando tão perto de mim que dei um salto para trás, rente à lona, para não ser atingido por um de seus chifres curvos. Uma hiena apavorada se agarrava ao dorso do iaque.

A grande barraca de balas que ficava no centro da tenda tinha sido arrasada e em seu lugar havia um aglomerado de manchas e listras que se agitava - ancas, patas, rabos e garras rugindo, berrando ou relinchando. Acima de tudo aquilo, um urso-polar batia às cegas as patas do tamanho de uma frigideira. Ele esbarrou em uma lhama e - pum! - a derrubou. A lhama se estatelou no chão, o pescoço e as pernas como as cinco pontas de uma estrela. Chimpanzés berravam, balançando-se nas cordas para se manter fora do alcance dos felinos. Uma zebra de olhos desvairados ziguezagueou perto demais de um leão agachado, que deu o bote, errou e se afastou, quase rastejando pelo chão.

Meus olhos varreram a tenda desesperados, à procura de Marlena. Em vez dela, vi um felino entrando sorrateiramente na passagem que levava à grande tenda - era uma pantera, e quando seu corpo negro e ágil desapareceu no túnel de lona eu me preparei para o ataque. Se os caipiras ainda não sabiam, estavam prestes a descobrir. Demorou alguns segundos, mas então aconteceu - um grito seguido de outro, e depois outro, e então todo o circo explodiu num barulho estrondoso de corpos tentando abrir caminho entre outros corpos e sair da arquibancada. A banda guinchou e parou novamente, mas dessa vez permaneceu em silêncio. Fechei os olhos: Deus, por favor, faça com que eles saiam pelos fundos. Não deixe que eles tentem PA ssar por aqui.

Tornei a abrir os olhos e esquadrinhei a tenda das jaulas, louco para encontrá-la. Pelo amor de Deus, será que é tão difícil encontrar uma garota e um elefante?

Quando vislumbrei as lantejoulas cor-de-rosa, quase chorei de alívio - pode ser que eu tenha chorado. Não lembro.

Ela estava de pé do outro lado, encostada na parede, calma como um dia de verão. As lantejoulas brilhavam como diamantes líquidos, um farol cintilante entre as peles coloridas dos animais. Ela também me viu e manteve meu olhar preso ao seu pelo que me pareceu uma eternidade. Ela estava tranqüila, lânguida. Até sorria. Comecei a abrir caminho na direção dela, mas algo em sua expressão me paralisou.

Aquele filho-da-puta estava parado de costas para ela, com a cara vermelha, berrando, agitando os braços e balançando a bengala de ponteira de prata. A cartola de seda estava jogada no feno ao lado dele.

Ela procurava alguma coisa. Uma girafa passou entre nós - o pescoço comprido se balançando graciosamente, apesar do pânico. Quando a girafa saiu da frente, vi que ela pegara uma barra de ferro e a segurava sem firmeza, com uma ponta pousada no chão de terra batida. Ela me olhou de novo, estupefata. E então seu olhar se voltou para à cabeça dele.

- Ai, meu Deus! - murmurei, compreendendo de repente. Dei um passo cambaleante à frente e gritei, mesmo sem qualquer chance de ser ouvido.

- Não faça isso! Não faça isso! Ela levantou a barra bem alto e a baixou,

rachando a cabeça dele como uma melancia. O crânio se abriu, os olhos se esbugalharam e a boca ficou paralisada. Ele caiu primeiro de joelhos e depois para frente, no feno.

Eu estava atônito demais para me mexer, mesmo quando um jovem orangotango passou seus braços elásticos em volta das minhas pernas.

Faz muito, muito tempo. Mas ainda me assombra.

Não falo muito sobre esses dias. Nunca falei. Não sei por que - trabalhei em circos por quase sete anos, e se isso não é assunto para conversas, não sei o que mais pode ser.

Na verdade, eu sei por que não falo sobre isso: nunca confiei em mim. Eu tinha medo de deixar escapar alguma coisa. Eu sabia como era importante guardar o segredo dela e de fato o guardei - pelo resto de sua vida e depois.

Em 70 anos, nunca o revelei a ninguém.

Tenho 90 anos. Ou 93. Uma coisa ou outra.

Quando temos cinco anos, sabemos até os meses de nossa idade. Mesmo por volta dos 20 sabemos quantos anos temos. Tenho 23, dizemos, ou talvez 27. Mas quando chegamos aos 30, algo estranho começa a acontecer. A princípio, é um mero sobressalto, um instante de hesitação.

Quantos anos você tem? Ah, eu tenho - você começa confiante, mas depois pára. Ia dizer 33, mas não é essa a sua idade. Você está com 35 anos. E isso o incomoda, pois você fica imaginando se não é o início do fim. Claro que é, mas ainda faltam décadas para você admitir isso.

Começamos a esquecer as palavras: elas estão na ponta da língua, mas, em vez de simplesmente saírem, permanecem ali. Subimos a escada para buscar alguma coisa, e, quando chegamos lá em cima, não lembramos mais o que estávamos procurando.

Chamamos um filho pelo nome de todos os outros e até pelo nome do cachorro antes de acertar. As vezes esquecemos em que dia estamos. E, por fim, o ano.

Na verdade, não é que eu tenha esquecido. Simplesmente deixei de prestar atenção. Passamos o milênio, disso eu sei - tanto barulho por nada, todos aqueles jovens chiando de tanta preocupação e comprando comida enlatada porque alguém teve preguiça de deixar espaço para quatro dígitos em vez de dois -, mas isso pode ter sido no mês passado ou há três anos. O que importa? Que diferença há entre três semanas, três anos ou até mesmo três décadas de purê de ervilha, mingau e fraldas geriátricas? Tenho 90 anos. Ou 93. Uma coisa ou outra.

Ou houve um acidente ou estão fazendo obras na rua, porque tem um bando de velhinhas grudadas na janela, no fim do corredor, como se fossem crianças ou prisioneiras. Elas são frágeis e angulosas, e seu cabelo é fino como névoa. A maioria delas é uma década mais jovem que eu, o que me espanta.

Mesmo quando nosso corpo nos trai, nossa cabeça o desmente.

Estou estacionado no corredor com meu andador. Graças a Deus já faz um bom tempo desde que fracturei a bacia. Por alguns momentos, tive a impressão de que eu nunca mais andaria novamente - aliás, foi por isso que me convenceram a vir para cá -, mas, de tantas em tantas horas, eu me levanto e dou alguns passos, e a cada dia vou um pouco mais longe antes de sentir necessidade de dar meia-volta. Talvez ainda haja alguma vida neste cachorro velho.

Agora, há cinco delas ali - velhotas de cabelos brancos, amontoadas, batendo no vidro com os dedos enrugados, apontando para fora. Espero um pouco para ver

se elas se afastam. Mas não.

Olho para baixo verifico se os freios estão acionados e então me levanto cuidadosamente, apoiando-me no braço da cadeira de rodas enquanto faço a perigosa transferência para o andador. Uma vez posicionado, prendo os protetores de borracha cinza nos braços e empurro o aparelho para frente, até os cotovelos ficarem estendidos - o que representa a distância exata de um azulejo.

Arrasto o meu pé esquerdo para frente, certifico-me de que está firme e então puxo o outro até ele se alinhar ao primeiro. Empurro, arrasto, espero, arrasto.

Empurro, arrasto, espero, arrasto.

O corredor é comprido e meus pés não respondem como antes. Não é o mesmo jeito de mancar do Camel, graças a Deus, mas, ainda assim, me deixa bastante lento. O pobre e velho Camel - faz anos que não penso nele. Os pés dele pendiam bambos das pernas e por isso ele tinha que levantar os joelhos bem alto e lançá-los para frente. Eu tenho que arrastar os pés, como se eles pesassem, e, por ter as costas curvadas, acabo olhando para os chinelos, cercados pelo andador.

Demora um bocado para chegar ao fim do corredor, mas eu consigo - e com as minhas próprias pernas. Fico feliz da vida, embora, ao chegar lá, eu me dê conta de que ainda tenho que descobrir como voltar.

Elas abriram caminho para mim, as tais velhotas. Essas são as cheias de vitalidade, as que têm forças para se movimentar sozinhas ou que têm amigos para empurrar suas cadeiras por aí. Elas ainda estão lúcidas e me tratam bem. Eu sou uma raridade aqui - um velho num mar de viúvas cujos corações ainda sofrem a perda de seus companheiros.

- Ah, vem cá - cacareja Hazel.

- Vamos deixar Jacob dar uma espiada.

Ela empurra a cadeira de rodas de Dolly alguns centímetros para trás e se aproxima de mim arrastando os pés, apertando as mãos, os olhos leitosos brilhando. Então diz:

- Ah, é tão emocionante! Eles estão nisso a manhã toda! Eu me aproximo da vidraça e levanto o rosto, apertando os olhos por causa da luz do sol. Está tão claro que levo um tempo para perceber o que está acontecendo. Então as coisas tomam forma.

No parque situado no final do quarteirão há uma enorme tenda de lona, toda listrada de branco e carmim, com um inconfundível topo pontiagudo...

Meu coração bate tão forte que levo uma das mãos ao peito.

- Jacob! Ah, Jacob! - grita Hazel.

- Oh, Deus! - Ela balança as mãos confusa e se volta para o corredor. - Enfermeira! Enfermeira! Depressa! É o Sr. Jankowski!

- Eu estou bem - digo, tossindo e batendo no peito. Esse é o problema com

essas velhotas. Elas estão sempre com medo de que você vá desmaiar.

- Hazel! Estou ótimo! Mas é tarde demais. Ouço o ranger das solas de borracha e em pouco tempo estou rodeado de enfermeiras. Acho que, afinal, não vou ter de me preocupar em voltar para minha cadeira.

- Então, qual é o menu de hoje? - resmungo enquanto sou empurrado para sala de jantar. - Mingau? Purê de ervilha? Farinha láctea? Ah, deixem-me adivinhar, é tapioca, não é? É tapioca? Ou a estamos chamando de arroz-doce esta noite?

- Ah, Sr. Jankowski, o senhor é uma figura - diz a enfermeira num tom indiferente. Ela não precisa responder e sabe disso. Como é sexta-feira, teremos a combinação nutritiva, mas nada interessante de sempre: bolo de carne, creme de milho, purê de batata e um molho que em algum momento deve ter coberto um pedaço de carne. E elas se perguntam por que eu emagreço.

Sei que alguns de nós já não têm dentes, mas eu tenho, e quero carne assada. A da minha esposa, completa, com louro e gordura. Quero cenoura. Quero batata cozida com casca. E quero um Cabernet Sauvignon encorpado para fazer tudo isso descer, e não um suco de maçã em lata. Mas, sobretudo, quero milho na espiga.

As vezes acho que se eu tivesse de escolher entre uma espiga de milho e fazer amor com uma mulher, escolheria o milho. Não que eu não fosse gostar de curtir uma última trepada - ainda sou homem e algumas coisas nunca morrem -, mas só de pensar naqueles grãos doces estourando entre os dentes fico com água na boca. É uma fantasia, eu sei. Nenhuma das duas coisas vai acontecer. Mas gosto de pesar minhas opções, como se eu estivesse diante de Salomão: uma última trepada ou uma espiga de milho. Que dilema maravilhoso. Às vezes substituo o milho por uma maçã.

Todo mundo, em todas as mesas, está falando do circo - os que podem falar, é claro, os silenciosos - aqueles com os rostos paralisados e membros debilitados, ou aqueles cujas cabeças e mãos tremem muito, a ponto de não poderem segurar os talheres - sentam nos cantos da sala, acompanhados de atendentes que, com uma colher, colocam pequenas porções de comida em suas bocas e depois os induzem a mastigá-las. Eles me lembram filhotes de passarinho num ninho, só que desprovidos, de qualquer entusiasmo. Com exceção de um leve trincar da mandíbula, seus rostos permanecem parados e terrivelmente vazios.

Digo terrivelmente porque tenho plena consciência do que me aguarda. Ainda não cheguei lá, mas estou me aproximando. Só tem um jeito de evitar, mas essa opção também não me agrada.

A enfermeira me faz estacionar diante da minha refeição. O molho em cima do bolo de carne já formou uma película, que cutuco de leve com o garfo. A bolha de molho bamboleia, debochando de mim. Enojado, olho para cima e encaro Joseph McGuinty.

McGuinty, sentado à minha frente, é um recém-chegado, um intrometido - um advogado aposentado, de queixo quadrado, nariz bexiguento e grandes orelhas de abano. As orelhas me fazem lembrar de Rosic. Mas só as orelhas. Rosic era uma boa alma, e ele, bem, ele é simplesmente um advogado aposentado.

Não consigo imaginar o que as enfermeiras acharam que um advogado e um veterinário teriam em comum, mas elas o puseram à minha frente naquela primeira noite e, desde então, é aí que ele se senta.

Ele me olha fixo, os maxilares se mexendo como uma vaca ruminando.

Incrível. Ele está realmente comendo a gororoba.

As velhotas tagarelam como meninas de escola, alegremente distraídas.

- Eles vão ficar aqui até domingo - diz Dons.

- Billy foi até lá se informar.

- Isso, duas sessões no sábado e uma no domingo. Randall e as meninas vão me levar amanhã - acrescenta Norma. Ela se volta para mim: - Jacob, você vai? Antes que eu consiga responder, Dons dispara: - E você viu aqueles cavalos? Que lindos! Nós tínhamos cavalos quando eu era menina. Ah, como eu adorava montar! - Ela fixa o olhar em um ponto distante e, por uma fração de segundo, posso ver como ela era bonita quando jovem.

- Vocês se lembram do tempo em que os circos viajavam de trem? - pergunta Hazel.

- Ah, sim. Claro que me lembro - retruca Norma.

- Teve um ano em que eles colaram cartazes num dos lados do nosso celeiro. Os homens disseram ao papai que tinham usado uma cola especial que se dissolveria dois dias depois do espetáculo. Mas, diabos, os cartazes continuavam no nosso celeiro meses depois! Ela riu, balançando a cabeça. - Papai era fácil de ser enrolado.

- E então, após alguns dias, o trem chegava. Sempre ao amanhecer.

- Meu pai costumava nos levar à estação para vê-los descarregar.

Meu Deus valia a pena ver aquilo. E o desfile! E o cheiro dos amendoins torrados...

- E a pipoca! - E as maçãs carameladas, o sorvete, a limonada!

- E a serragem! Entrava pelo nariz!

- Eu costumava levar água para os elefantes - diz McGuinty.

Largo meu garfo e levanto os olhos. Ele definitivamente está inflado de orgulho, esperando que as garotas comecem a bajulá-lo.

- Não, você não levava - digo.

Há um momento de silêncio.

- Como é que é? - diz ele.

- Você não levava água para os elefantes.

- Claro que eu levava.
- Não, não levava.
- Você está me chamando de mentiroso? - diz ele, devagar.
- Se você diz que levava água para os elefantes, sim, estou chamando você de mentiroso.

As garotas me encaram boquiabertas. Meu coração está batendo forte. Sei que eu não deveria dizer isso, mas não consigo me conter.

- Como você ousa dizer uma coisa dessas! - McGuinty agarra a beira da mesa com as mãos nodosas. Tendões fibrosos aparecem em seus braços.

- Há décadas ouço velhos gagás como você dizerem que levavam água para os elefantes e estou dizendo agora que isso nunca aconteceu.

- Velho gagá? Velho gagá? - McGuinty fica de pé, empurrando a cadeira de rodas para trás. Ele aponta para mim seu dedo nodoso e então cai no chão como se uma carga de dinamite o tivesse implodido. Ele desaparece sob o tampo da mesa, os olhos perplexos, a boca ainda aberta.

- Enfermeira! O enfermeira! - gritam as velhotas.

Ouve-se o barulho familiar da sola dos sapatos e, logo depois, duas enfermeiras içam McGuinty pelos braços. Ele resmunga, fazendo débeis tentativas para se livrar delas.

Uma terceira enfermeira, uma garota negra e robusta de uniforme rosa-claro, está parada perto da extremidade da mesa, com as mãos na cintura.

- Que diabos está acontecendo aqui? - Esse velho F-D-P me chamou de mentiroso. É isso que está acontecendo - diz McGuinty, já a salvo, de volta à sua cadeira. Ele ajeita a camisa, levanta o queixo de pêlos grisalhos e cruza os braços à frente. - E de velho gagá.

- Ah, eu tenho certeza de que não foi isso que o Sr. Jankowski quis dizer - diz a garota de rosa.

- Claro que foi - afirmo. - É o que ele é. Hum... levava água para os elefantes, não é mesmo?! Vocês têm alguma idéia da quantidade de água que um elefante bebe? - Bem, nunca pensei... - diz Norma, apertando os lábios e balançando a cabeça. - Mas tenho certeza de que não sei o que deu no senhor, Sr. Jankowski.

Ah, está certo, está certo. Então é assim.

- É uma afronta! - diz McGuinty, inclinando-se ligeiramente para Norma agora que ele percebe que tem o apoio popular.

- Não vejo por que eu deveria agüentar ser chamado de mentiroso!

- E de velho gagá - lembro.

- Sr. Jankowski - diz a enfermeira negra, levantando a voz. Ela se aproxima por trás de mim e solta os freios da minha cadeira de rodas. - Acho que é melhor o senhor passar um tempo no seu quarto. Até se acalmar.

- Alto lá! - grito enquanto ela me afasta da mesa e me empurra em direção à porta. - Não preciso me acalmar. E, além disso, ainda não comi!

- Eu levo o seu jantar - diz ela. E - Não quero comer no quarto! Me leve de volta! Não pode fazer isso comigo! Mas parece que pode. Ela me conduz pelo corredor à velocidade da luz e dá uma guinada brusca ao entrar no quarto. Então aperta os freios com tanta força que faz a cadeira toda sacudir.

- Eu vou voltar - digo enquanto ela retira meus pés dos apoios da cadeira.

- Não vai, não - ela responde, pousando meus pés no chão.

- Isso não é justo! - e minha voz se transforma num gemido. - Eu me sento àquela mesa desde sempre. E ele só está aqui há duas semanas. Por que todo mundo está do lado dele? - Não tem ninguém do lado de ninguém. - Ela se inclina para frente e ajeita o ombro sob o meu. Quando me levanta, minha cabeça se aproxima da dela.

Seu cabelo, alisado por algum produto químico, tem cheiro de flores. Quando ela me senta na beira da cama, meus olhos ficam à altura do seu busto rosa pálido. E do crachá com o seu nome.

- Rosemary - pronuncio.

- Pois não, Sr. Jankowski? - Ele está mentindo, e você sabe.

- Não sei de nada. Nem o senhor.

- Eu sei, sim. Eu estive no circo.

Ela pisca irritada.

- O que o senhor está querendo dizer? Hesito e mudo de idéia.

- Não importa.

- O senhor trabalhou num circo? - Eu disse que não importa.

Há um breve momento de silêncio embaraçoso.

- O Sr. McGuinty poderia ficar seriamente machucado, sabia? - diz ela, ajeitando minhas pernas. Ela trabalha rápido e com muita eficiência, quase mecanicamente.

- Não, ele não poderia. Advogados são indestrutíveis.

Ela me encara por um longo tempo, e tenho a impressão de que está realmente me vendo como uma pessoa. Por um momento, penso ver uma abertura, mas logo ela volta à ação.

- Sua família vai levá-lo ao circo nesse fim de semana? - Ah, sim - digo com certo orgulho. - Todo domingo vem alguém. Sem falta.

Ela sacode o cobertor e o estende sobre as minhas pernas.

- O senhor quer que eu lhe traga o jantar? - Não.

Há um silêncio constrangedor. Percebo que eu deveria ter acrescentado um "muito obrigado", mas agora é tarde demais.

- Então está bem. Voltarei daqui a pouco para ver se o senhor precisa de mais

alguma coisa.

Está bem. Claro que ela vai voltar. É o que sempre dizem.

Mas, que surpresa! Ela está de volta.

- Não conte a ninguém - diz ela, entrando afobada e posicionando o móvel que serve de mesa de jantar e penteadeira à minha frente. Em seguida arruma sobre ele um guardanapo de papel, um garfo de plástico e uma tigela de frutas de aparência realmente apetitosas: morangos, melão e maçã.

- Eu trouxe para o meu lanche. Estou de dieta. O senhor gosta de frutas, Sr.

Jankowski? Eu teria respondido se não tivesse tapado a boca com a mão trêmula. Maçã, graças a Deus.

Ela acaricia minha outra mão e sai do quarto, ignorando discretamente minhas lágrimas.

Rapidamente coloco um pedaço de maçã na boca, saboreando o seu sumo. A engenhoca fluorescente e barulhenta acima de mim joga a sua luz crua nos meus dedos tortos enquanto colho pedaços de fruta de dentro da tigela. Esses dedos me parecem estranhos. Claro que não devem ser meus.

A idade é um ladrão terrível. Justamente quando se começa a entender melhor a vida, a idade nocauteia suas pernas e arqueia suas costas. Ela lhe traz dores, lhe confunde a cabeça e silenciosamente espalha o câncer em sua esposa.

Metastático, disse o médico. É uma questão de semanas ou meses. Mas minha amada era frágil como um passarinho. Ela morreu em nove dias. Depois de 61 anos juntos, ela simplesmente apertou a minha mão e expirou.

Embora haja ocasiões em que eu daria tudo para tê-la de volta, foi bom ela ter ido primeiro. Perdê-la foi como ter sido partido ao meio. Naquele momento 18 - tudo acabou para mim, e eu não gostaria que ela passasse por isso. Ser sobrevivente é uma droga.

Eu achava que preferia envelhecer à outra opção, mas agora já não tenho tanta certeza. As vezes, a monotonia dos bingos, dos saraus e dessa gente antiga e embolorada, estacionada no corredor em suas cadeiras de rodas, me faz desejar a morte. Principalmente quando me lembro de que sou um deles, jogado de lado como se fosse uma quinquilharia inútil.

Mas não há nada que se possa fazer em relação a isso. Só me resta passar o tempo esperando o inevitável, observando os fantasmas do meu passado se agitarem em volta do meu presente insignificante. Eles se chocam e se esbarram à vontade, principalmente por não haver nenhuma resistência. Parei de lutar contra eles.

Neste momento, eles estão se agitando ao meu redor.

Sintam-se à vontade, rapazes. Fiquem mais um pouco. Ah, desculpem - vocês já estão à vontade.

Malditos fantasmas!

Tenho 23 anos e estou sentado ao lado de Catherine Hale. Ou melhor, ela está sentada ao meu lado, já que entrou no auditório depois de mim. Ela deslizou pelo banco, como quem não quer nada, até que nossas coxas se tocassem e então se afastou ruborizada, como se o contato tivesse sido involuntário.

Catherine é uma das quatro e únicas mulheres da turma de 1931 e sua crueldade não tem limites. Perdi a conta das vezes em que pensei Oh, Deus, ela finalmente vai ceder, apenas para depois sofrer o baque: Meu Deus! Ela quer que eu pare AGORA? Pelo que sei, sou o mais velho homem virgem da face da Terra. Sem dúvida não há mais ninguém da minha idade que admita uma coisa dessas. Até Edward, meu colega de quarto, canta vitória, embora eu acredite que o mais perto que ele chegou de uma mulher nua foi nas páginas de uma de suas revistas em quadrinhos pornô. Não faz muito tempo alguns dos caras do meu time de futebol pagou, cada um, 25 centavos a uma mulher para treparem com ela, um depois do outro, no estábulo. Por mais que eu quisesse deixar minha virgindade para trás em Cornell, não consegui participar daquilo. Eu simplesmente não conseguiria trepar.

E então, em 10 dias, depois de seis longos anos de dissecações, castrações, partos de animais e de enfiar o braço no cu de uma vaca mais vezes do que eu gostaria de lembrar, eu e minha sombra fiel, a Virgindade, deixaremos Ithaca e iremos para clínica veterinária de meu pai em Norwich.

- E aqui vocês podem ver evidências de espessamento do intestino delgado 21 distal - diz o professor Willard McGovern, a voz desprovida de qualquer inflexão. Com um ponteiro, ele cutuca, com indiferença, os intestinos de uma cabra pedrês morta. - Isso e mais os nodos linfáticos mesentéricos dilatados indicam um quadro claro de...

A porta se abre ruidosamente e McGovern se vira, o ponteiro ainda nas entranhas da cabra. O reitor Wilkins irrompe no auditório e sobe no estrado. Os dois homens conferenciam, tão próximos que suas testas quase se tocam. McGovern ouve os sussurros ansiosos de Wilkins e então se vira para examinar as fileiras de alunos com olhos preocupados.

À minha volta, os alunos se agitam. Catherine percebe que estou olhando e cruza os joelhos, alisando a saia com dedos lânguidos. Engulo em seco e olho para longe.

- Jacob Jankowski? Em choque, deixo cair o lápis, que rola para os pés de Catherine. Pigarreio e me levanto rapidamente. Cinquenta e tantos pares de olhos se voltam para mim.

- Pois não, professor?

- Podemos conversar por um instante? Fecho o caderno e o coloco no banco. Catherine pega meu lápis do chão e, ao devolvê-lo, deixa que seus dedos se demorem nos meus. Abro caminho com dificuldade para chegar ao corredor, tropeçando em joelhos e pisando em pontas de pés. Alguns sussurros me acompanham até o estrado.

O reitor Wilkins me olha fixamente.

- Venha conosco.

Está claro que fiz alguma coisa.

Eu o sigo pelo corredor. McGovern sai depois de mim e fecha a porta. Por um instante, os dois ficam em silêncio, de braços cruzados e rostos severos.

Meus pensamentos voam, dissecando todos os meus últimos passos. Eles vasculharam o quarto? Será que encontraram a bebida de Edward - ou talvez os quadrinhos pornô? Santo Deus! Se eu for expulso agora, meu pai vai me matar.

Sem dúvida alguma. Não importa o que isso possa causar à minha mãe. Tudo bem, talvez eu tenha bebido um pouco de uísque, mas isso não significa que eu tenha alguma coisa a ver com o episódio no estábulo...

O reitor Wilkins respira fundo, olha nos meus olhos e aperta meu ombro.

- Filho, houve um acidente.

- Ele faz uma pequena pausa.

- Um acidente com um automóvel.

- Outra pausa, agora mais longa.

- Seus pais estavam nele.

Eu o olho fixamente, incentivando-o a prosseguir.

- Eles...? Será que eles vão...? - Sinto muito, filho. Foi instantâneo. Não havia nada que pudesse ser feito.

Eu o encaro, tentando manter seus olhos nos meus, o que é difícil, porque ele os desvia, sumindo no fim de um túnel comprido e escuro. Na minha visão periférica explodem estrelas.

- Você está bem, filho?

- O quê?

- Você está bem? De repente ele está de novo na minha frente. Pisco os olhos, me perguntando o que ele quis dizer. Como diabos posso estar bem? Então me dou conta de que ele está me perguntando se vou chorar.

Ele pigarreia e continua:

- Você tem que ir hoje mesmo. Para fazer a identificação. Eu o levarei de carro à estação.

O delegado de polícia - membro da nossa congregação - nos espera na plataforma, vestido à paisana. Ele me cumprimenta com um constrangido aceno de cabeça e um frouxo aperto de mão. Como se pensasse melhor, ele me puxa para si

num abraço apertado, bate em minhas costas com força, me afasta com um empurrão e uma fungada de nariz. Depois me leva ao hospital em seu carro, um Phaeton com dois anos de uso que deve ter custado uma nota. Tantas coisas teriam sido feitas de modo diferente se as pessoas soubessem o que aconteceria naquele outubro fatídico! O médico-legista nos leva ao porão e desaparece por uma porta, deixando-nos no corredor. Minutos depois surge uma enfermeira, que mantém a porta aberta num convite silencioso.

Não há janelas. A sala está vazia, exceto por um relógio em uma das paredes.

Um linóleo verde-oliva e branco cobre o chão; há duas macas no meio do cômodo. Em cada uma, um corpo coberto com um lençol. Não consigo entender o que vejo. Não sei o que é o quê.

- Está pronto? - pergunta o legista, movimentando-se entre as duas macas.

Engulo em seco e faço que sim com a cabeça. Uma das mãos do legista repousa no meu ombro.

Ele descobre primeiro meu pai, depois minha mãe.

Eles não se parecem com os meus pais. No entanto não podem ser outras pessoas. A morte os cerca por toda parte - nas manchas em seus troncos destroçados, nos hematomas arroxeados em sua palidez; em suas órbitas fundas, encovadas. Minha mãe - tão bonita e meticulosa em vida - exhibe agora uma carranca.

Seu cabelo, ensangüentado e sem brilho, cola-se ao crânio esmagado. A boca está aberta e o queixo encolhido, como se ela estivesse roncando.

Eu me viro e o vômito explode da minha boca. Alguém segura uma cuba à minha frente, mas erro o alvo e ouço o líquido se espalhar pelo chão e respingar na parede. Ouço apenas, porque meus olhos estão bem fechados. Vomito várias vezes, até não restar mais nada. Apesar disso, permaneço curvado e com ânsias, me perguntando se é possível me virar do avesso.

Eles me levam para outro lugar e me plantam numa cadeira. Uma enfermeira gentil, num uniforme branco engomado, traz um café, que fica na mesa perto de mim até esfriar.

Mais tarde, o capelão entra e se senta ao meu lado. Pergunta se há alguém que ele possa chamar. Murmuro que todos os meus parentes estão na Polônia. Ele pergunta se há algum vizinho ou membro da nossa igreja, mas não consigo me lembrar de nome algum. Nem um sequer. Não sei nem se conseguiria me lembrar do meu se alguém perguntasse.

Quando ele vai embora, eu me mando. A distância até a nossa casa é de um pouco mais de três quilômetros, e chego lá exatamente quando o último raio de sol some no horizonte.

O caminho de entrada está vazio. Naturalmente.

Paro no quintal dos fundos segurando minha maleta e olho fixamente para o

prédio comprido de um andar que fica atrás da casa. Há uma nova tabuleta na entrada, com letras brilhantes e pretas:

E. JANKOWSKI E FILHO MÉDICOS VETERINÁRIOS

Pouco depois, volto em direção à casa, subo os degraus da varanda dos fundos e abro a porta.

O objeto de que meu pai mais gostava - um rádio Philco - está sobre a bancada da cozinha. O suéter azul de minha mãe está pendurado nas costas de uma cadeira. Sobre a mesa há roupas passadas e um vaso de violetas murchas. Uma tigela emborcada, dois pratos e um punhado de talheres tinham sido postos para escorrer em cima de um pano de prato quadriculado estendido perto da pia.

Nessa manhã, eu tinha os meus pais. Nessa manhã, eles tomaram café.

Caio de joelhos, bem ali na varanda dos fundos, uivando, as mãos espalmadas sobre o rosto.

As mulheres da congregação, avisadas da minha volta pela esposa do delegado, não demoram a se materializar ao meu lado.

Ainda estou na varanda, a cabeça apoiada nos joelhos. Ouço o cascalho sendo esmagado por pneus, as portas de um carro batendo e em seguida estou cercado por peles flácidas, estampados floridos e mãos enluvadas. Sou espremido contra seios macios, esbarro em chapéus com véus e me vejo afogado em jasmim, lavanda e água de rosas. A morte é uma ocasião formal, e elas estão vestidas com suas melhores roupas de domingo. Elas fazem carinho, se agitam e, sobretudo, cacarejam.

Uma pena, uma pena. Eram pessoas tão boas. É difícil entender uma tragédia dessas, é claro, mas o Senhor tem seus caminhos misteriosos. Elas cuidarão de tudo. O quarto de hóspedes na casa de Jim e Mabel Neurater já está preparado.

Não preciso me preocupar com nada.

Elas pegam minha maleta e me conduzem ao carro com o motor ligado. Jim Neurater, com o rosto severo, agarra o volante com ambas as mãos.

Dois dias depois de enterrar meus pais, sou convocado ao escritório do Dr.

Edmund Hyde para ouvir os detalhes sobre a herança. Sento-me diante dele, numa cadeira dura de couro, e aos poucos fica evidente que não há nada a examinar. De início, acho que ele está zombando de mim. Ao que parece, meu pai vinha recebendo legumes e ovos como pagamento por quase dois anos.

- Legumes e ovos? - exclamo sem acreditar. - Legumes e ovos? - E galinhas. E outras mercadorias.

- Não compreendo.

- É o que as pessoas têm, filho. A comunidade foi muito atingida e seu pai 25 estava tentando ajudá-los. Ele não podia ficar de braços cruzados vendo os bichos sofrerem.

- Mas... eu não compreendo. Mesmo que ele aceitasse algum pagamento, bem,

em seja lá que for, como é possível que tudo o que tinham pertença ao banco? - Eles atrasaram o pagamento da hipoteca.

- Meus pais não tinham nenhuma hipoteca.

O homem parece constrangido. Ele mantém as mãos postas à sua frente.

- Bem, na realidade, eles tinham, sim.

- Não, não tinham - protesto. - Eles viveram aqui por quase 30 anos. Meu pai guardava cada centavo que ganhava.

- O banco faliu.

Aperto os olhos.

- Achei que o senhor tinha dito que vai tudo para o banco.

Ele respira fundo.

- Para outro banco. O que lhes deu a hipoteca quando o primeiro fechou - diz. Não sei dizer se ele está tentando, sem sucesso, parecer paciente ou se quer simplesmente me mandar embora.

Paro um pouco, considerando minhas opções.

- E as coisas que estão na casa? Na clínica? - consigo dizer por fim.

- Vai tudo para o banco.

- E se eu me opuser? - Como? - E se eu assumir a clínica e tentar pagar a dívida? - Não funciona assim. Não cabe a você assumir a dívida.

Olho fixamente para Edmund Hyde, em seu terno caro, atrás de sua mesa cara, à frente de seus livros encadernados em couro. Atrás dele, os raios de sol atravessam a vidraça. Um ódio repentino toma conta de mim - aposto que ele nunca na vida recebeu nenhum pagamento em legumes e ovos.

Eu me inclino e o encaro. Quero que o problema também seja dele.

- O que devo fazer? - pergunto devagar.

- Não sei, filho. Eu gostaria de saber. O país está passando por tempos difíceis, essa é a realidade - ele responde, inclinando-se para trás na cadeira, as mãos ainda postas. Em seguida, ele levanta a cabeça, como se acabasse de ter uma idéia:

- Você poderia ir para o Oeste.

Se eu não sair desse escritório imediatamente, vou matar esse homem. Eu me levanto, recoloco meu chapéu e saio.

Quando chego à calçada, tomo consciência de uma coisa. Só há um motivo para que meus pais tenham precisado fazer uma hipoteca: pagar uma boa faculdade para mim.

A dor dessa revelação é tão intensa que chego a me curvar, apertando o estômago.

Por não me ocorrer nenhuma alternativa, volto para escola - uma solução temporária. Tenho quarto e comida garantidos até o fim do ano, o que significa apenas mais seis dias.

Perdi toda a semana de aulas de revisão. Todos querem ajudar. Catherine me passa suas anotações e me abraça de um jeito que me leva a crer que talvez eu conseguisse o que sempre quis se investisse agora. Mas pela primeira vez na minha vida não estou nem um pouco interessado em sexo.

Não consigo comer. Nem dormir. E certamente não consigo estudar. Leio um único parágrafo por um quarto de hora mas não assimilo nada. Como poderia se, por trás das palavras, no fundo branco da página, não paro de ver a cena da morte dos meus pais? Vejo o Buick creme deles atravessar a cerca de proteção e passar por cima da mureta da ponte para evitar o caminhão vermelho do velho Sr. McPherson. O velho Sr. McPherson, que, ao ser afastado da cena do acidente, confessou não poder afirmar de que lado da estrada estava e acha que talvez tenha metido o pé no acelerador em vez de pisar no freio. O velho Sr.

McPherson, que, numa ocasião lendária, apareceu na igreja sem calças durante a missa de Páscoa.

O fiscal fecha a porta e se senta. Ele olha para o relógio na parede e espera o ponteiro dos minutos avançar.

- Podem começar.

Cinquenta e dois cadernos de provas são abertos. Alguns estudantes folheiam as páginas rapidamente. Outros começam a escrever imediatamente. Eu não faço nem uma coisa nem outra.

Quarenta minutos depois, meu lápis ainda não tocou no papel. Desesperado, olho fixamente para prova. Vejo diagramas, números, linhas e quadros – séries de palavras que terminam em pontos finais ou de interrogação, e nada disso faz sentido. Por um instante, chego a me perguntar se isso é inglês. Tento ler em polonês, mas também não funciona. Pode ser uma escrita hieroglífica.

Uma mulher tosse e eu me assusto. Uma gota de suor escorre da minha testa e pinga no papel. Eu a enxugo com a manga e pego o caderno de provas.

Talvez se eu o aproximar. Ou afastá-lo mais - agora vejo que é inglês; ou melhor, as palavras são inglesas, mas não consigo lê-las numa seqüência lógica.

Cai mais uma gota de suor.

Olho em torno da sala. Catherine está escrevendo rápido, e o cabelo castanho-claro lhe cai no rosto. Ela é canhota, e, porque escreve a lápis, seu braço esquerdo está sujo de grafite do pulso ao cotovelo. Ao seu lado, Edward se aproxima de repente, apavorado, dá uma olhada no relógio e volta a se debruçar sobre a prova.

Eu me viro e olho para janela.

Fragmentos de céu espiam através das folhas, um mosaico azul e verde que se altera suavemente com o vento. Fixo a vista ali e me deixo perder o foco, olhando para além das folhas e dos galhos. Um esquilo salta pesadamente, a cauda bem empinada, cruzando meu campo de visão.

Arrasto minha cadeira para trás ruidosamente e me levanto. Tenho a testa coberta de suor e os dedos trêmulos. Cinquenta e dois rostos se viram para olhar.

Eu deveria conhecer essas pessoas, e de fato as conhecia até uma semana atrás.

Eu sabia onde suas famílias moravam, o que seus pais faziam. Era capaz de dizer se tinham irmãos e se gostavam ou não deles. Droga, eu até me lembrava dos que tiveram de largar os estudos depois da quebra da Bolsa: Henry Winchester, cujo pai se jogou do prédio da Junta do Comércio de Chicago; Alistair Barnes, cujo pai se matou com um tiro na cabeça; Reginald Monty, que tentou inutilmente morar num carro quando sua família não pôde mais pagar seu alojamento; Bucky Hayes, cujo pai desempregado simplesmente se mandou.

Mas esses aí, esses que restaram? Nada.

Olho para esses rostos sem traços - esses ovais vazios e com cabelo -, meu olhar passando de um a outro, cada vez mais desesperado. Ouço um ruído alto e percebo que sou eu mesmo. Estou ofegante.

- Jacob? O rosto perto de mim tem uma boca que está se mexendo. Ouço uma voz tímida, vacilante.

- Você está bem? Pisco, incapaz de focalizar a vista. Em seguida, atravesso a sala e jogo o caderno de provas na mesa do fiscal.

- Já terminou? - pergunta ele, estendendo o braço para pegá-lo. Ouço o farfalhar do papel enquanto me dirijo para porta. - Espere! - o inspetor me chama. - O senhor nem sequer começou! O senhor não pode sair. Se sair, não poderei deixá-lo...

O barulho da porta batendo interrompe o final da frase. Enquanto atravesso o pátio levanto os olhos para o gabinete do reitor Wilkins. Ele está de pé à janela, observando.

Caminho até o limite da cidade e mudo de direção, para seguir a linha do trem. Ando até o céu escurecer e a lua ficar alta. E por muitas horas mais. Ando até sentir dores nas pernas e bolhas nos pés. Então paro, porque estou cansado e faminto e não tenho a menor idéia de onde estou. É como se eu tivesse andado como um sonâmbulo e de repente acordasse ali.

O único sinal de civilização são os trilhos que descansam num leito de cascalho. De um lado vejo a mata, do outro uma clareira. Vindo de algum lugar próximo, ouço o ruído de água gotejando e decido segui-lo. Avanço cautelosamente, guiado pelo luar.

O córrego tem pouco mais de meio metro de largura. Ele corre ao longo das árvores que cercam a margem mais distante da clareira e depois segue mata adentro. Tiro os sapatos e as meias e me sento à beira do córrego.

Assim que enfio os pés na água gelada eles doem tanto que os retiro imediatamente. Mas insisto e os deixo mergulhados por períodos cada vez mais longos, até as bolhas ficarem dormentes por causa do frio. Depois descanso as solas

dos pés contra o leito pedregoso e deixo a água serpentear por entre os dedos. Por fim o próprio frio passa a causar dor, e então me deito na margem e recosto a cabeça numa pedra enquanto os pés secam.

Um coioote uiva a distância, um som solitário e familiar. Suspiro e deixo que meus olhos se fechem. Quando um ganido responde ao uivo, apenas alguns metros à minha esquerda, sento-me abruptamente.

O coioote mais distante uiva de novo e dessa vez a resposta é um apito de trem.

Enfio as meias e os sapatos e me levanto, fitando atentamente a margem da clareira.

O trem se aproxima, chocalhando e resfolegando, vindo em minha direção.

tic-tac-tic-tac-tic-tac-tic-tac-tic-tac...

Seco as mãos nas pernas, caminho para os trilhos e paro a alguns passos de distância. Sinto o cheiro acre de óleo entrar pelo nariz, O apito soa de novo. agudo...

Piuí--i-í-i...

Uma locomotiva enorme faz a curva com estrondo e vejo chaminés passarem depressa tão grande e tão perto que uma rajada de vento me atinge.

A locomotiva sacode e solta nuvens compridas de fumaça, uma cauda negra e grossa que serpenteia por cima dos vagões. A visão, o som, o cheiro forte são extraordinários. Eu observo assombrado, enquanto alguns vagões-plataforma correm ruidosamente, carregando algo parecido com carroças, embora eu não consiga enxergar direito porque a lua se escondeu atrás de uma nuvem.

Saio repentinamente do meu estupor. Tem gente no trem. Não me importa a mínima para onde vai, pois aonde quer que seja, ele me levava para longe dos coiootes e rumo à civilização, à comida, a um possível emprego - talvez até a passagem de volta para Ithaca, embora eu não tenha nem um centavo e não haja um motivo sequer para pensar que eles vão me aceitar. E se aceitarem Não tenho nenhum lar para o qual voltar, nenhuma clínica onde trabalhar.

Passam outros vagões-plataforma, levando o que parecem ser postes de telefone. Olho atentamente, procurando ver o que vem atrás deles. A lua aparece por um segundo, iluminando com sua luz azulada o que devem ser vagões de carga.

Começo a correr acompanhando o trem. Meus pés escorregam no leito inclinado de cascalho. É Como correr na areia, e preciso me curvar para frente para me equilibrar. Tropeço, escorrego e tento recuperar o equilíbrio antes que alguma parte do meu corpo vá parar entre as enormes rodas de aço e a linha férrea.

Eu me recupero e ganho velocidade, procurando algo em que possa me agarrar. Três vagões passam correndo, totalmente fechados. Em seguida. vejo vagões de gado. As portas estão abertas, mas os vãos são ocupados por rabos de cavalos. É uma visão tão estranha que me chama a atenção, mesmo que eu esteja correndo ao lado de um trem em movimento, no meio do nada.

Diminuo a velocidade e, afinal, paro de correr. Esbaforido e quase sem nenhuma esperança, viro a cabeça. Vejo uma porta aberta três vagões depois de mim.

Torno a me inclinar para frente, contando os vagões que passam.

Um, dois, três...

Consigo agarrar a alça de ferro e me ergo, num pulo. O pé e o cotovelo esquerdos chegam primeiro, depois o queixo, que bate na barra de metal. Uso os três como apoio. O barulho é ensurdecedor e meu queixo bate ritmadamente na alça de ferro. Sinto cheiro de sangue ou de ferrugem e por um instante imagino se destruí todos os dentes, então percebo que minha situação pode ficar realmente arriscada - estou oscilando perigosamente no limiar da porta, a perna direita apontada para estrutura do trem. Luto para alcançar a alça de apoio com a mão direita. Com a esquerda, agarro as tábuas do piso tão desesperadamente que farpas de madeira se soltam e se enfiam sob minhas unhas. Estou perdendo meu ponto de apoio - meus sapatos quase não têm aderência e meu pé esquerdo tenta aos solavancos chegar à porta. Agora, a perna direita está pendurada tão abaixo do trem que não tenho dúvida de que vou perdê-la. Até me preparo para isso, apertando bem os olhos e trincando os dentes.

Alguns segundos depois, percebo que ainda estou intacto. Abro os olhos e avalio minhas opções. Só tenho duas alternativas e, como não há nenhuma chance de saltar dali sem cair embaixo do trem, conto até três e uso todas as minhas forças para me erguer. Consigo apoiar o joelho esquerdo no limiar da porta. Usando pé, joelho, queixo e unhas, entro no carro e desabo no chão. Fico ali ofegante, absolutamente sem forças.

Então percebo que estou diante de uma luz bem fraca e me apóio bruscamente no cotovelo.

Quatro homens estão sentados em sacos de aniagem, jogando cartas à luz de um lampião de querosene. Um deles, um velho encarquilhado de rosto encovado e com um chumaço de barba, leva uma jarrinha de cerâmica à boca. Pego de surpresa, parece ter se esquecido de abaixar a jarra. Agora ele a abaixa e enxuga a boca com a manga da camisa.

- Ora, ora, ora - diz o homem, devagar. - O que temos aqui? Dois dos homens permanecem completamente imóveis, olhando fixamente para mim por sobre as cartas abertas em leque. O quarto homem se levanta e dá um passo à frente.

É um brutamontes de barba preta e cerrada. Veste roupas sujas e parece que alguém comeu um pedaço da aba do seu chapéu. Levanto-me cambaleante e dou um passo para trás, então percebo que não há para onde ir. Viro a cabeça e descubro que estou encostado num dos muitos e enormes fardos de lona.

Quando torno a me virar, o rosto do homem está bem perto do meu e seu hálito

fede a álcool.

- Não tem lugar para mendigos neste trem, cara. Pode ir dando o fora.

- Vá com calma, Blackie - diz o velho com a jarra. - Não se precipite, está ouvindo? - Que me precipitar, que nada! - fala Blackie, tentando me agarrar pelo colarinho. Com um tapa, afasto seu braço. Ele tenta me segurar com a outra mão e eu desvio dele. Os ossos dos nossos braços se chocam com um estalo.

- Uh-uh-uh! - cacareja o velho, rindo. - Se cuida, companheiro. Não se meta com o Blackie.

- Parece que é o Blackie que está se metendo comigo - grito, bloqueando outro golpe.

Blackie investe contra mim. Caio sobre um fardo de lona e, antes de bater com a cabeça, sou de novo puxado para frente. Logo depois meu braço direito está torcido nas minhas costas, meus pés balançam para fora da porta aberta e eu me vejo diante de uma fileira de árvores que passam muito rapidamente.

- Blackie - late o velho. - Blackie! Largue ele. Largue ele, já disse, e do lado de dentro do trem! Blackie puxa violentamente o meu braço para cima, na direção da nuca, e me sacode.

- Blackie, estou falando! - berra o velho. - Não queremos confusão.

Largue ele! O homem me balança um pouco para fora do trem, depois dá um giro e me atira em cima dos fardos de lona. Ele se volta para os outros homens, pega a jarra de cerâmica e passa bem rente a mim, escalando os montes de lona e se refugiando no fundo do vagão. Olho para ele atentamente, esfregando o braço que foi torcido.

- Não fique zangado, garoto - diz o velho. - Jogar gente para fora de trens é uma das recompensas do trabalho do Blackie, mas ele não vai poder fazer isso por enquanto. Aqui - diz ele, dando um tapa no chão com a mão espalmada.

- Venha cá.

Lanço outro olhar a Blackie.

Vamos lá - insiste o velho. - Não se preocupe. Blackie vai se comportar, não vai, Blackie? Blackie dá um grunhido e toma um gole da jarra.

Eu me levanto e me aproximo cuidadosamente dos outros.

O velho estende a mão direita para mim. Hesito, mas logo a aceito.

- Meu nome é Camel - diz ele. - E esse é o Grady. Aquele é o Bill. Acho que você não precisa ser apresentado ao Blackie. - Ele abre um sorriso banguela.

- Muito prazer.

- Grady, traga a jarra de volta, por favor - diz Camel.

Grady olha para mim e eu o encaro. Em seguida ele se levanta e se dirige em silêncio para onde Blackie está.

Camel se esforça para ficar de pé, mas tem tanta dificuldade que, a certa altura,

seguro seu cotovelo para ajudá-lo a se equilibrar. De pé, ele ergue o lampião e me olha de soslaio. Analisa minhas roupas, examinando-me de cima a baixo.

- O que foi que eu disse, Blackie? - grita o velho, irritado. - Ele não é mendigo coisa nenhuma. Blackie, venha cá dar uma olhada. Venha cá para você ver a diferença.

Blackie grunhe, toma um último gole e entrega a jarra para Grady.

Camel me olha de lado.

- Qual é mesmo o seu nome? - Jacob Jankowski.

- Seu cabelo é ruivo.

- É o que dizem.

- De onde você vem? Faço uma pausa. Venho de Norwich ou de Ithaca? É o lugar de onde estamos saindo ou onde estão nossas raízes? - De lugar nenhum - respondo.

O rosto de Camel endurece. Suas pernas arqueadas vacilam ligeiramente, fazendo o lampião oscilar e refletir uma luz instável.

- Você fez alguma coisa, garoto? Está fugindo? - Não, nada disso.

Ele me olha desconfiado por mais um instante e depois acena com a cabeça.

- Tudo bem, então. Isso não é da minha conta mesmo. Para onde você está indo? - Não sei ao certo.

- Está desempregado? - Sim, senhor. Acho que estou.

- Não há nenhuma vergonha nisso - diz o velho. - O que você sabe fazer? - Mais ou menos qualquer coisa - respondo.

Grady aparece com a jarra e a entrega a Camel. Ele limpa o gargalo com a manga da camisa e a passa para mim.

- Tome um gole.

Ora, não sou virgem de bebida, mas uísque falsificado é uma droga completamente diferente. É como se o fogo do inferno me queimasse o peito e a cabeça.

Prendo a respiração e luto para segurar as lágrimas, olhando nos olhos de Camel enquanto sinto como se meus pulmões fossem explodir.

Camel observa e balança a cabeça lentamente.

- Desembarcamos em Utica de manhã. Vou levá-lo para conhecer o Tio Al.

- Quem? O quê? - Você sabe. Alan Bunkel, o Extraordinário Diretor de Circo. O Senhor e Mestre dos Universos Conhecidos e Desconhecidos.

Devo parecer espantado, porque Camel solta uma risada desdentada.

- Garoto, não me diga que você não percebeu! - Perceber o quê? - Que merda, rapazes - ele assobia, olhando os outros à volta. - Ele realmente não sabe de nada! Grady e Bill dão um sorriso afetado. Só Blackie não acha graça. Ele franze as sobrancelhas e puxa o chapéu para baixo, cobrindo o rosto.

Camel se vira para mim, pigarreia e fala devagar, saboreando cada palavra.

- Você não pulou num trem qualquer, garoto. Você pulou no Esquadrão Voador do Circo Irmãos Benzini, o Maior Espetáculo da Terra.

- No quê? Camel ri tanto que chega a se dobrar.

- Ah, isso é o máximo, O máximo, realmente - diz o velho, fungando e enxugando os olhos com o dorso da mão. - Ah, puxa vida! Você veio dar com o rabo num circo, garoto! Pisco para ele, atônito.

- Isso aí é a grande tenda - diz ele, suspendendo o lampião de querosene e apontando o dedo torto para os fardos de lona. - Um dos vagões das lonas descarrilou e quebrou e então elas estão aí. É melhor procurar um lugar para dormir. Vamos demorar algumas horas para chegar. Só não se deite muito perto da porta. As vezes as curvas são bem fechadas.

Acordo com um guincho longo dos freios. Estou no meio dos rolos de lona, bem mais fundo do que quando adormeci e completamente desorientado. Demoro um segundo para me dar conta de onde estou.

O trem sacode um pouco, então pára e resfolega. Blackie, Bill e Grady rolam, se levantam e saem calados. Depois que eles somem, Camel se aproxima capengando. Ele se inclina sobre mim e me cutuca.

- Vamos lá, garoto - diz. - Você precisa dar o fora daqui antes que os homens da lona cheguem. Vou ver se consigo arrumar um lugar para você com o Joe Maluco agora de manhã.

- Joe Maluco? - pergunto e me sento. Sinto uma coceira terrível nas canelas e muita dor no pescoço.

- O chefe dos cavalos - diz Camel.

- Quer dizer, dos vagões de gado. August não deixa Joe se aproximar do carro dos animais. Provavelmente é Marlena que não deixa, mas não faz diferença. Ela também não vai deixar que você se aproxime.

Com o Joe Maluco, pelo menos, você tem alguma chance. Tivemos um longo período de mau tempo e muita lama, e alguns dos ajudantes do Joe se cansaram de trabalhar naquelas condições e se mandaram. Isso o deixou meio desprevenido.

- E por que o chamam de Joe Maluco?

- Não sei bem - diz Camel. Ele cutuca o ouvido e inspeciona o que encontrou.

- Acho que Joe passou um tempo na cadeia, mas não sei o motivo. Não aconselho você a perguntar. - Ele limpa o dedo na calça e anda até a porta.

- Ora, vamos! - diz ele, virando-se e olhando para mim.

- Não temos o dia todo!

- Ele chega à beira do carro e desliza cuidadosamente até pisar no chão de cascalho.

Dou uma última e desesperada coçada nas canelas, amarro o cordão dos sapatos e o sigo.

Estamos próximos de um enorme terreno coberto de grama. Para além dele, vê-se o contorno de uns poucos prédios de tijolos na luz avermelhada do amanhecer. Centenas de homens sujos e com a barba por fazer saltam do trem e o rodeiam, como formigas num torrão de açúcar, praguejando, se espreguiçando e acendendo cigarros. Rampas e calhas caem no chão com estardalhaço e telas para seis e para oito cavalos se materializam do nada e se estendem no chão. Os cavalos surgem um a um. São percherões fortes, de cauda curta, que descem pesadamente pelas rampas bufando, desajeitados e já arreados. Alguns homens mantêm as portas de vaivém

fechadas dos dois lados das rampas, para impedir que os animais se aproximem demais da beira.

Um grupo de homens marcha na nossa direção, de cabeças baixas.

- Bom dia, Camel - diz o líder enquanto passa por nós e sobe no vagão. Os outros o seguem, subindo com dificuldade. Eles cercam um fardo de lona e o carregam para entrada, grunhindo com o esforço. O fardo se desloca uns 50 centímetros e despenca no chão, levantando uma nuvem de poeira.

- Bom dia, Will - Camel responde.

- Ei, você tem um cigarro para um velho amigo?

- Claro.

- O sujeito se endireita e bate nos bolsos da camisa. Enfia a mão num deles e tira um cigarro amassado.

- Eu mesmo enrolei - diz, inclinando-se para frente e o estendendo ao velho.

- Desculpe.

- Está ótimo - diz Camel.

- Muito obrigado, Will.

Will aponta na minha direção.

- Quem é esse? - Um novato. Jacob Jankowski.

Will olha para mim, depois se vira e lança uma cusparada para fora.

- Novato de quanto tempo? - pergunta ele, continuando a se dirigir a Camel.

- Novato pra valer.

- Você já o contratou? - Não.

- Bem, boa sorte. - Ele bate na aba do chapéu, me cumprimentando.

- Não durma de touca, rapaz, se é que me entende.

- Ele desaparece no interior do vagão.

- O que ele quer dizer? - pergunto, mas Camel já está se afastando. Ando um pouco mais rápido para alcançá-lo.

Agora, há vários cavalos entre os homens sujos. À primeira vista, a cena parece caótica, mas leva apenas o tempo de Camel acender o cigarro para se perceber que dezenas de pares estão atreladas e se movimentam ao longo dos vagões-plataforma, puxando carroças em direção à rampa. Assim que as rodas dianteiras de uma carroça tocam as tábuas de madeira em declive, o homem que a guiava dá um salto e sai do caminho. O que é uma ótima decisão. As carroças pesadas de tanta carga descem rapidamente rampa abaixo e só param a uns quatro metros de distância.

À luz da manhã vejo o que não consegui ver à noite - os vagões são pintados de escarlate, com ornamentos dourados, as rodas raiadas, cada uma delas com o brasão CIRCO IRMÃOS BENZINI - O MAIOR ESPETÁCULO DA TERRA. Assim que as pares de cavalos são atreladas às carroças, os percherões, apoiando se em seus

arreios, puxam suas cargas pelo terreno.

- Cuidado - diz Camel, me segurando pelo braço e me puxando para perto dele. Ele firma o chapéu com a outra mão, o cigarro preso entre os dentes.

Três homens a cavalo passam galopando. Eles desviam de nós, cruzam toda a extensão do terreno, depois o contornam, dão meia-volta e retornam. O que está à frente vira a cabeça de um lado para outro, avaliando o terreno. Ele segura as rédeas com uma das mãos e com a outra tira dardos com bandeirolas de uma sacola de couro e os espeta na terra.

- O que ele está fazendo? - pergunto.

- Medindo o terreno - Camel responde. Ele pára na frente de um vagão de gado.

- Joe! Ei, Joe! Uma cabeça surge à porta.

- Tenho um novato aqui. Novinho em folha. Você acha que pode aproveitá-lo? O sujeito dá um passo à frente e pisa na rampa. Ele levanta a aba do chapéu gasto e vejo que faltam três dedos em sua mão. Depois me examina minuciosamente, dá uma cusparada cor de tabaco e volta para dentro do vagão.

Camel dá uns tapinhas no meu braço me parabenizando.

- Você foi admitido, garoto.

- Fui?

- Foi. Agora vá catar o estrume. Encontro você mais tarde.

O vagão dos cavalos está imundo. Trabalho com um garoto chamado Charlie.

Seu rosto é liso como o de uma menina e sua voz ainda não engrossou. Parece que já tiramos uma tonelada de esterco de dentro do vagão, então faço uma pausa e vejo quanta porcaria ainda resta.

- Quantos cavalos são transportados aqui, afinal?

- Vinte e sete.

- Meu Deus! Devem ficar tão apertados que não podem se mexer.

- Essa é a idéia - diz Charlie.

- Uma vez embarcados, nenhum cavalo pode sair.

A visão de rabos expostos que tive ontem à noite de repente passa a fazer sentido.

Joe aparece à porta.

- A bandeira foi içada - ele grunhe.

Charlie larga a pá e corre para porta.

- O que está acontecendo? Aonde você vai? - pergunto.

- Içaram a bandeira da cozinha.

Balanço a cabeça.

- Desculpe, continuo sem entender.

- Bóia - diz Charlie.

Isso eu entendo. Também largo a pá.

Tendas de lona surgiram como cogumelos, embora a maior delas - a grande tenda - ainda esteja desarmada no chão. Há homens debruçados sobre as junções da tenda, amarrando as peças de lona. Postes altos de madeira se enfileiram ao longo do eixo central, ostentando a bandeira nacional. Com todos esses postes e cabos, o lugar parece o convés de um veleiro.

Por toda a área da tenda, equipes de oito homens usam marretas para bater estacas num ritmo veloz. Quando uma das marretas toca uma estaca, outras cinco já se movimentam. O barulho é tão regular quanto o de uma metralhadora abrindo fogo em meio ao tumulto.

Algumas equipes erguem postes enormes. Charlie e eu passamos por um grupo de 10 homens que usam todo o seu peso para puxar uma única corda enquanto um deles, separado do grupo, entoa:

- Puxa, balança, pára! De novo! Puxa, balança, pára! Agora prende!

A cozinha não podia estar mais em evidência - não pela bandeira laranja e azul, pela caldeira fervilhando ao fundo ou pelo mar de gente que se dirige para lá. É o cheiro de comida que me atinge como uma bala de canhão. Não como nada desde anteontem e meu estômago se revira de fome.

As paredes laterais da cozinha foram erguidas de modo a acomodar um batalhão, mas uma cortina a divide ao meio. As mesas do lado de cá estão enfeitadas com toalhas de xadrez vermelho e branco, talheres de prata e vasos de flores. O que parece totalmente incompatível com a fila de homens sujos que serpenteia atrás do balcão fumegante.

- Meu Deus! - digo a Charlie enquanto entramos na fila.

- Olha só esse banquete! Tem batatas fritas, salsichas e cestas cheias de grossas fatias de pão. Presunto fatiado, ovos preparados de todas as maneiras, geléias em potes, tigelas de laranjas.

- Isso não é nada - retruca Charlie.

- O Big Bertha, além de tudo isso, tem garçons. Você simplesmente se senta à mesa e eles lhe servem.

- BigBertha?

- O circo dos irmãos Ringling - responde Charlie.

- Você trabalhou para eles?

- Ah... não - diz ele, timidamente.

- Mas conheço gente que trabalhou! Pego um prato e me sirvo de um monte de batatas, ovos e salsichas, tentando não parecer esfomeado. O cheiro é maravilhoso. Abro a boca e inspiro profundamente - é como um maná dos céus. É um maná dos céus.

Camel surge do nada.

- Tome. Entregue isso para aquele cara no final da fila - diz ele, enfiando um

bilhete na minha mão livre.

O homem no final da fila está sentado numa cadeira dobrável, olhando por baixo da aba inclinada de um elegante chapéu de feltro. Estendo-lhe o bilhete.

Ele olha para mim, com os braços firmemente cruzados.

- Departamento? - pergunta ele.

- Como? - digo eu.

- Qual é o seu departamento? - Hum... não sei ao certo. Passei a manhã toda limpando os carros de gado.

- Isso não me diz nada - diz ele, ignorando meu bilhete.

- Podem ser os carros dos cavalos, de carga ou das feras.

Não respondo. Tenho certeza de que Camel mencionou pelo menos dois deles, mas não me lembro dos detalhes.

- Se você não sabe qual é o seu departamento, não faz parte do espetáculo - diz o homem.

- Então quem diabos é você?

- Está tudo bem, Ezra? - ouço a voz de Camel atrás de mim.

- Não, não está. Tem um caipira metido a espertinho querendo filar o nosso café-da-manhã - diz Ezra, cuspiando no chão.

- Ele não é um caipira - retruca Camel.

- Ele é um novato e está comigo.

- Ah, é? - É.

O homem levanta a aba do chapéu com um toque e me examina da cabeça aos pés. Faz uma pausa por mais alguns segundos e depois diz:

- Tudo bem, Camel. Se você se responsabiliza por ele, é o suficiente para mim.

- A mão se estende e me arranca o bilhete.

- Mais uma coisa. Ensina o cara a falar antes que lhe dêem uma dura, o.k.? - Então, qual é o meu departamento? - pergunto, me dirigindo para uma mesa.

- Não, não. - Camel me segura pelo cotovelo.

- Essas mesas não são para nós.

Fique perto de mim até saber por onde andar.

Eu o sigo para trás da cortina. As mesas desta metade da tenda estão encostadas uma na outra e os únicos enfeites sobre os tampos de madeira nua são saleiros e pimenteiros. Nada de flores por aqui.

- Quem senta do outro lado? Artistas? Camel me lança um olhar fulminante.

- Pelo amor de Deus, garoto. Cale esse bico até aprender a falar, está bem? Ele se senta e imediatamente enfia um pedaço de pão na boca. Mastiga por um minuto e então me olha de lado.

- Ah, vamos lá, não fique chateado. Só estou cuidando de você, rapaz. Você viu como Ezra é, e ele é inofensivo. Agora, sente aí.

Olho para ele por mais um instante e depois passo a perna por cima do banco para me sentar. Coloco meu prato sobre a mesa, noto minhas mãos sujas de esterco, esfrego-as nas calças e, vendo que continuam sujas, ataco a comida assim mesmo.

- Então, como devo falar? - pergunto, afinal.

- Eles são chamados de mambembes - Camel responde, com a boca cheia de comida.

- E o seu departamento é o de carga. Por enquanto.

- E então, onde é que estão os mambembes? - Eles vão chegar a qualquer momento. Há mais duas partes do trem vindo.

Eles acordam tarde, dormem tarde e chegam em cima da hora do café-da-manhã. E, falando nisso, não vá chamá-los de mambembes na frente deles.

- Como devo chamá-los então?

- Artistas.

- Por que não posso simplesmente chamá-los de artistas o tempo todo? - pergunto, com uma nota de irritação se insinuando em minha voz.

- Há eles e nós, e você é um de nós - diz Camel.

- Não se preocupe. Você vai aprender.

- Ouve-se o apito de um trem a distância.

- Falando no diabo...

- Tio Al está com eles?

- Está, mas não comece a imaginar coisas. Só vamos nos aproximar dele mais tarde. Ele fica nervoso como um urso com dor de dente durante os preparativos.

Como você está se saindo com o Joe? Já chega de bosta de cavalo?

- Não me importo.

- Bem, pensei em algo melhor para você. Andei falando com um amigo meu - diz Camel, apertando outro pedaço de pão entre os dedos e o usando para limpar a gordura do prato.

- Você gruda nele o resto do dia e ele vai interferir a seu favor.

- E o que vou fazer?

- O que ele mandar. Estou falando sério.

- Camel levanta uma sobrancelha para acentuar suas palavras.

O amigo de Camel é um baixote, de pança avantajada e voz estrondosa. É o apresentador do show secundário e seu nome é Cecil. Ele me examina e declara que estou apto para o serviço. Eu, juntamente com Jimmy e Wade - outros dois homens considerados apresentáveis para lidar com a população -, devo me posicionar à margem da multidão e então, quando recebermos o sinal, devemos guiá-la para entrada.

O show secundário acontece no pátio, que fervilha de atividades. De um lado, um grupo de homens negros se esforça para pendurar os cartazes das atrações.

Do outro, ouvem-se tinidos e gritos enquanto homens brancos, vestidos de jalecos brancos, preparam copos e mais copos de limonada, formando pirâmides nos balcões das barraquinhas listradas de vermelho e branco. O ar tem cheiro de milho estourando, amendoins sendo tostados e um leve e desagradável toque animal.

No fim do pátio, depois da bilheteria, há uma tenda enorme para onde estão sendo carregados animais de todo tipo - lhamas, camelos, zebras, macacos, um urso-polar e jaulas e mais jaulas de felinos.

Cecil e um dos negros se atrapalham com um cartaz que exhibe uma mulher enorme de gorda. Alguns segundos depois, Cecil dá um cascudo no outro homem.

- Ande logo, rapaz! Daqui a um minuto isso aqui vai estar cheio de caipiras.

Como vamos trazê-los para cá se eles não puderem ver os esplendores de Lucinda? Ouve-se um apito e todo mundo fica petrificado.

O caos se instala. Os homens das barraquinhas passam rapidamente para trás dos balcões, dando os últimos retoques nas mercadorias e ajeitando quepes e jalecos. Com exceção da pobre criatura que ainda está pendurando o cartaz de Lucinda, todos os negros esgueiram-se pela abertura da lona e desaparecem.

- Pendure essa porcaria e suma daqui! - berra Cecil.

O homem faz um último ajuste e desaparece.

Eu me viro. Um mar de gente vem em nossa direção, com crianças esganiçadas à frente puxando os pais pela mão.

Wade me dá uma cutucada.

- Psiu... Quer ver as feras?

- O quê? Ele inclina a cabeça indicando a lona que se ergue entre nós e a grande tenda.

- Você está espichando o pescoço desde que chegamos. Quer dar uma espiada?

- E ele? - pergunto, olhando para Cecil.

- Estaremos de volta antes que ele sinta a nossa falta. Além do mais, não podemos fazer nada até que a multidão avance.

Wade me leva até a bilheteria. Quatro velhos fiscalizam a entrada, sentados atrás de estrados vermelhos. Três deles nos ignoram. O quarto olha de relance para Wade e acena com a cabeça.

- Anda. Dá uma espiada - diz Wade.

- Eu fico de olho no Cecil.

Espio lá dentro. A tenda é enorme, alta como o céu, e está apoiada em postes compridos e lisos que se cruzam em vários ângulos. A lona, bem esticada, é quase translúcida - a luz do sol passa através do tecido e das costuras, iluminando o maior de todos os quiosques de balas. Este fica bem no centro da tenda, sob os raios de uma luz gloriosa e rodeado de cartazes que anunciam refrigerantes, pipoca e sorvete de creme.

Ao longo de duas das quatro paredes da tenda, alinham-se as jaulas, pintadas em tons brilhantes de vermelho e dourado. Suas laterais são abertas para exibir leões, tigres, panteras, jaguares, ursos, chimpanzés e macacos-aranha - e até um orangotango. Os camelos, lhamas, zebras e cavalos ficam atrás de cordas que pendem frouxamente de estacas de ferro, com as cabeças enterradas em pilhas de feno. Numa área cercada por correntes há duas girafas.

Procuo em vão por um elefante quando meus olhos se deparam com uma mulher. Ela se parece tanto com Catherine que chego a perder o fôlego - o formato do rosto, o corte de cabelo, as coxas esguias que sempre imaginei existirem debaixo das saias comportadas de Catherine. Ela está diante de uma fileira de cavalos pretos e brancos, usando uma malha com lantejoulas rosa e sapatilhas de cetim, e conversa com um homem de fraque e cartola. Com uma das mãos ela cobre o focinho de um dos cavalos brancos, um imponente cavalo árabe, de crina e cauda prateadas. Ela levanta a mão para tirar uma mecha de cabelo castanho-claro do rosto e ajeita a tiara na cabeça. Em seguida, estende a mão e alisa o topete de crina junto à cara do bicho. E então pega na orelha dele, fazendo-a deslizar entre seus dedos.

Ouçoo um estrondo e, quando me viro, vejo que a lateral da jaula mais próxima se fechou ruidosamente. Ao me voltar novamente, a mulher está me olhando com a testa franzida, como se me reconhecesse. Logo me dou conta de que eu deveria sorrir ou baixar os olhos ou fazer alguma coisa, mas não faço nada.

Por fim, o homem de cartola põe a mão no ombro da mulher e ela se vira, embora lentamente, com relutância. Alguns segundos depois, ela dá outra olhada de soslaio.

Wade está de volta.

- Vamos - diz ele, dando-me um tapa nas costas.

- É hora do show.

- SENHORA-A-A-A-A-AS E SENHORE-E-E-E-E-E-S! Faltam vj-i-i-j-i-inte minutos para o grande show! Vi-i-i-i--i-inte minutos! Tempo suficiente para aproveitar os espantosos, os incríveis, os extraordiná-á-á-á-rios assombros que trouxemos dos quatro cantos da Terra para vocês, e ainda encontrar um bom lugar na grande tenda! Muito tempo para ver as excentricidades, as aberrações da natureza, os espetáculos! A nossa coleção é a mais assombrosa do mundo, senhoras e senhores! Do mundo, eu lhes garanto! Cecil está em pé num estrado ao lado da entrada que leva ao espetáculo secundário. Ele se apruma, anda para frente e para trás, faz gestos exagerados.

Um grupo de umas 50 pessoas zanza por ali. Estão indecisas e param apenas por um instante.

- Aproximem-se e vejam a maravilhosa, a enorme, a Adorável Lucinda. A gorda mais linda do mundo! São 400 quilos de perfeição rechonchuda, senhoras e senhores!

Venham ver o avestruz humano. Ele engole e devolve qualquer coisa que lhe dêem. Experimentem! Carteiras, relógios e até lâmpadas! Digam qualquer coisa e ele a regurgitará! E não percam Frank Otto, o homem mais tatuado do mundo! Ficou preso como refém nas florestas mais sombrias de Bornéu e foi condenado por um crime que não cometeu. E qual foi a pena recebida? Pois bem, pessoal, sua pena está escrita com tinta permanente por todo o seu corpo! O grupo está mais compacto, sua curiosidade foi atizada. Jimmy, Wade e eu nos misturamos aos que estão mais ao fundo.

- E agora... - diz Cecil, se balançando e dando voltas. Ele leva um dedo aos lábios e pisca grotescamente; um gesto exagerado que puxa o canto da boca para cima, na direção do olho. Depois levanta a mão pedindo silêncio.

- E agora peço-lhes desculpas, minhas senhoras, mas esse número é só para os cavalheiros.

Apenas para os cavalheiros! Por estarmos num grupo misto e em nome da delicadeza, falarei apenas uma vez. Cavalheiros, se os senhores são mesmo americanos de sangue quente, se tiverem sangue macho nas veias, não vão querer perder esse espetáculo. Se os senhores acompanharem aquele sujeito ali, bem ali, verão algo tão extraordinário, tão chocante, que posso lhes garantir...

Ele pára, fecha os olhos e levanta a mão. E então balança a cabeça como se estivesse arrependido.

- Mas não - continua. - Em nome da decência e por estar diante de uma platéia mista, não posso dizer mais nada. A não ser o seguinte: os senhores não vão querer perder! Basta darem 25 centavos a esse sujeito aqui para que ele os leve diretamente ao que interessa. Os senhores jamais se arrependerão do que for gasto aqui hoje e jamais esquecerão o que vão ver. Meus amigos, vocês falarão disso pelo resto de suas vidas. Pelo resto de suas vidas! Cecil então se apruma e ajeita o colete xadrez, puxando-o pela bainha com as duas mãos. Seu rosto assume um ar reverente e ele faz gestos largos na direção de uma entrada do lado oposto.

- E, se as senhoras tiverem a bondade de vir por aqui, também temos assombros e curiosidades apropriados à sua delicada sensibilidade. Um cavalheiro nunca se esquece das damas. Principalmente quando são tão lindas como as senhoras.

- Em seguida ele sorri e fecha os olhos. As mulheres lançam olhares nervosos para os homens que vão se afastando.

De repente, forma-se um cabo-de-guerra. Uma mulher segura a manga do marido com uma das mãos e lhe dá um tapa com a outra. Ele faz careta, franze a testa e se esquivava dos golpes. Quando finalmente se liberta, endireita a lapela e lança um olhar ameaçador para esposa, que agora parece ressentida. Enquanto ele se afasta para entregar os 25 centavos, alguém imita uma galinha. Uma onda de risos percorre a multidão.

As outras mulheres, talvez para evitar escândalos, vêm com relutância seus homens se afastarem e formarem uma fila. Cecil observa e desce do estrado. Ele é todo preocupação, toda atenção enquanto as conduz gentilmente a atrações mais respeitáveis.

Ele toca o lóbulo da orelha esquerda. Eu me adianto imperceptivelmente. As mulheres se aproximam de Cecil e eu me sinto uma espécie de cão pastor.

- Se vierem por aqui - continua o apresentador -, vou lhes mostrar algo que nunca viram. Algo tão raro, tão extraordinário que as senhoras nunca sonharam que pudesse existir, mas sobre o qual poderão falar na igreja no domingo ou com a vovó e o vovô, à mesa do jantar. Venham e tragam as crianças. É uma diversão familiar. Vocês verão um cavalo com a cabeça onde deveria estar o rabo! Não é mentira, senhoras. Uma criatura viva com o rabo onde deveria estar a cabeça.

Vejam com seus próprios olhos. E quando contarem aos seus maridos o que viram, talvez eles confessem ter preferido ficar com suas belas damas. Ah, sim, minhas caras. É o que eles vão dizer, tenho certeza.

Agora estou cercado. Quase todos os homens desapareceram, e eu me deixo levar pela corrente de carolas e senhoras, de crianças e do restante dos americanos de sangue não tão quente.

O cavalo com o rabo onde deveria estar a cabeça é exatamente isto - um cavalo numa baia estreita, com o rabo enfiado no balde de ração.

- Oh, meu Deus! - diz uma mulher.

- Puxa, nunca imaginei! - diz outra, mas em geral o que predomina é um riso aliviado, porque, se esse é o cavalo com o rabo onde deveria estar a cabeça, o que poderia haver de tão indecente no espetáculo dos homens? Há um rebuliço do lado de fora da tenda.

- Seus grandíssimos filhos-da-puta! Quero meu dinheiro de volta. Estão achando que vou pagar um quarto de dólar para ver uma porcaria de um par de suspensórios? Vocês falam de americanos de sangue quente, pois bem, este aqui tem o sangue bem quente! Quero a droga do meu dinheiro de volta! - Com licença, madame - digo, abrindo caminho com o ombro entre as duas mulheres na minha frente.

- Ei, moço! Para que tanta pressa?

- Com licença. Desculpe - prossigo, forçando a passagem.

Cecil e um sujeito com o rosto vermelho estão prestes a se engalfinhar. O homem avança, põe as mãos no peito de Cecil e o empurra. A multidão se afasta e o apresentador bate contra a saia listrada do seu estrado. O público forma um semicírculo atrás dele e se põe na ponta dos pés, olhando assustados.

Eu me jogo entre eles e chego perto de Cecil exatamente quando o outro cara arma um golpe - seu punho está a poucos centímetros do queixo de Cecil quando eu

o agarro no ar e torço o braço dele atrás das costas. Dou-lhe uma chave de braço no pescoço e o arrasto para trás. Ele cospe, tentando me atingir, e arranha meu braço. Aperto mais até sentir meus tendões comprimidos contra a traquéia dele e o vou arrastando e empurrando, até atravessarmos o pátio.

Então eu o jogo no chão. Ele fica ali numa nuvem de poeira, ofegante, procurando recuperar o fôlego.

Em segundos, dois homens fantasiados, vindos não se sabe de onde, passam por mim, levantam o cara pelos braços e o levam, ainda tossindo, em direção à cidade. Eles se inclinam para o sujeito, dão tapinhas nas costas dele, murmuram palavras de encorajamento e lhe endireitam o chapéu, que, milagrosamente, se manteve no lugar.

- Bom trabalho - diz Wade, dando-me uma palmadinha no ombro.

- Você agiu bem. Agora volte. Eles vão cuidar do caso daqui pra frente.

- Quem são eles? - pergunto, examinando os arranhões pontilhados de sangue no meu braço.

- Palhaços. Eles vão acalmá-lo e alegrá-lo. Aquele sujeito não vai mais nos incomodar.

- Ele se volta para o grupo e bate palmas, uma única vez e bem alto, depois esfrega as mãos diante do peito.

- Muito bem, minha gente. Está tudo ótimo. Não há mais nada para se ver por aqui.

O grupo reluta em ir embora. Quando o homem e seus acompanhantes finalmente desaparecem atrás de um prédio de tijolos vermelhos, o público começa a se afastar, pouco a pouco, mas continua lançando olhares esperançosos para trás, com medo de perder alguma coisa.

Jimmy abre caminho entre os desgarrados.

- Ei! - diz ele. - Cecil quer ver você.

E me leva até os fundos. Cecil está sentado bem na ponta de uma cadeira dobrável. As pernas e os pés, de meias, esticados. Seu rosto está vermelho e úmido, e ele se abana com um programa. A mão livre de Cecil apalpa diversos bolsos e depois se enfia no colete. Ele tira dali uma garrafinha quadrada fina e, arreganhando os lábios, usa os dentes para lhe arrancar a rolha. Ele a cospe para o lado e bebe um gole da garrafa. Então me vê.

Fica me olhando fixo por um instante, a garrafa pousada nos lábios. Ele torna a baixá-la, deixando-a sobre a barriga redonda. E tamborila na garrafinha, me vigiando.

Finalmente ele se dirige a mim:

- Você se saiu muito bem.

- Obrigado.

- Onde aprendeu tudo aquilo?

- Sei lá. No futebol. Na faculdade. Lutando com um touro desgarrado que não

queria perder os testículos.

Ele me observa mais um pouco, os dedos ainda tamborilando, os lábios franzidos.

- Camel já te colocou no espetáculo?

- Oficialmente, não. Não, senhor.

Houve mais um silêncio demorado. Os olhos de Cecil se apertam, como fendas.

- Você é capaz de ficar de bico calado?

- Sim, senhor.

Ele toma um longo gole da garrafinha e relaxa os olhos.

- Então, tudo bem - diz, assentindo lentamente com a cabeça.

Anoiteceu enquanto os artistas entretêm a multidão na grande tenda, estou de pé nos fundos de uma tenda muito menor, no canto mais afastado do terreno, atrás de uma fileira de vagões de carga. Sua divulgação é feita apenas boca a boca e a entrada só é permitida mediante o pagamento dos 50 centavos do ingresso. O interior é fracamente iluminado por lâmpadas vermelhas que jogam uma luz cálida na mulher que, metodicamente, se despe.

Meu trabalho é manter a ordem e de vez em quando bater nas paredes da tenda com um cano de metal para desestimular os abelhudos; ou melhor, para encorajá-los a dar a volta até a entrada e pagar os 50 centavos. Também é meu dever reprimir situações como a que ocorreu mais cedo no espetáculo secundário, embora eu acredite que o sujeito que ficou tão zangado nessa tarde tivesse muito pouco do que se queixar do que se apresenta aqui.

Há 12 fileiras de cadeiras dobráveis, todas ocupadas. Uma garrafa de uísque falsificado é passada de mão em mão, às cegas, porque nenhum dos homens quer tirar os olhos do palco.

A mulher é uma ruiva escultural, com cílios longos demais para serem verdadeiros e uma pinta falsa perto dos lábios carnudos. Ela tem pernas compridas, quadris largos e seios que são um assombro. Usa um tapa-sexo, um xale translúcido e brilhante e um sutiã que a realça gloriosamente. Dança balançando os ombros, ao ritmo da pequena banda de músicos à sua direita.

Ela dá alguns passos largos e desliza pelo palco com seus chinelos enfeitados de plumas. Ouve-se o rufar de um tambor e ela pára de boca aberta, fingindo surpresa. Então joga a cabeça para trás, expondo o pescoço e escorregando as mãos em volta dos bojos do sutiã. Inclinando-se para frente, ela aperta os seios até a carne se intumescer entre os dedos.

Examino as laterais. Um par de bicos de sapatos espia por baixo da lona. Eu me aproximo, me mantendo junto à parede. Bem na frente dos sapatos, levanto o cano e dou uma pancada na lona. Ouço um grunhido, e os sapatos desaparecem. Colo o ouvido à costura e depois volto ao meu posto.

A ruiva oscila ao ritmo da música, acariciando o xale com as unhas pintadas.

Os fios dourados e prateados bordados no xale brilham quando ela o movimentava cobrindo e descobrindo os ombros. De repente ela dobra o corpo para frente, joga a cabeça para trás e rebola.

Os homens gritam. Dois ou três se levantam, sacudindo os punhos num gesto de encorajamento. Olho rapidamente para Cecil, cujo olhar duro manda que eu os vigie.

A mulher se levanta, vira de costas e caminha até o centro do palco. Passa o xale entre as pernas, roçando-o lentamente contra seu corpo. Ouvem-se gemidos na platéia. Ela gira, pára de frente para o público, continua deslizando o xale para frente e para trás e o puxa com tanta força que a fenda de sua vagina aparece.

- Tira tudo, garota! Tira tudo! Os homens estão cada vez mais agitados; mais da metade está de pé. Com um aceno, CedI pede que eu vá para frente. Dou um passo na direção das fileiras de cadeiras.

O xale cai no chão e a mulher se vira de costas mais uma vez. Ela balança os cabelos para que ondulem nas suas costas e leva as mãos ao fecho do sutiã. O público aplaude. Ela dá uma parada, olha por cima do ombro e pisca. Com um gesto afetado, desliza as alças pelos braços. Em seguida, deixa o sutiã cair no chão e dá outro giro, com as mãos tapando os seios. Os homens gritam em protesto.

- Ah, vamos lá, gostosa, mostra pra gente o que você tem! Ela balança a cabeça e, timidamente, faz beicinho.

- Ah, vamos lá! Foram 50 centavos! Ela pisca e olha para o chão, fingindo acanhamento. De repente, os olhos e a boca se abrem e ela afasta as mãos.

Aquelas bolas magníficas se soltam. E param abruptamente antes de começar a se balançar com delicadeza, embora ela esteja absolutamente imóvel.

Todos prendem a respiração, há um momento de silêncio reverente antes que os homens comecem a gritar extasiados.

- Dá-lhe, garota! - O Senhor tenha piedade! - É demais! Ela se acaricia, levantando e apalpando os seios, massageando os mamilos entre os dedos. Olha fixa e lascivamente para os homens, passando a língua no lábio superior.

Um tambor começa a rufar. A mulher segura firmemente cada bico intumescido entre o polegar e o indicador. Apontando o mamilo para o teto, ela puxa um seio. Ele muda completamente de forma à medida que o peso se redistribui. Então ela o solta - ele cai de repente, quase de forma violenta. Ela continua segurando o mamilo enquanto levanta o outro seio, fazendo o mesmo arco em direção ao teto. Ela alterna os lados, cada vez mais rápido. Levanta, solta, levanta, solta - no momento em que o tambor pára e o trombone começa a tocar, seus braços se mexem tão depressa que parecem um borrão e seus peitos são uma massa ondulante, pulsando.

Os homens berram, dando gritos de aprovação.

- É isso aí! - Lindo, garota! Lindo! - O Senhor seja louvado! Começa outro solo

de tambor. Ela se inclina para frente e aquelas tetas gloriosas balançam, tão pesadas, tão baixas - devem ter uns 30 centímetros de comprimento, pelo menos. Elas estão maiores e com as pontas arredondadas, como se cada uma contivesse uma laranja.

Ela faz movimentos circulares com os ombros; primeiro um, depois o outro, e assim os seios se movem em direções opostas. À medida que a velocidade aumenta, eles giram em círculos cada vez mais amplos. Não demora muito, eles se encontram no centro com um estalo alto.

Jesus. Poderia eclodir uma revolta na tenda e eu não saberia de nada. Na minha cabeça não resta mais uma gota de sangue sequer.

A mulher se endireita e depois se curva numa reverência. Quando se levanta novamente, leva um seio até o rosto e dá uma lambida em volta do mamilo depois, o mete na boca. E fica ali mamando a própria teta sem pudor, enquanto os homens acenam com os chapéus, dão socos no ar e gritam como animais. Ela solta a teta, dá um último beliscão no mamilo e depois joga um beijo para os homens.

Abaixa-se o suficiente para pegar o xale diáfano e depois desaparece, com o braço esticado para que o xale se arraste atrás dela como uma bandeira tremeluzente.

- Muito bem, rapazes - diz Cecil, batendo palmas e subindo ao palco. - Vamos dar uma força para nossa Bárbara! Os homens dão vivas e assobiam, batendo palmas com as mãos para cima.

- Ela não é demais? Que mulher. E hoje é o seu dia de sorte, rapazes, porque somente esta noite ela vai receber a visita de um número limitado de cavalheiros depois do espetáculo. É uma grande honra, companheiros. Ela é uma jóia, a nossa Bárbara. Uma jóia de verdade.

Os homens se aglomeram na saída, dando palmadas uns nas costas dos outros, já trocando lembranças.

- Você viu aquelas tetas, cara?

- Rapaz, que maravilha! O que eu não daria para brincar com elas um pouco.

Ainda bem que nada exige minha intervenção, porque estou fazendo o que posso para manter a compostura. Foi a primeira vez que vi uma mulher nua e acho que nunca mais serei o mesmo.

Passo os 45 minutos seguintes montando guarda na porta do camarim de Bárbara enquanto ela recebe a visita de alguns cavalheiros. Apenas cinco homens estão dispostos a gastar os dois dólares cobrados e, mal-humorados, formam uma fila. O primeiro entra e, depois de sete minutos de sons ofegantes e gemidos, aparece de novo, atrapalhado com a braguilha. Ele se afasta cambaleante e o próximo entra.

Depois que o último visitante sai, Bárbara aparece à porta. Está nua a não ser por um penhoar de seda chinesa que não se incomodou em amarrar. O cabelo está desgrenhado, a boca borrada de batom. Em uma das mãos segura um cigarro aceso.

- Acabou, meu bem - diz, me mandando embora com um aceno. Há sinais de uísque no hálito e nos olhos dela.

- Esta noite não tem nada grátis.

Volto à tenda do strip-tease para empilhar as cadeiras e ajudar a desmontar o palco enquanto Cecil conta o dinheiro. No final do dia, estou um dólar mais rico e com todo o corpo tenso.

A grande tenda ainda está armada, brilhando como um coliseu fantasmagórico e pulsando ao som da banda. Olho para ela fixamente, fascinado pelo som das reações da platéia, que ri, aplaude e assobia. Às vezes ouço uma espécie de suspiro coletivo ou gritinhos nervosos. Consulto meu relógio de pulso: faltam 15 para as 10.

Penso em tentar ver parte do espetáculo, mas tenho medo de andar pelo terreno e ser recrutado para executar mais alguma tarefa. Os empregados do circo, que passaram grande parte do dia dormindo em qualquer canto que encontrassem, falta desmontar a grande cidade de lona com a mesma eficiência com que a levantaram. Tendas caem no chão e postes vêm abaixo. Cavalos, carroças e homens cruzam o terreno com dificuldade, levando tudo de volta para perto dos trilhos.

Eu desabo no chão e descanso a cabeça nos joelhos dobrados.

- Jacob? É você? Levanto os olhos. Camel se aproxima, mancando e apertando os olhos.

- Por Deus! Achei que era você mesmo. Esses velhos olhos já não enxergam tão bem - diz ele.

Ele se abaixa lentamente ao meu lado e puxa uma garrafinha verde. Tira a rolha e toma um gole.

- Estou ficando velho demais para isso, Jacob. O corpo me dói todo no fim do dia. Que diabo, estou todo doído agora e o dia ainda nem terminou. O Esquadrão Voador provavelmente não vai sair antes de duas horas e nós vamos recomeçar a porra toda cinco horas depois que eles partirem. Isso não é vida para um velho.

Ele me passa a garrafinha.

- Que diabo é isso? - pergunto, fitando o líquido intragável.
- É gengibirra⁴¹ - responde Camel, tomando a garrafinha da minha mão.
- Você está bebendo álcool ilegal?
- Estou, e daí? Ficamos em silêncio por um minuto.
- Droga de lei seca - diz Camel, finalmente.
- Essa porcaria era gostosa até o governo dizer que está proibida. Ainda serve, mas o gosto é horrível. O que é uma pena, porque esta é a única coisa que mantém estes velhos ossos funcionando, estou quase totalmente fodido. Não sirvo para mais nada além da bilheteria, mas acho que sou feio demais para isso.

Eu o olho de soslaio e concluo que ele tem razão.

- Tem alguma outra coisa que você possa fazer? Talvez nos bastidores...
- A bilheteria é o fim da linha.
- O que você vai fazer quando não conseguir mais trabalhar?
- Acho que terei um encontro com Blackie. Ei - diz ele, virando-se para mim esperançoso.

- Você tem cigarro?
- Não, sinto muito.
- Era o que eu imaginava - Camel suspira.

Ficamos sentados em silêncio, observando as equipes, uma atrás da outra, transportar equipamentos, animais e fardos de lona de volta para o trem. Os artistas que saem dos fundos da grande tenda desaparecem nos camarins e voltam usando roupas comuns. Eles se juntam em grupos, riem e conversam, alguns ainda estão limpando o rosto. Mesmo sem seus trajes de show, eles são glamorosos.

Os operários sem graça se agitam para lá e para cá, ocupando o mesmo universo, mas, aparentemente, numa outra dimensão. Não há nenhuma interação.

Camel interrompe meu devaneio.

- Você fazia faculdade? - Sim, senhor.
- Foi o que imaginei.

Ele torna a me oferecer a garrafa, mas balanço a cabeça.

- Terminou? - Não.
- Por que não? Não respondo.
- Jacob, quantos anos você tem? - Vinte e três.
- Tenho um filho da sua idade.

A música parou de tocar e os cidadãos aos poucos começam a sair da grande tenda. Eles param perplexos, imaginando o que aconteceu com a tenda das jaulas, por onde entraram. Enquanto eles saem pela frente, um exército de homens entra pelos fundos e volta carregando arquibancadas, cadeiras e meios-fios de picadeiro, que são arremessados com estrondo nos velhos vagões. A grande tenda está sendo desmontada antes mesmo que o público a abandone.

Camel tosse copiosamente, o corpo balançando com o esforço. Fico atento para ver se ele precisa de um tapa nas costas, mas ele levanta a mão para impedir meu gesto. Ele engasga, pigarreia e depois cospe. Em seguida, esvazia a garrafinha. Enxuga a boca com o dorso da mão e me olha de cima a baixo.

- Olhe - diz ele.

- Não quero me meter na sua vida, mas sei que você não está na estrada há muito tempo. Você está limpo demais, suas roupas são boas demais e você não tem absolutamente nada no mundo. A gente aprende algumas coisas na estrada, talvez não sejam coisas lá muito boas, mas a gente aprende assim mesmo. Sei que não tenho autoridade para falar, mas um garoto como você não devia viver como mendigo. Fui mendigo e sei que isso não é vida.

- Seus braços estão pousados nos joelhos dobrados, o rosto virado para mim.

- Se há uma vida à sua espera, você deveria voltar para ela.

Leva um tempo até que eu possa responder, e minha voz falha.

- Não vou voltar.

Ele me examina um pouco mais e depois balança a cabeça.

- É uma pena ouvir isso.

A multidão se dispersa, indo da grande tenda para o estacionamento e seguindo adiante, até os limites da cidade. De trás da grande tenda, um balão de gás sobe ao céu, seguido por um choro prolongado de criança. Há risos, som de motores de carro, vozes que se elevam excitadas.

- Dá para acreditar que ela se dobrou daquele jeito?

- Achei que eu ia morrer quando aquele palhaço abaixou as calças.

- Onde está o Jimmy Hank, você encontrou o Jimmy? De repente, Camel se esforça para ficar de pé.

- Opa! Lá está ele, aquele velho filho-da-mãe.

- Quem? - Tio Al! Vamos! Temos que conseguir que você entre no show.

Ele se afasta mancando mais rápido do que eu imaginaria possível.

Levanto-me e o acompanho.

Não há como não reconhecer o Tio Al. Ele é o típico diretor de circo, de casaca escarlate, culote branco e cartola, o bigode cheio e com as pontas curvadas para cima. Tio Al se pavoneia de um lado para o outro do terreno, como o maestro de uma banda em marcha, a barriga volumosa e protuberante e a voz retumbante dando ordens. Num dado momento, ele interrompe sua caminhada para deixar passar a jaula de um leão e depois volta a andar, deixando para trás um grupo de homens que se esforçam para carregar rolos de lona. Sem interromper a caminhada imponente, dá um tapa num lado da cabeça de um deles. O homem uiva e se vira, esfregando a orelha, mas Tio Al já se foi, arrastando seguidores.

- Acabo de me lembrar de uma coisa - diz Camel olhando por cima do ombro.

- O que quer que você faça, não mencione os irmãos Ringling na frente do Tio Al.

-Porquê?

- Simplesmente não pronuncie esse nome.

Camel se apressa e pára no caminho do Tio Al.

- Ah, aí está o senhor - diz, a voz artificial e melíflua.

- Será que eu poderia lhe dar uma palavrinha?

- Agora não, rapaz. Agora, não - vocifera Al, passando por Camel com seu ar altivo, como os nazistas nos noticiários granulados que vemos no cinema. Camel o acompanha mancando, a cabeça inclinada para um lado, em seguida, ficando para trás, passa a correr ao lado do outro como um fantoche desprezado.

- Não vou lhe tomar mais que um instante, senhor. É que eu estava pensando se algum dos departamentos precisa de pessoal.

- Pensando em mudar de profissão? A voz de Camel se afina como a de uma sereia.

- Ah, não, senhor. Eu, não. Estou feliz onde estou. De verdade. Feliz como um passarinho.

- Ele ri nervosamente.

A distância entre os dois aumenta. Camel tropeça e, afinal, pára.

- Senhor? - ele chama, cada vez mais distante.

- Senhor? Tio Al já desapareceu, engolido por pessoas, cavalos e carroças.

- Que merda. Que merda! - exclama Camel, tirando o chapéu e o jogando no chão.

- Está tudo bem, Camel - digo.

- Obrigado pela tentativa.

- Não, não está tudo bem - berra Camel.

- Camel, eu...

- Cale a boca. Não quero ouvir mais nada. Você é um bom garoto. Não vou ficar aqui vendo você ser jogado fora porque aquele velho gordo e rabugento não tem tempo. Não, mesmo. Então, tenha um pouco de respeito pelos mais velhos e não me amole.

Os olhos de Camel estão pegando fogo.

Eu me inclino, pego seu chapéu no chão e espano a poeira. Em seguida eu o estendo para Camel.

Alguns segundos depois ele o pega.

- Tudo bem, então - diz ele, mal-humorado.

- Acho que está tudo bem.

Camel me leva a um vagão e me pede que espere ali fora. Fico encostado numa das grandes rodas raiadas e passo meu tempo ora tirando farpas de debaixo das

unhas, ora mastigando capim. A certa altura, caindo de sono, minha cabeça pende para frente.

Camel aparece uma hora depois, cambaleando, com um frasco numa das mãos e um cigarro de palha na outra, as pálpebras semicerradas.

- Esse aqui é o Earl - ele diz com a voz arrastada, esticando o braço para trás.

- Ele vai tomar conta de você.

Um sujeito careca salta do carro. Ele é enorme, o pescoço mais largo que a cabeça, e tem tatuagens verdes que passam pelos cotovelos e sobem pelos braços peludos. Ele me estende a mão.

- Como vai?

- Como vai? - retruco, perplexo. Viro-me para Camel, que atravessa em ziguezague o gramado seco, mais ou menos em direção ao Esquadrão Voador.

Ele está cantando. Mal.

Earl põe as mãos em concha na boca.

- Cale a boca, Camel! Entre logo no trem antes que ele parta sem você! Camel cai de joelhos.

- Ai, meu Deus! - Earl exclama.

- Espere aqui. Volto num minuto.

Ele se aproxima de Camel e o ergue do chão tão facilmente como se ele fosse uma criança. Camel deixa que braços, pernas e cabeça pendam dos braços de Earl. Ele ri e suspira.

Earl coloca Camel na porta de um vagão, fala com alguém que está lá dentro e então volta.

- Esse troço vai acabar com o velho - murmura, passando direto por mim.

- Se ele não botar os bofes pra fora, vai acabar rolando dessa porcaria de trem. Eu não toco nesse troço - diz, olhando-me por cima do ombro.

Estou cravado no lugar em que ele me deixou.

Earl parece surpreso.

- Você vem ou não? quando a última seção do trem começa a andar, estou encolhido debaixo de um beliche num vagão-dormitório, espremido contra outro homem. Ele é o legítimo dono do espaço, mas foi persuadido a me deixar descansar ali por ou duas horas ao preço do meu único dólar. Seja como for, ele resmunga, e eu abraço os joelhos para ocupar o menor espaço possível.

O cheiro dos corpos e das roupas sem lavar é terrível.

Todos os beliches têm três camas, cada uma delas ocupada por um e as vezes dois homens. Os corredores entre os beliches também estão lotados. O sujeito encolhido no chão ao meu lado enrola um cobertor cinza e fino, tentando em vão improvisar um travesseiro.

Uma voz atravessa aquela algazarra: - Ojcie nasz którys jest w niebie, swiec sie

imie Twoje, przyjdź królestwo Twoje...

- Jesus! - meu anfitrião reclama. Ele mete a cabeça no corredor.
- Fale inglês, seu polaco maldito!
- Depois ele se recolhe embaixo do beliche, balançando a cabeça.
- Um daqueles caras. Saído diretamente do maldito barco.
- . . . fie wódz nasz na pokuszenie e nas zbaw ode ztego. Amen.

Eu me aninho contra a parede e fecho os olhos.

- Amém - sussurro.

O trem sacode. As luzes piscam por um instante e se apagam. De algum lugar à nossa frente soa um apito. Começamos a nos deslocar e as luzes tornam a se acender. Estou morto de cansaço e minha cabeça, sem qualquer proteção, bate contra a parede.

Acordo algum tempo depois e me vejo diante de um par de enormes botas de trabalhador.

- Você está pronto? Balanço a cabeça, tentando me orientar.

Ouçoo alguns estalos. Então vejo um joelho. E depois, a cara de Earl.

- Você ainda está aí? - ele pergunta, espiando debaixo do beliche.
- Estou. Desculpe.

Estico o corpo e me levanto com dificuldade.

- Aleluia - diz meu anfitrião, se espreguiçando.

Pierdolsie - respondo.

Ouve-se um riso vindo de um beliche perto, dali.

- Vamos lá - diz Earl.

- Al já bebeu o suficiente para relaxar mas não o suficiente para ficar mal. Essa é a sua chance.

Ele me faz atravessar mais dois vagões-dormitório. Quando chegamos ao vagão-plataforma no final do trem, ficamos diante da parte traseira de um tipo diferente de carro. Pela janela, vejo madeira polida e lustres enfeitados.

Earl se vira para mim.

- Está pronto?
- Claro - respondo.

Não estou. Ele me agarra pelo cangote e aperta minha cara contra o batente da porta. Com a outra mão, abre a porta de correr com um puxão e me joga lá dentro. Caio para frente, com as mãos espalmadas. Paro contra um corrimão de metal e então me endireito. Em estado de choque, me viro para Earl, atrás de mim. Depois vejo o resto do pessoal.

- O que é isso? - pergunta Tio Al do fundo de uma poltrona.

Acompanhado de outros três homens, ele está sentado a uma mesa, segurando um charuto grosso entre o polegar e o indicador de uma das mãos e um leque de

cinco cartas de baralho na outra. Diante dele há um copo de conhaque sobre a mesa.

Logo atrás, uma pilha alta de fichas de pôquer.

- Pulou no trem em movimento. Eu o encontrei escondido num vagão-dormitório.

- É verdade? - pergunta Tio Al. Ele dá uma tragada lenta no charuto e o pousa na beira de um cinzeiro de pé. Então se recosta para trás, estudando as cartas e deixando sair um fiapo de fumaça dos cantos da boca.

- Pago para ver os seus três e aposto mais cinco - diz, inclinando-se para frente e botando uma pilha de fichas no monte.

- Você quer que eu lhe mostre a saída?

- Earl pergunta. Ele dá um passo à frente e me levanta do chão pelo colarinho. Eu me enrijeço e aperto seus punhos, pretendendo resistir se ele tentar me jogar no chão de novo. Meu olhar vai do Tio Al à parte inferior do rosto de Earl - que é só o que consigo ver - e volta para o Tio Al.

Ele fecha as cartas e as deposita cuidadosamente na mesa.

- Ainda não, Earl - diz, pegando o charuto e dando mais uma tragada. - Largue o sujeito.

Earl me põe no chão, de costas para o Tio Al. E, sem muito entusiasmo, tenta desamarrotar meu casaco.

- Dê um passo à frente - diz Tio Al.

Obedeço, já feliz de estar fora do alcance de Earl.

- Acho que ainda não tive o prazer de conhecê-lo - diz, soprando um anel de fumaça.

- Qual é o seu nome? - Jacob Jankowski, senhor.

- E o que Jacob Jankowski acha que está fazendo no meu trem? - Estou procurando trabalho - digo.

Tio Al continua a me olhar fixamente, soprando anéis de fumaça. Então descansa as mãos na barriga e batuca lentamente no colete.

- Já trabalhou em algum circo, Jacob? - Não, senhor.

- E já foi a algum circo, Jacob?

- Já, senhor. Naturalmente.

- Qual? - No dos Irmãos Ringling - respondo. Alguém prende a respiração e eu olho para trás. Os olhos arregalados de Earl me advertem do perigo.

- Mas foi horrível. Simplesmente horrível - acrescento rapidamente, virando-me para o Tio Al.

- É verdade? - pergunta Tio Al.

- É, senhor.

- E você viu o nosso show, Jacob?

- Vi, sim, senhor - digo, sentindo o rubor se espalhar pelo meu rosto.

- E o que achou?
- Al pergunta.
- Achei... espetacular.
- De que número você mais gostou? Procuro loucamente uma resposta, pescando detalhes no ar.

- O dos cavalos brancos e pretos. E da garota de cor-de-rosa - respondo. - Com as lantejoulas.

- Você ouviu isso, August? O garoto gosta da sua Marlena.

O homem sentado em frente a Al se levanta e se vira - é o homem da tenda das jaulas, mas agora está sem a cartola. Seu rosto bem delineado está impassível, o cabelo preto brilha de tanta gomalina. Ele também tem bigode, mas, ao contrário do de Tio Al, o dele não ultrapassa o lábio.

- Então o que exatamente você pensa em fazer? - pergunta Tio Al. E, inclinando-se para frente, ergue o copo de conhaque da mesa. Ele gira o conteúdo no copo e o esvazia de um só gole. Um garçom, surgido não se sabe de onde, torna a enchê-lo.

- Eu poderia fazer praticamente qualquer coisa. Mas, se possível, gostaria de trabalhar com animais.

- Animais. Você ouviu, August? O rapaz quer trabalhar com animais. Talvez você queira levar água para os elefantes, não é? Earl franze a testa.

- Mas, senhor Al, nós não temos nenhum...

- Cale a boca! - grita Tio Al, levantando-se de um salto. A manga do casaco esbarra no copo e o derruba no tapete. Ele olha o estrago, assombrado, com os punhos cerrados e o rosto cada vez mais sombrio. Em seguida, Al mostra os dentes, solta um uivo longo, inumano, e pisa no copo muitas vezes.

Há um momento de absoluto silêncio, só quebrado pelo estalido rítmico dos dormentes passando abaixo de nós. Então o garçom se agacha e começa a recolher os cacos de vidro.

Tio Al toma fôlego e se volta para janela com as mãos cruzadas nas costas.

Quando afinal se vira para nós, seu rosto está corado novamente. Um sorriso malicioso parece brincar no canto dos seus lábios.

- Vou lhe dizer uma coisa, Jacob Jankowski.

- Ele cospe meu nome como se o enojasse.

- Já vi o seu tipo milhares de vezes. Você acha que não leio você como se lê um livro? Então, o que houve? Você e sua mãe tiveram uma briga? Ou você está só à procura de uma pequena aventura entre um semestre e outro?

- Não, senhor, não é nada disso.

- Não ligo a mínima para o que seja... mesmo que eu lhe dê um emprego, você não sobreviveria. Nem uma semana. Nem um dia sequer. O circo é uma máquina

bem azeitada e só os durões resistem. Mas você não entende nada de dureza, não é, Sr. Garoto de Faculdade? Ele me olha fixamente como se me desafiasse a falar.

- Agora, se manda - diz, dispensando-me com um aceno.

- Earl, mostre a saída ao garoto. Mas espere até ver o sinal vermelho antes de expulsá-lo. Não quero problemas por ter machucado o mijão da mamãe.

- Um momento, Al - diz August. Ele dá um sorrisinho afetado, parecendo achar graça.

- Ele disse a verdade? Você é mesmo um garoto de faculdade? Eu me sinto um camundongo jogado de um lado para o outro pelos gatos.

- Eu era.

- E o que você estudava? Alguma coisa como Belas Artes? - os olhos de August brilham de sarcasmo.

- Dança folclórica romena? Crítica literária aristotélica? Ou talvez, Sr. Jankowski, o senhor tenha se formado em acordeão?

- Eu estava estudando veterinária.

O humor de August muda instantânea e completamente.

- Escola de veterinária? Você é veterinário?

- Não exatamente.

- O que você quer dizer com "não exatamente"?

- Não fiz os exames finais.

- Por que não? - Simplesmente não fiz.

- E esses exames finais seriam feitos no seu último ano? - Sim.

- Em que faculdade?

- Em Comeu.

August e Tio Al se entreolham.

- Marlena disse que o Silver Star estava a perigo - diz August.

- Queria que eu pedisse ao nosso agente que providenciasse um veterinário. Ela não entendeu que ele já tinha se mandado. A função dele é se antecipar a nós.

- O que você está sugerindo? - pergunta Tio Al.

- Que você deixe o garoto dar uma olhada no cavalo amanhã de manhã.

- E onde você sugere que a gente o acomode esta noite? Os vagões estão lotados.

- Ele tira bruscamente o charuto do cinzeiro e o bate na beirada.

- Talvez a gente deva mandá-lo para uma das suítes.

- Eu estava pensando mais em algo como o vagão dos cavalos do show - diz August.

Tio Al fecha a cara.

- O quê? Com os cavalos da Marlena? - É.

- Na área em que as cabras ficavam? Não é onde aquele merdinha dorme?

Como é mesmo o nome dele? - pergunta, estalando os dedos.

- Kinko? Aquele palhaço que tem uma cadela?

- Exatamente - sorri August.

August me leva pelos vagões-dormitório dos homens até chegarmos a uma pequena plataforma, junto à parte traseira de um vagão de gado.

- Seus pés estão firmes, Jacob? - pergunta, atenciosamente.

- Acho que sim - respondo.

- Bom. - Sem mais comentários, ele se inclina para frente, agarra algo do outro lado do vagão de gado e, com agilidade, sobe para o teto.

- Meu Deus! - berro, olhando apavorado primeiro lá para cima, onde August desapareceu, depois para baixo, para o vão entre o engate e os dormentes que passam velozmente abaixo dos vagões. O trem se sacode ao fazer uma curva.

Estendo as mãos para me equilibrar, a respiração ofegante.

- Vem logo - berra uma voz vinda do teto do vagão.

- Como você subiu aí? No que você se segurou?

- Tem uma escada. Do outro lado, depois da quina. Incline-se e tente alcançá-la. Você vai encontrar.

- E se eu não conseguir?

- Então acho que será a nossa despedida.

Vou me equilibrando até a beira. Só consigo ver a extremidade de uma escada de ferro estreita.

Fixo meus olhos nela e enxugo as mãos nas coxas. Então me inclino para frente.

A mão direita encontra a escada. Tento me segurar firme com a mão esquerda até agarrar o outro lado. Calco os pés nos degraus e seguro firme, tentando recuperar o fôlego.

- Venha logo! Olho para cima. August me espia do teto, sorrindo, o cabelo ao vento.

Subo. Ele se aproxima e, quando me sento ao seu lado, põe a mão no meu ombro.

- Olhe para trás. Quero que você veja uma coisa.

August aponta para o trem em toda a sua extensão. Ele se estende atrás de nós como uma cobra gigantesca, seus vagões acoplados sacodem e cambam quando ele faz uma curva.

- É uma bela visão, não é, Jacob? - diz August. Viro-me para olhá-lo. Ele está me encarando, os olhos brilhando. - Mas não tão bela quanto a minha Marlena, hein?

- Ele estala a língua e pisca.

Antes que eu possa protestar, ele se levanta e sapateia de um lado para o outro do teto.

Estico o pescoço e conto os vagões de gado. Há pelo menos seis.

- August? - Que foi? - pergunta, parando no meio de um giro.
- Em que vagão o Kinko está? Ele se agacha de repente.
- Neste. Você não é um garoto de sorte? - Ele tira o tampo de um respiradouro e desaparece.

Eu me aproximo, engatinhando.

- August?
- O que é? - responde uma voz vinda da escuridão.
- Tem uma escada aí? - Não, é só pular.

Desço meu corpo até ficar pendurado pelas pontas dos dedos. Depois, me esborracho no chão. Surpreso, um negro me cumprimenta.

Raios finos de luar passam através das aberturas numa das paredes do vagão. De um lado, uma fileira de cavalos. Do outro, uma parede claramente improvisada.

August dá um passo à frente e empurra a porta para dentro. A porta bate contra a parede atrás dela e revê um quarto improvisado, iluminado por um lampião de querosene sobre um caixote emborcado ao lado de uma cama pequena. Um anão está deitado de bruços, com um livro grosso aberto à sua frente. Ele tem mais ou menos a minha idade e, como eu, é ruivo. Mas seu cabelo cresce verticalmente, em tufos emaranhados. Tem o rosto, o pescoço, os braços e as mãos cheios de sardas.

- Kinko - diz August, com desprezo.
- August - retruca o anão, no mesmo tom.
- Este é o Jacob - August me apresenta e dá uma volta peio cubículo. Ele se inclina e, ao passar, examina as coisas com a ponta dos dedos. - Ele vai ficar aqui com você por um tempo.

Dou um passo à frente e estendo a mão.

- Muito prazer.

Kinko olha minha mão com indiferença e depois torna a olhar para August.

- Ele é o quê?
- O nome dele é Jacob.
- Eu perguntei o quê, e não quem.
- Ele vai ajudar com os animais.

Kinko se levanta com um salto.

- Um homem do departamento de animais? Nem pensar. Eu sou um artista. Não vou dormir com um trabalhador, de jeito nenhum.

Ouçoo um rosnado vindo detrás de Kinko e pela primeira vez vejo a cadela terrier. Ela está a postos ao pé da cama, com o pêlo eriçado.

- Eu sou o diretor do setor eqüestre e superintendente dos animais, August fala devagar.

- E é graças à minha generosidade que você dorme aqui. E é também graças à minha generosidade que isto aqui não está cheio de trabalhadores.

Mas é claro que posso mudar isso a qualquer momento. Além do mais, esse cavalheiro aqui é o novo veterinário do circo. Estudou em Cornell, nada menos. O que o coloca numa posição bem mais elevada do que a sua no meu conceito.

Talvez você queira lhe oferecer a cama.

- A chama do lampião oscila nos olhos de August. Seus lábios tremem na luz fraca.

Logo depois ele se vira para mim e faz uma mesura, abaixando bem o tronco, batendo os calcanhares.

- Boa noite, Jacob. Tenho certeza de que Kinko fará tudo para que você se sinta à vontade. Não é mesmo, Kinko? Kinko lhe lança um olhar furioso.

August passa as mãos pelos cabelos, alisando-os. Em seguida sai e fecha a porta atrás de si. Fico olhando fixamente a madeira tosca até ouvir os passos de August acima de nós. Então me viro.

Kinko e a cadela me olham fixamente. O animal arreganha os dentes e rosna.

Passo a noite sobre uma manta de cavalo amarrotada, encostado à parede, o mais longe possível da cama. A manta está úmida. Quem quer que tenha coberto as fendas quando esse lugar foi transformado em quarto fez um péssimo trabalho, de modo que a manta está molhada de chuva e tem cheiro de mofo.

Acordo sobressaltado. Tenho arranhões nos braços e o pescoço está em carne viva.

Não sei se por causa do pêlo de cavalo ou dos ácaros, nem quero saber. O céu que aparece por entre as tábuas remendadas é negro, e o trem ainda está em movimento.

Acordo por causa de um sonho, mas não me lembro dos detalhes. Fecho os olhos, tentando chegar aos recantos da mente.

É minha mãe. Ela está de pé no quintal, com um vestido azul florido, pendurando roupa na corda. Há alguns pregadores de madeira em sua boca, e outros num avental amarrado na sua cintura. Os dedos se ocupam de um lençol.

Ela canta baixinho, em polonês.

Cena rápida.

Estou deitado no chão e levanto os olhos para os seios da stripper. Os bicos são marrons e do tamanho de moedas prateadas de um dólar; eles giram em círculos - para lá e para cá, PLAFT. Para lá e para cá, PLAFT. Sinto um arrepio de excitação, e então remorso, e então náuseas.

Depois eu...

Eu...

Estou aos prantos como o velho boboca que sou, é isso.

Acho que dormi. Eu podia jurar que há apenas alguns segundos tinha 23 anos, e agora estou aqui, neste corpo deplorável e ressequido.

Fungo e enxugo minhas lágrimas estúpidas, tentando me recompor porque aquela garota voltou, a rechonchuda de cor-de-rosa. Ou ela trabalhou a noite toda ou eu perdi a noção do dia em que estamos. Detesto não ter certeza se é uma coisa ou outra.

Eu também gostaria de me lembrar do nome dela, mas não consigo. As coisas são assim quando se tem 90 anos. Ou 93.

- Bom dia, Sr. Jankowski - cumprimenta a enfermeira, acendendo a luz. Ela vai até a janela e ajusta as lâminas horizontais da persiana para que a luz do sol entre.

- Hora de levantar.

- Para quê? - resmungo.

- Porque o bom Deus resolveu abençoá-lo com mais um dia - diz ela, pondo-se ao meu lado e logo apertando um botão na grade da minha cama, que começa a zumbir. Alguns segundos depois estou sentado, ereto.

- Além do mais, o senhor vai ao circo amanhã.

O circo! Então não perdi nem um dia.

Ela põe um cone descartável num termômetro e o prende no meu ouvido.

Recebo essas espetadelas e cutucadas todas as manhãs. Sou como um pedaço de carne desenterrado do fundo da geladeira, suspeito até que se prove o contrário.

Depois que o termômetro apita, a enfermeira joga o cone descartável na cesta de lixo e anota algo em meu prontuário. Então tira o aparelho de pressão de seu suporte na parede.

- O senhor quer tomar o café-da-manhã na sala de jantar ou prefere que traga alguma coisa para o senhor comer aqui? ela pergunta, prendendo o manguito ao redor do meu braço e o inflando.

- Não quero comer nada.

- Ora, Sr. Jankowski - ela retruca, pressionando o estetoscópio na curva interna do meu cotovelo e verificando a pressão.

- O senhor tem que se manter forte.

Tento ler o nome no crachá dela.

- Para quê? Para correr uma maratona?

- Para não pegar uma doença e perder o circo - a enfermeira responde.

Depois de esvaziar o manguito, ela tira o aparelho do meu braço e torna a pendurá-lo na parede.

Finalmente consigo ver o nome no crachá!

- Então vou tomar o café aqui, Rosemary - digo, mostrando que não esqueci seu nome. Fingir que a cabeça funciona plenamente dá trabalho, mas é importante. De todo modo, eu não estou realmente confuso. Só tenho mais para lembrar do que as outras pessoas.

- Eu o declaro forte como um touro diz ela, fazendo uma última anotação antes de virar minha ficha com um gesto rápido.

- Se o senhor mantiver seu peso estável, aposto que terá mais dez anos pela frente.

- Maravilha! - exclamo.

Quando Rosemary chega para me conduzir ao corredor, peço-lhe que me leve até a janela, para que eu possa ver o movimento do parque.

O dia está lindo, com raios de sol escoando entre as nuvens cheias. Ainda lembro perfeitamente como é armar um circo com o tempo ruim. Não que o trabalho ainda seja como antes. Eu até me pergunto se os homens continuam sendo chamados de operários. E, claro, os alojamentos melhoraram muito - olhar para esses trailers. Alguns têm até antenas parabólicas.

Logo após o almoço, vejo a primeira residente da casa de repouso sendo levada em sua cadeira de rodas, rua acima, por parentes. Dez minutos depois há um verdadeiro comboio. Lá está Ruthie - ah, e Nellie Comprou. Mas para quê? Ela é um vegetal, não vai se lembrar de nada. E lá está Dons - aquele deve ser o tal Randall de quem ela sempre fala. E lá está o filho-da-mãe do McGuinty, todo prosa, com a família em volta dele e um cobertor xadrez estendido sobre as pernas. Cuspindo histórias sobre elefantes, aposto.

Há uma fileira de percherões magníficos atrás da grande tenda, todos de um branco lustroso. Talvez sejam usados para acrobacias. Os cavalos dos números de acrobacia são sempre brancos para que o pó de magnésio que firma os pés do artista no dorso do animal não apareça.

Mesmo que seja um número de cavalos, com certeza não chegaria aos pés de uma apresentação de Marlena. Não há nada nem ninguém que se compare a ela.

Procuro um elefante, com doses iguais de pavor e frustração.

Mais tarde o comboio volta, com balões de gás amarrados às cadeiras e usando chapéus bobos. Alguns trazem até sacos de algodão-doce no colo - sacos! Ele pode ter sido feito há uma semana. No meu tempo, era feito na hora, saía direto da máquina para um cone de papel.

Às cinco da tarde, uma enfermeira esbelta com cara de cavalo aparece no final do corredor.

- O senhor está pronto para jantar, Sr. Jankowski? - ela pergunta, soltando os freios e girando minha cadeira.

- Humpf - resmungo, irritado porque ela não esperou pela minha resposta.

Quando chegamos à sala de jantar, ela vai me conduzindo à minha mesa habitual, espere! Não quero me sentar aí hoje.

- Não se preocupe, Sr. Jankowski. Tenho certeza de que o Sr. McGuinty já o perdoou por ontem à noite.

- Ah, pois é, mas eu não o perdoei. Quero me sentar ali - digo, apontando para outra mesa.

- Mas não tem ninguém sentado àquela mesa - a enfermeira acrescenta.

- Exatamente.

- Ah, Sr. Jankowski. Por que o senhor não me deixa simplesmente...

- Apenas me coloque onde estou pedindo, ora bolas! Minha cadeira pára e se faz um silêncio profundo atrás de mim. Alguns segundos depois, voltamos a nos movimentar. A enfermeira me posiciona junto à mesa que escolhi e sai. Em seguida ela volta e, com um gesto rude e os lábios apertados, coloca um prato na minha frente.

O mais difícil quando nos sentamos sozinhos a uma mesa é que não há nada para nos distrair das conversas dos outros. Não quero ser bisbilhoteiro; só que não posso deixar de ouvir o que dizem. A maioria está falando do circo; até aí, tudo bem. O que não está bem é o velho idiota do McGuinty sentado à minha mesa, com as minhas amigas, no centro das atenções, como se fosse o Rei Artur.

E não é só isso - aparentemente, ele disse a algum trabalhador do circo que costumava levar água para os elefantes, e então trocaram o ingresso dele para um lugar na primeira fila! Inacreditável! E ele continua com essa lengalenga sobre o tratamento especial que recebeu, enquanto Hazel, Dons e Norma o fitam com olhos de veneração.

Não suporto mais ouvir isso. Olho para o meu prato. Alguma coisa ensopada sob um molho sem cor e uma gelatina bexiguenta do lado.

- Enfermeira! - resmungo.

- Enfermeira! Uma delas levanta os olhos e me vê. Como é evidente que não estou morrendo, ela leva um tempo até se aproximar de mim.

- Em que posso ajudá-lo, Sr. Jankowski?

- Que tal me trazer comida de verdade?

- Como? - Comida de verdade. Você sabe, aquilo que as pessoas aí fora comem.

- Ah, Sr. Jankowski...

- Não me venha com “ah, Sr. Jankowski”, mocinha. Isso é comida de creche, e, ao que me conste, não tenho cinco anos. Tenho 90. Ou 93.

- Não é comida de creche.

- É, sim. Não tem sustância. Olhe - digo, enterrando o garfo no monte coberto

de molho. A comida desmorona e deixa uma camada viscosa grudada no garfo.

- Você chama isso de comida? Quero algo em que eu possa meter os dentes. Algo que se despedace. E o que exatamente deveria ser isto aqui? - pergunto, cutucando o monte de gelatina vermelha, que balança escandalosamente, como um seio que vi um dia.

- Isso é salada.

- Salada? Você está vendo alguma verdura aqui? Eu não vejo nenhuma.

- É salada de fruta - diz a moça, com a voz firme mas forçada.

- Você está vendo alguma fruta?

- Estou. Na verdade, estou - ela responde, apontando para uma mancha.

- Aqui. Isso é um pedaço de banana, e aquilo é uma uva. Por que o senhor não experimenta? Por que você não experimenta? Ela cruza os braços no peito, como uma professora cuja paciência se esgotou.

- Essa comida é própria para os residentes. É especialmente preparada segundo orientação de uma nutricionista especializada em geriatria...

- Não quero comer isso. Quero comida de verdade.

Faz-se um silêncio mortal na sala. Olho em volta. Todos me observam.

- Qual é o problema? - pergunto bem alto.

- É pedir muito? Ninguém mais aqui sente falta de comida de verdade? Não é possível que todos vocês estejam satisfeitos com essa... papa! - Ponho a mão na beira do meu prato e o empurro.

Só um empurrãozinho.

Juro, o prato desliza para o outro lado da mesa e se espatifa no chão.

Chamam a Dra. Rashid. Ela se senta à minha cabeceira e me faz perguntas que procuro responder gentilmente, mas estou tão cansado de ser tratado como se tivesse perdido o bom senso que temo ter dado a impressão de ser um tanto rabugento.

Meia hora depois, ela pede que a enfermeira a acompanhe ao corredor. Faço um esforço para ouvir, mas meus velhos ouvidos, apesar do tamanho obscuro das orelhas, só captam fragmentos da conversa: "depressão grave" e- "manifestando-se como agressão, o que não é raro em pacientes geriátricos".

- Sabem, não estou surdo! - berro da minha cama.

- Só velho! A Dra. Rashid espia para dentro do quarto e pega a enfermeira pelo braço.

Elas se dirigem para o hall, longe do alcance dos meus ouvidos.

Nessa noite, surge uma nova pílula no meu copinho de papel. Antes que eu me dê conta, os comprimidos estão na minha mão.

- O que é isto? - pergunto, pegando a pílula nova. Eu a viro e inspeciono o outro lado.

- O quê? - a enfermeira me pergunta.

- Esta aqui. É nova.
- É triptanol.
- E para que serve? - Vai ajudá-lo a se sentir melhor.
- Para que serve? Ela não responde. Nossos olhos se cruzam.
- E antidepressivo - diz ela, afinal.
- Não vou tomá-la.
- Sr. Jankowski...
- Não estou deprimido.
- A Dra. Rashid a prescreveu. Vai...
- Vocês querem me drogar. Querem me transformar num carneiro comedor de gelatina. Estou dizendo que não vou tomar.
- Sr. Jankowski. Tenho que cuidar de mais 12 pacientes. Por favor, tome os seus remédios.

- Achei que fôssemos residentes.
O rosto da enfermeira endurece.
- Tomo as outras, mas esta não - digo, dando um peteleco na pílula, que voa da minha mão e cai no chão. Jogo as outras dentro da boca. - Cadê a água? - pergunto, pronunciando mal as palavras porque estou tentando manter as pílulas no centro da língua.

Ela me dá um copo plástico, pega a pílula do chão e entra no meu banheiro.
Ouço o barulho da descarga. Então ela volta.
- Sr. Jankowski, vou pegar outro comprimido. Se o senhor não tomá-lo, vou chamar a Dra. Rashid e ela irá lhe prescrever o mesmo antidepressivo, só que injetável.

O senhor vai tomar o triptanol de qualquer jeito. Só tem que decidir como vai ser.

Quando ela traz a pílula, eu a engulo. Quinze minutos depois, também tomo uma injeção - não de triptanol, de alguma outra coisa, mas não me parece justo, porque eu tomei o comprimido.

Em alguns minutos, me transformo num carneiro comedor de gelatina. Bem, num carneiro de qualquer tipo. Mas ainda me lembro do incidente que me causou essa desgraça, e me dou conta de que se alguém me trouxesse uma gelatina bexiguenta naquele instante e me dissesse para comê-la, eu comeria.

O que fizeram comigo?

Eu me agarro à minha raiva com cada grão de humanidade que ainda resta no meu corpo arruinado, mas não adianta. Ela se esvai, como uma onda na praia.

Estou refletindo sobre essa triste realidade quando percebo a escuridão do sono rodeando a minha cabeça. Ele está ali há algum tempo, esperando o momento certo e se aproximando cada vez mais. Abro mão da raiva, que a essa altura se tornou

apenas uma formalidade, e faço uma anotação mental para voltar a ficar zangado pela manhã. Então me deixo levar pelo sono, porque realmente não há como lutar contra ele.

O trem geme, lutando contra a crescente resistência dos freios pneumáticos. Depois de alguns minutos e de um guincho final e prolongado, a grande fera de aço estremece, pára e resfolega.

Kinko afasta seu cobertor e se levanta. Ele tem pouco mais de um metro de altura, se tanto. Ele se espreguiça, boceja e estala os lábios, depois coça a cabeça, as axilas e o saco. A cadela, balançando o rabo cotó, gira em volta das pernas dele.

- Vamos, Queenie! - diz Kinko, pegando-a no colo.

- Quer ir lá fora? Queenie, quer ir lá fora?

- Ele dá um beijo bem no meio da cabeça marrom e branca do animal e atravessa o quartinho.

Vejo tudo da minha manta de cavalo amarfanhada no canto.

- Kinko? - chamo.

Não fosse pela veemência com que bateu aporta, eu pensaria que ele não me ouviu.

Estamos num trilho lateral, atrás do Esquadrão Voador, que certamente já devia estar ali há algumas horas. A cidade de lona já está armada, para o deleite das pessoas do local que estão por ali observando. Há fileiras de crianças sentadas em cima do trem, admirando o terreno com olhos brilhantes. Os pais estão reunidos embaixo, segurando as mãos das crianças menores e apontando para as coisas incríveis que surgem à sua frente.

Os operários que estavam no trem principal descem dos vagões-dormitório, acendem cigarros e cruzam o terreno em direção à cozinha. A bandeira azul e laranja já está tremulando e a caldeira arrotando vapor, dando um alegre testemunho do café-da-manhã que está sendo preparado lá dentro.

Os artistas saem dos vagões-dormitório mais ao final do trem, que, obviamente, são melhores. Há uma hierarquia clara: quanto mais afastado, melhor alojamento. O próprio Tio Al salta do último vagão-dormitório. Não posso deixar de notar que Kinko e eu somos os ocupantes humanos alojados mais perto da locomotiva.

- Jacob! Eu me viro. August vem em minha direção com passadas largas, de camisa limpa, o queixo bem barbeado. O cabelo lustroso traz as marcas recentes de um pente.

- Como estamos esta manhã, meu rapaz?

- Tudo bem. Um pouco cansado.

- Aquele anãozinho causou problemas?

- Não - respondo.

- Ele foi legal.

- Ah, bom. Muito bom - diz ele, juntando as mãos.

- Vamos então dar uma olhada naquele cavalo? Acho que não é nada grave. Marlena os mima demais.

Ah, aí está a nossa dama. Venha cá, minha querida - diz August, animadamente.

- Quero lhe apresentar Jacob. Ele é seu fã.

Sinto meu rosto ruborizar.

Ela pára ao lado dele, sorrindo para mim enquanto August se dirige ao vagão dos cavalos.

- É um prazer conhecê-lo - diz ela, estendendo a mão.

De perto, ela se parece ainda mais com Catherine - as feições delicadas, brancas como porcelana, com algumas sardas no nariz. Os olhos azuis cintilam, e o cabelo é escuro apenas o suficiente para não ser tachado de louro.

- O prazer é meu - digo, dolorosamente consciente de que não faço a barba há dois dias, de que minha roupa está imunda de esterco e de que esse não é o único cheiro desagradável que meu corpo exala.

Ela inclina ligeiramente a cabeça.

- Não foi você que eu vi ontem? Na tenda das jaulas?

- Acho que não - respondo, mentindo instintivamente.

- Claro que foi. Logo antes do show. Quando a jaula do chimpanzé se fechou com aquele estrondo.

Olho para August de soslaio, mas ele ainda está virado para o outro lado. Ela segue o meu olhar e parece compreender.

- Você não é de Boston, é? - pergunta, em voz baixa.

- Não, nunca estive lá.

- Hum... É que você me parece familiar. Bem... - ela continua animada. - Auggie me disse que você é veterinário.

- Ao ouvir o próprio nome, August dá meia-volta.

- Não - respondo.

- Quer dizer, não exatamente.

- Ele está sendo modesto - acrescenta August. - Pete! Ei, Pete! Há um grupo de homens na porta do vagão de gado, Lixando uma rampa com proteções laterais. Um sujeito alto, de cabelo preto, se vira e responde:

- Pois não, chefe? - Descarregue os cavalos e traga o Silver Star, está bem? - É pra já.

Onze cavalos depois - cinco brancos e seis pretos - Pete torna a entrar no carro. E logo em seguida volta.

- O Silver Star não se mexe, patrão.

- Força ele - diz August.

- Não, não faça isso - diz Marlena, fuzilando August com o olhar. Ela sobe a

rampa e desaparece.

August e eu esperamos do lado de fora, ouvindo a troca de palavras apaixonadas e muxoxos. Muitos minutos depois, ela reaparece à entrada do carro com o árabe de crina prateada.

Marlena sai na frente do cavalo, estalando a língua e murmurando. Ele ergue a cabeça e refuga. Por fim, o cavalo a acompanha e desce a rampa, a cabeça balançando a cada passo. Ao chegar ao fim da rampa, ele refuga com tanta força que quase se senta no próprio lombo.

- Meu Deus, Marlena! Você disse que ele estava um pouco adoentado - diz August.

Marlena está pálida.

- E ele estava. Ontem não estava tão mal assim. Ele andou mancando um pouco por alguns dias, mas nada parecido com isso.

Ela estala a língua e dá puxões até o cavalo finalmente pisar no cascalho. Ele se firma nas paras com o dorso arqueado, com as pernas posteriores agüentando o máximo de peso possível. Meu coração se aperta.

- O que você acha? - August pergunta.

- Me dê um minuto - peço, embora eu já tenha 99% de certeza.

- Você tem como testar os cascos?

- Não, mas o ferreiro tem. Você quer que eu mande chamar o Pete?

- Ainda não. Talvez não seja preciso.

Eu me agacho ao lado da espádua esquerda do cavalo e passo a mão em sua perna, de cima a baixo, da espádua ao tornozelo. Ele não se mexe. Então ponho a mão na parte da frente do casco. O local está quente. Pressiono a parte de trás do tornozelo do animal com o polegar e o indicador e sinto sua pulsação.

- Droga - digo.

- O que é? - Marlena pergunta.

Eu me endireito e tento chegar à pata do Silver Star. Ele a mantém grudada ao chão.

- Vamos lá, rapaz - digo, puxando-o pelo casco.

Finalmente ele levanta a pata. A sola está inchada e escura, com um vinco vermelho rodeando a borda. Torno a baixar a pata imediatamente.

- Este cavalo aguou.

- Ai, meu Deus! - Marlena grita, cobrindo a boca com a mão.

- Ele o quê?- pergunta August.

- Ele está sofrendo de aguamento - respondo.

- Isso acontece quando os tecidos entre o casco e a última falange estão comprometidos e a última falange gira na direção da sola do casco.

- Em língua de gente, por favor. É grave? Olho de relance para Marlena, que

ainda está com a mão na boca.

- É - respondo.

- Você pode dar um jeito nisso?

- Podemos acomodá-lo num leito espesso e tentar impedir que ele se levante.

Só feno e nada de grãos. E nada de trabalho.

- Mas você pode curá-lo?

Eu hesito, lançando uma olhada rápida para Marlena.

- Provavelmente não.

August olha para o Silver Star e bufa.

- Ora, ora, ora! - ecoa uma voz possante atrás de nós.

- Se não é o nosso médico de animais! Tio Al desliza em nossa direção, de calça de xadrez preto-e-branco e colete carmim. Ele traz uma bengala de castão de prata, agitando-a com exagero a cada passo. Atrás dele vê-se um punhado de desocupados.

- Então o que disse o sabichão?

Conseguir dar um jeito no cavalo? - ele perguntava jovialmente, parando na minha frente.

- Não exatamente - respondo.

- Por que não?

- Aparentemente, ele está com água nos cascos - diz August.

- Ele está com quê?

- São as patas.

Tio Al se curva para olhar os cascos do Silver Star.

- Elas me parecem muito bem.

- Mas não estão nada bem - digo.

Ele se vira para mim.

- Então o que você pretende fazer? - Botá-lo de repouso numa baia e cortar todos os grãos. Não há muito mais a fazer.

- Repouso está fora de cogitação. Ele é o cavalo principal do número.

- Se esse cavalo continuar trabalhando, a última falange vai girar e acabar perfurando a sola do casco e então vocês vão perdê-lo - digo claramente.

Tio Al pisca e observa Marlena.

- Ele vai ficar fora de combate por quanto tempo? Escolho as palavras com cuidado.

- Possivelmente para sempre.

- Puta que o pariu! - ele berra, batendo com a bengala no chão.

- Onde é que eu vou arranjar um cavalo para esse número no meio da temporada? - Ele olha para as pessoas atrás dele.

Eles dão de ombros, resmungam e evitam os olhares uns dos outros.

- Seus filhos-da-puta inúteis. Por que eu ainda mantenho vocês? Muito bem.

Você aí - diz ele, apontando a bengala para mim.

- Você fica. Cuida do cavalo.

Nove paus por semana. Você obedece ao August. Se perder esse cavalo, você está fora. Quer dizer, ao primeiro sinal de problema, você está fora.

Ele se aproxima de Marlena e lhe afaga o ombro.

- Calma, calma, minha querida - diz, bondosamente.

- Não fique nervosa.

Jacob vai cuidar dele direitinho. August, vá pegar alguma coisa para essa garota comer. Temos que botar o pé na estrada.

August balança a cabeça de um lado para o outro.

- O que você quer dizer com “botar o pé na estrada”?

- Estamos nos mandando - diz Tio Al, com gestos vagos.

- Seguindo viagem.

- Que diabos está dizendo? Acabamos de chegar. Ainda estamos nos instalando!

- Mudança de planos, August. Mudança de planos.

Tio Al e seu séquito se afastam. August os acompanha com um olhar pasmo, boquiaberto.

Crescem os rumores na tenda da cozinha.

Diante da bandeja de batatas fritas:

- Os Irmãos Carson foram pegos roubando no troco há algumas semanas.

Eles prejudicaram o território.

- Rá, rá! - alguém ri, desdenhoso.

- Em geral, esse é o nosso serviço.

Diante dos ovos mexidos:

- Ouviram dizer que a gente estava levando bebida. Vão dar uma batida de surpresa.

- Vão mesmo dar uma batida - alguém retruca.

- Mas é por causa da tenda da dança do ventre, e não da bebida.

Diante do mingau de aveia:

- Tio Al passou a perna no xerife na hora de pagar a locação do terreno no ano passado. Os tiras disseram que temos duas horas antes que nos ponham pra correr.

Ezra está na mesma posição relaxada em que o vi ontem, os braços cruzados na frente e o queixo encostado no peito. Ele não me dá a menor atenção.

- Ei, cara! - diz August enquanto me dirijo à divisória de lona.

- Aonde você pensa que vai?

- Para o outro lado.

- Bobagem. Você é o veterinário do circo. Venha comigo. Embora eu deva

confessar que tenho vontade de mandá-lo até lá só para descobrir o que eles estão dizendo.

Acompanho August e Marlena a uma das mesas bem arrumadas. Kinko está sentado mais adiante, com outros três anões. Queenie está aos seus pés. Ela ergue os olhos, esperançosa, com a língua pendendo de um lado da boca. Kinko a ignora, assim como a todos os outros à sua mesa. Ele olha fixamente para mim, o queixo se movendo de um lado para o outro.

- Coma, querida - diz August, empurrando o açucareiro na direção do mingau de Marlena.

- Não adianta ficar nervosa. Temos aqui um legítimo veterinário.

Abro a boca para protestar, mas volto a fechá-la.

Uma loura mignon se aproxima.

- Marlena! Meu bem! Você nem imagina o que ouvi!

- Oi, Lottie - Marlena cumprimenta.

- Não tenho a menor idéia. O que foi? Lottie desliza para o lado de Marlena e começa a falar sem parar, quase sem pausas para respirar. Ela é trapezista e soube da notícia de uma fonte segura - seu informante ouviu Tio Al e o agente trocando palavras acaloradas fora da grande tenda. Não demora muito e um grupo grande rodeia a nossa mesa. Em meio ao que Lottie diz e a outras fofocas da platéia, tomo conhecimento da história de Alan J. Bunkel e do Circo Irmãos Benzini - O Maior Espetáculo da Terra.

Tio Al é um abutre, uma ave de rapina, um comedor de carniça. Há 15 anos ele trabalhava como gerente de um circo deplorável: um grupo de artistas doentes e loucos que era levado de uma cidade a outra por cavalos miseráveis de cascos inflamados.

Em agosto de 1928, embora não se possa dizer que foi culpa de Wall Street, o Circo Irmãos Benzini quebrou. Eles simplesmente ficaram sem dinheiro nenhum e não podiam ir para cidade seguinte nem voltar para seu alojamento de inverno. O gerente geral tomou um trem nos arredores da cidade e deixou tudo para trás - pessoal, equipamento e animais.

Tio Al teve a sorte de estar nas redondezas e conseguiu um vagão-dormitório e duas plataformas, a preço de banana, porque os funcionários da ferrovia estavam desesperados para liberar o ramal em que trabalhavam. Essas plataformas agüentavam tranqüilamente as carroças velhas de Al. E como os vagões já tinham o brasão IRMÃOS BENZINI - O MAIOR ESPETÁCULO DA TERRA, Aian Bunkel man- teve o nome e, assim, aderiu oficialmente à categoria dos circos ambulantes.

Quando ocorreu a Quebra da Bolsa, circos maiores começaram a falir e Tio Al mal conseguia acreditar na própria sorte. Os primeiros foram os Irmãos Gentry e o BuckJones, em 1929. O ano seguinte assistiu ao fim dos Irmãos Cole, dos Irmãos

Christy e do poderoso John Robinson. E, sempre que um espetáculo fechava as portas, lá estava o Tio Al, recolhendo os restos: alguns vagões, um punhado de artistas desgarrados, um tigre ou um camelo. Ele tinha informantes por toda parte - assim que um circo dava sinais de dificuldades, Tio Al recebia um telegrama e corria para o local.

Essas carcaças o fizeram crescer. Em Minneapolis, ele conseguiu seis carros para o desfile e um leão sem dentes. Em Ohio, um engolidor de facas e uma plataforma.

Em Des Moines, uma tenda-camarim, um hipopótamo e sua respectiva carroça e a Adorável Lucinda. Em Portland, 18 cavalos de tração, duas zebras e um ferreiro.

Em Seatle, dois vagões-dormitório e uma verdadeira aberração - uma mulher barbada -, o que o deixou satisfeito, porque o que Tio Al mais anseia, aquilo com que sonha à noite, são as aberrações. Não aberrações fabricadas: homens tatuados da cabeça aos pés, mulheres que, a um comando, regurgitam carteiras e lâmpadas, garotas de cabelos viscosos ou homens que introduzem e prendem pedaços de pau nas narinas. Nada disso. Tio Al anseia por aberrações de verdade. Aberrações de nascença. E é por isso que estamos mudando de rumo e indo para Joliet.

O Circo dos Irmãos Fox acaba de quebrar e Tio Al está em êxtase porque eles empregavam o mundialmente famoso Charles Mansfield-Livingston, um homem bonito e elegante com um irmão siamês ao qual ele se une na altura do tórax. Ele o chama de Chaz. Parece uma criança com a cabeça enterrada nas costelas do irmão. Charles o veste com ternos em miniatura, sapatos de couro preto e, quando caminha, segura as mãozinhas do irmão. Dizem que o minúsculo pênis de Chaz é até capaz de ter ereções.

Tio Al está desesperado para chegar lá antes que alguém o apanhe. E assim, apesar de termos mensageiros por toda a região de Saratoga Springs; apesar do fato de que essa deveria ser uma parada de dois dias e de que acabamos de descarregar para o terreno 2.200 formas de pão, 50 quilos de manteiga, 360 dúzias de ovos, 710 quilos de carne, 11 engradados de repolho em conserva, 70 quilos de açúcar, 24 caixas de laranjas, 25 quilos de toucinho, 540 quilos de legumes e verduras e 212 latas de café; apesar das toneladas de feno, vegetais e raízes e outros alimentos para os animais que já estão empilhados nos fundos da tenda das jaulas; apesar das centenas de pessoas amontoadas desde já nos limites do terreno, primeiro excitadas, depois surpresas, e agora cada vez mais zangadas; apesar de tudo isso, estamos baixando as lonas e nos mandando.

O cozinheiro está apoplético. O agente ameaça largar o serviço. O chefe dos cavalariaços está tão furioso que deixou os operários do Esquadrão Voador abandonados à própria sorte.

Todos já passaram por isso antes. E sua principal preocupação é que falte

comida durante a viagem de três dias até Joliet. O pessoal da cozinha está fazendo o melhor que pode, lutando para levar o máximo de comida de volta ao trem principal e prometendo entregar algum tipo de marmita na primeira oportunidade.

Quando August fica sabendo que ainda temos três dias de viagem pela frente, solta uma sucessão de palavrões e começa a andar de um lado para o outro, mandando o Tio Al para o inferno e gritando ordens para todos nós.

Enquanto carregamos a comida dos animais de volta para o trem, August sai para tentar persuadir - e, se necessário, subornar - o auxiliar da cozinha a deixá-lo levar parte da comida destinada aos homens.

Diamond Joe e eu carregamos baldes com sobras de animais abatidos, levando-os dos fundos da tenda das jaulas para o trem principal. Essas sobras vêm dos currais da região e são repulsivas - fedorentas, sanguinolentas e meio carbonizadas. Colocamos os baldes bem na entrada dos vagões dos animais. Os ocupantes - camelos, zebras e outros comedores de feno - dão coices, se agitam e fazem todo tipo de protesto, mas terão que viajar com esses restos de carne porque não há outro lugar onde deixá-los.

Os grandes felinos viajam nos vagões-plataforma, em jaulas próprias para o desfile.

Quando terminamos a tarefa, saio à procura de August. Ele se encontra atrás da tenda da cozinha enchendo um barril com as sobras que conseguiu obter, depois de muito implorar.

- Já carregamos tudo - digo.

- E quanto à água?

- Despeje a que está nos baldes e torne a enchê-los. Eles já carregaram o carro da água, mas não será suficiente para três dias. Vamos ter que parar no caminho.

Tio Al pode ser um galo velho e durão, mas não é bobo. Não vai arriscar a vida dos animais. Sem animais não tem circo. A carne toda já está no trem?

- Tudo o que cabe.

- A prioridade é para carne. Se for preciso, jogue fora um pouco de feno para ter espaço. Os felinos valem mais do que os comedores de feno.

- Estamos carregados até o limite. A menos que Kinko e eu durmamos em outro lugar, não cabe mais nada.

August faz uma pausa, batendo de leve em seus lábios fechados.

- Não - diz ele, afinal.

- Marlena nunca admitiria que seus cavalos viajassem com carne a bordo.

Pelo menos, sei onde estou. Mesmo que seja abaixo dos felinos.

A água nos baldes dos cavalos está escura e com flocos de aveia boiando.

Mas ainda assim é água, então levo os baldes para fora, tiro a camisa e lavo meus braços, cabeça e peito.

- Está se refrescando, doutor?

- August pergunta.

Estou curvado para frente com a água pingando dos cabelos. Enxugo os olhos e me endireito.

- Desculpe. Não vi outra água que pudesse ser usada e, de qualquer modo, eu iria jogá-la fora.

- Não, tudo bem, tudo bem. Não podemos esperar que o nosso veterinário viva como um operário, não é mesmo?

Quer saber, Jacob? Agora já é um pouco tarde, mas, quando chegarmos a Joliet, vou dar um jeito de você ter a sua própria água. Artistas e chefes recebem dois baldes cada um; até mais, se você estiver disposto a molhar a mão do aguadeiro - diz ele, esfregando os dedos no polegar.

- E também vou ver se o Homem da Segunda-feira pode providenciar outra muda de roupa para você.

- O Homem da Segunda-feira? - Em que dia da semana sua mãe lavava a roupa, Jacob?

Eu o olho fixamente.

- Você não está querendo dizer...

- Toda aquela roupa pendurada na corda. Seria uma pena jogar tudo no lixo.

Mas...

- Não se preocupe, Jacob. Se não quer saber a resposta, não pergunte. E não use aquela água suja para se lavar. Venha comigo.

Ele me leva de volta pelo terreno, até chegarmos a uma das três únicas tendas que ainda estão armadas. Dentro, há centenas de baldes, alinhados dois a dois na frente de baús e cabideiros, com nomes ou iniciais pintados nas laterais. Homens em diversos estágios de nudez estão usando os baldes para se banhar e se barbear.

- Pronto. Use esses - diz ele, apontando para um par de baldes.

- Mas e o Walter? - pergunto, lendo o nome escrito nos baldes.

- Ah, eu conheço o Walter. Ele vai compreender. Você tem uma navalha? - Não.

- Tenho algumas ali - diz, apontando para o outro lado da tenda.

- Lá no fundo. Estão marcadas com o meu nome. Mas não demore. Acho que vamos partir em meia hora.

- Obrigado.

- Não há de quê - ele retruca.

- Vou deixar uma camisa para você no vagão dos cavalos.

Quando volto ao vagão dos cavalos, Silver Star está encostado na parede do fundo, enfiado na palha até os joelhos. Tem os olhos vidrados e seu coração bate acelerado.

Os outros cavalos permanecem do lado de fora, então posso dar uma boa

olhada no local. São 16 baías estreitas, formadas por divisórias de vaivém que se fecham depois que cada animal é acomodado. Se não tivessem modificado o carro por causa das cabras desaparecidas misteriosamente, caberiam 32 cavalos.

Encontro uma camisa limpa estendida na cama de Kinko. Tiro a velha e a jogo na manta de cavalo que está num canto. Antes de me vestir, levo a camisa ao nariz, grato pelo cheiro de sabão.

Enquanto abotoo a camisa, minha atenção é atraída pelos livros de Kinko, que estão pousados no caixote ao lado do lampião de querosene. Enfio a camisa dentro da calça, sento-me na cama e pego o livro que está por cima.

É um volume das obras completas de Shakespeare. Debaixo dele, uma coletânea de poemas de Wordsworth, uma Bíblia e um livro de peças de Oscar Wilde. Há algumas revistas em quadrinhos escondidas dentro das obras de Shakespeare. Eu as reconheço imediatamente. São quadrinhos pornô.

Abro e folheio uma delas. Vejo uma Olivia Palito, desenhada grosseiramente, deitada numa cama com as pernas abertas, nua, mas de sapatos. Ela usa os dedos para escancarar sua própria vagina. Num balão sobre sua cabeça aparece Popeye, com um pênis tão ereto que chega ao queixo. E Dudu, também com uma ereção enorme, espia pela janela.

- Que diabo você acha que está fazendo? Deixo cair a revista e me curvo rapidamente para apanhá-la.

- Deixa essa droga de revista aí! - diz Kinko, enfurecendo-se e a arrancando da minha mão.

- E caia fora da minha cama! Levanto-me de um salto.

- Olha só, meu camarada - diz ele, esticando o braço para colocar um dedo no meu peito.

- Não estou exatamente adorando ter você como colega de quarto, mas parece que não tenho opção quanto a isso. Mas acho bom você saber que tenho opção sobre você fuçar minhas coisas.

Ele está com a barba por fazer, o rosto vermelho de raiva e os olhos azuis em brasa.

- Você tem razão - gaguejo.

- Me desculpe. Eu não devia ter mexido nas suas coisas.

- Escute, seu babaca. Eu estava muito bem até você aparecer. Mas hoje estou de mau humor. Algum panaca usou a minha água, então é melhor você sair da minha frente. Posso ser baixinho, mas isso não me impede de acertar você.

Fico de olhos arregalados. Logo me recupero, mas não rápido o suficiente.

Os olhos de Kinko se apertam como fendas. Ele examina a camisa e o meu rosto bem barbeado. Então joga a revista em cima da cama.

- Ah, que inferno! Você já não aprontou o suficiente?

- Me desculpe. Juro que não sabia que era sua. August disse que eu podia usá-la.

- Ele também disse que você podia mexer nas minhas coisas? Faço uma pausa, envergonhado.

- Não.

Ele junta os livros e os mete no caixote.

- Kinko... Walter... me desculpe.

- Para você é Kinko. Só meus amigos me chamam de Walter.

Vou para o canto e me enfio na minha manta de cavalo. Kinko ajuda Queenie a subir na cama e se deita ao lado dela, olhando para o teto com tanta raiva que tenho a impressão de que ele vai pegar fogo a qualquer momento.

Não demora muito, o trem começa a se mover. Meia dúzia de homens zangados nos perseguem por algum tempo, brandindo forcados e tacos de beisebol, embora façam isso mais para ter o que contar durante o jantar. Se eles quisessem realmente brigar, teriam tido tempo suficiente para fazê-lo antes que o trem partisse.

Não é que eu não entenda esses homens - suas esposas e filhos esperavam o circo ansiosamente há dias. E eles provavelmente também estavam interessados em alguns divertimentos que havia nos fundos do nosso terreno e sobre os quais ouviram falar. E agora, em vez de provar os encantos da esplendorosa Bárbara, terão de se contentar com suas revistas pornô. É compreensível que fiquem com raiva.

Kinko e eu nos movimentamos num silêncio hostil enquanto o trem ganha velocidade. Ele se deita na cama e fica lendo. Queenie descansa a cabeça nas meias dele. Ela dorme a maior parte do tempo, mas, quando está acordada, me vigia. Eu me sento na manta de cavalo, com o corpo moído, mas ainda não tão cansado a ponto de me deitar e sofrer o ataque humilhante das pequenas pragas e do bolor.

Na hora que seria a do jantar, eu me levanto e me espreguiço. Kinko lança um olhar por cima do livro e depois volta ao texto.

Encaminho-me para os cavalos e fico olhando por cima de suas ancas alternadamente pretas e brancas. Nós os acomodamos de modo que quatro baias ficassem livres para Silver Star. Embora os outros cavalos estejam em compartimentos aos quais não estão habituados, eles parecem tranquilos, provavelmente porque os alojamos na mesma ordem em que estavam anteriormente. Os nomes escritos nos marcos das baias não mais correspondem aos ocupantes, mas posso presumir quem é quem. O quarto cavalo é Blackie. E eu me pergunto se ele tem o mesmo gênio que seu xará humano.

Não vejo Silver Stare, o que indica que ele deve estar deitado. O que é bom e mau: bom porque alivia o peso sobre as pernas, e mau porque significa que ele está sentindo tanta dor a ponto de não querer ficar de pé. A disposição dessas baias não me permite examiná-lo até que a gente pare e retire os outros cavalos.

Sento-me diante da porta aberta e observo a paisagem passar até escurecer.

Por fim, deixo-me escorregar e caio no sono.

Apenas alguns minutos mais tarde, ao que me parece, os freios começam a guinchar. Quase imediatamente, abre-se a porta do quarto das cabras e Kinko e Queenie saem para o vestibulo rústico. Kinko apóia um ombro contra a parede, com as mãos nos bolsos, num gesto calculado de quem me ignora. Quando, afinal, o trem pára, ele salta e cai no chão, se vira e bate palmas duas vezes. Queenie pula para os braços dele e os dois desaparecem.

Ponho-me de pé e espio pela porta aberta.

Estamos num ramal lateral no meio do nada. As outras duas seções do trem também estão paradas e se estendem à nossa frente, a uns 800 metros uma da outra.

As pessoas saltam do trem à luz fraca da madrugada. Os artistas se espreguiçam, mal-humorados, e então se reúnem em grupos para conversar e fumar, enquanto os operários baixam as rampas e desembarcam a carga.

August e seus homens chegam minutos depois.

- Joe, você cuida dos macacos - diz August.

- Pete, Otis, descarreguem os comedores de feno e dêem água a eles, por favor. Usem o córrego em vez das gamelas. Estamos economizando água.

- Mas não desembarque o Silver Star - digo.

Faz-se um longo silêncio. Os homens olham primeiro para mim e depois para August, cujo olhar é fulminante.

- Sim. Isso mesmo - diz August por fim.

- Não desembarquem o Silver Star.

Ele se vira e se afasta. Os outros homens me encaram com olhos arregalados.

Corro um pouco para alcançar August.

- Desculpe - digo, caminhando ao lado dele.

- Não tive a intenção de dar ordens.

Ele pára na frente do vagão dos camelos e abre a porta. Somos recebidos com os grunhidos e queixas de dromedários esgotados.

- Está tudo certo, meu rapaz - diz August alegremente, arremessando um balde de carne na minha direção.

- Você ajuda a alimentar os felinos.

- Agarro a alça fina de metal do balde. Uma nuvem de moscas enfurecidas sai de dentro dele.

- Ai, meu Deus! - exclamo. Coloco o balde no chão e me viro, com ânsias de vômito. Enxugo as lágrimas nos olhos, ainda me sentindo enjoado.

- August, não podemos dar isso aos animais.

- Por quê?

- Está estragado.

Não há resposta. Eu me viro e vejo que August pôs outro balde ao meu lado e saiu. Ele caminha pelos trilhos levando mais dois baldes. Pego o meu e vou encontrá-lo.

- Está podre. É claro que os felinos não vão comer isso - continuo.

- Vamos torcer para que comam. Do contrário, teremos que tomar decisões difíceis.

- Hein? - Ainda estamos muito longe de Joliet e, infelizmente, não temos mais cabras.

Estou espantado demais para retrucar.

Quando chegamos à segunda seção do trem, August salta para um vagão-plataforma e abre rapidamente os dois lados de duas jaulas de felinos. Destranca os cadeados, deixa-os pendurados nas portas e salta para o chão de cascalho.

- Vá em frente - diz ele, dando-me tapinhas nas costas.

O quê?

- Um balde para cada um. Vamos lá - ele insiste.

Subo com relutância na plataforma. O cheiro de urina é muito forte. August me entrega os baldes de carne, um de cada vez. Eu os coloco nas tábuas de madeira gastas pelo tempo, tentando não respirar.

As jaulas dos felinos têm dois compartimentos: à minha esquerda há um par de leões. À minha direita, um tigre e uma pantera. Os quatro são animais imponentes. Eles levantam as cabeças farejando, os bigodes estremecendo.

- Vamos, prossiga - diz August.

- O que devo fazer? Abrir a porta e jogar a comida lá dentro?

- A menos que você tenha uma idéia melhor.

O tigre se ergue, quase 300 quilos gloriosamente coloridos de preto, laranja e branco. A cabeça é enorme, com bigodes compridos. Ele se aproxima da porta, dá um giro e se afasta. Quando volta, ruga e bate violentamente no fecho. O cadeado chocalha contra as grades da jaula.

- Você pode começar com o Rex - diz August, apontando para os leões, que também estão andando de um lado para o outro.

- Éo da esquerda.

Rex é bem menor que o tigre, com pêlos emaranhados na juba e costelas aparecendo sob a pelagem opaca. Crio coragem e estendo a mão para pegar um balde.

- Espere - diz August, apontando para outro balde.

- Esse não. Aquele.

Não vejo nenhuma diferença, mas já aprendi que não é uma boa idéia discutir com August, então obedeço.

Quando o felino me vê chegar, ele investe contra a porta. Fico paralisado.

- O que há, Jacob? Eu me viro. O rosto de August está iluminado.

- Você não está com medo do Rex, está? Ele é só um gatinho dengoso.

Rex pára e esfrega o pêlo sarnento contra as grades da frente da jaula.

Com dedos nervosos, tiro o cadeado e o deixo aos meus pés. Então suspendo o balde do chão e espero. Assim que Rex se afasta da porta eu a abro.

Antes que eu possa despejar a carne do balde, sinto a enorme mandíbula do felino abocanhar violentamente meu braço. Eu grito. O balde cai ruidosamente no chão, espalhando vísceras e restos de carne por toda parte. O leão larga meu braço e ataca a carne.

Bato a porta com força e, com o joelho, a mantenho fechada enquanto verifico se ainda tenho o braço. Tenho. Ele está todo babado e vermelho, como se eu o tivesse mergulhado em água fervente, mas a pele está intacta. Pouco depois, percebo que August está morrendo de rir às minhas costas.

Eu me viro e o encaro.

- O que é que há com você? Está achando engraçado? - Estou, sim - responde August, sem fazer esforço algum para conter o riso.

- Você é louco, sabia?

- Então, salto do trem, examino o braço mais uma vez e me afasto, em silêncio.

- Jacob, espere - chama August, rindo e se aproximando de mim.

- Não fique zangado. Eu só estava me divertindo um pouco com você.

- E qual é a graça? Eu podia ter perdido o meu braço!

- O bicho não tem dente nenhum.

Paro de repente, deixando os olhos no cascalho sob meus pés enquanto me dou conta do que ouvi. Depois continuo a andar. Dessa vez, August não me acompanha.

Furioso, tomo o rumo do córrego, onde me ajoelho ao lado de alguns homens que estão dando água às zebras. Uma delas se assusta e zurra, levantando o focinho. O homem que segura a guia olha várias vezes para mim enquanto luta para manter os animais sob controle.

- Mas que droga! - ele grita.

- Que diabo é isso?

É sangue?

Olho para baixo e vejo que estou salpicado do sangue das vísceras.

- E. Eu estava dando comida aos felinos.

- O que é que há com você? Está querendo que essas zebras me matem? Vou andando córrego abaixo, olhando para trás até as zebras se acalmarem.

Então, agacho-me à beira d'água para lavar o sangue e a saliva do leão que cobrem meus braços.

Por fim, dirijo-me para segunda seção do trem. Lá está DiamondJoe, num vagão-plataforma, ao lado de uma jaula de chimpanzés. As mangas de sua camisa

cinza estão enroladas, deixando à mostra os braços peludos e musculosos. O chimpanzé está sentado nas ancas, comendo punhados de uma mistura de cereal e frutas e nos observando com seus olhos pretos e brilhantes.

- Precisa de ajuda? - pergunto.

- Não. Está quase acabando, acho. Ouvi dizer que August te aprontou uma com o velho Rex.

Olho para cima, preparado para me zangar. Mas Joe está sorrindo.

- Tome cuidado - diz ele. - O Rex pode não arrancar o seu braço, mas o Leo, sim. Pode apostar. Não sei por que August pediu sua ajuda. Clive é que é o homem dos felinos. A menos que August quisesse dar algum recado.

- Ele faz uma pausa, entra um instante na jaula e toca os dedos do chimpanzé, num cumprimento, antes de fechar a porta. Depois salta do vagão-plataforma.

- Preste atenção, porque só vou falar isso uma vez. August é um cara engraçadinho, e eu não estou querendo dizer que ele é brincalhão. Se cuide. Ele não gosta nem um pouco de ter sua autoridade questionada, e é um cara de lua, se é que você me entende.

- Acho que sim.

- Não, acho que você não entende. Mas vai acabar entendendo. Você já comeu?

- Não.

Ele aponta para o carro do Esquadrão Voador à nossa frente. Vejo mesas postas ao longo da linha férrea.

- O pessoal da cozinha preparou um café-da-manhã sofrível. E também providenciou umas marmitas. Garanta a sua, porque isso provavelmente significa que não vamos mais parar até anoitecer. Aproveite enquanto é tempo, é o que eu sempre digo.

- Obrigado, Joe.

- De nada.

Volto ao carro dos cavalos com minha marmita, que contém um sanduíche de presunto, uma maçã e duas garrafas de refrigerante. Quando vejo Marlena sentada na palha, ao lado de Silver Star, deixo a marmita no chão e me encaminho lentamente para ela.

O cavalo está deitado de lado, arfando, a respiração curta e rápida. Marlena, sentada sobre as pernas dobradas, está perto da cabeça dele.

- Ele não melhorou, não é? - ela pergunta, levantando os olhos para mim.

Balanço a cabeça.

- Não entendo como ele piorou tão rapidamente.

- Sua voz está fraca e abafada, e tenho a impressão de que ela vai chorar.

Eu me agacho ao seu lado.

- As vezes isso acontece. Mas não é por nada que você tenha feito.

Ela afaga a cara do cavalo, os dedos percorrendo a face encovada e chegando ao queixo. Os olhos do animal palpitam.

- Há mais alguma coisa que a gente possa fazer por ele?

- Sem o tirarmos do trem, não. Mesmo se as condições fossem as melhores possíveis, não haveria muito a fazer além de diminuir sua alimentação e rezar.

Ela olha para mim rapidamente e torna a olhar quando vê meu braço.

- Ah, meu Deus! O que aconteceu? Olho para baixo.

- Ah, isso. Não é nada.

- É sim - diz ela, pondo-se de joelhos. Marlena pega meu braço e o aproxima da luz do sol que atravessa as ripas que servem de veneziana.

- Parece recente. Vai ficar um machucado e tanto. Dói?

- Ela toma o dorso do meu braço numa das mãos e com a outra percorre a mancha azulada que se espalha sob minha pele. A palma de sua mão é fria e macia, e me deixa arrepiado.

Fecho os olhos e engulo em seco.

- Não, sério, eu...

Ouvimos um apito, e ela olha para porta. Aproveito para soltar meu braço e me levantar.

- Vi-i-i-i-i-inte minutos! - berra uma voz grave vinda de algum lugar na frente do trem. - Vi-i-i-i-i-ite minutos para partida! Joe chega à porta e mete a cabeça lá dentro.

- Vamos logo! Temos que embarcar os animais! Ah, me desculpe, madame - diz ele, batendo na aba do chapéu num cumprimento a Marlena.

- Eu não vi a senhora aí.

- Tudo bem, Joe.

Joe se detém sem jeito à porta, esperando.

- É que temos que guardar os animais agora - diz ele aflito.

- Vá em frente - diz Marlena.

- Vou fazer esse percurso ao lado do Silver Star.

- Você não pode fazer isso - digo abruptamente.

Ela levanta os olhos para mim, com o seu pescoço alongado e pálido.

- Por que não? - Porque, assim que trouxermos os outros cavalos para o trem, você ficará presa aqui dentro.

- Tudo bem.

- E se acontecer alguma coisa?

- Não vai acontecer nada. E, se acontecer, subo nos cavalos e vou passando por cima deles - diz ela, tornando a se meter na palha e sentando-se sobre as pernas dobradas.

- Não sei, não - digo desconfiado. Mas Marlena está fitando o Silver Star com

uma expressão que deixa bem claro que ela não vai ceder.

Torno a olhar para Joe, que levanta as mãos num gesto exasperado, se rendendo.

Depois de uma última olhada para Marlena, recoloco a divisória de vaivém da baía no lugar e ajudo a embarcar os outros cavalos.

Diamond Joe estava certo a respeito do longo percurso. Começa a anoitecer antes que cheguemos à próxima parada.

Kinko e eu não trocamos uma palavra sequer desde que saímos de Saratoga Springs. É evidente que ele me odeia. Não que eu o culpe - August decidiu que seria assim, embora eu não veja sentido em tentar explicar isso a Kinko.

Fico na frente, com os cavalos, para que ele tenha alguma privacidade. Além disso, continuo nervoso ao pensar em Marlena presa atrás de uma fileira de animais tão pesados.

Quando o trem pára, ela escala agilmente os lombos dos cavalos e salta para o chão. Quando Kinko surge do quarto das cabras, seus olhos piscam momentaneamente alarmados. Em seguida, eles passam de Marlena à porta aberta com uma indiferença estudada.

Pete, Otis e eu descarregamos cavalos, camelos e lhamas e lhes damos água.

Diamond Joe, Clive e alguns homens que cuidam das jaulas dirigem-se para segunda seção do trem para tratar dos animais. Não se vê August em parte alguma.

Depois de termos embarcado os animais novamente, subo no carro deles e meto a minha cabeça no quarto.

Kinko está sentado na cama de pernas cruzadas. Queenie fareja um colchonete que substituiu a manta de cavalo infestada de pulgas. Em cima do colchonete, há um cobertor xadrez vermelho cuidadosamente dobrado e um travesseiro com uma fronha branca macia. Sobre o travesseiro, vejo um cartão quadrado.

Quando me debruço para pegá-lo, Queenie dá um salto como se eu a tivesse chutado.

Sr. e Sra August Rosenbluth terão o prazer de contar com sua presença no camarote 3, carro 48, onde serão servidos coquetel e ceia.

Levanto os olhos, surpreso. Kinko está me fuzilando com o olhar.

- Você não perdeu tempo em puxar o saco, não é mesmo?

Os vagões não são numerados sequencialmente, e demoro um pouco a encontrar o de número 48. É um carro pintado um grená forte e decorado com grandes letras douradas que proclamam: CIRCO IRMÃOS BENZINI - O MAIOR ESPETÁCULO DA TERRA. Logo abaixo, visível apenas em relevo sob a tinta brilhante e fresca, lê-se outro nome: CIRCO IRMÃOS CHRISTY.

- Jacob! - a voz de Marlena ecoa de uma janela.

Alguns segundos depois, ela aparece na plataforma, no final da seção do trem, e se pendura no corrimão, o que faz com que sua saia gire ao seu redor.

- Ah, Jacob! Estou tão contente que você tenha vindo. Por favor, entre!

- Obrigado - digo, olhando ao redor. Subo e a sigo por um corredor interno e através da segunda porta.

O camarote 3 é tão magnífico que parece inadequado chamá-lo assim - trata-se de metade de um carro e tem pelo menos um cômodo adicional, isolado do resto por uma pesada cortina de veludo. O cômodo principal tem paredes forradas de nogueira, e está equipado com móveis de estofado adamascado, além de saleta de jantar e uma pequena cozinha.

- Por favor, fique à vontade - diz Marlena, indicando-me uma das cadeiras.

- August chegará daqui a pouco.

- Obrigado.

Ela se senta diante de mim.

- Ah! - exclama ela, com um sobressalto.

- Onde está minha educação? Você quer uma cerveja?

- Obrigado. Seria ótimo.

Ela passa por mim agitada, em direção à geladeira.

- Sra. Rosenbluth, posso lhe fazer uma pergunta?

- Ah, por favor, me chame de Marlena - diz ela, abrindo a garrafa. Ela inclina um pouco um copo alto e despeja a cerveja lentamente nele, evitando o colarinho de espuma.

- E sim, claro. Pergunte.

- Ela me entrega o copo e logo volta para buscar outro.

- Como é possível que todo mundo neste trem tenha tanto álcool?

- Vamos sempre ao Canadá no começo da temporada - ela responde, erguendo-se de novo.

- As leis de lá são muito mais civilizadas. Saúde - diz ela, erguendo o copo.

Toco o meu copo no dela e tomo um gole. É uma cerveja gelada e clara.

Magnífica.

- Os guardas da fronteira não revistam?
- Botamos a bebida dentro dos vagões dos camelos.
- Desculpe, não entendi - retruco.
- Os camelos cospem.

A cerveja quase sai pelo meu nariz. Ela também ri, e, recatadamente, leva a mão à boca. Então, suspira e pousa seu copo.

- Jacob?
- Hein?
- August me contou o que aconteceu hoje de manhã.

Olho rapidamente para o meu braço machucado.

- Ele está se sentindo mal por causa disso. Ele gosta de você. Mesmo. Só, que...

Bem, é complicado.

- Ela baixa os olhos e cora, olhando para o próprio colo.
- Ora, não foi nada! - digo.
- Está tudo bem.
- Jacob! - ouço a voz de August gritando atrás de mim.
- Meu caro rapaz! Estou contente que você tenha vindo a nossa pequena soirée.

Vejo que Marlena já lhe serviu um trago; ela já lhe mostrou o camarim?

- O camarim?
- Marlena - diz ele, virando-se e balançando a cabeça, com ar triste. Ele sacode um dedo, como se ralhasse.
- Ai, ai, ai, querida.

August vai até a cortina de veludo e a puxa para o lado, abrindo-a rapidamente.

-Tchan-ran...

Há três trajes sobre a cama, um ao lado do outro. Dois smokings completos, com os sapatos, e um belo vestido de seda rosa, bordado no decote e na bainha.

Marlena dá um gritinho, batendo palmas de tanto encantamento. Ela corre para cama e pega o vestido, apertando-o contra o corpo e rodopiando.

Viro-me para August.

- Esses não foram trazidos pelo Homem da Segunda-feira...
- Um smoking num varal?

Não, Jacob. Ser o diretor equestre tem lá suas vantagens. Você pode se trocar ali - diz ele, apontando para uma porta de madeira lustrosa.

- Marlena e eu vamos mudar de roupa aqui. Nada que já não tenhamos visto, não é, querida? Ela pega pelo salto um sapato forrado de seda rosa e o atira nele.

A última coisa que vejo antes de fechar a porta do banheiro são seus pés entrelaçados caindo na cama.

Quando saio lá de dentro, Marlena e August são o retrato da dignidade. Eles

estão parados no fundo do cômodo, enquanto três garçons de luvas brancas se ocupam de um pequeno aparador e travessas com redomas de prata.

O decote do vestido de Marlena mal lhe cobre os ombros, deixando à mostra sua clavícula e uma alça fina do sutiã. Ela acompanha o meu olhar e enfia a alça sob a fazenda, corando.

O jantar é sublime: começamos com uma sopa de ostras, seguida de costela de primeira qualidade, batatas cozidas e aspargos com creme. Depois, uma salada de lagosta. Quando vem a sobremesa - pudim de ameixas com molho de conhaque -, tenho a impressão de que não consigo comer mais nada. Alguns minutos mais tarde, estou raspando o prato com a colher.

- Aparentemente, Jacob não ficou satisfeito com o jantar

- August pronuncia as palavras devagar.

Eu congelo no meio do gesto.

Então, ele e Marlena desatam a rir. Constrangido, pouso a colher no prato.

- Não, não, meu rapaz, estou só brincando, é claro - diz ele, dando mais uma risadinha e se debruçando sobre a mesa para dar um tapinha na minha mão.

- Coma. Aproveite. Sirva-se de mais um pouco - ele insiste.

- Não. Eu não agüento mais.

- Então tome um pouco mais de vinho - diz ele, tornando a encher meu copo sem esperar a resposta.

August me parece gentil, encantador e malicioso - tanto que, à medida que a noite avança, começo a achar que o incidente com o Rex não passou de uma brincadeira de mau gosto. O rosto dele brilha de emoção e vinho enquanto me conta a história de como ele seduziu Marlena. Ele diz que percebeu que ela leva jeito com os cavalos assim que Marlena entrou na tenda das jaulas, três anos antes - ele sentiu isso nos próprios cavalos. E, para grande pesar do Tio Al, não desistiu até deixá-la apaixonada e se casar com ela.

- Deu um certo trabalho - diz August, esvaziando uma garrafa de champanhe no meu copo e indo buscar outra.

- Marlena não é uma presa fácil, além do mais ela estava praticamente noiva na época. Mas esta vida é bem melhor que ser esposa de um banqueiro arrogante, não é, querida? Seja como for, ela nasceu para isso. Não é qualquer um que consegue trabalhar com cavalos de circo. É um dom de Deus, um sexto sentido, se você preferir. Essa garota fala a língua de cavalos, e, acredite, eles a entendem.

Quatro horas e seis garrafas depois, August e Marlena dançam ao som de "Maybe It's the Moo" enquanto eu descanso numa cadeira estofada, com perna direita pendurada num dos braços. August a faz girar e então pára, segurando-a com o braço esticado. Ele anda em ziguezague, com os cabelos escuros desgrehados. Vejo que as pontas da gravata-borboleta estão caídas de ambos os lados do

colarinho, e os primeiros botões da camisa foram desabotoados. Ele fita Marlena com tamanha intensidade que se torna irreconhecível.

- O que foi? - ela pergunta.

- Auggie? Você está bem? Ele continua a fitá-la, inclinando a cabeça para o lado, como se a estivesse avaliando. Com os cantos da boca curvados, ele acena ligeiramente com a cabeça.

Marlena arregala os olhos. Ela tenta dar um passo atrás, mas ele estende a mão e segura o queixo dela.

Inclino-me mais para frente na poltrona, repentinamente alerta.

August a olha fixamente por mais um instante, com olhos brilhantes e duros. Então seu rosto se transforma de novo, tornando-se tão sentimental que, por um momento, acho que ele vai se desmanchar em lágrimas. Em seguida, ele a puxa pelo queixo e a beija intensamente nos lábios. Depois segue para o quarto e joga de bruços na cama.

- Me dê licença um instante - diz Marlena.

Ela entra no quarto e o vira de barriga para cima, deixando-o atravessado na cama, de pernas e braços abertos. Tira os sapatos dele e os joga no chão. Quando sai, ela puxa a cortina e imediatamente muda de idéia. Abre-a de novo, desliga o rádio e se senta a minha frente.

Do quarto, ouve-se um ronco espantosamente alto.

Minha cabeça roda, estou completamente bêbado.

- Que diabo foi aquilo? - pergunto.

- O quê? - Marlena tira os sapatos, cruza as pernas, inclina-se para frente e esfrega o arco do pé. Os dedos de August deixaram marcas vermelhas em seu queixo.

- Aquilo. Que acabou de acontecer. Enquanto vocês estavam dançando.

Levantando o rosto, ela me lança um olhar penetrante. Seu rosto se contorce e, por um instante, tenho medo de que ela comece a chorar. Então ela se vira para janela, leva um dedo aos lábios e fica em silêncio por quase meio minuto.

- Você precisa entender algo a respeito de Auggie, mas não sei exatamente como explicar.

Inclino-me para frente.

- Tente.

- Ele é... de lua. É capaz de ser o homem mais encantador deste mundo.

Como esta noite.

Eu a estimulo a continuar.

-E...? Ela chega mais para trás em sua cadeira.

- Bem, ele tem... rompantes. Como hoje.

- O que houve hoje?

- Ele quase deu você de comida a uma fera.
- Ah. Isso. Não posso dizer que tenha adorado, mas eu realmente não cheguei a correr perigo. Rex não tem dentes.
- Não, mas ele pesa mais de 180 quilos e tem garras - ela continua tranquilamente.

Pouso o meu copo de vinho na mesa enquanto absorvo aquelas palavras.

Depois de uma pausa, Marlena levanta os olhos, em busca dos meus.

- Jankowski é um nome polonês, não é?

- É. Claro.

- Poloneses, em geral, não gostam de judeus.

- Eu não sabia que August era judeu.

- Com o nome Rosenbluth?

- Ela examina os dedos e os entrelaça sobre o colo.

- Minha família é católica. E eles me deserdaram quando descobriram.

- Sinto muito por tudo isso. Embora eu não esteja surpreso.

Ela levanta os olhos, bruscamente.

- Não foi isso que eu quis dizer - acrescento.

- Não estou... tão surpreso assim.

Faz-se um silêncio constrangedor entre nós.

- Então, por que é que estou aqui? - pergunto finalmente. Meu cérebro bêbado não é capaz de lidar com todas as informações que recebe.

- Eu queria melhorar as coisas.

- Você? Ele não me queria aqui?

- Sim, claro que queria. Ele também queria se aproximar de você, mas é muito difícil para ele. August não pode evitar esses pequenos rompantes. Eles o deixam envergonhado. A melhor coisa a fazer é fingir que não houve nada.

- Ela funga e se vira para mim com um sorriso forçado.

- E passamos momentos agradáveis, não foi?

- Claro. O jantar foi ótimo. Obrigado.

Enquanto mergulhamos em silêncio outra vez, começo a perceber que, a menos que eu queira tentar saltar de um vagão para o outro, bêbado e tarde da noite, vou acabar dormindo onde estou.

- Por favor, Jacob. Quero tanto que as coisas fiquem bem entre nós. August está simplesmente encantado de tê-lo conosco. E Tio Al também.

- E por que, exatamente?

- O Tio Al estava chateado por não termos um veterinário, e então você aparece de repente. Ainda por cima vindo de uma escola tão conceituada.

Eu a encaro, ainda tentando compreender.

- O Ringling tem um veterinário - continua Marlena -, e ser como o Ringling

deixa o Tio Al todo satisfeito.

- Achei que ele detestava o Ringling.

- Querido, ele quer ser o Ringling.

Inclino a cabeça para trás e fecho os olhos, o que resulta num rodopio desastroso, então torno a abri-los e focalizá-los nos pés que pendem da beira da cama.

Quando acordo, O trem está parado - será que eu realmente consegui continuar dormindo enquanto os freios guinchavam? O sol atravessa a janela e sinto o cérebro martelar contra o crânio. Meus olhos doem e minha boca está muito seca e com gosto de cabo de guarda-chuva.

Levanto, cambaleante, e dou uma olhada no quarto. August está enroscado em Marlena, com o braço ao redor dela. Eles estão deitados em cima da colcha, ainda completamente vestidos.

Recebo alguns olhares estranhos quando saio do carro usando um smoking e levando minhas outras roupas debaixo do braço. Nesse extremo do trem, em que a maioria dos observadores são artistas, sou visto com uma indiferença divertida. Quando passo pelos dormitórios dos trabalhadores, os olhares tornam-se mais duros, mais desconfiados.

Subo cautelosamente no vagão dos cavalos e empurro a porta do quartinho.

Kinko está sentado na beira de sua cama, com uma revista pornográfica numa das mãos e o pênis na outra. Ele pára no meio do movimento, com a cabeça lustrosa e arroxeadada do pênis aparecendo acima da mão fechada. Há um breve silêncio seguido do ruído de uma garrafa de coca-cola vazia que voa em direção à minha cabeça. Consigo me esquivar.

- Saia daqui! - berra Kinko enquanto a garrafa explode contra o batente da porta atrás de mim. Ele dá um salto, fazendo a ereção ricochetear violentamente.

- Fora, porra!

- E joga outra garrafa na minha direção.

Viro-me para a porta, protegendo a cabeça e deixando cair as roupas. Ouço o barulho de um zíper se fechando e, pouco depois, as obras completas de Shakespeare se despedaçam na parede ao meu lado.

- Está bem! Está bem! - grito.

- Estou saindo! Fecho a porta ao passar e me encosto à parede. Os palavrões continuam, sem trégua.

Otis aparece do lado de fora do vagão de gado. Ele olha assustado para porta fechada. Em seguida, dá de ombros.

- Ei, bacana. Vai nos ajudar com esses bichos ou não?

- Vou. Claro. - E salto para o chão.

Ele me olha fixamente.

- O que foi?
- Você não vai trocar essa roupa ridícula primeiro? Dou uma olhada para trás, na direção da porta fechada. Alguma coisa pesada bate contra a parede interna.
- Ah, não. Vou ficar como estou, por enquanto.
- Você é que sabe. Clive limpou as jaulas dos felinos. Ele quer que a gente leve a carne.

Esta manhã, ouve-se ainda mais barulho vindo do vagão dos camelos.

- Os comedores de feno não gostam mesmo de viajar com carne por perto - diz Otis. - Mas eu gostaria que eles parassem de fazer tanta algazarra. Temos muito chão pela frente.

Abro a porta. Uma nuvem de moscas explode de dentro do carro. Vejo os vermes assim que o cheiro nos atinge. Consigo dar alguns passos vacilantes e me afasto antes de começar a vomitar. Otis me acompanha, encurvado, apertando o ventre com as mãos.

Depois de vomitar, ele respira fundo algumas vezes e tira um lenço sujo do bolso. Tapando a boca e o nariz com o lenço, Otis volta ao carro. Ele pega um balde, corre até a fileira de árvores e o despeja ali. Em seguida, percorre metade do caminho de volta prendendo a respiração. Então ele pára, inclinado e com as mãos nos joelhos, e respira ofegante.

Tento ajudar, mas, cada vez que me aproximo, sinto novos espasmos no meu diafragma.

- Sinto muito - digo quando Otis volta. Continuo com ânsias de vômito.

- Não consigo te ajudar. Simplesmente não consigo.

Ele me lança um olhar de desprezo.

- Meu estômago está péssimo - continuo, achando necessário me explicar.

- Bebi demais ontem à noite.

- É, aposto que sim - diz ele.

- Senta aí, garoto. Deixa que eu cuido disso.

Otis joga o resto da carne na fileira de árvores, formando uma pilha que se enche de moscas.

Deixamos a porta do vagão dos camelos bem aberta, mas é claro que um simples arejamento não será suficiente.

Descemos camelos e lhamas para via férrea e os amarramos na lateral do trem. Então, jogamos baldes d'água nas tábuas do piso e usamos vassouras grandes para limpar a sujeira do carro.

Depois de cuidarmos dos outros animais, volto ao vagão dos cavalos. Silver Star está deitado de lado e Marlena está ajoelhada junto dele, ainda usando o vestido rosa da noite anterior. Passo pelas divisórias abertas da longa fila de baias e me posto ao lado dela.

Os olhos de Silver Star estão quase fechados. Ele se retrai e grunhe como se reagisse a um estímulo invisível.

- Ele está pior - diz Marlena, sem olhar para mim.

Eu logo concordo.

- Está.

- Ele tem alguma chance de se recuperar? Pelo menos uma chance?

Hesito, porque o que tenho na ponta da língua é uma mentira e acho que não devo pronunciá-la.

- Pode me falar a verdade - continua ela.

- Preciso saber a verdade.

- Não. Infelizmente, não há a menor chance.

Marlena pousa a mão no pescoço do cavalo, e a mantém ali.

- Então, prometa que vai ser rápido. Não quero que ele sofra.

Compreendo o que ela está me pedindo e fecho os olhos.

- Prometo.

Ela se levanta e observa o animal deitado. Estou admirado e até relativamente calmo diante da reação estóica de Marlena. Então um estranho ruído sai de sua garganta, seguido de um gemido. Logo depois, percebo que ela está aos prantos.

Ela nem sequer procura enxugar as lágrimas que escorrem pelo seu rosto, apenas fica ali parada, abraçando a si própria, enquanto os ombros arquejam e a respiração torna-se ofegante. É como se ela desmoronasse por dentro.

Eu a fito horrorizado. Não tenho irmãs, e a minha limitada experiência em consolar mulheres foi sempre a respeito de algo muitíssimo menos devastador do que isso. Depois de alguns instantes de indecisão, ponho a mão em seu ombro.

Ela se vira e se joga contra mim, apertando o rosto molhado na camisa do meu - de August, aliás - smoking. Afago suas costas, emitindo sons tranquilizadores até suas lágrimas finalmente se transformarem em soluços entrecortados. Então ela se afasta.

Os olhos e o nariz de Marlena estão vermelhos e inchados e o rosto brilha por causa do muco. Ela funga e enxuga os cílios inferiores com o dorso das mãos, embora isso não melhore em nada sua aparência. Depois, endireita os ombros e sai sem olhar para trás, os saltos altos batendo no chão e fazendo barulho enquanto ela cruza o carro.

- August - em pé ao lado da cama, eu o chamo, sacudindo seu ombro. Ele se move preguiçosamente, tão alerta quanto um cadáver.

Eu me inclino e grito ao seu ouvido:

- August! Ele resmunga, irritado.

- August! Acorde! Afinal ele muda de posição, rolando na cama e tapando os olhos com a mão.

- Ai, meu Deus! Ai, meu Deus! Acho que minha cabeça vai explodir. Feche a cortina, por favor.

- Você tem uma arma? ELE TIRA A MÃO dos olhos e se senta.

O quê? - Tenho que sacrificar o Silver Star.

- Você não pode fazer isso.

Eu preciso.

- Você ouviu o Tio Al. Se alguma coisa acontecer com esse cavalo, você vai receber cartão vermelho.

- O que isso significa exatamente?

- Ser jogado fora do trem. Em movimento. Se você tiver sorte, ao alcance das luzes vermelhas do pátio de manobras do trem, o que vai lhe permitir encontrar o caminho da cidade. Se você não tiver essa sorte, bem, é melhor torcer para que não abram a porta enquanto o trem estiver atravessando uma ponte.

De repente, o comentário de Camel sobre ter um encontro marcado com Blackie passa a fazer sentido - assim como vários comentários desde a primeira vez que vi o Tio Al.

- Nesse caso, vou me arriscar e ficar por aqui quando o trem der a partida.

Seja como for, esse cavalo precisa ser sacrificado.

August me olha fixamente. Ele está com olheiras escuras.

- Merda - diz, por fim. Ele joga as pernas para o lado, de modo a se sentar na beira da cama, e esfrega o rosto com a barba por fazer.

- Marlena já sabe? - pergunta, dobrando-se para coçar os dedos dos pés sob uma meia preta.

- Sabe.

- Merda - diz ele, levantando-se. E leva a mão à cabeça.

- Ai vai ter um ataque. Tudo bem, me encontre no vagão dos cavalos daqui a alguns minutos.

Vou levar a arma.

Dou meia-volta para sair.

- Ah, Jacob?

- Sim?

- Tire o meu smoking antes, tá?

Quando volto ao vagão dos cavalos, a porta interna está aberta. Enfio a cabeça lá dentro com um pouco mais de medo do que gostaria, mas Kinko sumiu. Entro e me troco, vestindo minhas roupas de sempre. Alguns minutos depois, August aparece trazendo um rifle.

- Aqui está - diz ele, subindo a rampa. Entrega-me a arma e deposita duas balas na palma da minha outra mão.

Guardo uma no bolso e estendo a outra.

- Só preciso de uma.
- E se você errar?
- Pelo amor de Deus, August! Eu vou ficar bem do lado dele! Ele me fita, e então pega a bala extra.
- Tudo bem. Leve o bicho para longe do trem.
- Você só pode estar brincando. Ele não anda.
- Você não pode fazer isso aqui - insiste August. - Os outros cavalos estão logo ali, do lado de fora.

Eu apenas lhe lanço um olhar.

- Merda - diz ele, afinal. E então dá meia-volta e se encosta à parede, os dedos tamborilando nas ripas do vagão.

- Tudo bem. Tudo bem.

Ele vai andando até a porta.

- Otis! Joe! Tirem os outros cavalos daqui. Levem-nos pelo menos até a segunda seção.

Ouve-se alguém resmungar lá fora.

- E, eu sei - diz August.

- Mas eles simplesmente vão ter de esperar. E, eu sei disso. Eu falo com Al e lhe digo que tivemos uma pequena... complicação.

Ele se vira para mim.

- Vou procurar Al.

- É melhor você procurar Marlena também.

- Você não disse que ela já sabia?

- Ela sabe, mas não quero que esteja sozinha quando ouvir o tiro. Você quer? August me lança um olhar demorado e duro. Então ele desce a rampa, pisando com tanta força que as tábuas se balançam sob seu peso.

Espero 15 minutos, tento para dar a August tempo de encontrar Tio Al e Marlena como para deixar que os homens levem os outros animais para um lugar distante o suficiente.

Por fim, pego o rifle, encaixo a bala na câmara e solto o ferrolho. O focinho de Silver Star está espremido contra a extremidade da baia e suas orelhas estremecem. Eu me debruço sobre ele e corro os dedos pelo seu pescoço. Em seguida, ponho a boca da arma embaixo de sua orelha esquerda e puxo o gatilho.

Há um estouro e a coronha do rifle dá um coice no meu ombro. O corpo de Silver Star pára, seus músculos reagem a um último espasmo sináptico antes de se imobilizar inteiramente. Vindo de longe, ouço um único relincho desesperado.

Meus ouvidos estão zumbindo quando desço do vagão dos cavalos, mas, mesmo assim, a impressão que tenho é de uma cena fantasmagoricamente silenciosa. Um pequeno grupo de pessoas se reuniu ali. Elas estão imóveis, os rostos tristes.

Um homem tira o chapéu e o aperta contra o peito.

Eu caminho, afastando-me alguns metros do trem, subo o talude coberto de capim e me sento, esfregando o ombro.

Otis, Pete e Earl entram no vagão dos cavalos. Em seguida eles reaparecem, puxando o corpo inerte de Silver Star rampa abaixo, por meio de uma corda amarrada em suas patas traseiras. Virada para cima, a barriga do animal parece imensa e vulnerável: uma superfície macia e branca como neve, manchada pelo preto da pele da genitália. A cabeça inerte parece fazer que sim a cada puxão da corda.

Permaneço sentado por quase uma hora, fitando a relva entre meus pés.

Arranco algumas folhas e as enrolo nos dedos, perguntando-me por que diabo estão demorando tanto a partir.

Um pouco depois, August se aproxima. Ele me encara, e então se abaixa para pegar o rifle. Eu não tinha me dado conta de tê-lo trazido comigo.

- Vamos, companheiro - diz ele.

- Você não quer ficar para trás.

- Acho que quero.

- Não se preocupe com o que eu disse antes. Já conversei com Al, e ninguém vai ser expulso. Está tudo bem com você.

Olho fixamente para o chão, mal-humorado. August se senta ao meu lado.

- Está tudo bem mesmo? - pergunta.

- Como está Marlena? - retruco.

August me observa por um instante e em seguida tira um maço de Camels do bolso da camisa. Ele sacode o maço fazendo um cigarro sair e o oferece para mim.

- Não, obrigado.

- Foi a primeira vez que você matou um cavalo? - pergunta, arrancando o cigarro do maço com os dentes.

- Não. O que não quer dizer que eu goste disso.

- Faz parte do trabalho de veterinário, meu rapaz.

- O que, tecnicamente, eu não sou.

- Porque você perdeu os exames finais. Grande coisa.

- É uma grande coisa, sim.

- Não, não é. É só um papel, e ninguém aqui liga a mínima para isso. Você agora faz parte de um espetáculo. As regras são diferentes.

- Como assim? Ele acena na direção do trem.

- Você realmente acha que esse é o maior espetáculo da Terra? Não respondo.

- Hein? - ele pergunta, esbarrando em mim com o ombro.

- Não sei.

- Não. Nem de longe. Provavelmente não está nem entre os 50 maiores.

Temos talvez um terço da qualidade do Ringling. Você já sabe que Marlena não

é nenhuma princesa romena. E Lucinda? Não chega nem perto dos 400 quilos.

Uns 200, no máximo. E você acha mesmo que a tatuagem de Frank Otto foi feita por furiosos caçadores em Bornéu? Claro que não. Ele era um anotador de apostas no Esquadrão Voador, trabalhou nisso por nove anos. E você quer saber o que Tio Al fez quando o hipopótamo morreu? Ele trocou a água do bicho por formol e continuou a exibi-lo. Durante duas semanas viajamos com um hipopótamo em conserva. É tudo ilusão, Jacob, e não há nada de errado nisso. É o que as pessoas querem de nós. É o que elas esperam.

August se levanta e estende a mão. Alguns segundos depois, eu a seguro e deixo que ele me levante.

Caminhamos em direção ao trem.

- Droga, August. Quase esqueci. Os felinos não comeram. Tivemos que jogar fora a carne deles.

- Está tudo bem, meu rapaz - diz ele.

- Já cuidamos disso.

- O que você quer dizer com isso? Fico paralisado.

- August? Como foi que vocês cuidaram disso? August continua a andar, carregando, indiferente, a arma pendurada no ombro.

Sr. Jankowski. O senhor está tendo um pesadelo.

Acorde.

- Meus olhos se abrem de repente. Onde estou? Ah, que inferno.

- Eu não estava sonhando - protesto.

- Bem, o senhor estava falando dormindo, tenho certeza - diz a enfermeira.

É a garota negra de novo. Por que tenho tanta dificuldade de me lembrar do nome dela?

- Algo sobre alimentar os felinos. Ora, não se preocupe com esses gatos aí. Com certeza eles foram alimentados, mesmo que tenha sido depois que o senhor acordou. Agora, por que puseram isso no senhor? - resmunga ela, abrindo as tiras de velcro que me prendem.

- O senhor não tentou fugir, não é?

- Não. Eu ousei reclamar da farinha láctea que eles nos dão de comer.

- Olho de soslaio para ela.

- E então meu prato parece que escorregou na mesa e caiu.

Ela pára e me olha. Em seguida, desata a rir.

- Ah, o senhor é mesmo uma figura - diz ela, esfregando-me os pulsos entre suas mãos quentes.

- Ah, meu Deus.

Então, surge em minha mente como um flash. Rosemary! Ah! Ainda não estou senil.

Rosemary. Rosemary. Rosemary.

Tenho de encontrar um jeito de gravá-lo na memória, por meio de uma rima ou qualquer outra coisa. Posso ter me lembrado do nome esta manhã, mas não posso garantir que vá me lembrar dele amanhã ou mesmo hoje, mais tarde.

Ela caminha até a janela e abre a persiana.

- Você se importa? - pergunto.

- Me importo com o quê?

Corrija-me se eu estiver errado, mas este não é o meu quarto? E se eu não quiser que as persianas fiquem abertas? Estou ficando cansado de todo mundo achar que sabe melhor do que eu o que quero.

Rosemary me olha fixamente. Então ela deixa cair a persiana, caminha para fora do quarto e fecha a porta. Abro a boca, surpreso.

Pouco depois, ouço três batidas na porta, que se abre ligeiramente.

- Bom dia, Sr. Jankowski, posso entrar?

Que diabo de jogo é este?

- Eu perguntei se posso entrar - ela repete.
- Claro - descarrego.
- Muito obrigada - diz ela, aproximando-se e parando ao pé da minha cama.
- O senhor gostaria que eu abrisse a persiana e deixasse entrar o sol divino para iluminá-lo ou o senhor prefere ficar aí sentado na maior escuridão o dia inteiro?
- Ora! Vá em frente e abra logo isso. E pare com essa bobagem.
- Não é nenhuma bobagem, Sr. Jankowski - diz ela, dirigindo-se à janela e abrindo a persiana.
- Nem um pouco. Eu nunca havia pensado nisso antes, e eu lhe agradeço por ter me aberto os olhos.

Será que ela está zombando de mim? Apertando os olhos, examino o seu rosto à procura de pistas.

- Acho que o senhor gostaria de tomar o café-da-manhã aqui no quarto, não? Não respondo, porque continuo desconfiado. Vocês podem pensar que minha preferência já estaria anotada na minha ficha, mas elas me fazem a mesma pergunta toda manhã. Claro que prefiro tomar o café na sala de jantar. Tomá-lo na cama faz com que eu me sinta um inválido. Mas o café é logo depois da troca de fraldas da manhã, e o cheiro das fezes impregna o corredor e me deixa nauseado. Somente uma ou duas horas depois de todos os inválidos estarem limpos, alimentados e estacionados fora de seus quartos é seguro botar a cabeça para fora.

- Ora, Sr. Jankowski, se o senhor espera que as pessoas façam as coisas do seu jeito, vai ter que dar algumas dicas de como quer que essas coisas sejam feitas.

- Sim. Por favor. Vou tomá-lo aqui - digo.

- Então, tudo bem. O senhor vai tomar banho antes ou depois do café?

- Por que você acha que eu preciso de um banho? - pergunto, completamente ofendido, embora eu não tenha nenhuma certeza de que não precise.

- Porque hoje é o dia de o senhor receber visitas - disse ela, com aquele grande sorriso iluminando seu rosto.

- E porque achei que o senhor gostaria de estar elegante e perfumado para sua saída hoje à tarde.

Minha saída? Ah, sim! O circo. Devo admitir que acordar dois dias seguidos com a perspectiva de ir ao circo é muito bom.

- Acho que vou tomá-lo antes do café-da-manhã, se você não se importar - digo, cordialmente.

Uma das maiores indignidades que a velhice acarreta é que as pessoas insistem em ajudá-lo a tomar banho e ir ao banheiro.

Na realidade, eu não preciso de ajuda em nenhum dos dois casos, mas todos estão sempre tão temerosos de que eu escorregue e quebre a bacia de novo que, quer eu queira, quer não, aparece uma acompanhante. Insisto em ir ao banheiro

sozinho, mas há sempre alguém lá, por precaução, e é sempre uma mulher. Eu peço a quem quer que esteja ali que se vire enquanto deixo cair minhas ceroulas e me sento, e depois lhe peço que saia até eu acabar.

Tomar banho é até mais embaraçoso, porque tenho que ficar nu como vim ao mundo na frente de uma enfermeira. Ora, há algumas coisas que nunca morrem totalmente e, embora eu esteja na casa dos 90, meu vigor às vezes ressurgue. Não posso evitar. Elas sempre fingem não notar. São treinadas para isso, me parece, embora fingir não notar seja quase pior do que notar. Significa que me consideram apenas um velho inútil, com um pênis inútil que ainda dá sinais de vida de vez em quando. Mas, se alguma delas levasse isso a sério e tentasse fazer alguma coisa a respeito, o choque provavelmente me mataria.

Rosemary me ajuda a entrar no boxe.

- Isso. Agora é só o senhor segurar nessa barra aí...

- Sei, sei. Já tomei banhos de chuveiro antes - digo, agarrando a barra e me ajeitando na cadeira higiênica. Rosemary tira o chuveiro da haste para que eu possa alcançá-lo e abre a água.

- Que tal a temperatura, Sr. Jankowski? - pergunta balançando a mão, ora dentro, ora fora da água, e desviando discretamente o olhar.

- Ótima. Me dá só um pouco de xampu e pode sair, faz favor.

- O senhor está bem disposto hoje, não é mesmo?

- Ela abre o frasco do xampu e deixa cair algumas gotas na palma da minha mão. É tudo o que necessito, pois só me resta uma meia dúzia de fios de cabelo. - Se precisar de mim é só chamar - diz, fechando a cortina. - Estarei aqui fora.

- Hum, hum.

Quando ela sai, curto bastante minha chuveirada. Tiro a mangueira do chuveiro do seu suporte e, recebendo a água de cima e de perto, deixo-a borrifar meu corpo, direcionando-a para os ombros, fazendo-a escorrer pelas costas depois por cada um dos braços e pernas magrelas. Até jogo a cabeça para trás, olhos fechados, deixando a água atingir em cheio o meu rosto. Faço de conta que é uma chuva de verão, balanço a cabeça e me divirto. Gosto até de sentir a água ali embaixo, naquela cobra rosada e enrugada que gerou cinco filhos tanto tempo atrás.

Às vezes, quando estou deitado, fecho os olhos e me lembro da aparência - e mais especialmente da sensação - do corpo nu de uma mulher. Em geral, é o da minha mulher, mas nem sempre. Fui inteiramente fiel a ela. Nem uma vez sequer, em mais de 60 anos, pulei a cerca, a não ser na minha imaginação, mas tenho a impressão que ela não se importaria com isso. Era extraordinariamente compreensiva.

Meu Deus, sinto falta dessa mulher. E não apenas porque se ela ainda estivesse viva eu não estaria aqui, embora essa seja a mais pura verdade. Não importa quanto

ficássemos velhos, cuidaríamos um do outro, como sempre fizemos. Mas, depois que ela partiu, eu não podia contar com meus filhos. A primeira vez que sofri uma queda, eles providenciaram para que eu fosse costurado antes que eu pudesse dizer um Mas, papai, o senhor fraturou a bacia, disseram, como se eu não tivesse notado.

Bati o pé. Ameacei deixá-los sem um centavo sequer, mas então me dei conta de que já controlavam o meu dinheiro. Não foram eles que me fizeram lembrar disso - simplesmente me deixaram resmungando como um velho gagá até eu perceber.

Isso me deixou ainda mais zangado, porque, se eles tivessem um mínimo de respeito por mim, teriam pelo menos se certificado de que eu tivesse clareza da situação.

Senti-me como uma criancinha mimada que deixam espremer até passar o acesso de raiva.

À medida que fui me dando conta do tamanho do meu desamparo, minha posição começou a se enfraquecer.

Vocês têm razão, concordei. Acho que eu poderia ter alguma ajuda. Talvez alguém em casa durante o dia não seja tão mau, alguém que cuide da cozinha e roupa. Não? Então, que tal alguém para dormir? Sei perfeitamente que descuido um pouco das coisas desde que sua mãe morreu... Mas achei que vocês tinham dito... Tudo bem, então um de vocês poderia se mudar para cá... Mas eu não estou entendendo... Bem, Simon, a sua casa é grande. Com certeza eu poderia...? Não era para ser assim.

Lembro-me de sair da minha casa pela última vez, enrolado como um gato a caminho do veterinário. Enquanto o carro se afastava, meus olhos ficaram tão cheios de lágrimas que não pude olhar para trás.

Não é um asilo, disseram. É uma moradia com assistência - uma assistência progressiva, é isso. Você só recebe ajuda se precisar, e então, quando ficar mais velho...

Eles sempre interrompiam a frase nesse ponto, como se isso pudesse me impedir de concluir o raciocínio lógico.

Durante muito tempo, me senti traído pelo fato de nenhum dos meus cinco filhos ter me convidado para morar com eles. Não mais. Agora que tive tempo para refletir, vejo que eles já têm problemas suficientes sem ter que cuidar de mim.

Simon está com cerca de 70 anos e já teve pelo menos um ataque cardíaco.

Ruth tem diabetes e Peter tem problemas na próstata. A mulher de Joseph se mandou com um garoto de programa quando eles estavam na Grécia, e, embora o câncer de mama de Dinah pareça ter regredido - graças a Deus -, ela levou a neta para morar em sua casa, na tentativa de recuperar a moça, que é mãe de dois filhos ilegítimos e já foi detida por furtar uma loja.

E essas são apenas as coisas que fiquei sabendo. Há muitas outras que eles não

mencionam porque não querem me perturbar. Ouvi várias histórias, mas, quando faço perguntas, eles se fecham. Não devemos perturbar o Vovô.

Por quê? É o que eu gostaria de saber. Detesto essa política bizarra, essa exclusão protetora, pois ela faz com que eu me sinta definitivamente excluído da história. Se não sei o que está acontecendo em suas vidas, como posso participar da conversa? Cheguei à conclusão de que não se trata de mim. É um mecanismo de proteção para eles, um meio de se protegerem contra a minha morte, como quando os adolescentes se afastam dos pais, se preparando para sair de casa. Quando Simon fez 16 anos e se tornou agressivo, achei que era apenas um problema dele.

Quando Dinah chegou a essa idade, eu sabia que não era culpa sua - era algo para o qual ela estava programada.

Mas, apesar do conteúdo um tanto dissimulado, minha família tem sido inteiramente fiel em suas visitas. Todo domingo vem alguém, chova ou faça sol.

Eles falam, e falam, e falam, de como o tempo está ótimo/péssimo/bom, do que fizeram nas férias e do que comeram no almoço, e então, às cinco em ponto, olham aliviados para o relógio e vão embora.

As vezes, ao sair, eles tentam me convencer a ir ao bingo que acontece no final do corredor, como fizeram duas semanas atrás.

O senhor não quer participar?, perguntaram.

Podemos deixá-lo lá quando estivermos saindo. Não parece divertido?

Sem dúvida, respondi. Se você for um vegetal.

E eles riram, o que me agradou, ainda que eu não estivesse brincando. Na minha idade, qualquer coisa é lucro.

Pelo menos, o riso prova que estavam escutando.

Minhas banalidades não lhes interessam, e dificilmente eu poderia culpá-los por isso. Minhas histórias reais estão defasadas. E daí que eu posso falar em primeira mão da gripe espanhola, do advento do automóvel, das guerras mundiais, das guerras frias, das guerras de guerrilha e do Sputnik? Agora, tudo isso é história antiga. Mas o que mais eu tenho a oferecer? Nada de novo me acontece.

Essa é a realidade do envelhecimento, e acho que essa é a questão essencial.

Ainda não estou preparado para ser velho.

Mas eu não deveria me queixar, uma vez que é dia de circo e tudo o mais.

Rosemary volta com a bandeja do café e, quando ela tira a tampa de plástico marrom, vejo que o mingau veio com creme e açúcar mascavo.

- Agora, por favor, não vá contar à Dra. Rashid sobre o creme - diz ela.

- Por que não? Eu não posso comer creme?

- Não é o senhor especificamente. Faz parte da dieta especial. Alguns dos nossos residentes não digerem alimentos com gordura tão bem quanto antes.

- E manteiga?

- Estou indignado. Meu pensamento percorre as últimas semanas, meses e anos, tentando me lembrar da última vez que vi creme ou manteiga. Droga, ela tem razão. Por que será que não percebi? Ou talvez eu tenha percebido e por isso deteste a comida daqui. Bem, não é de espantar. Imagino que também estejamos submetidos a um regime de pouco sal.

- É para que tenham uma vida mais saudável por mais tempo - diz ela, balançando a cabeça.

- Mas eu não sei por que os senhores não deveriam experimentar um pouquinho de manteiga em seus anos áureos.

- Ela levanta os olhos bruscamente.

- O senhor ainda tem vesícula?

- Tenho.

O rosto da moça se entenece de novo.

- Nesse caso, Sr. Jankowski, aproveite esse creme. O senhor quer ver televisão enquanto come?

- Não. Hoje em dia só tem lixo - respondo.

- Concordo plenamente - diz ela, tornando a dobrar o cobertor e o deixando nos pés da cama.

- Se o senhor precisar de mim para qualquer outra coisa é só tocar a campainha.

Depois que ela sai, decido ser mais simpático. Tenho que encontrar um jeito de me lembrar disso. Talvez eu possa enrolar uma tira do guardanapo no dedo, já que não tenho nenhum barbante por perto. Quando eu era jovem, as pessoas estavam sempre fazendo esse tipo de coisa nos filmes. Quero dizer, enrolando barbante nos dedos.

Procuro o guardanapo e então deparo-me com as minhas mãos. Elas estão nodosas e deformadas, com a pele fina e - assim como meu rosto - cobertas de manchas senis.

Meu rosto. Empurro o mingau para o lado e abro o espelho da mesa-penteadeira.

A essa altura eu já devia ter aprendido, mas, ainda assim, é a mim que espero ver. Em vez disso encontro um boneco apalache, murcho e manchado, com bolsas, papos e grandes orelhas caídas. Uns poucos fios de cabelo branco brotam absurdamente do crânio manchado.

Tento baixar os fios grudando-os na cabeça e me espanto com a visão da minha mão velha em minha cabeça velha. Chego mais perto e arregalo bem os olhos, procurando ver além da carne flácida.

Não adianta. Mesmo quando olho direto nos olhos leitosos e azuis no espelho, não me encontro mais. Quando deixei de ser eu? Estou abatido demais para comer. Torno a cobrir o mingau com a tampa marrom e depois, com bastante dificuldade,

localizo o painel de controle da minha cama. Aperto o botão que faz deitar a cabeceira, deixando a mesa móvel pairar na minha frente como um abutre. Ah, esperem, há também um controle para se abaixar a cama. Bom. Agora posso virar de lado sem bater na maldita mesa e derramar o mingau. Não quero fazer isso de novo - podem entender como um ataque de nervos e chamar a Dra. Rashid.

Quando a cama fica na horizontal e o mais baixa possível, viro de lado e fito, através da persiana, o azul do céu mais além. Alguns minutos depois, sinto-me embalado por uma espécie de paz.

O céu, o céu - o mesmo, como sempre foi.

Estou sonhando acordado e fitando o céu através da porta aberta, quando ouço o guincho agudo dos freios e tudo camba para frente. Procuro me firmar no chão áspero e então, depois de recuperar o equilíbrio, passo a mão nos cabelos e amarro os sapatos. Devemos ter chegado finalmente a Joliet.

Ao meu lado, a porta desengonçada range, abrindo-se, e Kinko sai. Ele se escora no batente da porta principal acompanhado de Queenie, que, aos seus pés, olha fixa e intensamente a paisagem que passa. Ele não olha para mim desde o incidente de ontem e, para ser sincero, também acho difícil olhar para ele, oscilando entre uma grande empatia por sua mortificação e uma vontade quase incontável de rir. Quando o trem finalmente pára de resfolegar, Kinko e Queenie desembarcam, executando a batida de palmas e o salto no ar habituais.

A cena lá fora é estranhamente silenciosa. Embora o Esquadrão Voador tenha chegado uma boa meia hora antes de nós, seus homens estão parados por ali, em silêncio. Não se vê o caos organizado. Não há barulho de rampas ou calhas, nenhum xingamento, nenhum laço de corda no ar, nenhuma parelha sendo atrelada. Vêm-se simplesmente centenas de homens desgrehados que olham assombrados para as tendas de campo de outro circo.

Parece uma cidade fantasma. Há uma grande tenda, mas não há multidão. Uma cozinha, mas nenhuma bandeira. O fundo do terreno está cheio de vagões e tendas que servem de camarim, mas as pessoas que sobraram se movimentam de um lado para outro, sem rumo, ou ficam simplesmente à toa, sentadas à sombra.

Salto do carro dos cavalos exatamente quando uma picape Plymouth preta e bege chega e pára no estacionamento. Dois homens de terno saltam do veículo carregando pastas e esquadrinham o ambiente sob a proteção de seus chapéus de feltro.

Tio Al caminha a passos largos na direção deles, Sans Entourage, de cartola balançando a bengala de ponteira de prata. Ele aperta as mãos dos dois homens com uma expressão alegre e cordial. Enquanto fala, vira-se e faz gestos largos que abrangem o terreno. Os empresários assentem com a cabeça e cruzam os braços calculando, refletindo.

Ouçó o cascalho sendo pisado atrás de mim, e então August surge ao meu lado.

- Esse é o nosso Al - diz ele.

- O homem fareja um funcionário municipal; milhas de distância.

Preste atenção: por volta do meio-dia, o prefeito vai estar comendo na mão dele

- continua August, apertando o meu ombro.

- Vamos.

- Aonde? - pergunto.
- A cidade, para tomar o café-da-manhã. Duvido que haja algo para se comer aqui hoje. Provavelmente, só amanhã.
- Meu Deus, é mesmo?
- Bem, podemos tentar, mas mal houve tempo para que o nosso agente chegasse aqui, não é verdade?
- Mas, e eles?
- Eles quem? Aponto para o circo defunto.
- Eles? Quando ficarem muito famintos, eles se mandam. De fato, é a melhor coisa para todo mundo.
- E o nosso pessoal?
- Ah, o nosso pessoal vai sobreviver até aparecer alguma coisa. Não se preocupe. Al não vai deixá-los morrer.

Paramos num restaurante de beira de estrada, na via principal, não muito distante de onde estávamos. Há boxes ao longo de uma parede e, paralelo outra, um balcão laminado e bancos com assentos de forro vermelho. Vejo um punhado de homens sentados ali, fumando e batendo papo com a garota que está em pé do outro lado do balcão.

Seguro a porta para Marlena, que entra imediatamente num dos boxes e deslize para se sentar encostada à parede. August se deixa cair no banco do lado oposto e assim, acabo me sentando ao lado dela. Ela cruza os braços e fixa os olhos na parede.

- Bom dia. O que vão querer? - pergunta a garota, ainda atrás do balcão.
 - O prato do dia - diz August.
 - Estou faminto.
 - Como o senhor quer os ovos?
 - Estralados, com a gema mole.
 - A senhora?
 - Só café - diz Marlena, cruzando as pernas e balançando o pé. O movimento é frenético, quase agressivo. Ela não olha para garçoneiro. Nem para August.
- Nem para mim, acabo de perceber.
- O senhor? -pergunta a garota.
 - Hum, o mesmo que ele - respondo.
 - Obrigado.

August se inclina para trás, saca um maço de Camel e dá um tapinha no fundo do maço. Um cigarro desenha um arco no ar. Ele o apanha nos lábios e se inclina de novo, com olhos brilhantes e as mãos abertas, num gesto de triunfo.

Marlena se vira para encará-lo. Ela aplaude lenta e deliberadamente, o rosto impassível.

- Vamos lá, querida. Deixe de bobagem - diz August.
- Você sabe muito bem que não tínhamos carne nenhuma.
- Com licença - diz ela, escorregando na minha direção. Saio do seu caminho. Ela se dirige à porta com passos decididos, batendo os saltos no chão e gingando sob o vestido vermelho.

- Mulheres - diz August, protegendo o cigarro com a mão em concha para acendê-lo. Em seguida, tampa o isqueiro com um estalido.

- Ah, me desculpe. Quer um?

- Não, obrigado. Não fumo.

- Não? - ele pergunta surpreso, dando um trago fundo.

- Mas deveria. É bom para sua saúde.

- Ele torna a guardar o maço no bolso e estala os dedos, fazendo sinal para garota atrás do balcão. Ela está diante de uma grelha, segurando uma espátula.

- Como é, está saindo? Não temos o dia todo.

Ela pára, com a espátula no ar. Dois dos homens sentados ao balcão se viram lentamente para nós e nos encaram com olhos arregalados.

- Hum, August - murmuro.

- Qual é?

- Ele parece realmente intrigado.

- Está saindo o mais rápido que posso - diz a garçonete, num tom indiferente.

- Ótimo. Era o que eu queria saber - retruca August. E, inclinando-se para mim, continua a falar em voz mais baixa.

- O que foi que eu disse? Mulher deve ser a lua cheia ou algo assim.

Quando volto ao terreno, vejo que algumas tendas especiais do Circo Irmãos Benzini já estão armadas: a das jaulas, a da estrebaria e a da cozinha.

Bandeira trêmula e o cheiro de gordura rançosa impregnam o ar.

- Nem se dê ao trabalho! - observa um homem que sai da tenda.

- É só uma massa frita e café de chicória para ajudar a descer!

- Obrigado por avisar.

Ele dá uma cuspidela e se afasta com um andar desajeitado.

Os empregados do circo dos Irmãos Fox que restaram formam uma fila frente do vagão-escritório. Uma esperança ansiosa os cerca. Alguns sorriem e contam piadas, mas a risada é estridente, nervosa. Alguns, de braços cruzados, olham fixamente para frente. Outros se agitam e andam de um lado para o outro, cabeça baixa. Um a um, são chamados lá dentro para uma entrevista com Tio Al a maioria sai derrotada. Alguns enxugam os olhos e conversam em voz baixa com outros companheiros que estão no início da fila. Outros olham para frente, estoicamente, antes de tomar o rumo da cidade.

Dois anões entram juntos. E saem alguns minutos depois, com caras tristes

parando para falar com um grupinho de homens. Em seguida eles vão penosamente estrada abaixo, andando lado a lado, de cabeça erguida, carregando suas coisas em fronthas jogadas sobre os ombros.

Examino o grupo de pessoas à procura das famosas aberrações. (Há, sem dúvida, algumas esquisitices: anões, pigmeus e gigantes, uma mulher barbada (como Al já tem uma, esse provavelmente não é seu dia de sorte), um homem obeso poderá se sair bem caso Al queira um casal) e uma coleção variada e habitual de gente e cachorros de aparência triste. Mas nenhum homem com uma espécie de criança lhe saindo do peito.

Depois de Tio AL ter feito sua seleção, nossos operários desarmam todas as outras tendas exceto as da estrebaria e das jaulas. O restante dos homens do circo dos Irmãos Foz, que não está mais na folha de pagamento de ninguém, permanece sentado e observando, fumando e cuspiendo tabaco nas moitas altas.

Quando Tio Al descobre que os funcionários municipais ainda não registraram os cavalos de carga dos Irmãos Fox, alguns desses animais são levados, furtivamente, de uma estrebaria para outra. Uma apropriação, digamos. E Tio Al não foi o único que teve essa idéia - alguns fazendeiros estão por ali, nos limites do terreno, arrastando laços.

- Eles vão simplesmente se mandar daqui com os cavalos? - pergunto a Pete.
- Provavelmente - responde ele.
- Não me importa a mínima, desde que não toquem nos nossos. Mas fique de olho. Temos ainda um ou dois dias sem saber ao certo o que compramos, e não quero dar falta de nenhum animal.

Nossos animais de carga trabalharam dobrado, e os cavalos maiores estão ofegantes e espumando. Convenço um funcionário a abrir um hidrante para que possamos lhes dar água, mas eles continuam sem feno e sem aveia.

August volta enquanto estamos enchendo o último balde.

- Que diabos vocês estão fazendo? Esses cavalos passaram três dias num trem. Levem-nos para o calçamento e lhes dêem uma surra pata que não amoleçam.
- Uma surra é o cacete - retruca Peter.
- Olhe à sua volta. Que raios você acha que eles andaram fazendo nessas últimas quatro horas?
- Você usou os nossos cavalos?
- O que você queria que eu usasse?
- Devia ter usado os cavalos deles, ora bolas
- Não sei da porra dos cavalos deles! - berrou Pete.
- Aliás, porque usaríamos os cavalos deles se temos que dar chicotadas nos nossos para deixá-los em forma? August abre a boca, em seguida a fecha e desaparece.

Não demora muito, caminhões chegam ao terreno. Eles vão de marcha a ré, um após o outro, até a cozinha, e então vemos uma quantidade inacreditável de alimentos desaparecer nos fundos da tenda. A equipe da cozinha põe mãos à obra e, pouco depois, a caldeira está funcionando e um cheiro de comida boa - comida de verdade - invade o terreno.

O alimento e a palha para os animais chegam em seguida, em carroças em vez de caminhões. Quando transportamos o feno para tenda da estrebaria, os cavalos relincham, dão roncões, espicham o pescoço e agarram bocados com a boca antes mesmo que a forragem chegue ao chão.

Os animais da tenda das jaulas não parecem menos contentes de nos ver - os chimpanzés gritam e se balançam nas barras de suas jaulas, mostrando sorrisos cheios de dentes. Os comedores de carne andam de um lado para o outro. Os comedores de feno sacodem as cabeças, relinchando, gritando e até latindo de tanta agitação.

Abro a jaula do orangotango-fêmea e deposito uma vasilha com frutas, verduras e nozes no chão. Ao fechá-la, o braço comprido do bicho passa pelas barras da jaula. E ela aponta para uma laranja em outra vasilha.

- Essa? É essa que você quer?

Ela continua a apontar, piscando para mim seus olhos muito próximos um do outro. As feições são côncavas, a cara parece um prato grande com uma franja avermelhada. É a coisa mais terrível e mais bela que já vi.

- Tome - digo, entregando-lhe a laranja.

- É sua.

Ela a pega e a põe no chão. Em seguida coloca o braço para fora de novo.

Depois de alguns segundos de muito receio, estendo a mão. O orangotango-fêmea envolve a minha mão com seus dedos compridos e depois a solta. Então se senta nas ancas e descasca a laranja.

Olho assombrado. Ela estava me agradecendo.

- Então está tudo certo - diz August ao sairmos da tenda das jaulas. Ele põe a mão no meu ombro.

- Vamos tomar alguma coisa, garoto?

Tem limonada no camarim de Marlena, não aquele refresco nojento da barraquinha.

Misturamos um pouco de uísque, que tal?

- Vou em um minuto - respondo.

- Preciso dar uma olhada nos outros animais.

Por causa da situação peculiar do vagão dos cavalos dos Irmãos Fox - cujo número de animais diminuiu no decorrer de toda a tarde - me certifiquei pessoalmente de que eles tinham recebido comida e água. Mas ainda tenho que ver

os animais exóticos e os cavalos do show.

- Não - diz August, com firmeza.

- Você vai me acompanhar agora.

Eu o examino, surpreso com seu tom de voz.

- Tudo bem. Claro. Sabe se eles receberam água e comida?

- Vão receber. Em algum momento.

- O quê?

- Vão receber água e comida. Em algum momento.

- August, está fazendo um calor de mais de 30 graus. Não podemos deixá-los sem água. Pelo menos isso.

- Podemos, sim. E é exatamente o que vamos fazer. É assim que o Tio Al faz negócios. Ele e o prefeito vão jogar conversa fora por algum tempo, o prefeito, ao se dar conta de que não tem a menor idéia do que fazer com girafas, zebras e leões, vai baixar os preços, e só então é que nos dirigimos para lá.

- Sinto muito, mas não posso fazer uma coisa dessas - digo, virando-me a fim de me afastar dali.

Ele segura meu braço e se põe na minha frente, inclinando-se, e se aproxima tanto que seu rosto fica a poucos centímetros do meu. Em seguida, põe um dedo na minha cara.

- Sim, você pode. Vamos cuidar deles. Só que não agora. É assim que funciona.

- Isso é um absurdo.

- Tio Al fez uma obra de arte ao construir este circo. Somos o que somos por causa disso. Quem sabe o que há naquela tenda? Se não houver nada que ele queira, tudo bem. Quem se importa? Agora, se ele quiser algo dali e acabar pagando mais caro por causa da sua intromissão, pode crer que o Al vai perturbar você. Está entendendo? - Ele fala entre dentes.

- Você..., está..., entendendo? - pergunta de novo, fazendo uma pausa antes de cada palavra.

Fito-o diretamente nos olhos, que não piscam.

- Perfeitamente - respondo.

- Bom - diz ele. E, tirando o dedo do meu rosto, dá um passo para trás.

- Muito bom - repete, assentindo com a cabeça e relaxando o rosto. E então força um sorriso.

- Sabe, aquele uísque vai cair bem.

- Acho que vou dispensar.

Ele me observa por um instante e depois dá de ombros:

- Você é que sabe.

Sento-me a uma certa distância da tenda que abriga os animais abandonados, observando-a com um desespero cada vez maior. A lona de um lado da tenda chega

a inflar pelo lado de dentro, com o sopro de um vento repentino. Mas não há nenhuma corrente de ar. Nunca senti o sol tão forte na cabeça nem a garganta tão seca. Tiro o chapéu e passo o braço poeirento na testa, tentando secá-la.

Quando a bandeira laranja e azul aparece acima da cozinha, chamando para o jantar, um grupo de novos empregados dos Irmãos Benzini entra na fila.

Eles são identificáveis pelos tíquetes-refeição vermelhos que seguram firmemente nas mãos. O obeso teve sorte, assim como a mulher barbada e alguns anões. Tio Al só contratou artistas, embora um infeliz tenha voltado a ficar desempregado em questão de minutos, porque August o pegou apreciando Marlena no momento em que ele saía do vagão-escritório.

Alguns outros tentam entrar na fila, mas nenhum deles consegue passar por Ezra.

Seu único trabalho é conhecer todo mundo que faz parte do espetáculo, e, por Deus, Ezra é bom nisso. Quando ele faz sinal com o polegar diante de algum infeliz, Blackie dá um passo à frente para cuidar do sujeito. Um ou outro dos rejeitados consegue apanhar um bocado de comida antes de ser lançado para fora da cozinha.

Homens desmazelados, silenciosos, ficam por ali, espiando com olhos famintos. Quando Marlena se afasta do balcão fumegante, um deles se dirige a ela. É alto, magro e tem bochechas caídas. Em outras condições ele talvez fosse considerado bonito.

- Moça! Ei, moça! Pode me dar um pouquinho? Só um pedaço de pão? Marlena pára e olha para ele, o rosto encovado e os olhos desesperados. Ela olha para o prato.

- Ah, por favor, moça. Seja caridosa. Faz dois dias que não como. - O homem passa a língua pelos lábios rachados.

- Continuem andando! - diz August, pegando Marlena pelo cotovelo e a conduzindo com firmeza em direção a uma mesa no centro da tenda. Não é a nossa mesa habitual, mas já percebi que as pessoas não discutem com August. Marlena se senta silenciosa e, de vez em quando, olha para os homens que estão fora da tenda, - Ah, não adianta - diz ela, deixando cair os talheres na mesa.

- Não dá para comer com esses pobres-diabos aí fora.

- Ela se levanta e pega o prato da mesa.

- Aonde você vai? - pergunta August rispidamente.

Marlena o encara de pé.

- Como é que eu posso me sentar aqui e comer quando eles não comem nada há dois dias?

- Você não vai dar nada a ele - diz August.

- Agora, sente-se aí.

Muitas pessoas das outras mesas viram-se para olhar a cena. August sorri

nervosamente para elas e se inclina para Marlena.

- Querida - diz, ansioso -, sei que é difícil para você. Mas, se você der algo de comer àquele homem, vai incentivá-lo a ficar por aqui, à toa, e depois? O Tio Al já fez suas escolhas. Ele não foi selecionado, então tem que ir embora, só isso. E quanto mais cedo melhor. Para o próprio bem dele. Na verdade, é um ato de caridade.

Os olhos de Marlena se apertam. Ela pousa o prato na mesa, espeta uma costeleta de porco com o garfo e a coloca de qualquer jeito sobre um pedaço de pão.

Surrupia o pão de August, cobre a costela com ele e se afasta furiosa.

- O que você pensa que está fazendo? - August grita.

Ela se encaminha diretamente para o homem macilento, pega a mão dele e mete o sanduíche nela. Em seguida se afasta, com passos decididos, enquanto se ouvem palmas e assovios esparsos vindos do lado da tenda onde sentam os trabalhadores.

August treme de tanta raiva e uma veia salta nas suas têmporas. Logo depois ele se levanta, levando o prato consigo. Joga o conteúdo do prato no lixo e sai.

Olho para o meu prato, cheio de costeletas de porco, vagens, purê de batata e maçãs assadas. Trabalhei como um condenado o dia inteiro, mas não consigo comer nada.

Embora sejam quase sete horas, o sol ainda está alto e o ar é pesado. Este terreno é muito diferente do outro que deixamos para trás, no nordeste. Este aqui é plano e muito seco, coberto por uma grama alta, parda, pisoteada e seca como feno. Perto dos trilhos, onde o mato alto tomou conta das margens do terreno, há plantas rijas de caules fibrosos, folhas pequenas e flores compactas.

Destinadas a não fazer mais nada a não ser florescer na direção do sol.

Quando passo pela estrebaria, vejo Kinko parado à sombra escassa da tenda.

Queenie está acorada na frente dele, defecando descuidadamente, arrastando o traseiro no chão a cada jato de líquido que expele.

- O que é que há? - pergunto, parando de repente ao lado dele.

Kinko me lança um olhar feroz.

- O que está parecendo? Ela está com diarreia.

- O que ela comeu?

- E eu é que sei, porra? Dou um passo à frente e espio de perto um dos montinhos, procurando sinais de vermes. Ela parece estar limpa.

- Veja se eles têm mel lá na cozinha.

- Hein? - diz Kinko, endireitando-se e me olhando de lado.

- Mel. Se conseguir pó de casca de olmo, traga um pouco também. Mas uma colherada de mel já deve ajudar bastante.

Ele me olha com a cara fechada por um instante, com as mãos nos quadris.

- Está bem - diz, desconfiado. Depois volta-se para cadela.

Continuo a andar, parando afinal para descansar numa área com grama a certa distância da tenda das jaulas dos Irmãos Fox, que continua num abandono agourento, como se estivesse rodeada por um campo minado. Ninguém ultrapassa o limite de 20 metros de distância da tenda. As condições lá dentro devem estar terríveis, mas, além de prender Tio Al e August e seqüestrar o carro da água, não consigo pensar em mais nada que eu possa fazer. Fico cada vez mais desesperado e sinto que não posso continuar ali sentado. Levanto-me e vou para nossa tenda das jaulas. Mesmo sendo beneficiados com cochos cheios d'água e correntes de ar, mais parecem estuporados de tanto calor. As zebras, as girafas e os outros comedores de feno continuam de pé, mas têm as cabeças baixas e os olhos semicerrados. Até o iaque está imóvel, apesar das moscas que zunem implacavelmente ao redor de suas orelhas e seus olhos. Eu as afugento a tapas, mas elas voltam no mesmo instante. É um esforço inútil.

Vejo o urso-polar deitado de barriga para baixo, com a cabeça e o focinho arcados para frente. Em repouso, ele parece inofensivo - e até aconchegante, com a maior parte do seu volume concentrado na parte inferior do corpo. Ele respira fundo, faz uma pausa e depois expira, dando um longo e retumbante gemido. Pobre criatura. Duvido que a temperatura em qualquer lugar do ártico chegue ao menos perto desse calor.

O orangotango está deitado de costas, arriado, com as pernas e os braços abertos.

Ela vira a cabeça para me espiar e pisca tristemente, como se pedisse desculpas por não poder se esforçar mais.

Tudo bem, digo com os olhos, eu compreendo.

Ela pisca mais uma vez e então vira a cara, voltando a olhar para o teto. Quando chego aos cavalos de Marlena, eles relincham em sinal de lamento e esfregam os beiços em minhas mãos, que ainda cheiram a maçã. Quando percebem que não tenho nada para eles, perdem o interesse e voltam ao estado de semiconsciência em que se encontravam.

Os felinos estão deitados de lado, absolutamente imóveis, com os olhos fechados. Não fosse o movimento regular de subida e descida de suas costelas poderia pensar que estivessem mortos. Pressiono a testa contra a grade e fico ali a observá-los por muito tempo. Finalmente me viro para ir embora. me afastei quase três metros quando, de repente, dou meia-volta.

Acabo de perceber que os pisos de suas jaulas estão absolutamente limpos.

Marlena e August estão discutindo tão alto que posso ouvi-los a quase 20 metros de distância. Faço uma pausa, do lado de fora da tenda-camarim dela, sem saber exatamente se quero ou não interrompê-los. Mas também não quero ouvi-los,

então encho-me de coragem e encosto a boca na abertura da tenda.

- August! Ei, August!

As vozes se calam. Ouço uns pés se arrastando e alguém pedindo silêncio com um "psiu".

- O que foi?

- Clive deu comida aos felinos?

O rosto de August aparece na fresta da lona.

- Hã. Bem, foi meio difícil, mas consegui arranjar alguma coisa.

- O quê?

- Vai chegar amanhã de manhã. Não se preocupe. Eles vão ficar bem.

Ah, meu Deus! - diz ele, esticando o pescoço para ver atrás de mim.

- E agora, o que é? Tio Al vem a passos largos em nossa direção, de casaca vermelha e cartola.

Suas pernas, na calça axadrezada, parecem devorar o chão. Os bajuladores o seguem, correndo para não ficar para trás.

August suspira e segura a abertura da tenda para que eu passe.

- E melhor você entrar e se sentar. Parece que você vai ter a sua primeira aula de como fazer negócios.

Abaixo a cabeça e me enfio lá dentro. Marlena está sentada à penteadeira, de braços e pernas cruzados, balançando o pé furiosamente.

- Minha querida - diz August.

- Recomponha-se.

- Marlena? - chama o Tio Al, sua voz saindo exatamente de trás da abertura da tenda.

- Marlena? Posso entrar, querida? Preciso ter uma palavrinha com August.

Marlena estala os lábios, revira os olhos e cantarola:

- Pode, Tio Al. Claro, Tio Al. Por favor, Tio Al, entre.

A aba da tenda se abre e Tio Al entra suando visivelmente, e com um sorriso radiante de orelha a orelha.

- Fechei o negócio - diz ele, parando na frente de August.

- Então o cara é seu - diz August.

- O quê? - retruca Tio Al, piscando de tão surpreso.

- A aberração - diz August.

- Charles Não-sei-o-quê.

- Não, não, esquece ele.

- O que você quer dizer com "esquece ele"? - retoma August.

- Achei que ele era o principal motivo da nossa vinda para cá.

O que aconteceu?

- Como? - pergunta Tio Al, num tom vago. Aparecem algumas cabeças atrás

dele se balançando com veemência. Com um gesto, um homem dá a entender que vai lhe cortar a garganta.

August olha para o grupo e suspira.

- Ah! Ringling ganhou a parada.

- Esquece isso - diz Tio Al.

- Tenho novidades. Grandes novidades! Vocês poderiam até dizer novidades extraordinárias!

- Ele olha para trás, para os puxa-sacos, e recebe gargalhadas calorosas. Então se vira de novo e diz:

- Adivinhem.

- Não tenho a menor idéia - diz August.

Al se volta esperançoso para Marlena.

- Não sei - resmunga ela, mal-humorada.

- Conseguimos um bichão! - berra Tio Al, abrindo os braços para comemorar e acertando a bengala num puxa-saco, que dá um salto para trás.

O rosto de August fica tenso.

- O quê?

- Um bichão! Um elefante!

- Você agora tem um elefante?

- Não, August. Você tem um elefante. Aliás, uma elefanta. Seu nome é Rosie, ela tem 53 anos e é realmente brilhante. O melhor animal que eles tinham. Mal posso esperar para ver o número que você vai inventar...

Al fecha os olhos para visualizar melhor a imagem. Os dedos dançam diante do seu rosto. Ele sorri de olhos fechados, em êxtase.

- Estou contando com a participação de Marlena. Ela pode montar Rosie durante o Grande Desfile, e então você pode bolar um número para o picadeiro central. Ah, aqui! - Ele dá meia-volta e estala os dedos.

- Cadê? Vamos com isso, vamos, seus idiotas! Surge, então, uma garrafa de champanhe. Al, com uma reverência exagerada, apresenta a garrafa a Marlena para que ela a inspecione. Em seguida ele desenrosca o fecho de arame e faz a rolha saltar.

De algum lugar atrás dele surgem taças que são arrumadas sobre a penteadeira de Marlena.

Tio Al despeja uma pequena quantidade em cada uma e passa as taças para Marlena, para August e para mim.

Ele levanta a última taça bem alto. Seus olhos estão enevoados. Ele suspira fundo e leva uma das mãos ao peito.

- É com imenso prazer que celebro esta ocasião de tamanha importância com vocês, meus amigos mais queridos neste mundo.

- Ele se balança para frente, apoiado nos pés espalmados, e consegue que uma lágrima de verdade role por sua bochecha gorda abaixo.

- Não só temos um veterinário que estudou em Comeu, como temos um elefante. Um elefante!

- Al funga de felicidade e faz uma pausa, triunfante.

- Espero por este dia há anos. E isto é só o começo, meus amigos. Agora, fazemos parte das grandes ligas. Somos um circo de peso.

Ouvem-se palmas esparsas vindas de trás dele. Marlena equilibra a taça sobre o joelho. August agarra a sua, firmemente, na frente do corpo. A não ser pelo gesto de segurar a taça, ele não moveu um músculo sequer.

Tio Al ergue sua champanhe e grita:

- Ao Circo Irmãos Benzini, o Maior Espetáculo da Terra!

- Irmãos Benzini! Irmãos Benzini! - gritam as vozes atrás dele. Marlena e August ficam em silêncio.

Al esvazia o conteúdo da taça e a entrega para o membro mais próximo do seu séqüito, que a mete no bolso do casaco e segue Tio Al para fora da tenda. A aba de lona se fecha e restamos apenas nós três ali.

Há um momento de completo silêncio. Então August balança a cabeça, como se voltasse a si.

- Acho que é melhor a gente ir lá ver essa mula cinzenta - diz, esvaziando a taça de um só gole.

- Jacob, agora você pode examinar aqueles malditos animais.

Está satisfeito? Olho para ele espantado. Então também esvazio minha taça e Marlena faz o mesmo, como percebo ao olhar de soslaio para ela.

A tenda das jaulas dos Irmãos Fox está agora cheia de homens dos Irmãos Benzini. Eles correm de um lado para outro, enchendo os cochos, remexendo o feno e tirando o esterco com pás. Algumas partes da parede lateral foram levantadas para criar uma corrente de ar. Ao entrarmos, esquadrinho a tenda à procura de animais em apuros. Felizmente, todos parecem bem vivos.

De repente, a elefanta se agiganta contra a parede lateral mais afastada. Um animal enorme, da cor de nuvens de chuva.

Abrimos caminho entre os trabalhadores e paramos na frente da elefanta. É um bicho descomunal - tem pelo menos três metros de altura até o ombro, sua pele manchada e rachada, como o leito de um mio seco, desde a ponta da tromba até a enormes patas. Somente as orelhas são lisas. Ela nos espia com um olhar triste, quase humano. Tem olhos cor de âmbar, bem fundos e emoldurados por duos longos.

- Santo Deus! - exclama August.

A tromba tenta nos alcançar, movendo-se como uma criatura independente. E se sacode diante de August, depois de Marlena e, finalmente, diante de mim.

Na ponta da tromba, uma saliência que parece um dedo se balança e procura agarrar algo. As narinas se abrem e se fecham, cheiram e sopram. Então a tromba se recolhe e balança como um pêndulo na frente do corpo, um verme enorme e musculoso. O dedo agarra palhas do feno do chão e depois as deixa cair. Observo a tromba oscilante e me dou conta de que eu gostaria que ela voltasse a fazer o movimento anterior. Estendo a mão num gesto de oferecimento, mas a tromba não volta.

August olha consternado e Marlena simplesmente observa. Não sei o que pensar. Nunca vi um animal desse tamanho. Ela chega a quase um metro e meio acima da minha cabeça.

- Você é o homem dos elefantes? - pergunta um sujeito que se aproxima pela direita. Vejo que a camisa dele está suja e para fora da calça, mal arrumada debaixo dos suspensórios.

- Sou o diretor do setor eqüestre e superintendente dos animais - retrucou August, empertigando -se.

- Cadê o seu homem dos elefantes? - pergunta o outro, cuspiendo tabaco pelo canto da boca.

A elefanta estica a tromba e bate no ombro do sujeito. Ele dá uma pancada no animal e sai de perto. O animal abre a boca em forma de pá no que só pode ser descrito como um sorriso e começa a se balançar, seguindo o ritmo da tromba.

- Por que você quer saber? - retruca August.

- Só quero trocar uma palavra com ele.

- Para quê?

- Para que ele saiba o que o espera - responde o homem.

- O que você quer dizer com isso?

- Traga o homem dos elefantes e eu explico.

August pega meu braço e me puxa para frente.

Aqui. Este é o homem dos elefantes. Então, o que é que nos espera?

O homem olha para mim, empurra o tabaco que tem na boca para um canto da bochecha e continua falando para August.

- Este aqui é o animal mais estúpido da face da Terra.

August olha para ele assombrado.

- Achei que fosse o melhor elefante. Al disse que ela era a melhor.

O homem bufa e cospe um bocado de saliva marrom na direção do animal.

- Se era a melhor, por que foi a única que sobrou?

Vocês acham que são os primeiros a aparecer por aqui para recolher as sobras? Vocês levaram três dias para chegar. Bem, boa sorte. - Ele se vira para ir embora.

- Espere - diz August imediatamente.

- Conte mais. Ela é arredia?

- Não. Ela é só burra como uma porta.

- E de onde ela veio?

- Um andarilho apareceu com ela. Um polaco nojentto que caiu morto em Libertyville. A prefeitura a vendeu a preço de banana. Mas acabou sendo um péssimo negócio, porque desde então ela não faz outra coisa senão comer.

August o fita, pálido.

- Você está dizendo que ela nunca esteve num circo? O homem passa a perna por cima da corda e desaparece, sumindo atrás da elefanta. Pouco depois, ele volta com uma vara de madeira de mais ou menos um metro de altura, com uma ponta de metal de uns 10 centímetros.

- Aqui está o gancho para aticá-la. Você vai precisar dele. Agora, boa sorte.

Quanto a mim, espero nunca mais ver um elefante na vida.

- Ele dá mais uma cuspamada e se afasta.

August e Marlena acompanham-no com olhos espantados. Viro-me a tempo de ver a elefanta tirar a tromba do cocho. Ela a levanta, mira e dispara um esguicho de água contra o homem com tanta força que o chapéu voa da cabeça dele.

Ele pára, o cabelo e as roupas pingando. Fica imóvel por um momento. Em seguida, enxuga o rosto, dobra-se para recuperar o chapéu, faz uma reverência na direção da assombrada platéia de trabalhadores e segue caminho.

August sopra e bufa, tão vermelho que chega quase a parecer roxo. Então ele se afasta com passos firmes, provavelmente para tirar essa história a limpo com Tio Al.

Marlena e eu nos olhamos. Num entendimento velado, nenhum de nós o acompanha.

Um a um, os trabalhadores saem da tenda. Os animais, finalmente alimentados e com a sede aplacada, se acomodam para noite. Ao final de um dia atribulado vem o sossego.

Marlena e eu estamos sozinhos, dando chumaços de feno à tromba atrevida de Rosie. Quando aquele seu estranho dedo agarra um pouco do feno que ofereço, Marlena solta risadinhas que parecem guinchos. Rosie sacode a cabeça e abre a boca num sorriso.

Viro-me e vejo Marlena me fitando. Os únicos sons dentro da tenda das jaulas são um arrastar de patas, uma respiração forte e uma mastigação tranqüila. Lá fora, a distancia, alguém toca uma gaita - uma toada em três tempos, que não consigo identificar.

Não sei como aconteceu - eu a puxei ou ela me procurou? -, mas ela está em meus braços e nós estamos valsando, nos inclinando e deslizando na frente da corda pendurada frouxamente. Ao girarmos, avisto a tromba levantada e a cara sorridente de Rosie.

De repente Marlena se afasta.

Fico imóvel, os braços ainda ligeiramente estendidos, sem saber o que fazer.

- Hum - diz Marlena, corando intensamente e olhando para todos os lados, menos para mim.

- Bem. Vamos esperar pelo August, está bem?

Eu a encaro demoradamente. Quero beijá-la. Quero beijá-la mais do que jamais quis qualquer coisa na minha vida.

- Sim - digo por fim.

- Vamos.

Uma hora depois, August volta ao camarote. Entra nervoso, batendo a porta. Marlena se dirige imediatamente ao armário.

- Aquele filho-da-puta inútil pagou dois mil paus por aquela merda de elefante inútil - diz, atirando o chapéu num canto e arrancando o casaco.

- Dois mil paus! - Ele se joga na cadeira mais próxima e abaixa a cabeça, cobrindo-a com as mãos.

Marlena pega uma garrafa de uísque batizado, faz uma pausa, olha para August

e depois torna a guardá-la. Em seu lugar, pega a garrafa de malte puro.

- E isso não é o pior. Ah, não! - August arranca a gravata e, exasperado, desabotoa o colarinho.

- Querem sabem o que mais ele fez? Hemmmmm? vamos lá, adivinhem.

Ele olha direto para Marlena, que está absolutamente tranqüila. Ela despeja uns quatro dedos de uísque em cada um dos três copinhos.

- Adivinhem! - rosna August.

- Realmente não tenho idéia - diz Marlena, calmamente, tampando o uísque.

- Ele gastou o resto do dinheiro num carro de elefantes.

Marlena se vira de repente, passando a prestar atenção.

- Ele não contratou nenhum artista?

- Claro que contratou.

- Mas...

- Exatamente - August a interrompe.

Marlena lhe estende um copo, movimenta-se para me entregar o meu e então se senta.

Tomo um gole e espero o máximo que posso.

- Bem, vocês dois podem saber do que diabos estão falando, mas eu, não.

Alguém pode me explicar? August enche as bochechas e sopra com força, em seguida afasta uma mecha de cabelo que caiu sobre a sua testa. Inclina-se para frente, os cotovelos apoiados nos joelhos. Então levanta os olhos, cravando-os nos meus.

- Quer dizer, Jacob, que contratamos mais gente e não temos onde acomodar todo mundo. Quer dizer, Jacob, que Tio Al tomou um dos vagões-dormitório dos trabalhadores e deu aos artistas. E, como contratou duas mulheres, ele teve que botar divisórias. Quer dizer, Jacob, que, para poder acomodar menos de uma dúzia de artistas, teremos que botar 64 trabalhadores dormindo sob os vagões, nas plataformas.

- Isso é uma idiotice - retruco.

- Ele deveria simplesmente encher o vagão- dormitório com todos que precisam de cama.

- Ele não pode fazer isso - diz Marlena.

- Por que não? - Porque não se pode misturar trabalhadores com artistas.

- Não é exatamente o que acontece comigo e com Kinko?

- Rá! - August bufá, inclinando-se para frente e esboçando um sorriso torto.

- É, me diga, estou louco para saber, como está sendo? - Ele entorta a cabeça e sorri.

Marlena respira fundo e cruza as pernas. Em seguida aquele sapato de couro vermelho começa a se balançar para cima e para baixo.

Entorno meu uísque pela goela abaixo e saio.

Foi um bocado de uísque, que começa a fazer efeito em algum ponto entre os camarotes e os vagões. Clamo que não sou o único sob esse efeito - agora que o “negócio” foi fechado, todo mundo ligado ao Circo Irmãos Benzini está se soltando. São reuniões de todo tipo, desde soirées comemorativas animadas pelo jazz tocado no rádio e explosões de risadas a ajuntamentos desconexos de homens sujos que se amontoam a uma certa distância do trem e fazem circular todo tipo de substâncias tóxicas. Avisto Camel, que me cumprimenta levantando a mão antes de passar adiante a garrafinha de bebida.

Ouçoo um ruído na grama alta e paro para investigar o que é. Vejo uma mulher de pernas nuas, bem abertas, com um homem entre elas. Ele grunhe e berra como um bode, suas calças estão arriadas até a altura dos joelhos e as nádegas peludas se sacodem para cima e para baixo. Ela agarra a camisa dele com as mãos fechadas, gemendo a cada estocada. Demoro um minuto para me dar conta do que estou vendo - quando caio em mim, desvio o olhar e sigo em frente, cambaleando.

Ao me aproximar do carro dos cavalos, vejo algumas pessoas sentadas no vão da porta aberta e outras andando em círculos do lado de fora.

Há ainda mais gente lá dentro. Kinko está dando uma festa, tem uma garrafa na mão e um ar de hospitalidade bêbada no rosto. Quando ele me vê, tropeça e se desequilibra, inclinando-se para frente. Logo aparecem mãos que o seguram.

- Jacob! Meu companheiro! - berra, os olhos brilhando ferozmente. Ele se livra dos amigos e se apruma.

- Pessoal, amigos! - Seu chamado atravessa o grupo de mais ou menos 30 pessoas que se encontra no espaço normalmente ocupado pelos cavalos de Marlena. Ele se aproxima e me abraça pela cintura.

- Este é meu querido amigo Jacob! - Ele faz uma pausa e toma um gole da garrafa.

- Por favor, recebam-no bem - diz ele.

- Em consideração a mim.

Seus convidados assobiam e riem. Kinko ri até começar a tossir e então solta minha cintura e sacode a mão na frente da cara arroxeadada até parar de cuspir.

Depois abraça a cintura do homem que está ao nosso lado. Os dois cambaleiam.

Como o quarto das cabras está apinhado de gente, sigo na direção da outra extremidade do carro, onde ficava o Silver Star, deixo meu corpo cair e me encosto na parede com fendas.

Ao meu lado, o monte de palha se mexe. Estendo o braço e dou umas cutucadas na palha, esperando não encontrar uma ratazana. O rabo branco e cotó de Queenie fica visível apenas por um instante antes que ela se enfie mais na palha,

como um caranguejo na areia.

Daí em diante, não tenho muita certeza da sequência dos acontecimentos.

Algumas garrafas passam pela minha mão e estou bem certo de que bebi da maioria delas. Não demora muito e as coisas já estão girando e sou invadido pela bondade humana para com tudo e com todos. As pessoas abraçam meus ombros e eu abraço os delas. Rimos estrondosamente - de quê, não me lembro, mas tudo é farra.

Começamos um jogo de arremessar algo em um alvo e quem errar tem que tomar um drinque. Erro muitas vezes. Por fim, começo a achar que vou vomitar e me afasto engatinhando, para o divertimento de todo mundo.

Sento-me num canto. Não me lembro exatamente de como cheguei aqui, mas estou encostado na parede, com a cabeça descansando sobre os joelhos. Eu gostaria que o mundo parasse de girar, mas ele não pára, então procuro mudar de posição e encostar a cabeça na parede.

- Muito bem, o que temos aqui? - diz uma voz sensual vinda de algum lugar muito próximo.

Meus olhos se abrem, espantados. Exatamente abaixo do meu nariz vejo um par de seios apertados numa blusa. Ergo os olhos até ver um rosto. É Bárbara. Pisco rapidamente, tentando ver apenas uma imagem dela. Ai, meu Deus - não adianta. Mas não - esperem. Tudo bem. Não são duas Bárbaras. São duas mulheres.

- Oi, meu bem - diz Bárbara, estendendo a mão e afagando meu rosto.

- Está tudo o.k. com você?

- Hum, hum - murmuro, tentando fazer que sim com a cabeça.

As pontas dos dedos de Bárbara descansam sob o meu queixo enquanto ela se vira para loura que está agachada ao lado.

- Tão jovem. Ele é uma gracinha, não é, Nell? Nell dá uma tragada num cigarro e sopra a fumaça pelo canto da boca.

- Claro que é. Acho que eu ainda não o tinha visto.

- Ele estava na tenda da dança do ventre algumas noites atrás - informa Bárbara.

Ela se vira para mim.

- Qual o seu nome, meu bem? - pergunta com a voz macia, passando o dorso dos dedos pela minha bochecha, para cima e para baixo.

- Jacob - respondo, com ânsias vômito.

- Jacob - Bárbara repete.

- Ah, sim, já sei quem você é. Era dele que Walter estava falando - diz ela a Nell.

- Ele é um novato. E trabalhou muito bem na tenda durante o meu show.

Ela agarra o meu queixo e o levanta, fitando bem no fundo dos meus olhos.

Tento lhe retribuir a gentileza, mas estou tendo alguma dificuldade para focalizar as imagens.

- Ah, você é um amor. Jacob, me diga uma coisa: você já esteve com uma mulher?

- Eu... hum... - digo.

- Hum...

Nell ri. Bárbara se dobra para trás e põe as mãos na cintura.

- O que você acha? Você quer dar as boas-vindas que ele merece?

- É nossa obrigação - diz Nell.

- Um novato no circo, ainda por cima virgem? - A mão de Nell desliza entre minhas pernas e toca de leve o volume entre elas. Minha cabeça, que se balançava sem parar em cima do pescoço, se endireita rapidamente.

- Você acha que os pêlos dele também são ruivos aqui embaixo? - diz Nell, me aninhando na palma de sua mão.

Bárbara se inclina para frente, solta as minhas mãos fechadas e leva uma delas à boca. Ela a vira e passa uma unha comprida de um lado a outro da palma.

E então, enquanto percorre o mesmo caminho com a língua, me olha nos olhos.

Em seguida, toma a minha mão e a põe em seu seio esquerdo, exatamente onde o mamilo deve estar.

Oh, meu Deus. Oh, meu Deus. Estou tocando um seio. Por cima de um vestido, mas, ainda assim...

Bárbara levanta-se por um momento, alisa a saia, olha furtivamente ao redor e então se agacha. Enquanto estou pensando sobre essa mudança de posição, ela pega novamente minha mão. Dessa vez, ela a puxa para baixo da saia e pressiona meus dedos contra a seda quente e úmida.

Tomo fôlego. O uísque, a bebida falsificada, o gim, sabe-se lá o que mais - tudo se dispersa instantaneamente. Ela faz minha mão subir mais um pouco e descer, subir e descer, fazendo-a passar por vales estranhos e maravilhosos.

Ah, merda. Acho que vou gozar agora.

- Hummm? - Bárbara geme e muda a posição da minha mão, fazendo com que meu dedo médio a penetre mais profundamente. O tecido fino cobre o meu dedo e pulsa ao meu toques Ela tira a minha mão, torna a pousá-la sobre meu joelho e então aperta meu pênis e o avalia.

- Hummm - faz ela, de olhos semicerrados.

- Ele está no ponto, Nell. Porra, eu amo os caras dessa idade.

O resto da noite transcorre em flashes convulsivos. Percebo que estou escorado entre duas mulheres, mas acho que caí do vagão. Pelo menos, me dou conta de que estou deitado no chão, de cara na terra. Em seguida, me levantam de novo e, no meio da escuridão, me levam adiante, aos solavancos, até eu me ver sentado na beira de

uma cama.

Agora não tenho dúvida de que há duas Bárbaras. E duas da outra, também.

Nell, não é? Bárbara se afasta e levanta os braços para o alto. Joga a cabeça para trás e passa as mãos pelo corpo, enquanto dança e se mexe à luz de uma vela. Estou interessado - sem dúvida alguma. Mas simplesmente não consigo me manter sentado.

Então, caio na cama.

Alguém puxa minha calça. Resmungo algo, não sei bem o quê, mas não acho que seja nenhuma palavra de incentivo. De repente, não me sinto bem.

Ai, meu Deus. Ela está me tocando - ali -, acariciando-o com sua experiência. Eu me apoio nos cotovelos e olho para baixo. Ele está flácido como uma pequena tartaruga rosada que se esconde em seu casco. E parece estar grudado na minha perna. Ela o liberta, mete as duas mãos entre minhas coxas para afastá-las e procura meus testículos, segurando-os em uma das mãos e manuseando-os como se fossem ovos, enquanto examina o meu pênis. Apesar de submetido às manipulações da mulher, ele continua irremediavelmente mole, enquanto eu observo, mortificado.

A outra mulher - agora há só uma de novo. Que droga, quando é que vou entender isso? - está deitada na cama, ao meu lado. Ela pesca um seio murcho de dentro do vestido e o leva à minha boca, depois o esfrega por toda a minha cara. Agora a boca lambuzada de batom se aproxima de mim, uma boca escancarada com a língua de fora. Viro a cabeça para direita, onde não tem nenhuma mulher. Então sinto uma boca se fechar em volta da cabeça do meu pênis.

Estou ofegante. As mulheres riem, mas é um ronronar, um som estimulante, como se ainda tentassem obter uma resposta.

Ai, meu Deus. Ai, meu Deus, ela o está chupando. Chupando, pelo amor de Deus.

Não vou conseguir...

Ai, meu Deus, eu preciso...

Viro a cabeça e lanço o conteúdo desgraçadamente variado do meu estômago em Nell.

Ouçó UM BARULHO insuportável. Então, um feixe de luz quebra a escuridão acima de mim.

Kinko está me observando.

- Acorde, anjinho. Seu chefe está procurando por você.

Ele mantém a tampa aberta. Tudo começa a fazer sentido, porque, assim que meu corpo espremido e dolorido se dá conta de que minha cabeça está pronta para funcionar, percebo claramente que estou confinado num baú.

Kinko deixa a tampa aberta e se afasta. Consigo soltar meu pescoço, que estava todo torto, e luto para me sentar naquele espaço exíguo. O baú está dentro de uma

tenda, cercado de cabides com fantasias de cores vibrantes, acessórios diversos e penteadeiras com espelhos.

- Onde estou? - resmungo. Tusso e tento limpar o pigarro da garganta seca.

- No Beco dos Palhaços - responde Kinko, apontando alguns vidros de pintura numa penteadeira.

Levanto um braço para cobrir os olhos e noto que ele está envolto em seda.

Num robe de seda vermelho, para ser mais exato. Um robe de seda vermelho completamente aberto. Olho para baixo e descubro que alguém raspou os pêlos da minha genitália.

Fecho o robe, curioso para saber se Kinko viu alguma coisa.

Meu Deus, o que será que fiz ontem à noite? Não tenho a menor idéia. A não ser algumas vagas lembranças e...

Ai, meu Deus. Vomitei em cima de uma mulher.

Luto para me levantar, amarrando o cinto do robe. Enxugo a testa, que está excepcionalmente gordurosa. Minhas mãos voltam pintadas de branco.

- O que será...? - começo a perguntar, olhando espantado para as mãos.

Kinko se vira e me entrega um espelho. Levo um susto. Quando ergo o espelho diante do meu rosto, quem me olha é um palhaço.

Enfio a cabeça para fora da tenda, olho à esquerda e à direita e depois atravesso correndo o caminho que leva ao carro dos cavalos. Risos e assobios me acompanham.

- Uh, uh! Olhem só essa boazuda!

- Ei, Fred, dê uma olhada na nova stripper!

- Ai, meu bem, você está ocupada hoje à noite? Enfio-me no quarto das cabras e bato a porta, encostando-me nela para ninguém entrar. Respiro ofegante, até ouvir o riso lá fora se extinguir. Pego um trapo e limpo o rosto mais uma vez. Eu o esfreguei até quase deixá-lo em carne viva antes de sair do Beco dos Palhaços, mas não consigo acreditar que esteja limpo. Acho que nunca mais vou considerar qualquer parte de mim limpa outra vez. E o pior de tudo é que nem sequer sei o que fiz. O que me resta são fragmentos de lembranças que, por mais horripilantes que sejam, não são piores do que a sensação de não saber o que aconteceu entre um e outro.

De repente me ocorre que nem sequer sei se ainda sou virgem.

Enfio a mão no robe e coço meu saco áspero.

Kinko entra alguns minutos depois. Estou deitado no meu colchonete, os braços cobrindo a cabeça.

- É melhor você levantar a sua bunda daí - fala Kinko.

- Ele continua à sua procura.

Sinto algo fungar na minha orelha. Levanto a cabeça e bato num nariz úmido.

Queenie salta para trás como se tivesse sido arremessada por uma catapulta. A

quase um metro de distância, ela me vigia, farejando com cautela. Aposto que estou exalando uma mistura de cheiros esta manhã. Deixo a cabeça cair de novo.

- Qual é? Você quer ser mandado embora? - pergunta Kinko.

- A essa altura, realmente não me importo - murmuro.

- Como é?

- Vou dar o fora mesmo.

- De que diabos você está falando?

Não posso responder. Não posso dizer a Kinko que não só estou completamente desmoralizado, sem qualquer chance de me redimir, como também falhei na minha primeira oportunidade de fazer sexo - algo em que praticamente não parei de pensar nos últimos oito anos. Sem falar no vexame de ter vomitado em uma das mulheres que estava ali se oferecendo, e depois desmaiar, além de ter o saco raspado, a cara pintada e ser trancado num baú. Embora ele deva saber partes dessa história, já que sabia onde me encontrar esta manhã. É possível até que ele estivesse envolvido nessa brincadeira.

- Não seja babaca - diz Kinko.

- Quer acabar andando sem rumo como esses pobres vagabundos ali fora? Vá até lá agora, antes que mandem você embora.

Permaneço inerte.

- Eu disse para se levantar!

- O que é que você tem com isso? - resmungo.

- E pare de gritar. Minha cabeça está doendo.

- Ou você levanta daí ou eu vou fazer com que outras partes do seu corpo doam ainda mais!

- Tudo bem! Mas pare de gritar! Luto para me levantar e o fuzilo com os olhos. Minha cabeça está martelando e sinto como se eu tivesse pesos de chumbo nas juntas. Como Kinko continua me vigiando, viro-me para parede e fico com o robe até vestir a calça, num esforço para esconder o saco depilado. Entretanto, sinto o rosto em brasa.

- Para bom entendedor, meia palavra basta, não é mesmo? - acrescenta Kinko.

- Umas flores para Bárbara não iriam mal. A outra é só uma prostituta, mas Bárbara é amiga.

Estou tão envergonhado que minha consciência oscila. Depois que a ânsia de vômito passa, fixo os olhos no chão, convencido de que nunca mais vou conseguir encarar alguém.

O trem dos Irmãos Fox foi desviado da via principal, e o tão falado carro dos elefantes está agora atrelado logo atrás da nossa locomotiva, o que torna mais fácil rebocá-lo. O carro tem respiradouros em vez de fendas e é feito de metal. Os rapazes do Esquadrão Voador estão baixando as tendas - as maiores já foram

desarmadas e os prédios de Joliet agora podem ser vistos a distância. Um pequeno grupo de moradores da cidade reuniu-se ali para acompanhar os acontecimentos.

Encontro August na tenda das jaulas, parado diante da elefanta.

- Mexa-se! - ele berra, sacudindo o gancho diante dela.

O animal balança a tromba e pisca.

- Eu disse mexa-se! - Ele se põe atrás dela e a cutuca na perna traseira.

- Mexa-se, porra! - Os olhos do animal se estreitam e as enormes orelhas caem ao lado da cabeça.

August me avista e fica paralisado. Deixa o gancho cair ao seu lado e zomba:

- Uma noite e tanto, não foi? Sinto o rubor chegar ao pescoço e se espalhar pelo meu rosto.

- Não importa. Pegue uma vara e me ajude a fazer esse animal estúpido se mexer.

Pete aparece atrás dele, torcendo o chapéu nas mãos.

- August?

August se vira, furioso.

- Ah, pelo amor de Deus! O que foi, Pete? Não está vendo que estou ocupado?

- A carne das feras chegou.

- Ótimo. Cuide disso. Não temos muito tempo.

- O que exatamente você quer que eu faça?

- Que diabos você acha que eu quero que você faça?

- Mas, chefe... - continua Pete, claramente desolado.

- Puta que o pariu! - Uma veia salta ameaçadoramente na têmpora de August.

- Será que eu tenho que fazer tudo sozinho? Tome aqui - diz ele, empurrando o gancho para mim.

- Ensine alguma coisa a esse animal. Qualquer coisa serve. Pelo que vejo, as únicas coisas que ela sabe fazer são comer e cagar.

Pego o gancho e fico vigiando enquanto ele sai enfurecido da tenda. Ainda estou de olhos fixos nele quando a tromba da elefanta passa pelo meu rosto e sopra um ar quente no meu ouvido. Dou um giro e me pego olhando dentro de um olho cor de âmbar que pisca para mim. Em seguida desvio o olhar para o gancho na minha mão.

Encaro novamente o olho âmbar, que volta a piscar. Então, me abaixo e ponho o gancho no chão.

Ela balança a tromba, varrendo o chão à sua frente, abanando as orelhas como se fossem folhas enormes. A boca se abre num sorriso.

- Oi - digo.

- Oi, Rosie. Eu sou Jacob.

Após um instante de hesitação, estendo a mão, só um pouquinho. A tromba

passa perto de mim soprando. Encorajado, estendo o braço e ponho a mão no alto de sua perna. A pele é áspera, surpreendentemente quente, coberta de pêlos.

- Oi - repito, dando-lhe uma palmadinha de leve.

A orelha, que parece uma vela de barco, movimenta-se para frente e para trás, e então a tromba volta. Experimento tocá-la e depois a afago. Estou inteiramente enamorado e tão absorto que não vejo August até ele surgir abruptamente e parar diante de mim.

- Que diabo está acontecendo com vocês esta manhã? Eu devia mandar todos embora. Pete não quer fazer o que tem que fazer e você primeiro desaparece e depois me vem com uma cena romântica entre você e o elefante. Onde está a porra do gancho?

Eu me inclino e o apanho do chão. August o pega da minha mão, e as orelhas da elefanta voltam a pender ao lado da cabeça.

- Olhe, princesa - diz August se dirigindo a mim, tenho um serviço para você. Vá procurar Marlena. Certifique-se de que ela não se aproxime da área atrás da tenda das jaulas por um tempo.

- Porquê? August respira fundo e segura o gancho com tanta força que os nós de seus dedos ficam brancos.

- Porque eu estou mandando. Entendeu? - diz ele entre dentes.

Evidentemente, eu me dirijo para os fundos da tenda das jaulas para descobrir o que Marlena não deveria ver. Contorno a tenda e chego ao local exatamente no momento em que Pete está cortando a garganta de um cavalo cinzento muito velho. O cavalo berra enquanto o sangue esguicha a mais de um metro do buraco em seu pescoço.

- Meu Deus! - grito, dando um passo para trás.

O ritmo do coração do cavalo diminui e o esguicho se enfraquece. Por fim, o animal cai de joelhos e depois tomba estrondosamente para frente. Seus cascos dianteiros raspam o chão e ele fica imóvel, os olhos arregalados. Uma poça de sangue escuro se espalha abaixo do pescoço.

Pete, ainda inclinado sobre o animal que se estrebucha, levanta os olhos para mim.

Um cavalo baio magro, amarrado a uma estaca, se apavora. As narinas estão inquietas, avermelhadas, o focinho fareja o ar. A guia, de tão retesada, parece prestes a arrebentar. Pete passa por cima do cavalo morto, segura a guia rente à cabeça do outro animal e lhe corta a garganta. Mais esguichos de sangue, mas respirações ofegantes, outro corpo que cai.

Pete fica ali parado, os braços pendendo ao lado do corpo, as mangas da camisa arregaçadas acima dos cotovelos, e ainda com a faca ensangüentada na mão. Ele fica observando até o cavalo morrer e então levanta o rosto na minha direção.

Limpa o nariz, cospe e volta ao trabalho.

- Marlena? Você está aí? - pergunto, batendo na porta do camarote.

- Jacob? - pergunta uma vozinha lá de dentro.

- Sim, sou eu - respondo.

- Entre.

Ela está de pé diante de uma das janelas abertas, olhando para frente do trem.

Quando entro, ela vira a cabeça. Seus olhos estão arregalados, o rosto pálido.

- Ah, Jacob... - a voz tremula. Ela está quase chorando.

- O que foi? Qual é o problema? - pergunto, cruzando o cômodo.

Ela pressiona a mão na boca e volta à janela.

August e Rosie seguem ruidosamente em direção à frente do trem. O avanço deles é um verdadeiro martírio e todos no terreno pararam para assistir.

August bate no traseiro da elefanta, e Rosie dá algumas passadas rápidas.

August a alcança e a espicaça de novo, dessa vez com tanta força que ela levanta a tromba, solta um bramido e, num galope, tenta fugir. August pragueja e sai correndo ao lado dela, balançando o gancho e a espetando no flanco com a ponta de metal. Rosie uiva e dessa vez não se move nem um centímetro sequer.

Mesmo a distância, é possível ver que ela está tremendo.

Marlena engole um soluço. Impulsivamente, pego sua mão. Ela aperta meus dedos com tanta força que chega a doer.

Depois de mais algumas espetadelas e açoites, Rosie vê o carro dos elefantes na frente do trem. Ela levanta a tromba e trombeteia, produzindo um som estrondoso. August desaparece numa nuvem de poeira atrás dela e os operários, apavorados, saem do caminho da elefanta, que então sobe no carro claramente aliviada.

A poeira baixa e August reaparece, gritando e agitando os braços. Diamond Joe e Otis sobem no carro dos elefantes bem devagar, sem fazer alarde, e se preparam para trancá-lo.

Kinko passa as primeiras horas da viagem para Chicago usando pedaços de carne-seca para ensinar a Queenie, que aparentemente já se recuperou da diarreia, a andar nas pernas traseiras.

- Levanta! Levanta, Queenie! Dá-lhe, garota. Muito bem!

Estou deitado no meu colchonete, encolhido e de frente para parede. Minhas condições físicas são quase tão deploráveis quanto meu estado mental, o que não é nada bom. Diversas visões ocupam minha cabeça, emaranhadas como um novelo de lã: meus pais vivos, me matriculando em Cornell. Meus pais mortos, e quadrados verdes e brancos no piso abaixo deles. Marlena primeiro valsando comigo na tenda das jaulas, depois à janela, hoje de manhã, tentando conter as lágrimas. Rosie, com sua tromba que fareja, curiosa, e seus três metros de altura, sólida como uma montanha, uivando sob os açoites de August. August sapateando de um lado para o

outro no teto de um trem em movimento, em seguida manejando o gancho dos elefantes como um louco. Bárbara no palco, balançando aqueles melões. Bárbara e Nell, e seus serviços de profissionais experientes.

A lembrança da noite passada me atinge como uma bala de canhão. Aperto bem os olhos, tentando esvaziar a mente, mas não funciona. Quanto mais perturbadora a lembrança, mais persistente a sua presença.

Finalmente os latidos excitados de Queenie se calam. Alguns segundos depois as molas da cama de Kinko rangem. Então há um silêncio. Ele está me observando, posso sentir. Rolo para o outro lado e o encaro.

Ele está na beira da cama, os pés descalços cruzados e o cabelo ruivo emaranhado. Queenie se aninha no colo dele e estica bem as patas como um sapo.

- Então, qual é a sua história? - ele me pergunta.

O sol lança raios através das ripas atrás dele. Cubro os olhos e faço uma careta.

- É sério. De onde você veio?

- De nenhum lugar - respondo, virando-me de novo para parede. Cubro cabeça com o travesseiro.

- Por que é que você está tão aborrecido? Foi a noite de ontem? A simples menção do acontecimento faz com que a bile me suba à garganta

- Você está envergonhado ou algo parecido?

- Ah, pelo amor de Deus, me deixe em paz! - disparo.

Ele se cala. Alguns segundos depois, rolo para o outro lado de novo. Ele está olhando para mim, acariciando as orelhas de Queenie. Ela lhe lambe a outra mão, balançando o rabo cotó.

- Desculpe - digo.

- Eu nunca tinha feito nada parecido na vida.

- Ah, sim. Isso ficou bem claro.

Seguro a minha cabeça latejante entre as mãos, o que eu não daria por um galão de água!...

- Escute, não é nenhum problema - continua ele.

- Você vai aprender a controlar a sua bebida. Quanto ao resto..., bem, eu tinha que me vingar por aquele outro dia. Parece que estamos quites. Na realidade, talvez eu esteja lhe devendo uma. Aquele mel funcionou como uma rolha para Queenie. Então, você sabe ler? Pisco algumas vezes.

- Hein? - Talvez você queira ler em vez de ficar aí deitado, de bobeira.

- Acho que vou ficar simplesmente aqui deitado, de bobeira.

- Aperto os olhos e os cubro com a mão. Meu cérebro parece não caber no crânio, meus olhos doem e estou quase vomitando, E meu saco está coçando.

- Como quiser - diz ele.

- Talvez outra hora - acrescento.

- Claro, Quando quiser.

Uma pausa.

- Kinko?

- Hein?

- Agradeço a gentileza.

- Claro.

Uma pausa mais longa.

- Jacob?

- Hein?

- Pode me chamar de Walter, se quiser.

Debaixo da mão, meus olhos se arregalam.

A cama de Kinko range enquanto ele se ajeita. Dou uma espiada por entre os dedos espalmados. Ele dobra o travesseiro em dois, se recosta e pega um livro do caixote. Queenie se acomoda aos pés dele, me observando. As sobrancelhas dela se mexem com preocupação.

O trem se aproxima de Chicago no fim da tarde. Apesar do latejar na cabeça e das dores no corpo, eu me posto junto à porta aberta do vagão e estico o pescoço para ter uma boa visão do lugar, afinal esta é a cidade do Massacre do Dia de São Valentim, do jazz, dos gângsteres e dos bares clandestinos.

Vejo um punhado de prédios altos a distância e, exatamente quando estou tentando distinguir o famoso Allerton entre eles, passamos pelos currais de abate, que se estendem por quilômetros. O trem passa por eles bem devagar. Os galpões são baixos e feios e os cercados estão repletos de bois encolhidos de pavor e porcos imundos que fungam, com os traseiros quase encostados à via férrea. Mas nada se compara aos ruídos e ao cheiro que vêm dos galpões: em poucos minutos, o fedor de sangue e os uivos agudos me fazem correr ao quarto das cabras e enfiar o nariz na manta de cavalo mofada - qualquer coisa que possa substituir o cheiro da morte.

Meu estômago está tão frágil que, mesmo o terreno se localizando bem distante dos currais, permaneço dentro do carro até que tudo fique pronto. Depois, em busca da companhia dos animais, dou uma volta na tenda das jaulas.

É impossível descrever a ternura que de repente sinto por eles - hienas, camelos e todos os outros. Até pelo urso-polar, que está sentado no traseiro, mordendo suas unhas enormes com dentes de 10 centímetros. O amor por esses animais me toma de súbito, uma inundação repentina, e aí está ele, sólido como uma rocha e fluido como a água.

Meu pai achava que era seu dever continuar cuidando dos animais mesmo muito depois de deixar de ser pago por isso. Ele não podia ficar parado diante de um cavalo com cólicas ou de um bezerro nascendo na posição errada, mesmo que isso

significasse um enorme prejuízo pessoal. A comparação é inevitável. Não há dúvida de que sou a única proteção desses animais contra a prática empresarial de August e do Tio Al, e o que meu pai faria - o que meu pai gostaria que eu fizesse - seria cuidar deles e essa é a minha convicção absoluta e inabalável. Não importa o que eu tenha feito na noite passada, não posso abandoná-los. Sou o pastor, protetor deles. E é mais que um dever. É um compromisso com meu pai.

Um dos chimpanzés precisa de um afago, então deixo que ele se pendure no meu quadril enquanto dou a volta na tenda. Chego a um espaço ainda vazio deduzo que deve ser o lugar da elefanta. August deve estar tendo problemas para tirá-la do carro. Se eu estivesse com boa vontade em relação a ele, talvez me oferecesse para ajudar. Mas não estou.

- Ei, doutor - diz Pete. - Otis acha que uma das girafas está resfriada. O senhor pode dar uma olhada?

- Claro.

- Vamos lá, Bobo - diz Pete, estendendo os braços para o chimpanzé.

Os braços e pernas peludos do animal me envolvem num abraço mais apertado.

- Agora vamos - digo, tentando fazer com que ele me solte.

- Eu volto.

Bobo não move um músculo sequer.

- Agora vamos - repito.

Nada.

-Tudo bem. Um último abraço, e chega - argumento, encostando o rosto no pêlo escuro dele.

O chimpanzé abre um sorriso cheio de dentes e beija minha bochecha.

Então, ele me solta, desce, segura a mão de Pete e sai andando lentamente com as pernas arqueadas.

Há um pouco de muco escorrendo do nariz da girafa. Não é algo que eu consideraria alarmante num cavalo, mas, como não conheço girafas, prefiro ser cauteloso. Decido aplicar um emplastro em seu pescoço, operação que requer uma escada pequena e a ajuda de Otis, passando-me os instrumentos.

A girafa é medrosa e bela e, provavelmente, a criatura mais estranha que já vi. As pernas e o pescoço são delicados, o corpo é inclinado e coberto com pintas que parecem pequenas peças de quebra-cabeça. No topo de sua cabeça triangular, acima das grandes orelhas, vêem-se estranhas protuberâncias peludas.

Os olhos são enormes e escuros, e ela tem os lábios macios e aveludados de um cavalo. Seguro-me em seu cabresto, mas a girafa permanece quieta durante quase todo o tempo enquanto limpo suas narinas e envolvo seu pescoço com uma flanela. Quando termino, desço a escada.

- Você pode me substituir por alguns minutos? - pergunto a Otis, limpando as

mãos num trapo.

- Claro que sim. Por quê?

- Tenho que ir a um lugar - respondo.

Os olhos de Otis se apertam.

- O senhor não vai jogar a toalha, vai?

- O quê? Não. Claro que não.

- É melhor o senhor me dizer logo, porque, se o senhor está pensando em desistir, não vou substituí-lo.

- Não vou desistir. Por que eu faria isso?

- Porque... Bem, o senhor sabe. Certos acontecimentos.

- Não! Não vou desistir. Esqueça isso, está certo? Será que existe alguém que não conheça os detalhes da minha desgraça?

Saio a pé, depois de alguns quilômetros de caminhada, chego a uma área residencial. Vejo casas em mau estado, muitas com tábuas no lugar das janelas.

Passo por uma longa fila de pessoas maltrapilhas e desanimadas que tem início à porta de uma missão religiosa. Um menino negro se oferece para engraxar meus sapatos. Gostaria de aceitar, mas não tenho um centavo no bolso.

Finalmente, encontro uma igreja católica. Sento-me por um longo tempo num banco ao fundo da igreja, fitando um vitral atrás do altar. Embora eu queira muito receber a absolvição, não consigo encarar a confissão. Por fim, levanto-me e vou acender algumas velas para meus pais.

Quando me viro para sair, avisto Marlena - ela deve ter entrado enquanto eu estava na câmara. Só a vejo de costas, mas tenho certeza de que é ela. Está sentada no banco da frente, usando um vestido amarelo-claro e um chapéu combinando com a roupa. Seu pescoço é delicado, os ombros retos. Alguns cachos de cabelo castanho-claro aparecem por baixo da aba do chapéu.

Ela se ajoelha numa almofada para rezar, e sinto as garras do pecado me apertarem o coração.

Retiro-me da igreja antes que eu corrompa minha alma.

Quando volto ao terreno, Rosie já está instalada na tenda das jaulas.

Não sei como conseguiram levá-la e não pergunto.

Ela sorri quando me aproximo e então esfrega o olho, enrolando a ponta da tromba como um punho. Eu a observo por alguns minutos e depois passo por cima da corda que a cerca. Suas orelhas pendem e seus olhos se estreitam.

Meu coração se aperta porque acho que ela está respondendo ao que eu sinto. Então ouço a voz dele.

- Jacob?

Observo Rosie por mais alguns segundos e depois me viro para encará-lo.

August esfrega o bico de sua bota na terra e diz:

- Sei que fui meio duro com você nesses últimos dias.

Eu deveria dizer alguma coisa nesse momento, algo que o fizesse se sentir melhor, mas não digo. Não estou me sentindo particularmente conciliador.

- O que estou querendo dizer é que fui um pouco longe demais. Pressões de trabalho, você sabe como é. Elas podem levar um homem à loucura. - Ele me estende a mão.

- Então, amigos novamente? Fico parado por alguns segundos, mas depois aceito a mão estendida.

Afinal de contas, ele é meu chefe. Já que decidi ficar, seria burrice da minha parte fazer com que me despedissem.

- Bom rapaz - diz August, uma de suas mãos apertando a minha com firmeza enquanto a outra dá tapinhas no meu ombro.

- Vou levar você e Marlena para sair hoje à noite. Quero me redimir com vocês dois. Conheço um lugarzinho bacana.

- E o show?

- Não há possibilidade de haver um show por enquanto. Ninguém sabe que estamos aqui. É o que acontece quando se quebra o roteiro e se arrisca por aí.

August suspira e continua:

- Mas o Tio Al sabe das coisas. Aparentemente.

- Não sei... A noite foi meio..., agitada.

- Vamos curar essa ressaca, Jacob! Apareça às nove. - Ele sorri animado e se afasta.

Eu o acompanho com o olhar e me espanto ao perceber o quanto repudio a idéia de passar um tempo com ele - e, ao mesmo tempo, o quanto adoraria estar perto de Marlena.

A porta do camarote se abre e Marlena aparece, linda num vestido de cetim vermelho.

- O que foi? - ela pergunta, baixando os olhos para se ver.

- Tem alguma coisa de errado no meu vestido? - Ela rodopia, inspecionando o próprio corpo e as pernas.

- Não - respondo.

- Você está linda.

Ela levanta os olhos e me encara.

August sai de trás da cortina verde, de smoking, dá uma olhada em mim e diz:

- Você não pode ir assim.

- Não tenho outra roupa.

- Então vai ter que usar uma das minhas. Vá logo. Depressa. O táxi está esperando.

Atravessamos um labirinto de estacionamentos e ruelas até pararmos

abruptamente em uma esquina numa área industrial. August salta e entrega uma nota enrolada ao motorista.

- Venham - diz ele, ajudando Marlena a descer do banco de trás. Eu os acompanho.

Estamos numa rua estreita rodeada de grandes armazéns de tijolo vermelho.

A luz dos lampiões ilumina o asfalto grosseiro. De um lado da rua, há um monte de lixo encostado à parede. Do outro, carros estacionados - picapes, cupês, sedãs e até limusines, todos chamativos, tinindo de novos.

August pára diante de uma porta de madeira recuada. Ele bate de leve mas repetidamente e então pára, batendo nervosamente com o pé no chão. Abre-se uma portinhola, revelando olhos masculinos sob sobrelanceiras unidas e cerradas. Atrás desse homem pulsam os sons de uma festa.

- Pois não? - Viemos ver o show - diz August.

- Que show? - O do Frankie, claro - diz August, sorrindo.

A portinhola se fecha. Ouvem-se estalidos e tinidos seguidos do inconfundível ruído de um ferrolho e então a porta se abre.

O homem nos examina rapidamente. Em seguida nos deixa entrar e bate a porta. Atravessamos um foyer azulejado, passamos por funcionários uniformizados que revistam nossos casacos e descemos alguns degraus que levam a um salão de baile com piso de mármore. Lustres de cristal muito enfeitados pendem do teto alto. Sobre um tablado, uma banda toca e a pista de dança está cheia de casais.

Mesas e boxes em forma de U cercam a pista. Alguns degraus acima, ao longo da parede do fundo, há um bar com lambris de madeira, garçons de smoking e centenas de garrafas alinhadas nas prateleiras diante de um espelho embaçado.

Marlena e eu esperamos num dos compartimentos forrados de couro enquanto August vai buscar as bebidas. Ela observa a banda. Suas pernas estão cruzadas e o pé balança ao ritmo da música.

Um copo é depositado na minha frente, com um baque. Um segundo depois, August desaba na cadeira ao lado de Marlena. Examino o copo e vejo que ele contém cubos de gelo e uísque.

- Você está bem? - pergunta Marlena.

- Ótimo - respondo.

- Você está meio verde - ela acrescenta.

- O nosso Jacob está com uma pequena ressaca - diz August.

- Estamos tentando curá-la com uma bebida forte.

- Bem, avisem se eu precisar me afastar - diz Marlena ironicamente, virando-se de novo para ver a banda.

August ergue o copo.

- Aos amigos! Marlena volta o rosto só o tempo necessário para localizar seu

drinque e mantém o copo levantado enquanto brindamos. Em seguida, manuseando o canudo com suas unhas bem pintadas, ela, refinadamente, bebe pequenos goles. August vira o uísque. No instante em que a bebida chega aos meus lábios, minha língua bloqueia. Como August está olhando, finjo engolir antes de pousar o copo.

- É isso aí, meu rapaz. Mais alguns desses e você vai estar pronto para outra.

Não sei se funcionaria para mim, mas, depois do segundo alexander, Marlena com certeza se anima. Ela arrasta August para pista de dança. Enquanto ele a faz girar pelo salão, eu me inclino e derramo o meu uísque numa palmeira plantada num vaso.

Marlena e August voltam para o nosso boxe, corados por causa da dança.

Marlena suspira e se abana com um menu. August acende um cigarro.

Os olhos dele pousam no meu copo vazio.

- Ah... vejo que me descuidei - diz ele. E se levanta.

- O mesmo? - Ah, tanto faz - respondo sem nenhum entusiasmo. Marlena simplesmente faz que sim com a cabeça, mais uma vez concentrada no que acontece na pista de dança.

Não se passou nem meio minuto desde que August se afastou e Marlena se levanta e pega minha mão.

- O que você está fazendo? - pergunto, rindo enquanto ela me puxa pelo braço.

- Venha! Vamos dançar!

-O quê?!

- Eu amo esta música!

- Não... eu...

Mas não adianta. Já estou de pé. Ela me arrasta para pista, requebrando e estalando os dedos. No momento em que estamos rodeados por outros casais, ela se vira para mim. Respiro fundo e então a tomo nos braços. Esperamos alguns compassos e depois nos deixamos levar, flutuando pela pista de dança como se tivéssemos caído num agitado mar de gente.

Ela é leve como o ar - não perde um passo, o que é uma façanha, considerando que estou todo atrapalhado. Não é que eu não saiba dançar. Eu sei. Não consigo entender o que há de errado comigo. Tenho certeza de que não estou bêbado.

Ela rodopia, afastando-se de mim, e depois volta, passando por baixo do meu braço, o que faz suas costas ficarem pressionadas contra mim. Meu antebraço descansa em sua clavícula, pele contra pele. O peito de Marlena se move para cima e para baixo sob o meu braço. A cabeça está debaixo do meu queixo. Sinto o cheiro de seu cabelo e o corpo delicado aquecido pelo esforço. E então ela se afasta de novo, desenrolando-se como uma fita.

Quando a música pára, os dançarmos assobiam e batem palmas com os braços acima das cabeças, nenhum deles tão entusiasmadamente quanto Marlena. Dou uma

olhada rápida para o nosso boxe. August está olhando, atento e inquieto, com os braços cruzados. Assustado, afasto-me de Marlena.

- Polícia! Por um momento tudo se congela e, em seguida, ouve-se o segundo grito.

- Polícia! Saiam todos! Sou impulsionado para frente por uma multidão. Todos gritam e se empurram, numa tentativa frenética de chegar à saída. Algumas pessoas me separam de Marlena, que olha para trás por entre cabeças que se balançam e rostos desesperados.

- Jacob! - ela grita. - Jacob! Luto para me aproximar dela, lançando-me entre as pessoas.

Consigo agarrar uma mão naquele mar de corpos e sei que é de Marlena pela expressão em seu rosto. Aperto-a com firmeza, passando os olhos pela multidão à procura de August. Só vejo estranhos.

Marlena e eu somos separados ao chegarmos à porta. Segundos depois, me vejo cuspidor numa ruela. As pessoas gritam e se amontoam dentro dos carros. Motores arrancam, buzinas guincham e pneus cantam.

- Vamos! Vamos! Saiam daqui!

- Corram!

Marlena surge sabe-se lá de onde e segura minha mão. Fugimos rapidamente ao som de sirenes e apitos. Quando ouço os tiros, puxo Marlena e nos escondemos numa ruela ainda menor.

- Espere - diz ela ofegante, fazendo uma pausa e se equilibrando num pé enquanto tira um sapato. Em seguida, se apóia no meu braço enquanto tira o outro. - Tudo bem - diz ela, segurando os dois sapatos numa das mãos.

Corremos até pararmos de ouvir as sirenes, a multidão e os guinchos de pneus, depois seguimos por ruas e ruelas afastadas. Por fim, paramos debaixo de uma escada de incêndio para recuperar o fôlego.

- Ai, meu Deus! - exclama Marlena.

- Ai, meu Deus! Essa foi por pouco. Será que August conseguiu escapar?

- Espero que sim - respondo, também ofegante. Eu me inclino, apoiando as mãos nas coxas.

Em seguida levanto os olhos para Marlena. Ela me encara e respira pela boca e logo começa a rir histericamente.

- O que foi?

- Ah, nada - diz ela.

- Nada.

- Ela continua a rir, mas parece estar à beira das lágrimas.

- O que foi? - repito.

- Ah! - diz ela, fungando e levando um dedo ao canto do olho. - Esta vida é

muito maluca, só isso. Você tem um lenço?

Procuo nos bolsos e tiro um lenço de um deles. Ela o pega e enxuga primeiro a testa e depois o resto do rosto.

- Ai, mas estou um horror. E olhe só as minhas meias! - reclama, apontando para os pés descalços. Os dedos aparecem através de um furo. - E elas são de seda!
- Sua voz soa aguda e pouco natural.

- Marlena, você está bem? - pergunto delicadamente.

Ela leva a mão fechada à boca, aperta e geme. Estendo a mão para pegar seu braço, mas ela se afasta. Em vez de permanecer de frente para parede, como eu esperava, ela continua a girar como se executasse uma dança religiosa. Depois do terceiro giro, eu a tomo pelos ombros e pressiono a boca contra a dela. Ela se enrijece e tenta respirar, sugando o ar que sai por entre os meus lábios. Pouco depois, ela relaxa. As pontas de seus dedos tocam meu rosto. E então ela se afasta de repente, dá muitos passos para trás e me fita com olhos assustados.

- Jacob - sua voz está transtornada.

- Ai, Deus... Jacob!

- Marlena - dou um passo à frente e paro.

- Desculpe. Eu não devia ter feito isso.

Ela me encara, apertando a mão contra a boca. Os olhos são dois vales escuros. Então ela se encosta à parede, calça um sapato e olha para o asfalto.

- Marlena, por favor.

- Estendo as mãos, inutilmente.

Ela põe o segundo sapato e se afasta correndo. Tropeça e segue em frente, cambaleando.

- Marlena! - grito e dou uma pequena corrida.

Ela aumenta a velocidade, levanta a mão cobrindo o rosto, para escondê-lo de mim.

Paro.

Ela continua a andar, os saltos fazendo barulho ruela abaixo.

- Marlena! Por favor! Eu a observo até ela virar a esquina. Sua mão permanece ao lado do rosto, provavelmente para o caso de eu ainda estar olhando.

Levo horas até encontrar o caminho de volta ao terreno.

Passo por mulheres paradas do lado de fora de portas e letreiros que anunciam doação de comida aos pobres. Passo por janelas com placas que avisam FECHADO e claramente não se referem apenas ao período da noite. Passo por outros letreiros que anunciam NÃO HÁ VAGAS e cartazes em algumas janelas no segundo andar que avisam TREINAMENTO para LUTA DE CLASSES. Passo por um letreiro num armazém que anuncia: ESTÁ SEM DINHEIRO? O QUE VOCÊ TEM? ACEITAMOS QUALQUER COISA! Passo por uma banca de jornal e leio a

manchete: PRETTY BOY FLOYD ATACA DE NOVO: AFANA 4 MIL ENQUANTO MULTIDÃO APLAUDE.

A pouco mais de um quilômetro do terreno, passo por um acampamento de mendigos. Há uma fogueira no centro e pessoas deitadas ao redor dela. Alguns estão acordados, sentados e inclinados para frente, fitando o fogo. Outros estão deitados de costas sobre roupas dobradas. Estou perto o suficiente para ver seus rostos e perceber que a maioria deles é jovem - mais jovem do que eu.

Também há algumas garotas e um casal copulando. O casal não está sequer entre as moitas, apenas um pouquinho mais afastado do fogo que os outros. Um ou outro garoto olha sem interesse. Os que estão dormindo tiraram os sapatos, mas os amarraram aos tornozelos.

Um homem mais velho senta-se perto da fogueira, o queixo coberto de barba por fazer ou caspa, ou ambas. O rosto dele é murcho como se não tivesse dentes.

Cruzamos o olhar por um longo tempo. Eu me pergunto por que ele me encara com tanta hostilidade até me lembrar de que estou usando uma roupa elegante.

Ele não sabe que este é o único detalhe que nos separa. Luto contra um desejo ilógico de explicar a situação e sigo o meu caminho.

Quando, afinal, chego ao terreno, paro e olho assombrado para tenda das jaulas. É enorme, delineada contra o céu noturno. Poucos minutos depois, estou de pé na frente da elefanta. Tudo o que consigo ver é sua silhueta e, mesmo assim, só depois que meus olhos se acostumam à escuridão. Ela está dormindo, o corpo enorme, quieto, a não ser pela respiração serena. Tenho vontade de tocá-la, de pôr as mãos na sua pele áspera, morna, mas não quero acordá-la.

Bobo está deitado num canto de sua jaula, com um braço esticado por cima da cabeça e o outro descansando sobre o peito. Ele suspira profundamente, Estala os lábios e depois se vira de lado. Tão humano.

Por fim, volto ao carro dos cavalos e me acomodo no colchonete. Queenie e Walter não acordaram com a minha chegada.

Fico acordado até de madrugada, ouvindo Queenie rressonar e me sentindo inteiramente arrasado. Há menos de um mês eu estava prestes a me formar e começar uma carreira ao lado de meu pai. Agora estou a um passo de virar um mendigo - um empregado de circo que caiu em desgraça não só uma, mas duas vezes em apenas dois dias.

Ontem eu não acharia possível acabar o dia vomitando em cima de Nell, mas foi exatamente o que fiz. Em que diabos eu estava pensando? Será que ela vai contar a August? Tenho breves visões do gancho de Rosie voando em direção à minha cabeça e outras, ainda mais breves, de me levantar imediatamente e voltar para o acampamento dos mendigos. Mas não o faço, porque não posso pensar em abandonar Rosie, Bobo e os outros.

Vou me controlar. Vou parar de beber. Nunca mais vou ficar a sós com Marlena. Vou me confessar.

Uso a ponta do travesseiro para enxugar as lágrimas. Então, aperto bem os olhos e invoco a imagem de minha mãe. Tento mantê-la comigo, mas logo Marlena a substitui. Com um ar distante, no momento em que ela estava observando a banda e balançando o pé. Resplandecente, enquanto rodopiávamos pelo salão. Histérica - e depois aterrorizada - na rua estreita.

Mas minhas últimas lembranças são táteis: o dorso do meu braço pousado sobre os seios ondulantes de Marlena. Seus lábios sob os meus, macios e cheios. E o único detalhe que não posso aprofundar nem afastar, o único que perturba meu sono: a sensação das pontas de seus dedos deslizando em meu rosto.

Kinko - Walter - Me acorda algumas horas depois.

- Ei, Bela Adormecida - diz ele, me sacudindo.

- A bandeira já foi erguida.

- Tudo bem. Obrigado - digo, sem me mexer.

- Você não está se levantando!

- Você é um gênio, sabia?

A voz de Walter sobe uma oitava:

- Ei, Queenie, aqui, garota! Aqui! Vamos lá, Queenie. Dê uma lambida nele.

Vamos lá!

Queenie se lança em cima da minha cabeça.

- Ei, pare com isso! - digo, levantando um braço para me proteger porque a língua de Queenie está dentro do meu ouvido e ela dança sobre o meu rosto.

- Pare com isso! Agora! Mas ela é incontrolável, então me sento de repente. O que faz Queenie voar até o chão. Walter olha para mim e ri. Contorcendo-se, a cadela sobe no meu colo e fica em pé nas patas traseiras, lambendo o meu queixo e o meu pescoço.

- Muito bem, Queenie. Muito bem, garota - diz Walter.

- Então, Jacob...

Parece que você teve outra... noite interessante.

- Não exatamente - retruco. Já que Queenie está no meu colo, eu a afago. E a primeira vez que ela me deixa tocá-la. Seu corpo é quente, o pêlo ouriçado.

- Logo, logo você vai recuperar o seu equilíbrio. Vamos tomar café. A comida vai melhorar o enjôo.

- Eu não estava bebendo.

Ele olha para mim por um instante.

- Ah - diz, assentindo com a cabeça sensatamente.

- O que você quer dizer com isso? - pergunto.

- Problema com mulher.

- Não.

- Sim.

- Não, não é nada disso!

- Fico surpreso de Bárbara já ter perdoado você. Ou ela não perdoou? Ele observa meu rosto por alguns segundos e depois volta a assentir com a cabeça.

- Hum, hum.

Acho que estou começando a entender. Você não lhe mandou flores, não foi? Você precisa começar a ouvir os meus conselhos.

- Por que você não vai cuidar da sua vida? - falo rispidamente.

Ponho Queenie no chão e me levanto.

- Xiii, você é um rabugento de primeira, sabia? Vamos lá. Vamos traçar a bóia.

Depois de enchermos nossos pratos, tento acompanhar Walter até a mesa dele.

- Que diabos você acha que está fazendo? - Walter reclama e pára.

- Achei que eu ia me sentar com você.

- Mas você não pode. Todos já têm seus lugares marcados. Além disso, você estaria se rebaixando.

Hesito.

- Afinal, o que é que há com você? - Walter pergunta e lança um olhar para minha mesa habitual.

August e Marlena estão comendo em silêncio, de olhos fixos nos pratos.

Walter pisca várias vezes.

- Ah, cara... não me diga.

- Eu não disse porcaria nenhuma - respondo.

- Nem precisa. Escute aqui, rapaz, tem um lugar aonde você simplesmente não quer ir, está entendendo? Estou falando no sentido figurado. No sentido literal, você vai pôr o seu traseiro naquela mesa e agir normalmente.

Mais uma vez olho de soslaio para August e Marlena. É claro que eles não estão se falando.

- Jacob, escute - diz Walter.

- Ele é o pior filho-da-puta que já conheci na minha vida, então, seja lá o que esteja acontecendo...

- Não está acontecendo nada. Absolutamente nada...

- ...é melhor você parar por aqui ou vai acabar morto. Jogado para fora do trem, se tiver sorte, ou provavelmente jogado de uma ponte. Estou falando sério.

Agora, vai para lá.

Abaixo os olhos e o encaro.

- Xô! - diz ele, apontando na direção da mesa.

August levanta os olhos quando me aproximo.

- Jacob! - diz em voz alta.

- Bom te ver. Eu não sabia se você tinha encontrado o caminho de volta ontem à noite. Não seria muito bom se eu tivesse que tirar você da cadeia. Poderia pegar mal.

- Eu também fiquei muito preocupado com vocês dois - disse eu, me sentando.

- Ficou? - August falou, num tom de surpresa exagerada.

Olho para ele. Os olhos de August brilham. No sorriso, vejo um leve traço de desafio.

- Ah, mas nós encontramos facilmente o caminho de volta, não foi, querida? - Ele olha para Marlena.

- Mas me diga, Jacob: o que fez vocês se separarem? Vocês pareciam tão..., próximos na pista de dança! Marlena ergue os olhos rapidamente, com manchas vermelhas em seu rosto.

- Eu já lhe contei sobre ontem à noite. A multidão nos empurrou e fomos cada um para um lado.

- Eu estava perguntando a Jacob, meu bem. Mas obrigado. - August levanta uma torrada com um floreio, e dá um amplo sorriso com os lábios fechados.

- Foi realmente um sufoco - prossigo, escorregando o garfo para debaixo dos ovos no prato.

- Tentei segui-la, mas não consegui. Voltei para procurá-los, aí vi que o melhor a fazer era me mandar de lá.

- Escolha sensata, meu rapaz.

- E então, vocês conseguiram se encontrar logo? - pergunto, levando o queijo à boca e tentando parecer espontâneo.

- Não, chegamos em táxis separados. Despesa dobrada, mas eu pagaria cem vezes mais para me certificar de que minha querida esposa estivesse a salvo...

Não é verdade, querida? Marlena está de olhos fixos no prato.

- Eu perguntei se não é verdade, querida?

- É. Claro que sim - responde Marlena, com voz desanimada.

- Porque, se eu soubesse que ela estava correndo algum perigo, nem sei o que faria.

Levanto os olhos rapidamente e vejo que August está me encarando.

Assim que é possível, fujo para tenda das jaulas sem chamar atenção.

Troco o emplastro do pescoço da girafa, coloco uma compressa gelada no casco de um camelo para tratar de uma suspeita de abscesso e sobrevivo ao meu primeiro atendimento a um felino - ao cuidar de uma garra encravada de Rex enquanto Clive afaga a cabeça do bicho. Depois, prossigo no exame dos demais enquanto balanço Bobo no meu colo. Os únicos animais que não examino são os de carga, porque são usados constantemente e, ao primeiro sinal de problema, alguém me avisaria.

No fim da manhã, sou apenas mais um dos encarregados dos animais: limpando jaulas, cortando alimentos e tirando o esterco junto com os outros homens. Minha camisa está ensopada e a garganta seca. Quando afinal içam a bandeira da cozinha, Diamond Joe, Otis e eu saímos da grande tenda e nos encaminhamos penosamente para lá.

Clive aperta o passo, se aproxima de nós e diz:

- Fiquem longe do August, se puderem. Ele está naquele estado.

- Por quê? O que foi agora? - pergunta Joe.

- Ele está furioso porque o Tio Al quer a elefanta no desfile de hoje. Está descontando em qualquer um que apareça no seu caminho. Como aquele pobre diabo ali - ele aponta para três homens que atravessam o terreno.

Bill e Grady arrastam Camel até o Esquadrão Voador. Camel está suspenso entre os dois, as pernas raspando o chão.

Rodeando Clive, eu pergunto aflito:

- August não bateu nele, bateu?

- Não - responde Clive.

- Mas lhe deu a maior bronca.

Ainda não é nem meio-dia e o velho já está bêbado. Mas aquele sujeito que olhou para Marlina...

Ui! Não vai cometer o mesmo erro tão cedo.

- Ele balança a cabeça.

- Aquela elefanta maldita não vai entrar em desfile nenhum - diz Otis.

- Ele não consegue nem fazê-la andar em linha reta do carro à tenda das jaulas.

- Eu sei disso e você também, mas, aparentemente, Tio Al não sabe - diz Clive.

- Por que Tio Al quer tanto que ela participe do desfile? - pergunto.

- Porque ele esperou a vida toda para gritar: "Segurem os cavalos! Aí vêm os elefantes!" - explica Clive.

- Que besteira! - diz Joe.

- Não tem mais nenhum cavalo para se segurar hoje em dia. E nós também não temos elefantes. Temos uma elefanta.

- Por que ele quer tanto dizer isso? - indago mais uma vez.

Eles se viram ao mesmo tempo e me fitam, espantados.

- Boa pergunta - Otis diz por fim, embora fique evidente que ele me considera um retardado.

- É porque o Ringling diz isso. E claro que ele de fato tem elefantes.

Fico observando, a distância, enquanto August tenta alinhar Rosie entre os carros do desfile. Os cavalos saltam para os lados, dançando nervosamente em seus tirantes. Os condutores seguram firme nas rédeas, gritando comandos para os animais. O resultado é uma espécie de pânico contagiante, e logo os homens que conduzem as zebras e lhamas estão lutando para manter o controle.

Alguns minutos depois, Tio Al se aproxima, gesticulando freneticamente na direção de Rosie e vociferando sem parar. Quando ele enfim se cala, é a vez de August, que também gesticula na direção de Rosie, sacudindo o gancho e o espetando nela, por precaução. Tio Al volta-se para o seu séqüito. Dois dos homens dão meia-volta e saem correndo terreno afora.

Não demora muito e o carro do hipopótamo pára ao lado de Rosie, puxado por seis percherões um tanto duvidosos. August abre a porta e espeta Rosie com o gancho até ela entrar.

Um pouco depois, ouvem-se os primeiros sons da gaita de foles e o desfile começa.

Eles voltam uma hora mais tarde, seguidos por uma multidão considerável.

Os moradores da cidade ficam parados à beira do terreno e são cada vez mais numerosos, à medida que a notícia corre.

Rosie é conduzida para o fundo da grande tenda, que já está ligada à tenda das jaulas. August a leva ao lugar em que deve ficar. Apenas depois que ela se encontra atrás da corda, com uma pata acorrentada a uma estaca, a tenda é aberta ao público.

Fico observando, assombrado, enquanto uma grande quantidade tanto de crianças como de adultos corre para ver Rosie, que é de longe o animal mais popular de todos. Ela abana as grandes orelhas enquanto aceita doces, pipoca e até chicletes dos visitantes maravilhados. Um homem é corajoso o suficiente para se inclinar para frente e virar um pacote de cereais na boca de Rosie. Para recompensá-lo, ela tira o chapéu dele, coloca-o em sua própria cabeça e então posa com a tromba enrolada para cima. A multidão grita e ela calmamente devolve o chapéu ao espectador embevecido. August permanece a postos ao lado dela com seu gancho, radiante como um pai orgulhoso.

Há algo de errado aqui. Esse animal não é burro.

Quando as ultimas pessoas seguem para grande tenda e os artistas se enfileiram

para o Grande Desfile, Tio Al puxa August para um canto. Do outro lado, na tenda das jaulas, vejo quando a boca de August se abre, primeiro de espanto, depois de indignação e, por fim, de fúria. Com a expressão zangada, ele sacode a cartola e o gancho. Tio Al continua observando, completamente indiferente. Por fim, Al levanta uma das mãos, balança a cabeça e se afasta.

August, assombrado, o acompanha com os olhos.

- Que diabos você acha que aconteceu ali? - pergunto a Pete.

- Só Deus sabe - ele responde.

- Mas tenho a impressão de que logo vamos descobrir.

Acontece que o Tio Al ficou tão encantado com a popularidade de Rosie que ele não só insiste que ela participe do Grande Desfile, como também quer que ela se apresente num número exclusivo, no picadeiro central, imediatamente após o início do espetáculo. No momento em que fico sabendo disso, o desfecho dessa história já é motivo de apostas turbulentas no fundo da tenda.

Só consigo pensar em Marlena.

Dou a volta por trás da grande tenda e corro ao local onde os artistas e os cavalos estão alinhados, à espera do Grande Desfile. Rosie encabeça a fila.

Marlena, vestida de lantejoulas cor-de-rosa, está sentada na cabeça de Rosie, segurando os feios arreios de couro. August está parado do lado esquerdo da elefanta, de cara amarrada, e seus dedos ora apertam, ora afrouxam o gancho.

A banda pára de tocar. Os artistas dão os últimos retoques em suas roupas e os treinadores fazem uma última verificação em seus animais. E então começa a música do Desfile.

August se inclina para frente e berra alguma coisa para Rosie. Ela hesita e August a espeta com o gancho, o que a faz praticamente voar até o fundo da grande tenda. Marlena se abaixa rapidamente, ficando rente à cabeça de Rosie, para se esquivar de uma viga.

Tomo fôlego e saio em disparada, contornando a parede da tenda.

Rosie pára depois de correr uns seis metros na pista dos cavalos e Marlena muda de posição de forma inacreditável. Num momento ela está deitada atravessada e rente à cabeça de Rosie. No seguinte ela se senta e se endireita rapidamente, abre um sorriso e levanta um braço. Suas costas estão arqueadas e os dedos dos pés em ponta. A multidão enlouquece - fica de pé nas arquibancadas, bate palmas, assobia e joga amendoins na pista.

August as alcança. Ele ergue o gancho bem alto e então pára. Vira a cabeça e examina a platéia. Fios de cabelo lhe caem na testa. Com um sorriso forçado, ele abaixa o gancho e tira a cartola. Em seguida, faz três reverências exageradas para diferentes segmentos da platéia. Quando se volta para Rosie, seu rosto endurece.

Espetando o gancho nas patas da elefanta, August a induz a dar uma volta pela

pista dos cavalos. Eles param tantas vezes que os outros participantes do desfile são obrigados a contorná-los, como águas que se separam ao contornar uma pedra.

O público adora o que vê. A cada vez que Rosie foge de August e pára, as pessoas desatam a rir. E a cada vez que August se aproxima, de cara vermelha e sacudindo o gancho, elas explodem de alegria. Por fim, percorridos uns três quartos da volta, Rosie enrola a tromba para o alto e começa a trotar ruidosamente, soltando uma série de peidos enquanto se dirige para o fundo da tenda. Estou imprensado contra as arquibancadas, bem perto da entrada. Marlena segura o cabresto com as duas mãos e, conforme elas se aproximam, prendo a respiração.

Se não se soltar, Marlena morre.

A poucos metros da entrada, Marlena solta o cabresto e, com muito esforço, inclina-se para esquerda. Rosie desaparece da tenda e Marlena fica agarrada à viga do topo. A multidão cai em silêncio, desconfiada de que isso não faz parte do show.

Marlena está pendurada e balançando a menos de 10 metros de mim. Com os olhos fechados e de cabeça baixa, ela respira com dificuldade. Estou prestes a avançar e ajudá-la a descer, quando ela abre os olhos, solta a mão esquerda da viga e, com um movimento gracioso, gira o corpo e fica de frente para platéia.

Seu rosto se ilumina e ela põe os dedos dos pés em ponta. O maestro, vendo tudo do seu posto, faz sinal para que rufem os tambores. Marlena começa a se balançar.

O rufar dos tambores cresce enquanto ela ganha velocidade. Não demora muito e ela oscila até seu corpo ficar paralelo ao chão. Eu me pergunto quanto tempo ela vai agüentar e o que pretende fazer, quando de repente ela larga a viga.

Marlena flutua no ar, enrola o corpo como uma bola e dá dois giros para frente.

Ela desenrola o corpo numa rotação lateral e cai com força num monte de serragem. Então olha para os pés, ergue-se e estica o corpo, levantando os braços abertos. A banda passa a tocar uma música triunfal e a multidão vai à loucura.

Minutos depois, começam a chover moedas na pista dos cavalos.

Assim que ela se vira, vejo que está machucada. Ela sai mancando da grande tenda e eu corro atrás dela.

- Marlena! - grito.

Ela se volta e cai em cima de mim. Eu a agarro pela cintura e a mantenho de pé.

August aparece correndo.

- Querida..., minha querida! Você foi brilhante. Brilhante! Nunca vi nada tão...

Ele estaca quando vê meus braços em volta dela.

Então ela levanta a cabeça e grita de dor.

August e eu nos olhamos. Em seguida entrelaçamos nossos braços abaixo e atrás dela, fazendo uma cadeira. Marlena geme, inclinada sobre o ombro de August.

Ela enfia os pés calçados sob nossos braços, os músculos se contorcendo de dor.

August encosta os lábios no cabelo dela.

- Está tudo bem, querida. Agora estou aqui. Ei... Está tudo bem. Estou aqui com você.

- Para onde vamos? Para o camarim dela?

Lá não tem onde ela se deitar.

- Para o trem?

- Longe demais.

Vamos para tenda da stripper.

- Bárbara?

August olha para mim por cima da cabeça de Marlena.

Entramos na tenda de Bárbara de surpresa. Ela está sentada numa cadeira diante da penteadeira, vestida com um robe azul-escuro, fumando um cigarro. A expressão de tédio e indiferença some imediatamente.

- Ai, meu Deus! O que houve? - pergunta, apagando o cigarro e se levantando.

- Aqui. Coloquem ela na cama. Aqui, aqui mesmo - fala Bárbara, correndo na nossa frente.

Quando a deitamos, Marlena se vira de lado e se encolhe, agarrando os pés.

Seu rosto está contorcido, os dentes cerrados.

- Meus pés...

- Calma, querida - diz Bárbara.

- Vai ficar tudo bem.

- Ela se inclina e desamarra as fitas das sapatilhas de Marlena.

- Ai, meu Deus, como dói...

- Pegue a tesoura na minha gaveta de cima - Bárbara se dirige a mim, olhando para trás.

Quando volto com a tesoura, Bárbara corta os dedos da malha de balé de Marlena e a enrola até um pouco acima das pernas. Então levanta os pés descalços e os põe em seu colo.

- Vá até a cozinha e traga um pouco de gelo - ordena Bárbara.

Um segundo depois, ela e August se viram e olham para mim.

- Já estou indo - respondo.

Estou seguindo em disparada para cozinha quando ouço os gritos do Tio Al atrás de mim.

- Jacob! Espere! Paro de repente, enquanto ele se aproxima.

- Onde eles estão? Para onde foram?

- Estão na tenda de Bárbara - respondo, ofegante.

- Hein?

- A garota do strip-tease.

- Mas por quê?

- Marlena se machucou. Tenho que pegar gelo.

Ele se vira e berra para um de seus seguidores:

- Vá pegar gelo. Leve-o para tenda da garota do strip-tease. Vá! - Então se vira para mim:

- E você, vá lá recuperar aquela maldita elefanta antes que nos expulsem da cidade.

- Onde ela está? - Parece que está comendo repolho no quintal de alguém. A dona da casa não está achando graça nenhuma. À esquerda do terreno. É melhor tirá-la de lá antes que a polícia chegue.

Rosie está parada sobre uma pequena horta de verduras, percorrendo os canteiros com a tromba. Quando me aproximo, ela me olha direto nos olhos, colhe um repolho roxo e o joga em sua boca em forma de pá. Depois a tromba pega um pepino.

A dona da casa abre uma fresta da porta e grita:

- Tire esse troço daqui!

- A senhora me desculpe - digo.

- Garanto que vou fazer o possível.

Eu paro ao lado de Rosie.

- Vamos lá, Rosie, por favor! Suas orelhas se movem para frente, ela faz uma pausa e depois pega um tomate.

- Não! Menina má! Rosie mete o pequeno globo vermelho na boca e sorri enquanto o mastiga.

Rindo de mim, sem dúvida.

- Ai, meu Deus! - exclamo, sem saber o que fazer.

Rosie enrola a tromba em algumas folhas e as arranca do solo. Ainda me olhando, mete-as na boca e começa a mastigar. Eu me viro e sorrio, desesperado, para dona da casa estupefata.

Dois homens se aproximam, vindos do terreno. Um está de terno e chapéu, sorrindo. Para meu grande alívio, eu o reconheço como um dos palhaços. O outro veste um macacão sujo e carrega um balde.

- Boa tarde, madame - o palhaço a cumprimenta, tocando no chapéu e pisando cuidadosamente entre os canteiros arruinados. E como se um tanque de guerra tivesse passado por ali. Ele sobe a escada de cimento que leva à porta dos fundos.

- Vejo que a senhora já conheceu Rosie, a maior e mais majestosa elefanta do mundo.

A senhora tem muita sorte. Ela não costuma fazer visitas.

O rosto da mulher continua na fresta da porta.

- O quê?! - pergunta espantada.

O palhaço sorri animadamente.

- Ah, pois é. É realmente uma honra. Aposto que ninguém mais na vizinhança, ou melhor, na cidade inteira pode dizer que recebeu a visita de um elefante em seu quintal. Nossos homens vão levá-la embora. E é claro que também vamos dar um jeito na sua horta e compensá-la pela perda que a senhora teve na sua colheita. A senhora gostaria de ter uma fotografia sua e de Rosie, algo para mostrar à sua família e aos seus amigos?

- Eu... eu... O quê? - gagueja a mulher.

- A senhora queira me desculpar a ousadia - continua o palhaço, dando a impressão de que faz uma ligeira reverência -, mas talvez seja melhor discutirmos esse assunto aí dentro.

Após uma pausa relutante, a porta se abre. Ele desaparece dentro da casa e eu volto a me aproximar de Rosie.

O outro homem está parado bem na frente dela, segurando o balde.

Ela está maravilhada. A tromba parece flutuar, farejando e tentando abrir caminho entre os braços do homem para mergulhar no líquido do balde.

- Przystán! - exclama o sujeito, afastando-a.

- Nie! Arregalo os olhos.

- Está olhando o quê?! Algum problema? - ele pergunta.

- Não - respondo rapidamente.

- Não. É que também sou polones.

- Ah, desculpe. - Ele afasta a tromba insistente, limpa a mão direita na coxa e a estende para mim.

- Grzegorz Grabowski - ele se apresenta.

- Pode me chamar de Greg.

- Jacob Jankowski - digo, cumprimentando-o. Ele logo afasta a mão para proteger o conteúdo do balde.

- Nie! Teraz nie! - continua ele, zangado, afastando a tromba.

- Jacob Jankowski, hein? Sei, Camel me falou de você.

- O que é isso, afinal?

- É gim com refrigerante - o homem responde.

- Você está brincando.

- Elefantes adoram álcool. Quer ver? Basta uma cheirada nisso aqui e ela não vai mais querer saber de repolhos. Ah! - diz ele, afastando a tromba.

- Powiedzialem przystán! Później!

- Como é que você sabe disso?

- No último circo em que trabalhei havia uma dúzia de elefantes. Um deles costumava fingir que estava com dor de barriga toda noite, para ver se conseguia uma dose de uísque. Olhe, pegue lá o gancho, por favor! Ela provavelmente vai nos

seguir só para tomar um gole desse gim, não é mesmo, moj ma/utki paczuszek?, mas é melhor se prevenir e pegar o gancho.

- Claro - digo, tirando o chapéu e coçando a cabeça.

- August sabe disso?

- De quê?

- Que você entende tanto de elefantes? Aposto que ele vai querer te contratar como...

Greg levanta a mão, sacudindo-a rapidamente.

- Nã-nã-não. De jeito nenhum. Não quero ofender você, Jacob. mas não há nada que me faça trabalhar para aquele homem. Nada mesmo. Além disso, não sou tratador de elefantes. Apenas gosto de animais grandes. Agora, você me faz o favor de correr e pegar o gancho?

Quando volto, Greg e Rosie já se foram. Dou meia-volta e examino o terreno.

Ao longe, Greg anda em direção à tenda das jaulas, com Rosie alguns passos atrás dele. De vez em quando ele pára e deixa Rosie meter a tromba no balde. Então, com firmeza, ele afasta a tromba e continua a andar. Ela o segue como um filhote obediente.

Depois que Rosie está segura na tenda, volto ao camarim de Bárbara, ainda empunhando o gancho.

Paro do lado de fora da tenda fechada.

- Ei, Bárbara? Posso entrar?

- Entre.

Ela está sozinha, sentada na cadeira, as pernas nuas cruzadas.

- Eles voltaram para o trem, para esperar o médico - diz Bárbara, dando uma tragada em seu cigarro. - Se é por isso que você veio.

Sinto o rosto queimar. Olho para parede do lado. Olho para o teto e para os meus pés.

- Ai, diabo, como você é lindo! - exclama, batendo a cinza do cigarro no chão de grama. Depois o leva à boca e dá uma tragada profunda.

- Você está vermelho! Ela me fita por muito tempo, claramente encantada.

- Anda - diz ela por fim, soprando fumaça pelo canto da boca.

- Anda. Sai daqui antes que eu resolva te dar outro amasso.

Saio da tenda de Bárbara aos tropeções e me deparo com August. Ele está com uma cara visivelmente ameaçadora.

- Como ela está?

- Estamos esperando o médico. Você pegou a elefanta?

- Ela já voltou para tenda - respondo.

- Ótimo - diz ele, arrancando o gancho da minha mão.

- August, espere! Aonde você vai?

- Vou dar uma lição nela - ele responde, andando rapidamente.
- Mas, August! - grito, seguindo-o.
- Espere! Ela obedeceu! Voltou porque quis. Além disso, você não pode fazer nada agora. O espetáculo ainda não acabou.

Ele pára tão abruptamente que uma nuvem de poeira lhe cobre os pés por alguns instantes. Ele fica ali, absolutamente imóvel, de olhos fixos no chão.

Depois de uma longa pausa, diz:

- Ótimo. A banda vai abafar o barulho.

Continuo a fitá-lo quando ele se vira, minha boca escancarada de pavor.

Volto para o carro dos cavalos e me deito no colchonete, completamente nauseado ao pensar no que pode estar acontecendo na tenda das jaulas e ainda mais enjoado por não ter feito nada para evitar.

Alguns minutos depois, Walter e Queenie retornam ao carro. Ele ainda está fantasiado - uma roupa larga, branca, com bolas multicoloridas, um chapéu de três bicos e uma gola franzida, em estilo elisabetano. Com um trapo, ele limpa o rosto.

- Que diabo foi aquilo? - ele pergunta de pé na minha frente, deixando ver sapatos vermelhos bem maiores que os pés dele.

- Aquilo o quê?

- Aquilo no Desfile. Fazia parte do espetáculo?

- Não - respondo.

- Puta merda! - diz ele.

- Que saída! Marlena é realmente demais. Mas você já sabia disso, não é mesmo? - ele estala a língua e se inclina para cutucar meu ombro.

- Quer parar com isso?

- Com o quê? - diz ele abrindo as mãos, fingindo inocência.

- Não tem graça nenhuma. Ela se machucou, sabia? O sorriso bobo some de seu rosto.

- Oh! Desculpe. Eu não sabia. Ela vai ficar bem?

- Ainda não sei. Eles estão esperando o médico.

- Que merda. Desculpe, Jacob. Eu lamento.

- Ele se dirige para porta e toma fôlego. - Mas não é nem metade do que aquela pobre elefanta vai lamentar.

Deixo passar um instante e digo:

- Ela já está lamentando, Walter. Pode acreditar.

Ele olha para fora.

- Ai, meu Deus! Aposto que sim. - E, com as mãos na cintura, ele olha para o outro lado do terreno.

Permaneço no carro dos cavalos durante o jantar e o espetáculo noturno.

Tenho medo de matar August se o vir.

Eu o odeio. Eu o odeio por ele ser tão bruto. Odeio estar submisso a ele.

Odeio estar apaixonado por sua mulher e sentir algo muito parecido com isso pela elefanta. E, acima de tudo, odeio ter decepcionado as duas. Não sei se Rosie é inteligente o suficiente para me relacionar ao castigo que recebeu e me pergunto por que não fiz nada para impedi-lo, mas estou relacionado e não fiz nada.

- Contusão nos calcanhares - diz Walter, quando volta ao carro.

- Vamos lá, Queenie, levante! Levante!

- O quê? - resmungo. Não me mexi desde que ele saiu.

- Marlena teve uma contusão nos calcanhares. Vai ficar de molho por alguns dias. Achei que você gostaria de saber.

- Ah, sim. Obrigado.

Ele se senta na cama e fica me olhando por um bom tempo.

- Então, o que está havendo com você e August?

- O que você quer dizer com isso?

- Os dois estão nervosos. Qual é o problema? Mudo de posição e me sento, encostado à parede.

- Eu odeio aquele filho-da-puta.

- Ah! - diz Walter, com um sorriso de desdém.

- É isso aí, então você tem algum bom senso. Mas por que você passa o tempo todo ao lado deles?

Não respondo.

- Ah, desculpe. Esqueci.

- Você entendeu tudo errado - digo e me sento mais ereto.

- Ah, é?

- Ele é meu chefe e não tenho outra opção.

- É verdade. Mas também tem a ver com a mulher e você sabe disso.

Levanto a cabeça e lhe lanço um olhar desafiador.

- Tudo bem, tudo bem - diz ele, erguendo as mãos como quem se rende.

- Vou calar a boca. Você tem os seus motivos. - Então se vira e mexe no caixote.

- Tome - ele me atira uma revista pornô, que desliza pelo chão e pára ao meu lado.

- Não é Marlena, mas é melhor do que nada.

Depois que ele se afasta, apanho a revista e a folheio. Mas, apesar dos desenhos explícitos e exagerados, não tenho interesse nenhum em ver o Sr. Grande Diretor de Cinema examinando atentamente a aspirante a estrela magrela com cara de cavalo.

Pisco rapidamente, tentando me orientar - aquela enfermeira magrela com cara de cavalo deixou cair uma bandeja de comida no final do corredor, o que me despertou. Eu não sabia que estava cochilando, mas é assim que as coisas acontecem hoje em dia. Parece que estou num contínuo entra-e-sai em relação ao tempo e ao espaço. Ou estou ficando senil ou essa é a maneira que minha cabeça encontrou de lidar com o fato de se sentir, no momento, totalmente desestimulada.

A enfermeira se agacha para recolher a comida espalhada no chão. Não simpatizo com ela - pois está sempre querendo me impedir de andar. Acho que a instabilidade de minhas pernas a deixa nervosa demais, porque até a Dra. Rashid admite que andar é bom para mim, desde que eu não exagere.

Estou estacionado no corredor, do lado de fora da porta do meu quarto, mas minha família ainda vai demorar muito a chegar e eu gostaria de dar uma olhada pela janela.

Eu poderia simplesmente chamar a enfermeira, mas que graça teria? Levo o traseiro para beirada da cadeira de rodas e pego o andador.

Um, dois, três...

O rosto pálido da moça se mete na minha frente.

- Posso ajudá-lo, Sr. Jankowski? É. Estava fácil demais.

- Eu só vou dar uma olhada rápida pela janela - digo, fingindo estar surpreso.

- Por que o senhor não se senta bem aprumado e me deixa levá-lo até lá? - Ela firma as mãos nos braços da minha cadeira.

- Ah, então está bem. É muita bondade sua. - Inclino-me para trás no meu assento, levanto os pés, pousando-os nos apoios, e cruzo as mãos no colo.

A enfermeira parece intrigada. Meu Deus, foi uma jogada impressionante. Ela se endireita e espera, talvez para ver se vou fugir. Sorrio gentilmente e olho para janela no fim do corredor. Por fim, ela se posiciona atrás de mim e pega os punhos da minha cadeira de rodas.

- Bem, Sr. Jankowski, devo confessar que estou surpresa. Em geral o senhor se mostra tão... hum... intransigente quando cisma de andar sozinho...

- Ah, eu poderia vir andando. Só estou deixando você me empurrar porque não tem nenhuma cadeira perto da janela. Aliás, por que isso?

- Porque não há nada para se ver, Sr. Jankowski.

- Há um circo.

- Bem, talvez nesse fim de semana. Mas, em geral, não há o que se ver, só um estacionamento.

- E se eu quiser ficar olhando para um estacionamento?

- Então, é o que o senhor vai fazer, Sr. Jankowski - diz ela, me empurrando para perto da janela.

Minha testa se franze. Ela deveria discutir comigo. Por que não discutiu? Ah, mas eu sei por quê. Ela acha que sou apenas um velho gagá. Não contrarie os residentes da casa, por favor, não - principalmente aquele tal de Jankowski. Ele vai atirar um bocado de gelatina bexiguenta em você e depois dizer que foi um acidente.

Ela começa a se afastar.

- Ei! - eu a chamo.

- Estou sem o meu andador!

- É só me chamar quando o senhor estiver pronto que eu venho buscá-lo.

- Não, quero o meu andador! Ele está sempre perto de mim. Vá apanhá-lo.

- Sr. Jankowski... - diz a moça e depois cruza os braços e respira fundo.

Rosemary aparece, saindo de uma sala lateral, como um anjo caído do céu.

- Algum problema? - pergunta, com o olhar indo e voltando de mim para moça com cara de cavalo.

- Eu quero o meu andador e ela não quer apanhá-lo.

- Eu não disse que não o apanharia. O que eu disse foi...

Rosemary levanta a mão.

- O Sr. Jankowski gosta de ter o andador perto dele. Sempre gostou. Se ele o pediu, traga-o, por favor.

- Mas...

Não tem mas. Vá pegar o andador.

A revolta brilha na cara de cavalo da moça, mas é quase instantaneamente substituída por uma resignação hostil. Ela lança um olhar assassino na minha direção e volta para buscar meu andador. Ela o segura ostensivamente à sua frente, trazendo-o pelo corredor com estardalhaço. Quando se aproxima de mim, bate com o andador no chão, largando-o na minha frente. O efeito seria mais impressionante se o aparelho não tivesse protetores de borracha nos pés, o que o faz aterrissar com um rangido em vez de uma pancada.

Dou um sorriso condescendente. Não posso evitá-lo.

Ela fica ali parada, de braços abertos, me fitando. Esperando um agradecimento, sem dúvida. Viro a cabeça lentamente, o queixo erguido como um faraó, e olho a grande tenda listrada de carmim e branco.

Acho as listras destoantes - na minha época, só as barraquinhas eram listradas. A grande tenda era inteiramente branca, pelo menos no início. Ao final da temporada talvez houvesse traços de lama e relva, mas nunca se viu uma tenda de circo listrada. E essa não era a única diferença dos espetáculos do meu passado - naquele tempo não havia sequer uma área de diversões, só a grande tenda com uma bilheteria na entrada e barraquinhas de lanches e lembrancinhas ao lado. Parece que as

barraquinhas ainda vendem as mesmas coisas - pipoca, algodão-doce e balões de gás -, mas as crianças também carregam espadas cintilantes e outros brinquedos que se movem e piscam e que não consigo distinguir a distância. Aposto que os pais pagaram uma nota por eles. Algumas coisas não mudam nunca. Caipiras continuam sendo caipiras, e ainda é possível diferenciar artistas de trabalhadores.

- Sr. Jankowski?

Rosemary se debruça sobre mim, e seus olhos procuram os meus.

- Hem?

- Vamos almoçar, Sr. Jankowski?

- Não pode ser hora do almoço. Acabei de chegar aqui.

Ela olha seu relógio - um de verdade, com ponteiros. Aqueles digitais vieram e sumiram, graças a Deus. Quando é que as pessoas vão aprender que, só porque se consegue fabricar alguma coisa, isso não significa que se deva fabricá-la?

- Faltam três minutos para o meio-dia - diz ela.

- Ah! Tudo bem, então. Aliás, que dia é hoje?

- Hoje é domingo, Sr. Jankowski. Dia do Senhor. O dia em que o seu pessoal vem aqui.

- Sei disso. Eu queria é saber o que temos para o almoço.

- Nada de que o senhor goste, disso eu tenho certeza - responde a enfermeira.

Levanto a cabeça, disposto a me zangar.

- Ah, vamos lá, Sr. Jankowski - acrescenta ela, rindo.

- Eu só estava brincando.

- Eu sei. Qual é agora? Então eu não tenho nenhum senso de humor?

Mas estou chateado, porque eu talvez não tenha mesmo. Já não sei mais. Estou tão acostumado a levar broncas e ser guiado e dominado e manipulado, que já não sei mais como reagir quando alguém me trata como uma pessoa de verdade.

Rosemary tenta me conduzir à mesa habitual, mas não aceito de jeito nenhum. Não, com o Velho Peidão McGuinty sentado ali. Ele está de novo usando o chapéu de palhaço - bu dormiu com ele ou a primeira coisa que fez esta manhã foi pedir às enfermeiras que o pusessem em sua cabeça, aquele velho desgraçado -, e há balões de gás atados à sua cadeira, mas não estão mais flutuando.

Pairando baixo, presos a barbantes bambos, eles começam a murchar.

Quando Rosemary manobra minha cadeira, virando-a na direção do velho, reclamo:

- Não, não faça isso. Lá! Lá do outro lado! - E aponto para uma mesa vazia, no canto. E a mais afastada da minha mesa habitual. Só espero que seja longe o suficiente para eu não ouvir as conversas.

- Ah, Sr. Jankowski, chega. - Rosemary começa a reclamar. Estaciona a minha cadeira, dá a volta para me encarar e declara:

- O senhor não pode continuar com isso pelo resto da vida.

- Por que não? O resto da minha vida pode ser a semana que vem.

Com as mãos nos quadris, ela diz:

- O senhor ainda se lembra por que está zangado? - Lembro, sim. Porque ele está mentindo.

- O senhor está de novo falando de elefantes? Aperto os lábios como resposta.

- Ele vê de outra maneira, o senhor sabe.

- Isso é maluquice. Quando a pessoa está mentindo, está mentindo.

- Ele está velho - diz ela.

- Tem 10 anos menos que eu - digo e, indignado, me aprumo.

- Ah, Sr. Jankowski! - Ela suspira e olha para o alto, como se pedisse ajuda aos céus. Depois agacha-se diante da minha cadeira e põe sua mão sobre a minha.

- Achei que o senhor e eu tínhamos nos entendido.

Franzo a testa. O gesto dela não faz parte do roteiro habitual entre enfermeira e Jacob.

- Talvez ele se engane nos detalhes, mas não está mentindo. Ele realmente acredita que levava água para os elefantes.

Não respondo.

- As vezes, quando envelhecemos, e não estou falando do senhor, estou falando em geral, porque cada um de nós envelhece de modo diferente, as coisas em que pensamos e que desejamos começam a nos parecer reais. E, então, acreditamos nelas e, antes que nos demos conta, elas começam a fazer parte da nossa história, e se alguém discorda de nós, dizendo que essas coisas não são verdade...

Bem, nós nos sentimos ofendidos. Porque não nos lembramos mais da primeira parte da história. Só sabemos que nos chamaram de mentirosos. Então, se o senhor está certo quanto aos detalhes técnicos, será que pode compreender por que o Sr. McGuinty está chateado?

Abaixo a cara fechada.

- Sr. Jankowski? - Rosemary continua com voz suave.

- Deixe-me levá-lo à mesa em que estão seus amigos. Vamos. É um favor que o senhor me faz.

Ah, não é uma maravilha?! É a primeira vez em anos que uma mulher me pede um favor e eu não consigo suportar a idéia.

- Sr. Jankowski? Levanto os olhos para ela. Seu rosto macio está bem perto de mim. Ela me olha nos olhos, aguardando uma resposta.

- Ah, tudo bem. Mas não espere que eu converse com ninguém - digo, balançando a mão, enojado.

E não converso. Sento-me e ouço enquanto o Velho Mentiroso McGuinty fala das maravilhas do circo e das experiências que teve quando menino e observo

quando as senhoras de cabelos azuis se inclinam na direção dele e escutam, os olhos cada vez mais enevoados de admiração.

Fico louco de raiva.

Exatamente quando abro a boca para dizer algo, avisto Rosemary. Ela está do outro lado da sala, debruçando-se sobre uma velha em cuja gola enfia um guardanapo. Mas seus olhos estão em mim.

Fecho de novo a boca. Só espero que ela perceba o esforço que estou fazendo.

Ela percebe. Quando vem me buscar, depois que o pudim cor de bronze coberto por algum óleo comestível foi servido, demorou um pouco ali e acabou sendo retirado, Rosemary se inclina e sussurra:

- Eu sabia que o senhor conseguiria, Sr. Jankowski. Eu tinha certeza.

- Pois é. Não foi fácil.

- Mas é melhor do que se sentar sozinho, não é?

- Talvez.

Ela torna a virar os olhos para o céu.

- Tudo bem. É - digo de má vontade.

Já se passaram seis dias desde o acidente de Marlena e ela ainda não reapareceu. August não vem mais à tenda da cozinha para fazer as refeições, então sento-me à mesa completamente sozinho. Quando o encontro por acaso, na hora em que estou cuidando dos animais, ele se mostra educado mas distante.

Rosie, por sua vez, é levada de uma cidade a outra no carro do hipopótamo e depois exibida na tenda das jaulas com os outros animais. Ela aprendeu a seguir August no percurso do carro para tenda, e em troca ele parou de surrá-la. Ela vai marchando penosamente ao lado dele e ele segura o gancho com a ponta firmemente enfiada na parte de trás da perna dianteira dela. Uma vez na tenda das jaulas, ela pode ser vista atrás da corda que a isola, encantando a multidão e aceitando o algodão-doce que lhe oferecem. Tio Al não se pronunciou sobre o assunto, mas parece que não há planos para outro número de elefante tão cedo.

A cada dia fico mais preocupado com Marlena. Toda vez que me aproximo da cozinha tenho esperança de encontrá-la. E toda vez que não a encontro sinto um aperto no coração.

No fim de mais um longo dia em alguma cidadezinha qualquer - todas são mais ou menos iguais, vistas do recuo da linha férrea - o Esquadrão Voador se prepara para partir. Estou deitado no colchonete lendo Otelo enquanto Walter, em sua cama estreita, lê os poemas de Wordsworth. Queenie está aconchegada ao corpo dele.

Ela levanta a cabeça e rosna. Tanto Walter como eu nos sentamos imediatamente.

A cabeçorra careca de Earl aparece no vão da porta.

- Doutor!

- Earl chama, olhando para mim.

- Ei! Doutor!

- Oi, Earl. O que é que há?

- Preciso da sua ajuda.

- Claro. O que foi? - digo, pondo o livro de lado. Dou uma olhada de soslaio para Walter, que segura a agitada Queenie do seu lado. Ela ainda rosna.

- É Camel. Ele está em apuros - Earl sussurra.

- Que tipo de apuros?

- Nos pés. Estão totalmente bambos. Parece que ele acabou com eles. As mãos também não estão lá grande coisa.

- Ele está bêbado?

- No momento, não. Mas também não faz muita diferença.

- Porra, Earl. Ele tem que ir ao médico.

A testa de Earl se enrugou.

- É isso aí. É por isso que estou aqui.

- Earl, eu não sou médico.

- Você é médico de bichos.

- Não é a mesma coisa.

Olho de soslaio para Walter, que finge ler.

Earl pisca e me lança olhares ansiosos.

- Olhe - digo, por fim -, se ele estiver mal, posso falar com August ou com o Tio Al e ver se a gente arranja um médico em Dubuque.

- Eles não vão chamar um médico para o Camel.

- Por que não? Earl se enche de justa indignação.

- Você não sabe de nada, não é?

- Se ele está com algum problema sério, claro que vão...

- Jogá-lo fora do trem, é isso. Agora, se ele fosse um dos animais...

Pondero sobre isso só por um momento e logo me dou conta de que ele tem razão.

- Está certo. Eu mesmo vou procurar um médico.

- Como? Você tem alguma grana?

- Ah, não. Nenhuma - digo, envergonhado.

- Ele tem?

- Se Camel tivesse alguma grana, você acha que ele estaria tomando gengibirra e até bebidas misturadas com solvente? Ah, vamos lá, não quer ao menos dar uma olhada? O velho fez de tudo para te ajudar.

- Sei disso, Earl, sei disso - digo rapidamente.

- Mas não sei o que espera de mim.

- É você que é o médico. Dá só uma olhada.

A distância, ouve-se um apito.

- Vamos - diz Earl. - Esse é o apito dos cinco minutos. Temos que partir.

Eu o acompanho até o vagão que carrega a grande tenda. Os cavalos de tração já estão a postos e os homens do Esquadrão Voador começam a recolher as rampas, subir a bordo e fechar as portas de correr.

- Ei, Camel! - Earl grita, diante da porta aberta.

- Eu trouxe o doutor.

- Jacob? - ouço um grunhido que vem lá de dentro.

Subo no trem. Levo um minuto para me acostumar com a escuridão e então vejo a silhueta de Camel num canto. Ele está encolhido sobre uma pilha de sacos de ração. Eu me aproximo, ajoelhando-me ao seu lado.

- Camel, o que há com você?

- Não sei exatamente, Jacob. Alguns dias atrás acordei e meus pés estavam

completamente bambos. Deus, não posso nem senti-los!

- E você consegue andar?

- Mais ou menos. Mas tenho que levantar muito os joelhos porque meus pés estão bambos demais. - A voz se transforma num sussurro:

- E não é só isso.

Tem também outra coisa.

- Que outra coisa?

Os olhos de Camel estão arregalados e cheios de medo.

- Coisa de homem. Não sinto nada... aqui embaixo.

O trem dá um solavanco e se move lentamente, cambando para os lados enquanto os engates se ajustam.

- Estamos partindo. Você tem que saltar agora - diz Earl, dando-me tapinhas no ombro. Ele vai até a porta aberta e me chama de lá, com um aceno.

- Vou com vocês até a próxima parada - digo.

- Não é possível.

- Por que não? - Porque alguém pode ficar sabendo que você estava confraternizando com os trabalhadores e jogá-lo.., ou, o que é mais provável, jogar esses caras fora do trem - diz ele.

- Ah, dane-se, Earl, você não é da segurança?

Mande-os à merda.

- Eu sou do trem principal. Este aqui é território do Blackie - diz ele, acenando para mim, cada vez mais nervoso.

- Vamos embora! Olho nos olhos de Camel, que suplicam, apavorados.

- Eu tenho que ir. Encontro você em Dubuque. Vai ficar tudo bem. Vamos arranjar um médico.

- Eu estou completamente duro.

- Não se preocupe. Daremos um jeito.

- Ande logo! - berra Earl.

Ponho a mão no ombro do velho.

- Vamos encontrar uma saída, está bem? Os olhos remelentos de Camel piscam.

- Está bem? Ele faz que sim. Só uma vez.

Eu me levanto e me dirijo à porta.

- Puta merda - exclamo, olhando a paisagem que passa rapidamente.

- O trem ganhou velocidade mais rápido do que eu pensei.

- E ele não vai andar mais devagar do que isso - diz Earl, com a mão espalmada nas minhas costas, empurrando-me porta afora.

- Que inferno! - dou um berro, girando os braços como se fosse um moinho.

Caio no leito de cascalho e rolo até parar deitado de lado. Ouço um baque surdo quando outro corpo cai atrás de mim.

- Viu? - diz Earl, levantando-se e limpando as costas.

- Eu disse que Blackie era mau.

Eu o fito, espantado.

- O que foi? - ele pergunta surpreso.

- Nada - respondo.

Levanto-me e sacudo a poeira e o cascalho da minha roupa.

- Vamos embora. É melhor voltar antes que vejam você aqui.

- Diga a eles que eu estava checando o carro de carga.

- Ah! Boa! É isso aí. Acho que é por isso que você é doutor e eu não.

Balanço a cabeça, mas a expressão de Earl é completamente desprovida de malícia. Desisto e sigo em direção ao trem principal.

- O que é que há? - Earl grita atrás de mim.

- Por que você está sacudindo a cabeça, doutor?

- O que aconteceu? - pergunta Walter quando entro no carro.

- Nada - respondo.

- Ah, está certo. Eu ouvi a maior parte da história. Vamos, desembuche, doutor!

Eu hesito.

- É um dos caras do Esquadrão Voador. Ele está mal.

- Bem, até aí eu sei. O que você achou dele?

- Ele está apavorado. E, francamente, com toda a razão. Quero ver se arranjo um médico para vê-lo, mas estou completamente duro, tanto quanto ele.

- Mas não vai ficar duro por muito tempo. Amanhã é dia de pagamento.

Quais são os sintomas?

- Ele perdeu a sensibilidade nas pernas e nos braços e... bem, em outras partes também.

- Que partes? Dou uma olhada para baixo.

- Você sabe...

- Ah, que merda - diz Walter, endireitando-se.

- Foi o que pensei. Você não precisa chamar um médico. Ele está com a paralisia da gengibirra.

- Ele está com o quê?

- Perna de bebida ruim. Andar de bêbado. Coxo. E tudo a mesma coisa.

- Nunca ouvi falar disso.

- Alguém fez uma boa quantidade de gengibirra falsificada. Misturou substâncias plastificadoras nela. E essa bebida foi espalhada pelo país. Uma garrafa desse troço, e o cara já era.

- O que você quer dizer com “já era”?

- Fica paralítico. Pode aparecer até duas semanas depois de o cara tomar essa coisa.

Horrorizado, pergunto a Walter:

- Como é que você sabe disso?

Ele dá de ombros.

- Está nos jornais. Eles acabaram de descobrir a causa, mas muita gente já foi afetada por esse mal. Talvez dezena de milhares. A maioria no sul.

Passamos por lá quando estávamos a caminho do Canadá. Talvez tenha sido lá que ele conseguiu a bebida.

Faço uma pausa antes da pergunta seguinte.

- E tem cura?

- Não.

- Não se pode fazer nada para melhorar? - Eu já disse. Ele já era. Mas se você quer gastar seu dinheiro para ouvir um médico lhe dizer isso, fique à vontade.

Flashes pretos e brancos explodem na minha mente. E como um desenho animado difuso que apagasse tudo o mais. Eu me deixo cair no colchonete.

- Ei, você está bem? - pergunta Walter.

- Ei, rapaz. Você está meio verde.

Você não vai vomitar aqui, vai?

- Não - respondo. Estou com o coração tão acelerado que posso sentir minha corrente sangüínea. Acabo de me lembrar daquela garrafinha com um líquido intragável que Camel me ofereceu no meu primeiro dia no circo.

- Estou bem.

Graças a Deus.

No dia seguinte, logo depois do café-da-manhã, Walter e eu estamos, como todo mundo, na fila diante do carro vermelho da bilheteria. As nove em ponto, o homem que está no carro acena para o primeiro da fila, um dos operários.

Logo depois o sujeito pára, xingando e cuspiendo no chão. O seguinte - outro operário - também se afasta muito zangado.

Na fila, as pessoas se viram uma para outra e sussurram disfarçadamente.

- Ai, ai, ai... - murmura Walter.

- O que está acontecendo? - Parece que ele está retendo o pagamento dos empregados, à moda do Tio Al.

- Como assim? - A maioria dos circos segura uma parte do pagamento até o final da temporada. Mas quando o Tio Al fica completamente sem grana ele retém o pagamento de todo mundo.

- Que desgraçado! - digo, enquanto um terceiro homem esbraveja. Outros dois trabalhadores, de cara fechada e cigarro de palha nos lábios, saem da fila.

- O que estamos fazendo aqui, então?

- Essa retenção só afeta os trabalhadores - acrescenta Walter.

- Os artistas e os chefes sempre recebem o pagamento.

- Eu não sou nem uma coisa nem outra.

Walter me olha por alguns segundos.

- Não, não é. Não sei exatamente que diabo você é, mas, quem quer que se sente à mesa do diretor eqüestre não é nenhum trabalhador. Disso eu sei.

- Então, esse atraso acontece com muita freqüência?

- Muita - responde Walter. Chateado, ele arrasta o pé no chão.

- E Al algum dia acerta as contas com o pessoal?

- Acho que ninguém nunca tentou cobrar. Todos sabem que, se ele deve a alguém mais que quatro semanas de salário, o melhor que essa pessoa tem a fazer é não aparecer mais no dia de pagamento.

- Por quê? - pergunto, observando outro homem sujo bater os pés com força e soltar imprecações. À nossa frente, três trabalhadores saem da fila. E, de ombros caídos, voltam para o trem.

- Basicamente, a pessoa não quer ser considerada um encargo financeiro.

Porque, se isso acontecer, ela desaparece da noite para o dia.

- Como? Jogada fora do trem?

- É isso aí.

- Uma medida bastante radical. Quer dizer, por que é que ele simplesmente não deixa essas pessoas para trás?

- Porque ele lhes deve dinheiro. Como é que ele seria visto?

Agora sou o segundo da fila, atrás de Lottie. Seu cabelo louro brilha ao sol, cheio de cachos compridos e bem-feitos. O homem à janela do carro vermelho acena para que ela avance. Eles batem um papo agradável enquanto ele tira algumas notas de uma pilha. Assim que as recebe, Lottie lambe o indicador e começa a contá-las. Depois as enrola, metendo-as no decote do vestido.

- Próximo! Dou um passo à frente.

- Nome? - o homem pergunta sem levantar os olhos. É um sujeito baixo, careca, com uma pequena franja de cabelo fino e óculos de aro de metal. Ele examina o livro-caixa à sua frente.

- Jacob Jankowski - digo, espiando além dele. No interior do carro, as paredes são forradas de madeira entalhada e o teto é pintado. Vejo também uma mesa e um cofre no fundo, e uma pia paralela a uma das paredes. Do outro lado há um mapa dos Estados Unidos com alfinetes coloridos espetados em alguns pontos.

Provavelmente, nosso roteiro.

O dedo do homem percorre de cima a baixo uma parte da página do livro-caixa. Faz uma pausa e depois passa para coluna da direita.

- Sinto muito - diz ele.

- O que o senhor quer dizer com "sinto muito"? Ele levanta os olhos para mim, o retrato da sinceridade.

- Tio Al não gosta que ninguém chegue ao fim da temporada duro. Ele sempre retém quatro semanas de salário. Você vai receber no fim da temporada.

Próximo! - Mas eu preciso dele agora.

Ele me fita, com seu rosto implacável.

- Você vai receber o dinheiro no fim da temporada. Próximo! Quando Walter se aproxima da janela aberta eu estaco e fico ali só o tempo suficiente para cuspir no chão.

A solução me ocorre enquanto pico frutas para o orangotango. É um flash que brilha em minha cabeça, a lembrança visual de um letreiro.

Está sem dinheiro? O que você tem? Aceitamos qualquer coisa! Ando de um lado para o outro na frente do carro 48 pelo menos cinco vezes antes de finalmente entrar e bater na porta do camarote 3.

- Quem é? - pergunta August.

- Sou eu. Jacob.

Há uma ligeira pausa.

- Entre.

Abro a porta e entro.

August está em pé junto a uma das janelas. Marlena está numa das cadeiras estofadas, os pés descansando num pufe.

- Oi - ela diz, corando. Em seguida, puxa a saia para cobrir os joelhos e a alisa passando as mãos nas coxas.

- Oi, Marlena. Como vai?

- Melhor. Agora já estou andando um pouco. Não demora muito e voltarei a montar como antes.

- Então, o que o traz aqui? - August interrompe.

- Não que não estejamos encantados em vê-lo. Sentimos sua falta, não foi, querida?

- Hum... foi - diz Marlena. Ela levanta os olhos, fitando-me, e me sinto corar.

- Ah! Onde está minha educação?

Quer beber alguma coisa? - pergunta August, com olhos estranhamente duros acima de uma boca severa.

- Não, obrigado.

- Sou pego desprevenido por sua hostilidade.

- Não posso demorar. Só queria lhe pedir uma coisa.

- O que é? - Preciso chamar um médico.

- Por quê? Hesito.

- Prefiro não dizer por quê.

- Ah! - ele exclama, piscando para mim.

- Compreendo.

- Como? - digo, atemorizado.
- Não, não é nada disso.
- Olho de soslaio para Marlena, que se vira rapidamente para janela.
- É para um amigo meu.
- Ah, sim, claro que é - retruca August, sorrindo.
- Não, de verdade. E não é... Olhe, eu só queria saber se você conhece alguém.
Mas tudo bem. Vou andando até a cidade e vejo o que consigo. - Viro-me para sair.

- Jacob! - Marlena me chama.
Paro, à entrada do camarote, olhando para fora da janela do outro lado do corredor estreito. Respiro fundo duas vezes antes de me virar e encará-la.
- Amanhã, vou consultar um médico que vai a Davenport me ver - diz ela, com voz suave.

- Posso mandar chamá-lo quando minha consulta terminar?
- Fico muito grato - digo. Faço um cumprimento com o chapéu e saio.
Na manhã seguinte, há um alvoroço na fila da cozinha.
- Foi por causa daquela maldita elefanta - diz o homem na minha frente.
- Mas ela não pode fazer nada.
- São uns babacas - o amigo dele acrescenta.
- É uma vergonha um homem ter menos valor que um animal.
- Com licença - intervenho. - O que você quer dizer com "foi por causa da elefanta"? O homem que falou primeiro me olha espantado. Ele tem ombros largos e está usando um casaco marrom sujo. Seu rosto tem vincos profundos, é murcho e escuro como uma passa.

- Porque ela custa muita grana. Além disso, os caras compraram aquele carro de elefantes.
- Sim, mas o que aconteceu por causa dela?
- Um bando de homens sumiu da noite para o dia. Seis pelo menos, talvez mais.
- O quê? Do trem?
- É.

Deixo meu prato quase cheio em cima do balcão e me dirijo para o Esquadrão Voador. Depois de alguns passos, começo a correr.
- Ei, companheiro! - o homem me chama.
- Você nem comeu!
- Deixe-o em paz, Jock diz o amigo.
- Provavelmente, ele precisa dar uma olhada em alguém.
- camel! Camel, você está aí dentro? - estou em pé na frente do trem tentando ver o seu interior que cheira a mofo.
- Camel, você está aí? Nenhuma resposta.

- Camel! Nada.

Giro o corpo e fico de frente para o terreno.

- Merda! - Chuto o cascalho uma vez e depois chuto de novo.

- Merda! Só então ouço um gemido vindo do interior do carro.

- Camel, é você? Um som abafado vem de um dos cantos escuros. Pulo para dentro. Camel está deitado, encostado na parede mais afastada.

Ele parece desmaiado e segura uma garrafa vazia. Eu me inclino e tiro a garrafa de sua mão. Extrato de limão.

- Quem é você e que diabos acha que está fazendo? - pergunta uma voz atrás de mim. Eu me viro. É Grady. Ele está parado na frente da porta aberta, fumando um cigarro feito à mão.

- Ah, oi. Desculpe, Jacob. Não reconheci você de costas.

- Oi, Grady. Como ele tem passado? - Meio difícil de dizer - responde Grady. - O cara está chumbado desde ontem à noite.

Camel resmunga e tenta mudar de posição. O braço esquerdo cai mole e pesadamente sobre o peito. Ele mexe os lábios e começa a roncar.

- Vou ver se arranjo um médico hoje - respondo.

- Enquanto isso, você pode ficar de olho nele? - Claro que posso - diz Grady, afrontado.

- Que diabo você acha que eu sou? Blackie? Quem você acha que o protegeu ontem à noite?

- Claro que não acho que você seja... ah, deixa pra lá. Olhe, se ele acordar, faça-o manter-se sóbrio, está bem? Vejo você mais tarde, quando trazer o médico.

O médico segura o relógio de bolso de meu pai em sua mão rechonchuda, virando-o de um lado para o outro, avaliando-o com o seu pincenê. Ele o abre para examinar o mostrador.

- Sim. Isto serve. Então, o que é? - pergunta, metendo o relógio no bolso do seu colete.

Estamos no corredor para onde dá o camarote de August e Marlena. A porta ainda está aberta.

- Temos que ir a outro lugar - digo, baixando a voz.

O médico dá de ombros.

- Muito bem. Vamos.

Assim que saímos do carro, o médico se vira para mim.

- Então, onde vamos fazer esse exame?

- Não sou eu que vou ser examinado. É um amigo meu, que está com problemas nos pés e nas mãos. E em outras partes. Ele vai lhe contar quando chegarmos lá.

- Ah! - diz o médico

- O Sr. Rosenbluth me fez crer que o senhor estava tendo dificuldades de cunho... pessoal.

Enquanto me acompanha ao longo da via férrea, a expressão do médico muda. Ao deixarmos para trás os vagões de cores brilhantes da primeira seção do trem, ele parece alarmado. Quando chegamos aos carros em mau estado do Esquadrão Voador, seu rosto está contraído, enojado.

- Ele está aí dentro - digo, dando um salto e entrando no carro.

- Como é que eu entro aí? - o médico me pergunta.

Earl surge das sombras com um caixote de madeira. Ele salta, ajeita o caixote perto da entrada e lhe dá uma pancada forte. O médico olha de soslaio para superfície do caixote e então, com sua maleta preta recatadamente agarrada na frente, sobe e entra.

- Onde está o paciente? - pergunta, apertando os olhos e esquadrinhando o vagão.

- Ali - responde Earl. - Camel está encolhido num canto. Grady e Bill estão perto dele, protegendo-o.

O médico se dirige a eles e pede:

- Podem nos dar um pouco de privacidade, por favor.

Os dois homens se afastam, resmungando surpresos, e vão para o fundo do carro onde esticam os pescoços tentando ver o que acontece.

O doutor se aproxima e se agacha ao lado de Camel. Não posso deixar de notar que ele mantém os joelhos das calças afastados do piso.

Alguns minutos depois ele se ergue e diz:

- Paralisia causada pelo gengibre da Jamaica. Não há a menor dúvida.

Puxo o ar entre os dentes e prendo o fôlego.

- O quê? O que é isso? T Camel grunhe.

- Você pegou a doença por ter bebido extrato de gengibre da Jamaica.

- O médico enfatizou bem as três palavras finais.

- Ou gengibirra, como é comumente chamada.

- Mas... Como? Por quê? - Camel pergunta, fitando o rosto do médico com olhos desesperados.

- Não compreendo. Eu bebo isso há anos.

- Sim. Eu sei. Imagino que sim - diz o médico.

Sinto a raiva subir até a minha garganta como bile. Ponho-me ao lado do médico.

- O senhor não respondeu à pergunta - digo o mais calmamente que posso.

O doutor se vira e me examina através da lente do seu pincenê. Depois de uma pausa de alguns segundos ele explica:

- A paralisia é causada por um composto de fenóis usado pelo fabricante.

- Meu Deus! - exclamo.
- Exatamente.
- Por que acrescentaram isso ao extrato?
- Para driblar as normas que exigem que o extrato de gengibre da Jamaica seja intragável.

- Ele se volta para Camel e levanta a voz.
- Para que não seja consumido como bebida alcoólica.
- E ela vai embora? - pelo tom alto da voz, Camel está com medo.
- Não. Sinto dizer que não - responde o médico.

Atrás de mim, os outros prendem o fôlego. Grady chega à frente até ficarmos um ao lado do outro.

- Espere um instante. Quer dizer que não há nada que o senhor possa fazer? O médico se apruma, põe os polegares nos bolsos, como ganchos, e retruca:

- Eu? De jeito nenhum. - Sua expressão contraída o faz parecer um cachorro pug, como se ele estivesse tentando fechar as narinas usando apenas os músculos do rosto.

Ele então pega a maleta e se dirige para porta.

- Espere só um instantinho - pede Grady. - Se o senhor não pode fazer nada, há alguém que possa? O médico se vira e se dirige especificamente a mim, imagino que por ter sido quem lhe pagou.

- Ah, sim, há muitos que vão tomar o seu dinheiro e oferecer uma cura: Caminhar em poças de lama, terapia de eletrochoque... mas nada disso funciona.

Talvez ele recupere alguma função com o tempo, mas será, quando muito, uma melhora mínima. Em primeiro lugar, ele não deveria beber. E contra a lei federal, vocês sabem.

Perco a fala. Talvez minha boca até esteja aberta.

- Isso é tudo? - diz o doutor.

- Como?

- Você... precisa... de... mais... alguma coisa? - pergunta, como se eu fosse um idiota.

- Não - respondo.

- Então, tenha um bom dia. - Ele cumprimenta com o chapéu, pisa cautelosamente no caixote e desce. Anda uns 10 metros, pousa a maleta no chão e tira um lenço do bolso. Limpa as mãos com muito cuidado, passando o lenço entre cada um dos dedos. Depois, pega a maleta, estufa o peito e se afasta, levando com ele o último fiapo de esperança de Camel e o relógio de bolso de meu pai.

Quando retorno ao carro, Earl, Grady e Bill estão ajoelhados ao redor de Camel. Lágrimas correm pelo rosto do velho.

- Walter, preciso falar com você - digo, entrando de supetão no quarto das

cabras. Queenie levanta a cabeça, vê que sou eu e volta a se ajeitar em suas patas.

Walter abaixa o livro.

- Por quê? O que houve?

- Preciso pedir um favor.

- Vamos, peça, o que é?

- Um amigo meu está na pior.

- Aquele cara com paralisia de gengibirra? Espero um pouco.

- É.

Chego perto do meu colchonete, mas estou ansioso demais para me sentar.

- Vamos, desembuche - diz Walter, impaciente.

- Quero trazê-lo para cá.

- O quê? - Senão ele vai ser jogado fora do trem. Ontem à noite os amigos tiveram que escondê-lo atrás de um rolo de lona.

Walter olha para mim, horrorizado.

- Você só pode estar brincando.

- Olhe, eu sei que você não ficou nada contente quando apareci aqui e sei que é um operário e coisa e tal, mas é um velho e está em péssimo estado. Precisa de ajuda.

- E o que, exatamente, nós devemos fazer?

- Mantê-lo longe de Blackie.

- Por quanto tempo?

Para sempre?

Eu me deixo cair no colchonete. Ele tem razão, claro. Não podemos manter Camel escondido para sempre.

- Merda - digo.

E bato na cabeça com a palma da mão. E então outra vez outra vez.

- Ei, pare com isso - reclama Walter. Ele se senta chegando o corpo para frente e fecha o livro.

- Eu fiz uma pergunta séria. O que faremos com ele?

- Não sei.

- Ele tem família? Olho para ele.

- Uma vez ele falou de um filho.

- Bom, agora estamos chegando a algum lugar. Você sabe onde esse filho está?

- Não. Acho que eles não têm nenhum contato.

Walter me encara, batendo com os dedos na perna. Depois de meio minuto de silêncio ele acrescenta: 196 - Tudo bem. Traga-o para cá. Não deixe que ninguém veja vocês dois, ou seremos castigados.

Olho para ele surpreso.

- O que foi? - pergunta, afastando uma mosca da testa.

- Nada. Não. Na verdade, quero agradecer. Muito.
- Ei, eu tenho coração - acrescenta ele, deitando-se de costas e pegando de novo o livro.

- Não como algumas pessoas que todos nós conhecemos e a quem amamos.
Walter e eu estamos descansando entre a matinê e o show da noite quando ouvimos batidinhas suaves em nossa porta.

Ele se levanta num salto, derrubando o caixote de madeira e xingando, enquanto impede que o lampião de querosene caia no chão. Aproximo-me da porta e lanço um rápido olhar ansioso para os baús encostados, um ao lado do outro, na parede do fundo.

Walter endireita o lampião e me dirige o mais rápido dos acenos de cabeça.
Abro a porta.
- Marlena! - exclamo, a porta mais aberta do que eu pretendia.
- O que você está fazendo de pé? Quer dizer, você está bem? Quer se sentar?
- Não - Marlena responde, com o rosto a poucos centímetros do meu.
- Estou bem. Mas eu gostaria de falar com você um minuto. Você está sozinho?
- Hum... não. Não exatamente - digo, olhando de relance para Walter que, atrás de mim, balança a cabeça e acena furiosamente.

- Você pode vir ao meu camarote? Só por um instante.
- Posso. Claro.
Marlena se encaminha calmamente para saída, usando chinelos em vez de sapatos. Ela se senta na beira e desce com cuidado. Eu observo com alívio que, embora seus movimentos sejam cautelosos, ela não está mancando.

Fecho a porta.
- Rapaz, que coisa! - diz Walter, balançando a cabeça.
- Quase tive um ataque do coração. Que merda! Que diabos estamos fazendo?
- Ei, Camel. Está tudo bem com você aí?
- Tá - diz uma voz fina que sai de trás dos baús.
- Acha que ela viu alguma coisa?
- Não. Você está liberado. Por enquanto. Mas precisamos tomar muito cuidado.
Marlena está sentada na cadeira estofada, com as pernas cruzadas.
Quando entro, ela está inclinada para frente, massageando o arco de um dos pés. Ao me ver, ela pára e se recosta.
- Jacob. Obrigada por ter vindo.
- De nada - retruco. Tiro o chapéu e o seguro sem jeito na altura do peito.
- Por favor, sente-se.
- Obrigado - digo, sentando-me na cadeira mais próxima e dando uma olhada ao redor.
- Onde está August?

- Ele e o Tio Al estão numa reunião com os homens da estrada de ferro.
- Ah! Algum problema?
- Só boatos. Alguém disse que estávamos jogando gente fora do trem. Eles vão esclarecer tudo, tenho certeza.

- Boatos.

Sim - digo, mantendo o chapéu no colo, passando o dedo na aba e esperando.

- Então... hum... fiquei preocupada com você.

- Ficou?

- Você está bem? - ela pergunta, tranquilamente.

- Estou. Claro - respondo. Então começo a entender do que ela está falando.

- Não, não é o que você está pensando. O médico não era para mim. Eu precisava trazê-lo para que ele visse uma pessoa, e não era... não era por aquilo.

- Ah - diz ela, com um riso nervoso.

- Estou tão contente. Desculpe, Jacob.

Eu não queria causar constrangimento. Estava apenas preocupada.

- Estou bem. De verdade.

- E essa pessoa? Prendo a respiração por um instante.

- Não muito bem.

- E ela vai ficar boa?

- Ela? - levanto os olhos, pego de surpresa.

Marlena olha para baixo, torcendo os dedos no colo.

- Achei que era Bárbara.

Engasgo.

- Ah, Jacob! Ah, meu Deus. Estou fazendo uma grande confusão com tudo isso. Não é da minha conta. Realmente. Por favor, me perdoe.

- Não. Mal conheço a Bárbara. - Enrubesco tanto que sinto o couro cabeludo formigar.

- Tudo bem. Sei que ela é uma... - Marlena torce os dedos, sem jeito, e deixa a frase incompleta.

- Bem, apesar disso, não é má pessoa. É bastante decente, aliás, embora você queira...

- Marlena - pronuncio seu nome com veemência suficiente para fazê-la parar de falar. Pigarreio e continuo:

- Não tenho nada com a Bárbara. Eu mal a conheço. Acho que nós não trocamos mais do que uma dúzia de palavras na vida.

- Ah - diz ela.

- É só que o Auggie falou...

Ficamos ali parados, num silêncio penoso, por quase meio minuto.

- Então seus pés estão melhores?

- Estão, sim, obrigada.

- Vejo que ela aperta as mãos com tanta força que os nós dos dedos estão brancos. Ela engole em seco e olha para o colo.

- Tem mais uma coisa sobre a qual eu queria falar com você. O que aconteceu naquela ruazinha. Em Chicago.

- A culpa foi toda minha - digo rapidamente.

- Não sei o que deu em mim.

Uma loucura temporária ou qualquer coisa do gênero. Sinto muito. Posso lhe garantir que aquilo nunca mais vai acontecer.

- Oh! - diz ela, tranqüilamente.

Levanto os olhos, espantado. A menos que eu esteja completamente enganado, acho que acabei de ofendê-la.

- Não estou dizendo... Não é que você não... É só...

- Você está dizendo que não queria me beijar? Deixo cair o chapéu e levanto as mãos.

- Marlena, por favor, me ajude. Não sei o que você quer que eu diga.

- Porque seria melhor se não...

- Se não... o quê?

- Se você não quisesse me beijar - diz ela, tranqüilamente.

Minha boca se mexe, mas muitos segundos se passam antes que eu fale alguma coisa.

- Marlena, o que você está dizendo?

- Eu... eu realmente não tenho certeza. Eu mal posso raciocinar. Não consegui parar de pensar em você. Sei que é errado sentir o que estou sentindo, mas eu simplesmente... Bem, acho que eu apenas imaginei...

Quando levanto os olhos, vejo que seu rosto está cor de cereja. Ela ora aperta, ora afrouxa as mãos, e seus olhos estão pregados no colo.

- Marlena - digo enquanto me levanto e dou um passo à frente.

- Acho que é melhor você ir embora agora.

Eu a encaro por alguns segundos.

- Por favor - diz ela, sem levantar os olhos.

E então eu saio, embora todo o meu corpo grite contra isso.

Camel passa os dias escondido atrás dos baús, deitado em cobertores que Walter e eu arranjamos para que seu corpo devastado não encoste diretamente no chão. Ele está tão mal da paralisia que não acredito que seja capaz de engatinhar, mesmo se quisesse. E está com tanto medo de ser pego que nem tenta se mover. Toda noite, depois que o trem dá a partida, tiramos os baús do lugar e o sentamos encostado no canto do carro ou o deitamos na cama estreita, dependendo do que ele queira. É Walter quem insiste que ele use a cama, e eu, por minha vez, insisto que Walter fique com o colchonete. Assim, volto a dormir no canto, na manta de cavalo.

Depois de apenas dois dias em nosso vagão, os tremores de Camel pioraram tanto que ele não consegue nem falar. É Walter quem constata isso quando volta ao trem, ao meio-dia, para levar comida para Camel. Ele está tão mal que Walter vai até a tenda das jaulas me avisar, mas August está vigiando e não posso voltar ao trem.

Perto da meia-noite, Walter e eu estamos sentados lado a lado na cama estreita, esperando o trem partir. Assim que ele começa a se mexer, nos levantamos e afastamos os baús da parede.

Walter se ajoelha, pega Camel pelas axilas e o põe sentado. Em seguida, Walter tira uma garrafinha do bolso.

Ao vê-la, os olhos do velho se voltam abruptamente para o rosto de Walter e se enchem de lágrimas.

- O que é isso? - pergunto imediatamente.
- Que diabos você acha que é? - retruca Walter.
- É bebida. Bebida de verdade. Da boa.

Camel estende as mãos trêmulas para pegar a garrafinha. Walter tira a tampa e a leva aos lábios do velho, que ainda se apóia nele.

Passa-se mais uma semana e Marlena continua enclausurada no seu camarote. Estou tão ansioso para vê-la que me vejo procurando um jeito de espiar pela janela sem ser apanhado. Felizmente, o bom senso prevalece.

Toda noite, deito-me na minha manta de cavalo fedorenta, enrolada no canto, e relembro nossa última conversa, cada palavra preciosa. E sigo, repetidas vezes, a mesma trajetória torturante - que vai de uma alegria desconfiada a um desapontamento esmagador. Sei que me mandar embora era a única atitude que Marlena poderia ter tomado, mas ainda assim é difícil de aceitar. Só de pensar nisso me agito tanto que Walter pede que eu pare de me mexer e de me contorcer para que ele consiga dormir.

Seguimos em frente. Em geral, ficamos um dia em cada cidade, embora muitas vezes façamos paradas de dois dias nos fins de semana. Durante o trajeto entre

Burlington e Keokuk, Walter - com a ajuda de doses generosas de uísque consegue extrair o nome e o último paradeiro conhecido do filho de Camel. Nas poucas paradas seguintes, Walter vai para cidade imediatamente após o café-da-manhã e só volta quase na hora do início do show. Ao chegarmos a Springfield, ele consegue fazer contato.

De início, o filho de Camel nega o parentesco. Mas Walter é persistente. Num dia ele vai a pé à cidade, no outro negocia por telegrama, e já na sexta-feira seguinte o filho concorda em nos encontrar em Providence e se responsabilizar pela guarda do pai. Isso significa que ainda teremos de hospedá-lo por muitas semanas, mas ao menos é uma solução. E já é muito melhor do que o que tínhamos até agora.

Em Terre Haute, a Adorável Lucinda morre. Depois que o Tio Al se recupera de sua violenta mas breve consternação, ele organiza uma despedida à altura da "nossa amada Lucinda".

Uma hora depois de assinado o atestado de óbito, o corpo de Lucinda é posto no depósito de água do carro do hipopótamo e atrelado a um conjunto de 24 percherões pretos com penachos nas cabeças.

Tio Al sobe no carro fúnebre e se senta ao lado do cocheiro, quase desmoranando de tanta dor. Logo depois, ele faz um sinal com os dedos e anuncia o início do cortejo de Lucinda. Ela é transportada lentamente pelas ruas da cidade, acompanhada, a pé, por todos os integrantes do Circo Irmãos Benzini - o Maior Espetáculo da Terra considerados apresentáveis. Tio Al continua desolado. Ele chora e assoa o nariz em seu lenço vermelho e só levanta os olhos de relance para saber se a velocidade do cortejo permite que a multidão aumente.

As mulheres seguem imediatamente atrás do carro do hipopótamo, todas vestidas de preto e portando elegantes lenços de renda preta com que pressionam os cantos dos olhos. Eu me encontro bem mais atrás, cercado de todos os lados por homens lastimosos e cujos rostos brilham por causa das lágrimas. Tio Al prometeu três dólares e uma garrafa de uísque canadense a quem representasse melhor. Nunca se viu tanto pesar - até os cachorros uivam.

Quase mil pessoas nos acompanham na volta ao terreno. Quando o Tio Al se levanta no carro, todos se calam.

Ele tira o chapéu e o aperta contra o peito. Tira um lenço do bolso e enxuga os olhos. Profere um discurso de cortar o coração e parece tão transtornado que mal consegue se conter. Por fim, Al diz que, se pudesse, cancelaria a apresentação da noite em respeito a Lucinda. Mas não pode. Ele é um homem de honra, e em seu leito de morte Lucinda pegou sua mão e o fez prometer - ou melhor, jurar - que ele não deixaria que o fim iminente dela prejudicasse o espetáculo e desapontasse os milhares de pessoas que esperavam que fosse dia de circo.

- Porque, afinal de contas... - Tio Al faz uma pausa, levando a mão fechada ao

coração e fungando penosamente. Ele dirige os olhos para o céu enquanto as lágrimas escorrem pelo seu rosto.

As mulheres e crianças na multidão choram abertamente. Uma mulher próximo da frente do cortejo cobre a testa com o braço e desmaia, enquanto os homens que a cercam se apressam a segurá-la.

Tio Al consegue se controlar com um esforço evidente, embora seu lábio inferior não pare de tremer. Ele faz um lento aceno de cabeça e continua:

- Porque, afinal de contas, como a nossa querida Lucinda sabia muito bem... o show tem que continuar! Temos a presença de uma multidão essa noite - "casa cheia" como se diz.

Todos os lugares disponíveis foram vendidos e os trabalhadores tiveram que espalhar palha na pista dos cavalos para que os excedentes se sentassem no chão.

Tio Al dá início ao espetáculo com um minuto de silêncio. Ele inclina a cabeça, derrama lágrimas de verdade e dedica a noite a Lucinda, cujo enorme e total desprendimento é o único motivo para seguirmos em frente diante da nossa perda. E faremos com que ela se sinta orgulhosa - ah, sim, era tão grande o nosso amor por Lucinda que, apesar da dor que nos consome e exige ainda mais dos nossos corações dilacerados, reuniremos forças para respeitar o seu desejo final e deixá-la orgulhosa.

Maravilhas que os senhores nunca viram, senhoras e senhores, números e artistas vindos dos quatro cantos da Terra para encantá-los e diverti-los, acrobatas, malabaristas e trapezistas do mais alto nível...

Um quarto do show já se passou quando ela entra na tenda das jaulas. Sinto sua presença antes mesmo de ouvir os murmúrios de surpresa ao meu redor.

Ponho Bobo no chão de sua jaula. Viro-me e tenho a confirmação: ela está ali, maravilhosa em sua malha de lantejoulas rosa e o arranjo de penas na cabeça, tirando os cabrestos dos cavalos e os deixando cair no chão. Apenas Boaz - um cavalo árabe negro e provavelmente par de Silver Star - permanece amarrado e claramente infeliz por causa disso.

Encosto-me na jaula de Bobo, hipnotizado.

Esses cavalos, com os quais viajo todas as noites de uma cidade para outra e que em geral parecem comuns, se transformaram. Eles bufam e resfolegam, com os pescoços arqueados e os rabos erguidos. Estão reunidos em dois grupos de dança, um de cavalos pretos e o outro de brancos. Marlena os encara, com um chicote comprido em cada mão. Ela ergue um dos chicotes e o faz girar acima de sua cabeça. Em seguida, anda para trás, conduzindo os cavalos para fora da tenda. Os animais estão completamente livres. Não usam cabresto, nem rédeas, nem selas, nada. Eles simplesmente a seguem, balançando as cabeças e arremessando as patas para frente, como se estivessem selados.

Nunca a vi se apresentar - nós que trabalhamos nos bastidores não temos tempo

para esse tipo de luxo -, mas dessa vez nada vai me impedir. Fecho bem a porta da jaula de Bobo e me esgueiro pelo túnel de lona, sem teto, que liga a tenda das jaulas à grande tenda. O bilheteiro me olha de relance e, quando percebe que não sou policial, volta ao seu trabalho. Seus bolsos tilintam, recheados de dinheiro. Paro ao lado dele; meu olhar atravessa os três picadeiros e chega ao fundo da grande tenda.

Tio Al a anuncia. Ela entra em cena e rodopia, segurando os dois chicotes bem alto. Com um deles, ela dá leves chicotadas no ar e recua alguns passos. Os dois grupos de cavalos entram correndo atrás dela.

Marlena se encaminha, dançando, para o picadeiro central e eles a acompanham, levantando as patas bem alto, como nuvens pretas e brancas.

Quando chega ao centro, ela dá leves chicotadas no ar. Os cavalos começam a trotar ao redor do picadeiro, os cinco brancos seguidos dos cinco pretos.

Depois de duas voltas completas, ela brande o chicote. Os cavalos pretos aumentam a velocidade da marcha até que cada um esteja trotando ao lado de um cavalo branco. Mais uma chicotada no ar e eles formam uma fila, pretos e brancos alternados.

Ela se movimenta apenas o mínimo necessário, as lantejoulas rosa cintilando sob as luzes fortes. No centro do picadeiro, ela anda num pequeno círculo, brandindo os chicotes numa sequência de sinais.

Os cavalos continuam circulando. Os brancos passam os pretos e depois os pretos passam os brancos. Os movimentos sempre resultam numa alternância de cores.

Ela grita e eles param. Ela diz mais alguma coisa e eles se viram e põem os cascos da frente no meio-fio do picadeiro. Eles andam de lado, com os rabos virados para Marlena e os cascos sobre o meio-fio. Fazem um giro completo antes que ela os mande parar de novo. Eles descem e se viram para ela, que chama Midnight à frente.

Trata-se de um magnífico cavalo preto, com todo o furor do árabe e um perfeito diamante branco na testa. Ela fala com o animal, segurando os dois chicotes numa só mão e lhe oferecendo a outra. Ele pressiona o focinho na palma da mão dela, com o pescoço arqueado e as narinas dilatadas.

Marlena dá alguns passos para trás e levanta um chicote. Os outros cavalos observam, dançando em seus lugares. Ela ergue o outro chicote e dá pequenos golpes com a ponta, para frente e para trás. Midnight empina, apoiado nas patas traseiras, com as dianteiras curvadas. Ela grita uma ordem - é a primeira vez que levanta a voz - e recua. O cavalo a acompanha, ainda empinado, marchando sobre as patas traseiras e dando patadas no ar. Ela o mantém nessa posição durante toda a volta pelo picadeiro. Então, com um gesto, ela ordena que ele desça as patas. Outra chicotada codificada e Midnight faz uma reverência, dobrando o joelho de uma perna

dianteira e esticando a outra. Ainda com o cavalo inclinado, ela levanta os dois chicotes e os sacode. Os outros animais fazem piruetas, girando em seus lugares.

Mais aplausos, mais adulação. Marlena ergue os braços e se vira para dar a cada setor da platéia a chance de adorá-la. Então ela se aproxima de Midnight e monta delicadamente no seu dorso abaixado. Ele se levanta, estica o pescoço e leva Marlena para fora da grande tenda. Os outros cavalos os seguem, mais uma vez agrupados por cor, se amontoando para ficar perto de sua dona.

Meu coração bate tão forte que, apesar do rugido da multidão, ouço o fluxo do sangue atravessando os meus ouvidos. Sinto-me explodir, transbordar de amor.

Essa noite, depois que o uísque deixou Camel morto para o mundo e que Walter está roncando no colchonete, eu saio do quartinho e fico olhando o lombo dos cavalos.

Cuido deles diariamente. Limpo o esterco das baias, encho os baldes de água e ração e os preparo para o espetáculo. Examino seus dentes, penteio suas crinas e verifico se há quentura em suas pernas. Faço-lhes agrados e lhes dou palmadinhas no pescoço. Eles se tornaram tão familiares ao meu ambiente quanto Queenie, mas depois de assistir ao número de Marlena nunca mais os verei da mesma maneira. Esses cavalos são uma extensão de Marlena - uma parte dela que está aqui, neste instante, comigo.

Debruço-me sobre a divisória da baia e ponho a mão no lombo liso e preto de Midnight, que há pouco dormia, grunhe de surpresa e vira a cabeça.

Quando vê que sou eu, ele se vira para o outro lado. As orelhas pendem, os olhos se fecham e ele transfere seu peso para que uma das pernas dianteiras descanse.

Volto ao quarto das cabras e verifico se Camel ainda está respirando. Então me deito na manta de cavalo e me perco num sonho com Marlena que provavelmente me custará a alma.

Diante dos balcões fumegantes da cozinha, na manhã seguinte:

- Dê uma olhada - diz Walter, levantando o braço para cutucar minhas costelas.
- O que foi? Ele aponta.

August e Marlena estão sentados à nossa mesa. É a primeira vez que aparecem para uma refeição desde o acidente dela.

Walter crava os olhos em mim e pergunta:

- Você vai ficar numa boa?
- Vou, claro - respondo, irritado.
- Tudo bem. Só estou conferindo - diz ele.

Passamos pelo sempre vigilante por Ezra e nos dirigimos, separadamente, para nossas mesas.

- Bom dia, Jacob - August cumprimenta, enquanto coloco meu prato sobre a

mesa e me sento.

- August, Marlena - digo, com um aceno de cabeça para cada um.

Marlena levanta os olhos rapidamente e depois volta a fitar o prato.

- E como vai você neste lindo dia? - pergunta August. E começa a comer a sua montanha de ovos mexidos.

- Bem. E você?

- Ótimo.

- E você, como vai, Marlena? - pergunto.

- Bem melhor, obrigada.

- Eu vi seu número ontem à noite - acrescento.

- Viu?

- Vi - digo, sacudindo o guardanapo para desdobrá-lo e o abrindo sobre o colo.

- Foi.., não sei exatamente o que dizer. Foi maravilhoso. Nunca vi nada parecido.

- Ah?! - diz August, levantando uma sobrancelha.

- Nunca? - Não. Nunca.

- Puxa! Ele me olha sem piscar.

- Achei que tinha sido o número de Marlena que o inspirou a se juntar ao circo.

Estou errado?

Meu coração salta dentro do peito. Pego meus talheres: o garfo na mão esquerda, a faca na direita - à moda européia, como minha mãe fazia.

- Eu menti.

Espeto a ponta de uma salsicha e começo a cortá-la, esperando a reação dele.

- Como?

- Eu menti. Menti! - Bato os talheres no prato, um pedacinho de salsicha ainda empalado no garfo.

- Claro que nunca tinha ouvido falar dos Irmãos Benzini antes de, de repente, pular naquele trem em movimento. Quem é que ouviu falar dos Irmãos Benzini?

O único circo que eu tinha visto na minha vida foi o dos Irmãos Ringling, e era espetacular. Espetacular! Está me ouvindo?

Faz-se um silêncio sepulcral. Olho em volta, horrorizado. Todos na tenda estão me fitando. Walter está boquiaberto. As orelhas de Queenie estão grudadas em sua cabeça. A distância, um camelo blatera.

Por fim, olho para August. Ele também me olha fixamente. Uma ponta do seu bigode estremece. Meto o guardanapo sob a borda do prato, me perguntando se ele não passará por cima da mesa para me pegar.

Ele arregala ainda mais os olhos. Embaixo da mesa, tensiono os nós dos dedos. Então August explode. Ele ri tanto que fica vermelho, coloca a mão sobre o diafragma e tenta recuperar o fôlego. Ri e uiva até lágrimas escorrerem pelo seu

rosto e os lábios tremerem de tanto esforço.

- Ah, Jacob - diz ele, enxugando o rosto.

- Ah, Jacob. Talvez eu tenha me enganado a seu respeito. E. Realmente. Devo ter me enganado.

- Ele ri e funga, esfregando o guardanapo no rosto.

- Ai, Deus - suspira ele.

- Ai, Deus. - Em seguida, pigarreia e apanha os talheres. Pega um pouco do ovo com o garfo, mas logo torna a pousá-lo no prato, mais uma vez morrendo de rir.

As outras pessoas voltam à sua comida, mas com relutância, como o grupo que me observava quando expulsei o homem do terreno naquele primeiro dia. E não posso deixar de notar que, quando voltam a comer, têm um ar apreensivo.

A morte de Lucinda nos deixou com uma séria lacuna no grupo das aberrações. E ela precisa ser preenchida - todos os grandes espetáculos têm mulheres obesas e por isso também precisamos ter.

Tio Al e August procuram nos anúncios da revista Billboard e a cada parada fazem telefonemas e mandam telegramas para recrutar uma nova obesa, mas todas elas parecem estar satisfeitas com sua situação atual ou então desconfiam da reputação do Tio Al. Depois de duas semanas e 10 viagens curtas, o desespero do Tio Al é tão grande que ele aborda uma mulher de proporções generosas na platéia. Mas, infelizmente, ela é a esposa do delegado de Polícia, e assim, em vez de uma mulher obesa, o Tio Al acaba com um olho roxo e ordens expressas para deixar a cidade.

Temos duas horas. Os artistas imediatamente se refugiam em seus vagões. Os empregados, uma vez despertados, correm de um lado para outro como galinhas sem cabeça. Tio Al, sem fôlego e muito vermelho, sacode a bengala e bate nas pessoas que a seu ver não estão se movimentando com agilidade suficiente. As tendas desarmadas caem tão rápido que alguns homens ficam presos nelas, e os operários que estão desarmando outras tendas têm que ajudá-los antes que sufoquem debaixo de tanta lona, ou - o que é pior, na avaliação do Tio Al- usem seus canivetes para fazer um buraco que lhes permita respirar.

Depois que todos os animais estão embarcados, retiro-me para o carro dos cavalos. Não me agrada o jeito de alguns moradores da cidade que estão por ali, rondando o terreno. Muitos estão armados e tenho uma sensação ruim na boca do meu estômago.

Como ainda não vi Walter, ando de um lado para o outro diante da porta aberta do carro, esquadrinhando o terreno. Os negros há muito tempo se esconderam no Esquadrão Voador, e não estou de todo convencido de que a multidão não vá se contentar com um anão ruivo no lugar deles.

Uma hora e 50 minutos depois de recebida a ordem de partir, Walter aparece na

porta.

- Caramba! Onde você estava? - grito.

- É ele? - ouço o grasnido de Camel vindo de trás dos baús.

- É, sim, é ele. Suba logo - falo, acenando para que Walter entre. - Aqueles homens não parecem nada simpáticos.

Ele não se mexe. Está afogueado e sem fôlego.

- Onde está Queenie?

Você a viu?

- Não. Por quê?

Ele desaparece.

- Walter! - dou um salto e vou até a porta, atrás dele.

- Walter! Aonde você vai?

Eles já tocaram o apito dos cinco minutos! Ele está correndo ao lado do trem, abaixando-se para olhar por entre as rodas.

- Venha, Queenie! Aqui, garota!

- Ele se endireita, pára na frente de cada carro, berrando através das ripas e depois esperando alguma resposta.

- Queenie! Aqui, garota!

- A cada vez que ele chama, sua voz atinge um novo nível de desespero.

Ouve-se um apito, um longo e persistente aviso seguido de assobios e explosões da máquina.

A voz de Walter falha. Ele está rouco de tanto gritar.

- Queenie! Onde você se meteu? Queenie! Venha!

À frente, os últimos desgarrados saltam do teto de uma plataforma para outra.

- Walter, anda! - eu grito.

- Não fique aí. Você tem que entrar agora.

Ele não me dá atenção. Está agora nos vagões-plataforma, espiando debaixo das rodas.

- Queenie, venha! - grita. Logo depois, ele pára e de repente se põe de pé.

Parece perdido.

- Queenie? - diz, sem se dirigir a ninguém em particular.

- Ah! Que merda! - exclamo.

- Ele vai voltar ou não? - Camel me pergunta.

- Parece que não.

- Então vá atrás dele - ele rosna.

O trem cambaleia para frente e os carros sacolejam quando a máquina afrouxa a tensão dos engates.

Eu salto para o chão de cascalho e saio correndo na direção dos vagões-plataforma. Walter está parado, olhando para locomotiva.

Ponho a mão em seu ombro.

- Walter, está na hora de partir.

Ele se vira para mim, com olhos suplicantes.

- Onde ela está? Você viu Queenie?

- Não. Vamos, Walter. Temos que entrar no trem agora.

- Não posso - ele responde. Seu rosto está pálido.

- Não posso deixar Queenie. Simplesmente não posso.

O trem está resfolegando, ganhando força para começar a se movimentar.

Dou uma olhada rápida para trás. Os moradores da cidade, armados com rifles, paus e tacos de beisebol, estão se aproximando. Olho novamente para o trem por um tempo suficiente para ter uma noção da velocidade e conto, pedindo a Deus que eu esteja certo: um, dois, três, quatro.

Pego Walter no colo como se ele fosse um saco de farinha e o jogo lá dentro.

Ouçoo um baque e um grito quando ele atinge o chão. Corro a toda velocidade ao lado do trem e agarro a barra de ferro na lateral da porta. Deixo o trem me arrastar por uns três passos e então aproveito sua velocidade para dar um salto e entrar.

Meu rosto desliza pelas tábuas do piso oscilante. Quando percebo que estou a salvo, procuro Walter, preparado para uma briga.

Ele está encolhido no canto, chorando.

Walter está inconsolável. Ele permanece no canto enquanto afastos os baús e resgato Camel. Consigo abaixar as calças do velho - tarefa que em geral requer a participação de nós três - e então o arrasto até deixá-lo na frente dos cavalos.

- Ah, vamos lá, Walter - diz Camel.

Eu estou segurando o velho pelas axilas, com o traseiro nu, sobre o que Walter chama de balde do mel.

- Você fez o que podia. - Ele me lança um olhar por cima do ombro e pede:

- Ei, por favor, me abaixa um pouco. Estou com tudo ao vento!

Então afastos mais os pés, tentando baixar Camel ao mesmo tempo que me mantenho com as costas retas. Em geral Walter cuida dessa parte porque tem o tamanho certo para isso.

- Walter, você podia me dar uma mão aqui - digo, sentindo um espasmo me atravessar as costas.

- Cala a boca - diz ele.

Camel torna a olhar para trás, dessa vez com uma sobrancelha levantada.

- Está tudo bem - digo.

- Não, não está nada bem - Walter berra do canto.

- Nada bem! Queenie era tudo o que eu tinha. Será que você compreende? - a voz se transforma num lamento.

- Ela era tudo o que eu tinha.

Camel faz um sinal com a mão para me informar que terminou. Afasto os pés um pouco para me firmar e o ponho no chão, deitado de lado.

- Não, isso não pode ser verdade - diz Camel enquanto eu o limpo.

- Um cara jovem como você tem que ter alguém em algum lugar.

- Você não sabe de nada.

- Você não tem mãe? - Camel insiste.

- Não quero saber dela.

- Ora, rapaz, não fale assim - diz Camel.

- Por que não? Ela me vendeu a esse circo quando eu tinha 14 anos.

- Ele nos lança um olhar feroz.

- E não fiquem me olhando como se tivessem pena de mim - ele dispara.

- Ela era uma megera, isso sim. Porra! E quem é que precisa dela?

- O que você quer dizer com vendeu? - pergunta Camel.

- Bem, eu não sou um sujeito exatamente talhado para trabalhar na lavoura, não é mesmo? Me deixem em paz, está bem? - Ele nos dá as costas, arrastando os pés.

Fecho a calça de Camel, seguro-o pelas axilas e o levo de volta ao quarto das cabras. As pernas se arrastam atrás dele e os calcanhares vão arranhando o chão.

- Ai, rapaz - diz ele enquanto o ajeito na cama estreita.

- Que coisa, hein?!

- Você quer comer alguma coisa? - digo, tentando mudar de assunto.

- Não, ainda não. Mas um gole de uísque desceria muito bem. - Triste, ele balança a cabeça.

- Nunca ouvi falar de uma mulher tão sem coração.

- Ainda estou ouvindo, sabiam? - rosna Walter.

- E, além disso, você não pode falar nada, velho. Qual foi a última vez que você viu o seu filho? Camel empalidece.

- Hein? Não consegue responder, não é? - continua Walter, de fora do quarto.

- Não tem lá grande diferença entre o que você fez e o que minha mãe fez, não é?

- Tem sim - berra Camel. - Tem uma diferença do tamanho do mundo. E, aliás, como é que você sabe o que eu fiz?

- Você falou do seu filho numa noite em que estava bêbado - acrescento, calmamente.

Camel me fita por um instante. Então seu rosto se contorce. Ele leva uma mão mole à testa e se afasta de mim.

- Ah, merda! - E acrescenta:

- Ah, que merda. Nunca imaginei que vocês soubessem. Deviam ter me dito.

- Pensei que você se lembrasse - continuo.

- Seja como for, ele não disse muita coisa. Ele só disse que você se mandou.
- "Ele só disse"? - a cabeça de Camel se vira rapidamente.
- "Ele só disse"? Que diabos significa isso? Você falou com ele? Eu me deixo cair no chão e descanso a cabeça nos joelhos. Parece que a noite vai ser longa.
- O que você quer dizer com "ele só disse"? - Camel grita.
- Estou fazendo uma pergunta, rapaz!

Dou um suspiro.

- Sim, nós falamos com ele.

- Quando?

- Há pouco tempo.

Ele me fita, assombrado.

- Mas por quê? - Ele vai nos encontrar em Providence e levar você para casa.

- Ah, não - diz Camel, balançando a cabeça com firmeza.

- Não vai, não.

- Camel...

- Por que vocês fizeram uma coisa dessas? Vocês não tinham o direito!

- Não tínhamos escolha! - eu berro. Depois paro, fecho os olhos e me concentro.

- Não tínhamos escolha - repito.

- Tínhamos que fazer alguma coisa.

- Não posso voltar! Vocês não sabem o que aconteceu. Eles não me querem mais.

Os lábios de Camel tremem e a boca se fecha. Ele vira o rosto. Logo depois, vejo que os ombros se sacodem.

- Ah, que inferno! - digo. E levanto a voz, gritando para o outro lado da porta:

- Obrigado, Walter! Você ajudou à beça esta noite! Muito obrigado!

- Foda-se! - ele responde.

Apago o lampião de querosene e vou engatinhando até a minha manta de cavalo. Então me deito em sua superfície áspera e depois torno a me sentar.

- Walter! - grito.

- Ei, Walter! Se você não vai mais voltar para cá, vou deitar no colchonete.

Não há resposta.

- Está me ouvindo? Eu disse que vou deitar no colchonete.

Espero um ou dois minutos e então vou engatinhando de um canto ao outro.

Walter e Camel passam a noite fazendo os ruídos que os homens fazem quando estão tentando não chorar. E eu passo a noite apertando o travesseiro contra as orelhas tentando não ouvi-los.

Acordo ao escutar a voz de Marlena.

- Com licença, posso entrar? Meus olhos se abrem de repente. O trem parou e,

de algum modo, não acordei com o freio. Também estou assustado porque estava sonhando com Marlena, e por um instante me pergunto se continuo dormindo.

- Ei! Tem alguém aí?

Eu me levanto bruscamente, me apoiando nos cotovelos, e olho para Camel, desamparado na cama estreita, os olhos arregalados de medo. A porta do quartinho ficou aberta a noite toda. Levanto-me de um salto.

- Oi, espere um instante! - corro para encontrá-la, fechando imediatamente a porta ao passar.

Ela já está entrando no carro.

- Oi! - diz ela olhando para Walter, que ainda continua encolhido no canto.

- Eu estava exatamente procurando você. Esta não é a sua cadela?

Walter vira a cabeça.

- Queenie! Marlena se inclina para soltá-la, mas Queenie se contorce e se liberta, caindo no chão com um baque surdo. Ela se arrasta até dar um salto e parar em cima de Walter, lambendo-lhe o rosto e sacudindo o rabo com tanta agitação que acaba caindo de costas.

- Ah, Queenie! Por onde você andou, sua garota má? Você me deixou tão preocupado, sua garotinha má! - Walter oferece o rosto e a cabeça para Queenie lambe e ela requebra e se contorce de tanto prazer.

- Onde ela estava? - pergunto, virando-me para Marlena.

- Ela estava correndo ao lado do trem quando partimos ontem - ela responde com os olhos presos em Walter e Queenie.

- Eu a vi pela janela e pedi que Auggie fosse pegá-la. Ele deitou de bruços na plataforma e a resgatou.

- August foi lá e a pegou? Foi isso mesmo?

- Foi. E então ela lhe deu uma mordida, em retribuição ao trabalho que ele teve. Walter abraça a cadela, e enterra o rosto em seu pêlo.

Marlena observa por alguns segundos mais e depois se dirige para porta.

- Bem, acho que vou andando - diz ela.

- Marlena - eu a chamo, procurando tocar o seu braço.

Ela pára.

- Obrigado - acrescento, deixando minha mão cair.

- Você não tem idéia do que isso significa para ele. Para nós, na verdade.

Ela me dirige um olhar de relance - no qual percebo um leve esboço de sorriso - e depois olha os dorsos dos seus cavalos.

- Sim. Acho que tenho, sim.

Quando ela desce do carro, meus olhos estão úmidos.

- Ora, quem diria! - Camel diz.

- Talvez, no final das contas, ele seja humano.

- Quem? August? - pergunta Walter.

Ele se inclina, agarra o fecho de um baú e o arrasta pelo chão. Estamos fazendo a arrumação que deixa o quarto com o seu aspecto diurno, embora Walter faça tudo meio devagar porque continua com Queenie debaixo do braço.

- De jeito nenhum.

- Você pode soltá-la, não se preocupe - eu digo.

- A porta está fechada.

- Ele salvou a sua cadela - Camel pondera.

- Ele não a teria salvado se soubesse que era minha. Queenie sabe disso. Foi por isso que ela o mordeu. E, você sabia, não é, meu bem? - diz Walter, levando o focinho dela ao rosto dele e voltando a falar como criança.

- É, Queenie é uma garota inteligente.

- O que o faz pensar que ele não sabia? - pergunto.

- Marlena sabia.

- Eu simplesmente sei. Não tem nada de humano naquele maldito judeu.

- Cuidado com essa sua boca suja! - grito.

Walter pára e olha para mim.

- O quê? Ei, você não é judeu, é? Olhe, me desculpe. Eu não estava falando sério. Foi só um desabafo - diz ele.

- É, foi um desabafo - continuo, ainda gritando.

- São todos desabafos e eu estou ficando de saco cheio. Se você é artista, você ofende os trabalhadores. Se você é trabalhador, você ofende os poloneses. Se é polonês, ofende os judeus. E se é anão? Diga, Walter? São só os judeus e os trabalhadores que você odeia ou os poloneses também? Walter fica vermelho e abaixa os olhos.

- Eu não os odeio. Eu não odeio ninguém. - Em seguida ele acrescenta:

- Bem, está certo, eu odeio August. Mas eu o odeio porque ele é um filho-da-puta.

- Não se pode discordar disso - grasna Camel.

Meu olhar passa de Camel para Walter e depois volta.

- Não - suspiro.

- Acho que não.

Em Hamilton, A temperatura chega quase a 40 graus, o sol castiga impiedosamente o terreno do circo e a limonada começa a faltar.

O homem da barraca de refrescos, que se afastou do grande tonel misturador apenas por alguns minutos, perde a cabeça ao falar com o Tio Al, convencido de que os operários são os responsáveis.

Tio Al reuniu todo mundo. Eles surgem de trás da estrebaria e da tenda das jaulas, sonolentos, com fiapos de palha nos cabelos. Observo a cena a uma certa

distância, mas é difícil não perceber um ar de inocência neles.

Aparentemente, Tio Al não concorda com isso. Ele esbraveja, andando de um lado para o outro, e berra como um sargento que inspeciona a sua tropa. Ele grita na cara dos homens, relata os custos da limonada roubada - tanto da mercadoria como das vendas perdidas - e avisa que todos ficarão sem salário se o episódio se repetir. Ele dá bengaladas nas cabeças de alguns e os dispensa. Eles voltam furtivamente aos seus locais de descanso, coçando as cabeças e se entreolhando desconfiados.

Faltando apenas 10 minutos para o portão se abrir, os homens da barraca de refrescos preparam outro tonel de limonada, usando a água dos cochos dos animais. Para tirar os restos de aveia, feno e alguns bigodes, eles filtram a água com a ajuda de meias doadas por um palhaço. E quando jogam os "complementos" dentro - rodela de limão de cera - cuja função é dar a impressão de que a mistura realmente contém alguns pedaços de fruta - um bando de espectadores se aproxima da área de diversões. Não sei se as meias estavam limpas, mas todo mundo que faz parte do show se abstém de beber limonada nesse dia.

Em Dayton, a limonada some novamente. Mais uma vez, faz-se a mistura com a água dos cochos pouco tempo antes da chegada dos espectadores.

Dessa vez, quando Tio Al reúne todos os suspeitos, em vez de suspender pagamento - uma ameaça sem sentido, uma vez que nenhum deles recebe há mais de oito semanas - ele os obriga a abrir as bolsinhas de camurça pendurada em seus pescoços e pagar 50 centavos cada um. Os donos das bolsinhas ficaram realmente muito aborrecidos.

O ladrão da limonada atingiu os operários em cheio, e eles se preparam para agir. Quando chegamos a Columbus, alguns se escondem e ficam de tocaia perto do tonel.

Pouco antes da hora do show, August me chama ao camarim de Marlena para avaliar um anúncio de um cavalo branco de circo. Marlena precisa de outro porque 12 cavalos é mais espetacular que apenas 10, e a idéia é que o número seja espetacular. Além disso, Marlena acha que Boaz está ficando deprimido por deixado sozinho na tenda das jaulas enquanto os outros se apresentam.

É o que August diz, mas acho que estou recuperando o meu prestígio depois da minha explosão na tenda da cozinha. Ou isso ou August decidiu manter os amigos perto e os inimigos ainda mais perto.

Estou sentado numa cadeira de armar com a Billboard no colo e uma garrafa de refrigerante na mão. Marlena está diante do espelho arrumando seu figurino, eu tento não ficar olhando, embasbacado. A única vez que nossos olhos se encontram no espelho, prendo o fôlego, ela cora e nós dois olhamos para outro lugar.

August está distraído, abotoando o colete e conversando amavelmente, quando o Tio Al irrompe na tenda.

Marlena se vira, indignada:

- Ei, o senhor já pensou em pedir licença antes de entrar no camarim de uma mulher?

Tio Al não lhe dá a mínima atenção. Ele se encaminha direto para August e lhe dá uma cutucada com o dedo no peito.

- E a sua maldita elefanta! - Al berra.

August olha para o dedo espetado em seu peito, faz uma pausa de alguns segundos e então, num gesto afetado, usa o polegar e o indicador para pegá-lo. Afasta a mão de Tio Al, tira um lenço do bolso, o sacode e enxuga o cuspe do rosto.

- O que você disse? - ele pergunta depois de terminada a operação.

- E sua maldita elefanta ladrona! - Tio Al grita, encharcando August de cuspe outra vez.

- Ela arranca a estaca em que estava amarrada, leva-a consigo, toma a porra da limonada e então volta e finca a estaca no chão! Marlena cobre a boca com a mão, mas não a tempo suficiente.

Tio Al se vira, furioso.

- Você está achando graça? Você está achando graça? O rosto dela fica sem cor. Levanto-me da cadeira e dou um passo à frente.

- Bem, você tem que admitir que há uma certa...

Tio Al dá meia-volta, planta as duas mãos no meu peito e me empurra com tanta força que caio em cima de um baú.

Então ele se volta para August.

- Essa desgraçada dessa elefanta me custou uma fortuna! Foi por causa dela que não pude pagar os operários, tive que dar um jeito nisso e fui imprensado pelos malditos homens da ferrovia! E para quê? Ela não se apresenta no espetáculo e ainda rouba a porra da limonada!

- Ah! - exclama August rispidamente.

- Olhe os modos! Você está na presença de uma dama.

A cabeça do Tio Al gira. Ele observa Marlena sem nenhum remorso e se dirige a August:

- Ooody vai computar as perdas - diz ele.

- Vou descontá-las do seu pagamento.

- Você já as descontou do salário dos operários - diz Marlena, calmamente.

- Está pensando em lhes devolver o dinheiro?

Tio Al a encara, com uma expressão tão desagradável que me faz ir à frente e me interpor entre os dois. Ele volta o olhar fixo para mim, com os dentes rangendo de raiva. Então dá meia-volta e se retira.

- Que idiota! - diz Marlena, voltando à sua penteadeira.

- Eu podia estar trocando de roupa.

August está de pé, completamente parado. Então ele estende a mão para pegar a cartola e o gancho.

Marlena vê a cena pelo espelho.

- Aonde você vai? - pergunta rapidamente.

- August, o que você vai fazer? Ele se dirige para saída.

Ela agarra o braço dele.

Auggie! Aonde você vai?

- Não sou o único que vai pagar pela limonada - ele responde, afastando Marlena com um safanão.

- August, não! - ela o agarra pelo cotovelo de novo, jogando todo o seu peso contra ele, na tentativa de impedi-lo de sair.

- August, espere! Pelo amor de Deus. Ela não sabia. Da próxima vez vamos amarrá-la melhor...

August se desvencilha e Marlena cai com toda a força no chão. Ele lhe lança um olhar de desprezo. Então assenta firmemente o chapéu na cabeça e se vira, afastando-se.

- August!

- Marlena grita.

- Pare!

Ele abre a aba da tenda e some. Marlena, aturdida, está sentada no chão, exatamente onde caiu. Meu olhar passa dela para aba e volta.

- Vou atrás dele - digo, dirigindo-me para entrada da tenda.

- Não! Espere! Eu me detenho, paralisado.

- Não adianta - diz ela, com a voz sumida e abafada. - Você não pode empedi-lo.

- Pelo menos posso tentar. Eu não fiz nada da última vez e nunca vou me perdoar por isso.

- Você não entende! Isso só vai piorar as coisas! Jacob, por favor! Você não entende!

Giro para poder olhá-la de frente.

- Não! De fato, eu não entendo mais nada. Não entendo porra nenhuma.

Será que você pode me explicar? Os olhos de Marlena se arregalam. A boca forma um O. Então ela enterra o rosto nas mãos e cai no choro.

Eu a fito, horrorizado. Em seguida me ajoelho e a abraço.

- Ah, Marlena, Marlena...

- Jacob - ela sussurra com o rosto na minha camisa e se agarra desesperadamente a mim, como se estivesse sendo sugada por um redemoinho.

Meu nome não é Rosie. É Rosemary. O senhor sabe disso, - Jankowski.

Num sobressalto, vou recobrando a consciência, meus olhos piscam devido ao brilho inconfundível da luz fluorescente.

- Hum? O que é? - minha voz soa fina, esganiçada.

Uma mulher negra debruça-se sobre mim, metendo algo em volta das minhas pernas, O cabelo dela é cheiroso e macio.

Eu a encaro. Ai, Deus. É isso mesmo. Sou velho. E estou deitado. Espere aí - eu a chamei de Rosie? - Eu estava falando? Falando alto? Ela ri.

- Ai, minha nossa! Estava sim. Ah, Sr. Jankowski. O senhor estava falando pelos cotovelos desde que saímos do refeitório. De cansar os meus ouvidos.

Meu rosto enrubesce. Olho fixamente as mãos velhas no meu colo. Só Deus sabe o que andei falando. Só sei que eu estava pensando, e que eram recordações - até, de repente, me dar conta de que estou aqui eu achava que estava lá.

- Por quê? Que mal há nisso? - Rosemary pergunta.

- Será que eu... disse alguma coisa... sabe como é, imprópria?

- Claro que não! Eu não entendo por que o senhor não contou aos outros, já que todos estão indo ao circo. Aposto que o senhor nunca falou disso, não é mesmo?

Rosemary me observa com atenção. Então franze a testa, puxa uma cadeira e se senta ao meu lado.

- O senhor não se lembra do que me contou, não é? - diz num tom gentil.

Balanço a cabeça.

Ela toma minhas mãos nas suas, que são quentes e firmes.

- O senhor não disse nada de que tenha de se envergonhar, Sr. Jankowski. O senhor é um cavalheiro e é uma honra conhecê-lo.

Meus olhos se enchem d'água e baixo a cabeça para que ela não perceba.

- Sr. Jankowski...

- Não quero falar sobre isso.

- Sobre o circo?

- Não. Sobre... Ah, droga, será que você não percebe?

Eu nem me dei conta que estava falando. É o começo do fim. De agora em diante é só ladeira abaixo, e eu não vou muito longe. Mas eu tinha esperança de poder contar com a minha cabeça. Eu realmente tinha.

- Sua cabeça ainda está funcionando, Sr. Jankowski. O senhor está bem lúcido.

Ficamos ali em silêncio por um minuto.

- Estou com medo, Rosemary.

- O senhor quer que eu fale com a Dra. Rashid?

Faço que sim com a cabeça. Uma lágrima escorre do meu olho e cai no colo. Abro bem os olhos, tentando conter as outras.

- O senhor ainda tem uma hora antes de começar a se aprontar para sair.

Quer tirar um cochilo? Faço que sim de novo. Ela afaga a minha mão mais uma vez, baixa a cabeceira da cama e sai. Eu me ajeito no leito, ouvindo as luzes que zumbem e olhando fixamente os azulejos quadrados do teto rebaixado. Uma vastidão de pipocas achatadas, de bolinhos de arroz sem graça.

Se eu for completamente honesto comigo mesmo, há sinais de que minha memória vem falhando.

Na semana passada, quando o meu pessoal veio, eu não os reconheci. Mas fingi, quando se aproximaram e percebi que era a mim que eles tinham vindo visitar, sorri e fiz todos os barulhos tranquilizadores, os “ah, sim” e “meu Deus do céu” com que termino a maioria das conversas hoje em dia.

Achei que tudo estava correndo bem até eu perceber um ar peculiar no rosto da mãe. Um olhar horrorizado, a testa vincada e a boca ligeiramente aberta. Repassei os últimos minutos da conversa e percebi que eu tinha dito algo errado, exatamente o oposto do que deveria dizer, e então me senti mortificado, porque não antipatizo com Isabelle. Eu apenas não a conheço, e por isso eu estava me esforçando para prestar atenção aos detalhes de sua desastrosa apresentação de dança.

Mas então essa Isabelle se virou e riu e naquele instante vi minha mulher, o que me deixou triste. Então essas pessoas a quem eu não reconhecia trocaram olhares furtivos e em seguida anunciaram que era hora de ir embora porque o Vovô precisava descansar. Fizeram afagos na minha mão, ajeitaram a manta sobre os meus joelhos e partiram. Saíram para o mundo e me deixaram ali. E até hoje não tenho a menor idéia de quem elas eram.

Conheço os meus filhos, não me entenda mal - mas não são esses. São filhos dos meus filhos, e seus filhos também, e talvez até filhos deles. Eu falei carinhosamente com eles? Eu os acalentei no meu colo? Tive três filhos e duas filhas.

Uma casa cheia, realmente. E nenhum deles fez diferente. Multiplique cinco por quatro e depois por cinco de novo, e não é de espantar que eu me esqueça do grau de parentesco entre alguns deles. O fato de que se revezem para vir me visitar não adianta muito, porque, mesmo que eu consiga gravar um grupo na memória, podem se passar oito ou nove meses sem que eles voltem, e a essa altura é provável que eu não me lembre mais de quem quer que eu já tenha conhecido.

Mas o que aconteceu hoje foi completamente diferente, e muito, muito mais apavorante.

O que foi, meu Deus, que eu disse? Fecho os olhos e vasculho os cantos mais distantes da minha memória. Não consigo vislumbrá-los claramente. Meu cérebro é

como um universo cuja luz vai ficando cada vez mais fraca. Mas não desaparece no nada. Posso perceber algo ali, pouco além do meu alcance, algo em suspenso, esperando - e Deus permita que eu não deslize por esse caminho outra vez, com a boca escancarada.

Enquanto August está lá fora fazendo sabe Deus o que com Rosie, Marlena e eu estamos de tocaia no chão de grama da sua tenda, agarrados um ao outro como macacos-aranha. Eu não falo quase nada, apenas seguro sua cabeça em meu peito enquanto sua história lhe sai da boca numa torrente de sussurros.

Marlena me conta como foi o encontro com August - ela estava com 17 anos, e acabara de se dar conta de que os diversos homens solteiros que iam jantar com sua família eram na verdade maridos em potencial. Quando um banqueiro de meia-idade, queixo contraído, cabelo ralo e dedos retorcidos apareceu mais vezes do que o habitual, ela ouviu as portas do seu futuro se fecharem a sua volta.

Mas enquanto o banqueiro se lamuriava de algo que fez Marlena empalidecer e baixar os olhos horrorizados para sua tigela de sopa de mariscos, cartazes eram espalhados por toda a cidade. As rodas do destino estavam em movimento.

Naquele exato momento, o trem do Circo irmãos Benzini - o Maior Espetáculo da Terra se movimentava ruidosamente na direção deles, trazendo uma grande fantasia e, para Marlena, uma saída que se mostraria tão romântica quanto aterrorizante.

Dois dias depois, numa tarde de sol brilhante, a família L'Arche foi ao circo.

Marlena estava parada na tenda das jaulas diante de uma fileira de impressionantes cavalos árabes pretos e brancos quando August se aproximou dela pela primeira vez. Seus pais tinham saído para ver os felinos, sem ter consciência da imensa força que estava prestes a irromper em suas vidas.

E August era de fato uma força. Encantador, sociável e bonito como o demônio. Imaculadamente vestido, com culote, cartola e casaca de um branco ofuscante, ele irradiava tanto autoridade como um carisma irresistível. Em minutos, ele a fez concordar com um encontro furtivo e desapareceu antes que o casal L'Arche tornasse a se juntar à filha.

Quando a encontrou mais tarde, numa galeria de arte, August começou a cortejá-la com determinação. Ele era 12 anos mais velho do que ela e tinha um glamour que só um diretor eqüestre poderia ter. Antes que o encontro chegasse ao fim, ele a pediu em casamento.

Encantador e insistente, August se negava a arredar pé dali até que ela se casasse com ele. Ele falava a Marlena sobre o desespero do Tio Al, que chegou a intervir pessoalmente em nome de August. Eles já tinham perdido duas paradas.

O circo não sobrevive se não cumprir seu roteiro de apresentações. Essa era uma decisão muito importante, realmente, mas será que ela não compreendia que essa espera estava afetando a todos? Que as vidas de várias outras pessoas

dependiam de ela fazer a escolha certa?

Em Boston, uma Marlena de 17 anos considerou atentamente o seu futuro por mais três noites e, na quarta, fez as malas.

A essa altura da história, Marlena se desmancha em lágrimas. Eu ainda a seguro em meus braços, ninando-a para frente e para trás. Por fim, ela se afasta, enxugando os olhos com as mãos.

- É melhor você ir embora - diz ela.

- Eu não quero ir.

Ela choramanga, esticando o braço para tocar meu rosto com o dorso da mão.

- Quero vê-la de novo - digo.

- Você me vê todo dia.

- Você sabe do que estou falando.

Há uma pausa demorada. Ela baixa os olhos em direção ao chão. A boca se mexe algumas vezes antes que ela finalmente fale.

- Não posso.

- Marlena, pelo amor de Deus...

- Simplesmente não posso. Sou casada. Eu fiz minha escolha, tenho que aceitar as conseqüências.

Ajoelho-me diante dela, procurando ver em seu rosto um pedido para que fique. Depois de uma espera angustiante, percebo que o pedido não virá.

Beijo sua testa e saio.

Antes de ter percorrido 40 metros, eu já ouvira mais do que gostaria sobre como Rosie pagou pela limonada.

Ao que parece, August entrou intempestivamente na tenda das jaulas e expulsou todo mundo. Os tratadores dos animais, intrigados, e alguns outros homens ficaram do lado de fora, com os ouvidos colados à grande tenda de lona, enquanto se ouvia uma torrente de gritos enfurecidos. Os outros animais entraram em pânico - os chimpanzés gritavam, os felinos rugiam e as zebras zurravam.

Apesar disso, os operários desnorteados conseguiram distinguir o golpe surdo do gancho dos elefantes atingindo a carne de um animal muitas e muitas vezes.

A princípio, Rosie gemeu. Quando ela passou a berrar e a guinchar, muitos homens se afastaram, incapazes de suportar o que ouviam. Um deles foi à procura de Earl, que entrou na tenda e agarrou August pelas axilas. Ele dava coices e lutava como um louco mesmo enquanto Earl o arrastava pelo terreno e o fazia subir os degraus do carro-escritório.

Os homens que permaneceram na tenda encontraram Rosie deitada de lado, tiritando, a pata ainda acorrentada a uma estaca.

- Eu odeio esse homem - diz Walter quando entro no carro dos cavalos.

Ele está sentado na cama estreita, afagando as orelhas de Queenie.

- Eu realmente odeio esse sujeito.

- Alguém pode me dizer o que está acontecendo? - Camel pergunta em voz alta, detrás da fileira de baús.

- Porque sei que está acontecendo alguma coisa.

Jacob? Me ajude a sair daqui. Walter não está respondendo.

Não digo nada.

- Não havia necessidade de ser tão cruel. Nenhuma - continua Walter.

- Ele quase provocou um estouro de animais. Poderia ter matado todos nós.

Você estava lá? Ouviu alguma coisa? Nossos olhos se cruzam.

- Não - respondo.

- Eu gostaria muito de saber de que diabo vocês estão falando - diz Camel.

- Mas parece que sou um zero à esquerda por aqui. Ei, não está na hora do jantar?

- Não estou com fome - respondo.

- Nem eu - diz Walter.

- Bem, eu estou - diz Camel, irritado.

- Mas aposto que nenhum de vocês pensou nisso. E aposto que nenhum de vocês pegou um pedaço de pão para este velho.

Walter e eu nos entreolhamos.

- Bem, eu estava lá - diz ele, com os olhos cheios de fúria.

- Quer saber o que eu ouvi?

- Não - respondo, olhando fixo para Queenie. Ela encontra o meu olhar bate na manta algumas vezes com o seu rabo cotó.

- Tem certeza?

- Claro que tenho.

- Achei que você se interessaria, sendo o veterinário e tudo o mais.

- Eu estou interessado - digo, bem alto.

- Mas também tenho medo do que eu possa vir a fazer.

Walter me olha por um bom tempo.

- Então, quem é que vai pegar uma gororoba para esse velho inútil? Você ou eu?

- Ei! Veja como fala! - grita o velho inútil.

- Eu vou - digo e então saio do carro dos cavalos.

A meio caminho da cozinha percebo que estou trincando os dentes.

Quando volto com a comida de Camel, Walter sumiu. Alguns minutos depois, ele aparece trazendo uma garrafa de uísque em cada mão.

- Opa! Deus lhe abençoe - cacareja Camel, agora recostado no canto. E aponta para Walter com uma mão frouxa.

- Onde você conseguiu isso?

- Um amigo do carro das tortas me devia um favor. Achei que todos nós gostaríamos de um pouco de esquecimento esta noite.

- Bem, então vamos lá - diz Camel.

- Pare com essa lengalenga e me dê isso aqui.

Walter e eu nos viramos ao mesmo tempo e o fitamos.

A cara cinzenta de Camel parece mais vincada.

- Meu Deus, puxa vida! Vocês são mesmo uns rabugentos, não são? Qual é o problema? Levantaram com o pé esquerdo?

- Tome. Não ligue para ele - diz Walter, empurrando uma garrafa de uísque contra meu peito.

- O que você quer dizer com "não ligue para ele"? No meu tempo, um garoto aprendia a respeitar os mais velhos.

Em vez de responder, Walter leva a outra garrafa e se agacha ao lado de Camel. Quando o velho tenta pegá-la, Walter afasta sua mão com um tapa.

- Nada disso, velho. Se você derramar isso aqui, nós três vamos ficar rabugentos.

Ele leva a garrafa aos lábios de Camel e a segura enquanto ele toma alguns goles. Parece um bebê tomando mamadeira. Walter dá um giro sobre os calcanhares, se encosta à parede e então toma um longo trago.

- Qual é o problema? Não gosta de uísque? - pergunta, enxugando a boca e apontando para garrafa fechada na minha mão.

- Gosto muito. Olhe, eu não tenho dinheiro algum e não sei quando nem se algum dia vou poder lhe pagar, mas posso ficar com esta garrafa?

- Mas eu já lhe dei o uísque.

- Não, quer dizer..., posso levá-la para dar a alguém?

Walter me encara por um instante, com rugas nos cantos dos olhos.

- Para uma mulher, não é?

- Não.

- Você está mentindo.

- Não, não estou.

- Aposto cinco paus que é uma mulher - diz ele, tomando outro gole.

O seu pomo-de-adão sobe e desce, e o nível do líquido amarronzado baixa quase uma polegada. É espantosa a rapidez com que ele e Camel entornam bebida forte goela abaixo.

- Ela é fêmea.

- Ah! - Walter bufou.

- É melhor que ela não escute isso. Embora, seja lá quem ou o que ela for, sem dúvida é mais adequada do que a pessoa que você tem na cabeça ultimamente.

- Tenho que me retratar - eu acrescento.

- Eu a decepcionei hoje.

Walter levanta os olhos, como se de repente compreendesse.

- Que tal mais um pouco disso aí? - pede Camel, irritado.

- Talvez ele não queira, mas eu quero. Não que eu culpe o garoto por querer um pouco de ação.

A gente só é jovem uma vez. É preciso aproveitar enquanto se pode, é o que eu digo. Sim, senhor, aproveite enquanto pode. Mesmo que isso lhe custe uma garrafa de boa bebida.

Walter sorri. Leva de novo a garrafa aos lábios de Camel e o deixa tomar longos goles. Então ele a tampa, se inclina para o outro lado, ainda de cócoras, e me estende a garrafa.

- Leve essa também. Diga a ela que também sinto muito. De verdade.

- Ei! - grita Camel.

- Mulher nenhuma no mundo vale duas garrafas de uísque! Por favor! Eu me levanto e escondo uma garrafa em cada bolso do meu casaco.

- Ah! Por favor! - implora Camel.

- Ah, isso não é justo! Seus pedidos e queixas me acompanham até sua voz não poder mais me alcançar.

É de noite e muitas festas já estão acontecendo no setor do trem onde ficam os artistas, inclusive - não pude deixar de notar - no carro de Marlena e August. Eu não teria ido, mas o fato de não ter sido convidado é significativo.

Acho que August e eu estamos brigados novamente; ou melhor, como o odeio mais do que jamais odiei alguém ou alguma coisa na vida, acho que eu estou brigado com ele.

Rosie está no outro extremo da tenda das jaulas, e assim que meus olhos se acostumam à luz fraca, vejo alguém parado ao lado dela. É Greg, o homem do canteiro de repolhos.

- Oi - digo, quando me aproximo.

Ele vira a cabeça. Vejo que tem um tubo de unguento de zinco na mão e que passa pequenas porções do remédio na pele machucada de Rosie. Só nesse lado há umas duas dezenas de pontos brancos.

- Meu Deus! - exclamo, examinando-a. Gotículas de sangue aparecem sob o zinco.

Seus olhos cor de âmbar procuram os meus. Ela pisca aqueles cílios escandalosamente longos e suspira, uma grande e rápida expiração que atravessa sua tromba com um ruído.

Estou me sentindo muito culpado.

- Eu só queria ver como ela estava.

- Bem, você já viu, não? Agora, se me dá licença - diz ele, me mandando

embora.

Ele torna a se voltar para ela.

- Noge - diz ele.

- No, daj noge!

Logo depois, a elefanta levanta a pata dianteira. Greg se ajoelha e esfrega um pouco de unguento na axila dela, bem na frente da estranha teta cinza, que pende do seu peito como o seio de uma mulher.

- Jestes dobra dziewczynka - ele acrescenta, levantando-se e tampando o tubo de remédio.

- Polóz fuge.

Rosie torna a botar a pata no chão.

- Masz, mojabiekna - diz ele, procurando algo no bolso.

A tromba balança, investigando. Ele tira do bolso uma bala de hortelã, retira o papel e a estende para Rosie. Ela a recolhe agilmente dos dedos de Greg e a joga na boca.

Olho assombrado - acho que estou até de boca aberta. Em dois segundos, minha cabeça vai da má vontade da elefanta em se apresentar à sua história com o andarilho, o roubo da limonada e de volta ao canteiro de repolhos.

- Jesus Cristo! - exclamo.

- Hein? - pergunta Greg, acariciando a tromba de Rosie.

- Ela entende você.

- Sim, e daí?

- Como "e daí"? Meu Deus, você tem idéia do que isso significa?

- Não dê nem mais a porra de um passo - diz Greg, quando me aproximo de Rosie.

De cara fechada, ele se mete entre nós.

- Faça-me o favor! - digo a Greg.

- A última coisa que eu faria no mundo seria machucá-la.

Ele continua me olhando fixamente. Ainda não tenho certeza de que ele não vai me dar um golpe por trás, mas assim mesmo me viro para Rosie. Ela pisca para mim.

- Rosie, noge! - digo.

Ela pisca outra vez e abre a boca num sorriso.

- Noge, Rosie! A elefanta abana as orelhas e suspira.

- Prosze? - tento.

Ela suspira outra vez. Então joga o peso para o outro lado e levanta a pata.

- Nossa Senhora! - ouço minha voz como se ela não viesse do meu corpo.

Meu coração dispara e minha cabeça gira.

- Rosie! - digo, e ponho a mão no seu ombro.

- Só mais uma coisa - acrescento e, olhando-a no olho, eu lhe imploro que me atenda. Claro que ela sabe quanto tudo isso é importante. Por favor, meu Deus. Por favor, por favor.

- Do tylu, Rosie! Do tylu! Mais um suspiro fundo, outra troca sutil do lado de apoio, e então ela dá alguns passos para trás.

Grito de alegria e me viro para um espantado Greg. Dou um salto para frente, agarro-o pelos ombros e o beijo bem na boca.

- Que merda...! Eu me precipito para saída. Dez metros adiante paro e dou meia-volta. Greg, enojado, ainda está cuspidando e limpando a boca.

Então tiro as garrafas dos bolsos. Ainda com a mão à boca, a expressão Greg muda, passando a ser de interesse.

- Tome! - digo, jogando-lhe uma garrafa. Greg a pega no ar, examina o rótulo e depois me olha de soslaio, à espera da outra. Eu a lanço para ele.

- Dê isso para nossa nova estrela! Pensativo, Greg levanta a cabeça e se vira para Rosie, que já está sorrindo tentando pegar as garrafas.

urante os 10 dias seguintes, trabalho como instrutor particular polonês de August. Em cada cidade, ele providencia um picadeiro especial para treinamentos, que é armado no fundo do terreno do circo, e, dia após dia, nós quatro - August, Marlena, Rosie e eu - passamos as horas entre nossa chegada à cidade e o início da matinê ensaiando o número de Rosie. Embora ela já participe do desfile diário pela cidade e do Grande Desfile, ainda não se apresentou no picadeiro. A espera está quase matando o Tio Al, mas August não quer mostrar o número até que esteja perfeito.

Passo meus dias sentado numa cadeira ao lado do picadeiro, com uma faca na mão e um balde entre as pernas, cortando pedaços de fruta e legumes para os primatas e gritando frases em polonês quando solicitado. O sotaque de August é terrível, mas Rosie - talvez porque ele esteja sempre repetindo algo que acaba de gritar - obedece sem cometer erros. Desde que superamos o obstáculo da língua, ele não usou mais o gancho contra ela. Apenas o agita sob a barriga e atrás das pernas de Rosie, enquanto caminha ao lado dela, mas nunca - nem uma vez sequer - o encosta na pele cinzenta.

É difícil para mim separar este August do outro e, para ser sincero, não me esforço muito. Já vi flashes deste August antes - o brilho, a afabilidade, a generosidade de espírito -, mas sei do que ele é capaz e não vou me esquecer disto. Os outros podem acreditar no que quiserem, mas eu não creio, nem por um segundo sequer, que esse seja o August verdadeiro e o outro uma aberração.

No entanto, entendo por que eles se deixam enganar...

Ele é adorável. É encantador. E brilha como o sol. Ele cobre de atenções o grande animal cor de tempestade e sua pequena amazona desde que nos encontramos

pela manhã até o momento em que eles saem para participar do desfile.

Ele é atencioso e terno com Marlena, e bondoso e paternal com Rosie.

Apesar das minhas reservas, ele parece não se lembrar de que um dia tivemos um desentendimento. Ele sorri muito e me dá tapinhas nas costas. Repara que minhas roupas estão surradas e, nessa mesma tarde, o Homem da segunda-feira me traz peças novas. Além disso, August declara que o veterinário do circo não deveria tomar banho de balde e me convida a usar o chuveiro de seu camarote. E, quando descobre que Rosie gosta de gim com refrigerante mais do que qualquer outra coisa no mundo - com exceção talvez de melancia -, providencia para que ela tenha os dois, todo santo dia. Ele procura conquistá-la e chega até a sussurrar em seu ouvido. Ela se deleita com a atenção dele e dá bramidos alegres ao avistá-lo.

Será que ela não se lembra? Eu o examino atentamente à procura de sinais, mas o novo August se mostra resistente. Em pouco tempo, seu otimismo permeia todo o terreno. O clima afeta até Tio Al - ele passa diariamente no picadeiro para observar o andamento do nosso trabalho e, poucos dias depois, manda fazer novos cartazes, mostrando Rosie e Marlena, montada na cabeça da elefanta. Al não dá mais bengaladas nas pessoas, e elas, por sua vez, param de fugir dele. Ele agora é um homem decididamente alegre. Correm boatos de que talvez haja dinheiro no dia do pagamento, e até os trabalhadores começam a sorrir.

Somente quando surpreendo Rosie de fato ronronando sob os carinhos de August é que minha convicção começa a ruir. E então percebo algo terrível.

Talvez o problema seja eu. Talvez eu quisesse odiá-lo porque estou apaixonado por sua esposa e, se isso é verdade, que tipo de homem eu sou?

Em Pittsburgh, finalmente me confesso. No confessionário, eu desmorono e soluço como um bebê, enquanto falo ao padre sobre meus pais, minha noite de devassidão e meus pensamentos adúlteros. O padre, um tanto espantado, resmunga alguns sei, sei e então me pede que reze um terço e esqueça Marlena.

Estou envergonhado demais para admitir que não tenho um terço e então, quando volto ao carro dos cavalos, pergunto a Walter e a Camel se algum deles tem um para me emprestar. Walter me lança um olhar estranho e Camel me oferece um colar verde de dentes de alce.

Sei bem qual é a posição de Walter. Ele ainda odeia August com todas as forças e, embora ele não diga nada, sei exatamente o que pensa da minha mudança de opinião. Ainda dividimos os cuidados e a alimentação de Camel, mas nós três não contamos mais histórias um para os outros durante as longas noites no trem. Em vez disso, Walter lê Shakespeare e Camel se embebeda, se irrita e se mostra cada vez mais exigente.

Em Meadville, August decide que esta é a noite.

Quando ele anuncia a boa-nova, Tio Al perde a fala. Ele leva a mão espalmada

ao peito e olha para o céu com os olhos marejados. Então, quando seus seguidores fogem, ele estende a mão e dá uma palmada no ombro de August.

Depois lhe dá um aperto de mão másculo e então, por estar claramente surpreso demais para falar alguma coisa, cumprimenta-o outra vez.

Estou examinando um casco rachado na tenda do ferreiro quando August manda me chamar.

- August? - digo, com o rosto perto da entrada do camarim de Marlena. A lona se levanta ligeiramente, batendo com o vento.

- Você mandou me chamar?

- Jacob! - exclama ele, com sua voz forte.

- Que bom que você veio! Por favor, entre! Entre, meu rapaz! Marlena já está com seu figurino.

Sentada diante da penteadeira e com um pé apoiado no tampo, ela amarra a comprida fita rosa de uma das sapatilhas no tornozelo. August está sentado ali perto, de cartola e casaca. Ele gira uma bengala de ponteira de prata. O cabo da bengala é encurvado, como o gancho de Rosie.

- Sente-se, por favor - diz ele, levantando-se e dando uma pancadinha no assento da cadeira.

Hesito por uma fração de segundo e então cruzo a tenda. Quando me sento, August se posta diante de nós. Olho rapidamente para Marlena.

- Marlena, Jacob... meu amor e meu querido amigo - diz August, tirando a cartola e nos fitando com os olhos úmidos.

- Esta última semana foi maravilhosa em muitos sentidos. Acho que não é exagero chamá-la de uma jornada da alma.

Há apenas duas semanas, este espetáculo estava à beira da falência. A sobrevivência.., e, de fato, com essas condições financeiras, posso dizer com segurança as vidas, sim, as próprias vidas!.., de todos que fazem parte deste espetáculo estavam em perigo. E querem saber por quê?

Seus olhos brilhantes passam de mim para Marlena e de volta para mim.

- Por quê? - Marlena pergunta, obedientemente, enquanto levanta a outra perna e enrola a fita de cetim no tornozelo.

- Porque arrumamos uma encrenca ao adquirir um animal que deveria ser a salvação do nosso espetáculo. E porque também tivemos que comprar um vagão que o abrigasse. E porque descobrimos então que esse animal, uma elefanta, aparentemente não sabia fazer nada e ainda comia tudo. E porque, para mantê-la alimentada, não tínhamos condições de alimentar nossos empregados e tivemos que deixar alguns irem embora.

Levanto a cabeça bruscamente ao ouvir essa referência indireta a homens que foram jogados do trem em movimento, mas August olha fixamente além de mim,

para uma parede lateral da tenda. Ele permanece num silêncio embaraçoso por muito tempo, quase como se tivesse esquecido que estávamos ali. Então, num sobressalto, parece se lembrar.

- Mas nós fomos salvos - continua, baixando os olhos e me dirigindo um olhar cheio de amor.

- Porque fomos duplamente abençoados. O destino estava nos sorrindo quando, naquele dia de junho, conduziu Jacob ao nosso trem. Ele nos entregou não só um veterinário com um diploma universitário de primeira, à altura de um espetáculo grandioso como o nosso, mas também um veterinário que, de tão dedicado, fez uma descoberta surpreendente. Uma descoberta que acabou salvando o espetáculo.

- Não, realmente, tudo o que eu...

- Nem uma palavra, Jacob. Não permitirei que você negue. Desde a primeira vez que o vi, percebi algo em você. Não foi, querida? - August se vira e aponta para Marlena.

Ela faz que sim. Já com a segunda sapatilha amarrada, ela desce a perna da penteadeira e a cruza sobre a outra. O pé começa a balançar imediatamente.

August a olha intensamente.

- Mas Jacob não trabalhou sozinho - continua.

- Você, minha querida, tão linda e talentosa, tem sido brilhante. E Rosie! Porque ela, dentre todos nós, não pode ser esquecida. Tão paciente, tão cheia de boa vontade, tão... - Ele pára e inspira tão profundamente que suas narinas se dilatam. Quando volta a falar, a voz falha.

- Porque ela é um belo e magnífico animal, dotado de um coração cheio de perdão e capaz de reconhecer os mal-entendidos. Porque, graças a você três, o Circo Irmãos Benzini, o Maior Espetáculo da Terra está prestes a atingir um novo nível de excelência. Estamos, realmente, prontos para ocupar uma posição entre os grandes circos, e nada disso seria possível sem vocês.

Ele se mostra radiante. Seu rosto está tão vermelho que temo que ele vá se desmanchar em lágrimas.

- Ah! Quase me esqueci - August grita, batendo palmas. Ele corre até um baú e tira duas caixas de lá de dentro. Uma é quadrada, a outra, retangular chata. Ambas embrulhadas para presente.

- Para você, minha querida - diz ele, entregando a caixa retangular para Marlena.

- Ah, Auggie! Não precisava!

- Como você sabe? - pergunta sorrindo.

- Talvez seja um estojo de canetas.

Marlena rasga o papel de presente, que revela uma caixa de veludo azul. Ela olha, desconfiada, e então abre a tampa articulada. Uma gargantilha de brilhantes

cintila contra o forro de cetim vermelho.

- Oh, Auggie! - Marlena exclama. Ela olha do colar para August, com a testa vincada de preocupação.

- Auggie, é maravilhoso. Mas é claro que não poderemos pagar...

- Psiu! - faz August, inclinando-se para pegar a mão de Marlena e beijar a palma.

- Hoje, uma nova era se anuncia. Nada é impossível a partir desta noite.

Ela levanta o colar, deixando-o pender de seus dedos. Está visivelmente maravilhada.

August se vira e me entrega a caixa quadrada.

Tiro a fita do embrulho, fazendo-a deslizar, e abro cuidadosamente o papel. É também uma caixa de veludo azul. Sinto um aperto na garganta.

- Vamos - diz August, impaciente.

- Abra logo! Não seja tímido! A tampa se abre com um estalido. É um relógio de bolso de ouro.

- August...

- Gostou?

- É lindo. Mas não posso aceitá-lo.

- E claro que pode. E vai aceitá-lo! - diz ele, segurando a mão de Marlena e puxando para que ela fique de pé. Em seguida pega o colar de sua mão.

- Não, não posso - torno a dizer. - O seu gesto é maravilhoso. Mas é demais para mim.

- Você pode e vai aceitá-lo - diz ele, com firmeza.

- Sou seu chefe e isso é uma ordem. Aliás, por que você não poderia aceitar um presente meu? Não faz muito tempo, você abriu mão de um relógio para ajudar um amigo.

Aperto bem os olhos. Quando os abro novamente, Marlena está de costas para August, segurando os cabelos no alto, enquanto ele fecha o colar em seu pescoço.

- Pronto - diz ele.

Ela se vira para o espelho da penteadeira. Timidamente, seus dedos tocam os brilhantes em volta de sua garganta.

- Parece que você gostou - August conclui.

- Nem sei o que dizer. É a coisa mais linda... Oh! - Marlena dá um gritinho.

- Quase esqueci! Eu também tenho uma surpresa.

Ela abre a terceira gaveta da penteadeira e a revira, tirando pequenas peças de fantasias. Então pega um pedaço de pano comprido, cor-de-rosa e cintilante.

Ela o segura pelas pontas e o balança de leve para que espalhe milhares de pontos de luz.

- Então, o que vocês acham? - pergunta radiante.

E... E... O que é isso? - August quer saber.

- É um enfeite de cabeça para Rosie - ela responde, segurando-o junto ao peito com a ajuda do queixo e estendendo-o à frente. - Esta parte é presa no cabresto, estas ficam dos lados e esta outra cai pela testa dela. Fui eu que fiz.

Estou trabalhando nisso há duas semanas. Combina com a minha roupa. - Marlena olha para cima. Suas bochechas estão vermelhas.

August olha fixamente para ela. A mandíbula inferior treme um pouco, mas ele não diz nada. Então se aproxima dela e a aperta em seus braços.

Tenho que desviar meu olhar.

Graças às eficientes técnicas de divulgação do Tio Al, a grande tenda está transbordando de gente. Foram vendidos tantos ingressos que, depois que o Tio Al pede pela quarta vez que as pessoas se sentem mais perto umas das outras, fica claro que o espaço não é suficiente.

Os empregados recebem ordem para cobrir de palha a pista dos cavalos.

Chegam ao picadeiro central, Rosie tira Marlena de sua cabeça e a coloca no chão.

Marlena dá saltos teatrais ao redor do picadeiro, como um redemoinho cor-de-rosa e cintilante. Ela sorri, rodopia, joga os braços para cima e lança beijos para multidão. Rosie a segue com passadas rápidas, a tromba enrolada para o alto. August anda ao lado dela, segurando a bengala de ponteira de prata em vez do gancho de elefantes. Observo sua boca e leio em seus lábios as frases em polonês que ele aprendeu maquinalmente.

Marlena dança ao redor do picadeiro mais uma vez e pára ao lado da bola menor. August leva Rosie para o centro da arena. Marlena observa e depois se vira para platéia. Ela infla as bochechas, bufando, e enxuga a testa com a mão, num gesto exagerado de exaustão. Em seguida, senta-se na bola, cruza as pernas, apóia os cotovelos nos joelhos e descansa o queixo nas mãos. Então balança rapidamente o pé, virando os olhos para o céu. Rosie observa, sorrindo, com a tromba ainda para o alto. Pouco depois, ela se vira lentamente e abaixa o enorme traseiro cinzento até pousá-lo na bola maior. Uma onda de risadas percorre a multidão.

Marlena olha de relance e se surpreende, então se levanta, de queixo caído, supostamente indignada. Ela vira de costas para Rosie. A elefanta também se levanta e dá passadas trôpegas até parar com o rabo voltado para Marlena. A multidão rola de rir, deliciada.

Marlena olha para trás e fecha a cara. Com uma elegância dramática, ela levanta um pé e o planta em sua bola. Então, cruza os braços e faz um único aceno de cabeça exagerado, como se dissesse: Engole essa, elefanta.

Rosie enrola a tromba, levanta a pata direita e a coloca delicadamente sobre a sua bola. Marlena olha furiosa. Então abre os braços e tira o outro pé do chão.

Lentamente, estende o joelho, com a outra perna pendendo para o lado, os dedos em ponta como uma bailarina. Quando a perna está totalmente esticada, ela abaixa o outro pé e fica parada em cima da bola. Ela dá um grande sorriso, certa de que, finalmente, desbancou a elefanta. O público bate palmas e assobia, também certo disso. Marlena dá uma volta, arrastando os pés, até ficar de costas para Rosie, então levanta os braços num gesto de vitória.

Rosie espera um pouco e em seguida põe a outra pata em cima da bola. A multidão explode. Marlena vira a cabeça e dá uma olhada por cima do ombro. Ela arrasta os pés novamente e fica de frente para Rosie. E, mais uma vez, põe as mãos nas cadeiras. Então faz uma cara zangada e balança a cabeça, mostrando sua frustração. Ela levanta um dedo e o sacode ameaçadoramente diante de Rosie, mas logo em seguida pára. Seu rosto se ilumina. Afinal, uma idéia! Marlena levanta o dedo bem alto e vai se virando para que o público entenda que ela está prestes a vencer a elefanta de uma vez por todas.

Ela se concentra por um minuto, baixando os olhos para as sapatilhas de cetim. E então, sob o crescente rufar dos tambores, ela começa a arrastar os pés, fazendo a bola rolar para frente. Ela se movimenta cada vez mais rápido, até seus pés parecerem uma mancha, girando em volta do picadeiro enquanto a platéia bate palmas e assobia. Ouve-se uma espantosa explosão de gritos entusiasmados...

Marlena pára e levanta os olhos. Ela estava tão concentrada na sua bola que não percebeu a cena ridícula atrás de si. O paquiderme está pousado na bola maior, com as quatro patas bem juntas e o dorso arqueado. Os tambores rufam novamente. De início, nada. Depois, lentamente, a bola começa a rolar sob os pés de Rosie.

O maestro faz sinal para que a banda toque uma música mais rápida e Rosie faz a bola avançar uns três metros. Marlena sorri, maravilhada, batendo palmas, estendendo as mãos para Rosie e convidando a platéia a adorá-la. Então ela salta de sua bola e vai aos pulinhos até Rosie, que desce com um pouco mais de cuidado. Ela deixa cair a tromba e Marlena se senta em sua curva, engancha um braço nela e aponta afetadamente para os dedos dos pés. Rosie ergue a tromba, levantando Marlena no ar. Logo depois, acomoda Marlena em sua cabeça e sai da grande tenda ao som dos aplausos de uma multidão embevecida.

E então começa a chuva de dinheiro - a doce, muito doce chuva de dinheiro.

Tio Al delira, de pé no centro da pista dos cavalos, com os braços e o rosto voltados para o alto, encantado com a chuva de moedas que cai sobre ele. Ele mantém o rosto virado para o alto enquanto as moedas batem em suas bochechas nariz e testa. Acho que Tio Al deve estar até chorando.

Eu as alcanço no momento em que Marlena, escorregando, desce da cabeça de Rosie.

- Você foi brilhante! Brilhante! - diz August beijando-a no rosto.

- Você viu, Jacob? Viu como as duas foram brilhantes?

- Vi, claro.

- Você pode levar Rosie para tenda das jaulas, por favor? Tenho que voltar lá para dentro. - Ele me entrega a bengala de ponteira de prata e, em seguida, olha para Marlena, suspira fundo e coloca a mão no peito.

- Brilhante! Simplesmente brilhante! Não esqueça que você entra com os cavalos logo depois de Lottie - diz August, virando-se para Marlena e dando algumas passadas de costas.

- Vou buscá-los agora - diz ela.

August se dirige novamente para grande tenda.

- Você foi maravilhosa - digo.

- É, ela foi muito bem, não foi?

- Marlena se inclina e planta um beijo estalado no flanco de Rosie, o que deixa uma marca perfeita de lábios no pêlo cinzento. Ela estende a mão e a apaga com o polegar.

- Eu estava falando de você.

Ela cora, o polegar ainda tocando o flanco da elefanta.

Arrependo-me imediatamente do que disse. Não que ela não tenha sido maravilhosa - ela foi, mas não era só isso que eu queria dizer e ela sabe muito bem e agora a deixei constrangida. Decido então bater em retirada.

- Choa'z, Rosie - digo, incentivando-a a seguir em frente.

- Choclz, moj ma- lukti paczuszek.

- Jacob, espere - Marlena me segura pelo cotovelo.

A distância, bem próximo da entrada da grande tenda, August para repentinamente. É como se ele tivesse sentido o contato físico. Ele se vira devagar, o rosto sombrio. Nossos olhares se cruzam.

- Você me faz um favor? - Marlena me pede.

- Claro. Naturalmente - digo, lançando um olhar nervoso para August.

Marlena não percebeu que ele está nos espiando. Ponho a mão no quadril e o gesto faz com que os dedos de Marlena se afastem do meu cotovelo.

- Você pode levar Rosie ao meu camarim? Preparei uma surpresa.

- Hum, claro. Acho que sim - digo.

- Quando é que ela deve chegar lá?

- Leve-a agora. Estarei lá daqui a pouco. Ah, e use alguma coisa bacana.

Quero que seja uma festa de verdade.

- Eu?

- Você, claro. Meu número vai começar agora, mas não vou demorar. E se você vir o August antes da hora, não lhe diga nada, está bem? Faço que sim. Quando torno a olhar para grande tenda, August já desapareceu lá dentro.

Rosie se mostra perfeitamente de acordo com as providências inusitadas.

Ela marcha lentamente ao meu lado até o camarim de Marlena e então espera, com paciência, enquanto Grady e Bill desamarram a borda da parede lateral, soltando-a das estacas.

- Então, como vai Camel? - pergunta Grady, agachando-se e manuseando uma corda.

Rosie se aproxima, querendo bisbilhotar.

- Mais ou menos na mesma - respondo.

- Ele acha que está melhorando, mas eu não concordo. Acho que ele não tem tanta noção porque não precisa fazer nada. Além disso, ele está quase sempre bêbado.

- Esse é o Camel que eu conheço - diz Bill.

- Onde é que ele arranja bebida? É bebida alcoólica, não é? Ele não está mais tomando aquela porcaria de gengibirra, está?

- Não, é bebida de verdade. Meu companheiro de quarto foi com a cara dele.

- Quem? Aquele tal de Kinko? - pergunta Grady.

- É.

- Achei que ele detestasse os trabalhadores.

Rosie estende a tromba e tira o chapéu de Grady. Ele se vira e tenta recuperá-lo, mas ela o mantém bem no alto.

- Ei, você pode dar um jeito de conter essa elefanta? Olho no olho dela, que pisca de volta para mim.

- Poloz! - digo com voz severa, embora seja difícil controlar o riso. Rosie balança suas grandes orelhas para frente e deixa o chapéu cair. Eu me abaixo para pegá-lo.

- Walter... Kinko... podia ser um pouco mais gentil - digo enquanto devolvo o chapéu a Grady -, mas ele tem sido bem legal com Camel. Abriu mão da cama para ele. E até encontrou o filho do velho e o convenceu a nos encontrar em Providence e nos livrar da responsabilidade de cuidar de Camel.

- Não brinca! - diz Grady, fazendo uma pausa e me olhando, surpreso.

- Camel sabe disso?

-Hum... Sabe.

- E como ele reagiu?

Faço uma careta e puxo o ar entre os dentes.

- Tão bem assim?

- Pois é, nós não tínhamos lá muitas opções.

- Não, não tinham. - Grady faz uma pausa.

- O que aconteceu não foi realmente culpa dele. A esta altura, a família já deve saber disso. Muitos homens ficaram esquisitos por causa da guerra. Você sabia que ele foi um atirador, não sabia?

- Não. Ele nunca fala disso.

- Ei, você acha que Camel consegue ficar em pé numa fila?

- Acho que não. Por quê?

- Estão correndo boatos de que finalmente há dinheiro e talvez dê até para pagar os trabalhadores. Até agora eu não tinha dado muito crédito a essa história, mas, depois do que acabou de acontecer na grande tenda, estou começando a acreditar que pode haver alguma chance.

A borda da parede lateral agora está solta e oscila. Bill e Grady a levantam, revelando a nova arrumação do interior do camarim de Marlena. Num canto, há uma mesa com uma toalha de linho pesada e três lugares postos. O resto da tenda está completamente vazio.

- Onde você quer a estaca? Ali? - Grady pergunta, apontando para o espaço vazio.

- Acho que sim - respondo.

- Volto já - ele diz e sai. Alguns minutos depois, Grady volta, trazendo dois martelos de mais de sete quilos, um em cada mão. Ele joga um para Bill, que não se assusta nem um pouco. Bill agarra o cabo do martelo e acompanha Grady tenda adentro. Eles cravam a estaca de ferro no chão com golpes perfeitamente sincronizados.

Levo Rosie para dentro da tenda e me agacho para prender sua corrente à estaca. Ela mantém a perna firmemente plantada no chão, jogando todo o seu peso nas outras três. Quando torno a levantar, vejo que ela está se inclinando na direção de uma pilha de melancias, deixada num canto.

- Quer que a gente amarre de novo a borda da parede lateral? - pergunta Grady, apontando para aba solta.

- Sim, por favor. Acho que Marlena não quer que August saiba que Rosie está aqui antes de ele entrar.

Grady dá de ombros.

- Pouco me importa.

- Grady, pode ficar de olho em Rosie por um minuto? Preciso mudar de roupa.

- Não sei - diz ele, fitando Rosie com os olhos apertados.

- Ela não vai arrancar a estaca, vai?

- Duvido muito. Mas olhe - digo, dirigindo-me para pilha de melancias.

Rosie enrola a tromba e abre a boca num sorriso generoso. Eu pego uma das frutas e a atiro no chão na frente dela. A melancia explode e a tromba, no mesmo instante, mergulha na polpa vermelha. Ela escava nacos da fruta e os mete na boca, com casca e tudo. - Parece que estamos seguros - acrescento.

Eu me esgueiro por baixo da parede lateral e vou trocar de roupa.

Quando volto, Marlena já está lá, usando o vestido de seda, bordado de contas, que August lhe deu naquela noite em que jantamos no camarote. O colar de brilhantes cintila em seu pescoço.

Rosie está mastigando, satisfeita, pedaços de outra melancia - é pelo menos a segunda, mas ainda há meia dúzia no canto da tenda. Marlena tirou a tiara de Rosie e a pendurou na cadeira em frente à penteadeira. Vejo que agora há um pequeno aparador coberto de travessas com redomas de prata e garrafas de vinho. Sinto o cheiro de carne-seca e meu estômago ronca de fome.

Marlena, ansiosa, procura alguma coisa numa das gavetas da penteadeira.

- Ah, Jacob! - diz, olhando para trás.

- Que bom. Eu estava começando a ficar preocupada. Ele vai chegar a qualquer momento. Oh, céus! Agora eu não o encontro. - Ela se ergue de repente e deixa aberta a gaveta, de onde transbordam lenços de seda.

- Você me faz um favor?

- Claro.

Ela tira uma garrafa de champanhe de dentro de um balde de prata cheio de gelo. Ouço as pedras de gelo se mexendo e tilintando lá dentro. Gotas d'água pingam do fundo da garrafa quando Marlena a passa para mim.

- Você pode abri-la assim que ele chegar? E também gritar "surpresa"?

- Posso, claro - digo, pegando a garrafa. Tiro a trava de arame e fico à espera, com o polegar na rolha.

Rosie se aproxima com sua tromba, tentando encontrar um jeito de enfiá-la entre meus dedos e a garrafa. Marlena continua procurando algo na gaveta.

- O que é isso? Levanto os olhos. August está parado à nossa frente.

- Oh! - Marlena grita, rodopiando.

- Surpresa!

- Surpresa! - exclamo, me afastando de Rosie e fazendo a rolha estourar. A rolha ricocheteia na lona e pousa na grama. Bolhas de champanhe se espalham, cobrindo-me os dedos, e eu rio. No mesmo instante, Marlena se aproxima com duas taças, tentando aproveitar o líquido que transborda. Quando por fim conseguimos coordenar nossos movimentos, já se derramou um terço da garrafa que Rosie continua tentando tirar de mim.

Olho para baixo. Os sapatos de seda rosa de Marlena estão escuros de tanto

champanhe.

- Ah, me desculpe! - eu rio.

- Não, não! Não se incomode! - diz ela.

- Temos outra garrafa.

- Eu perguntei o que é isso?

Marlena e eu ficamos paralisados, nossas mãos continuam entrecruzadas. Ela ergue os olhos, com um ar de repente preocupado, uma taça de champanhe em cada mão.

- É uma surpresa. Uma comemoração.

August olha fixamente. Sua gravata está frouxa, o casaco aberto, e seu rosto é completamente inexpressivo.

- Uma surpresa, sei - diz.

Ele tira o chapéu e o faz girar nas mãos, examinando-o. O cabelo forma uma onda em sua testa. De repente, levanta os olhos, com uma sobrancelha arqueada.

- É o que vocês acham.

- O que você disse? - pergunta Marlena, com a voz abafada.

August move o pulso e joga o chapéu longe. Então tira o casaco, lenta e metodicamente. Caminha até a penteadeira e o sacode como se fosse pendurá-lo nas costas da cadeira. Quando vê a tiara de Rosie, ele pára. E então dobra o casaco e o deposita cuidadosamente no assento da cadeira. Os olhos baixam e dirigem para gaveta aberta e os lenços de seda que transbordam dela.

- Cheguei numa hora ruim? - ele pergunta, nos examinando. Ele fala com se pedisse a alguém para lhe passar o sal.

- Querido, não sei do que você está falando - diz Marlena, com suavidade.

August abaixa o braço e tira um lenço laranja comprido, quase transparente da gaveta. Então ele o entrelaça em seus dedos.

- Divertindo-se com lenços, não é mesmo?

- Ele puxa a ponta do lenço e de novo o entrelaça nos dedos.

- Ah, você é uma menina má. Mas acho que eu sabia disso.

Marlena o olha fixamente, sem fala.

- Então - ele continua.

- Isso é uma comemoração pós-coito? Será que lhes dei tempo suficiente? Ou eu deveria dar um pulo lá fora e voltar mais tarde? Parece que a elefanta é uma nova peculiaridade. Fico arrepiado só de pensar.

- Em nome de Deus, do que é que você está falando? - pergunta Marlena.

- Das duas taças - ele responde, inclinando a cabeça na direção das mãos dela.

- O quê? - Marlena ergue a taça tão abruptamente que o conteúdo se espalha na grama.

- É disso que você está falando? A terceira taça está bem ali...

- Você acha que sou idiota?
- August... - tento falar.
- Cale a boca! Cale a porra dessa boca! A cara dele está roxa, os olhos esbugalhados e, ele treme de raiva.

Marlena e eu estamos imóveis, atônitos, em silêncio. De repente o rosto de August sofre outra transformação, passando a algo que é quase complacente. Ele continua manuseando o lenço e até sorri ao olhar para ele. Então o dobra com todo o cuidado e torna a guardá-lo na gaveta. Depois de se aprumar, Augi começa a balançar a cabeça lentamente.

- Você... Você... Você... - ele levanta a mão, agitando o dedo no ar. Mas então a voz diminui de intensidade e sua atenção se volta para bengala de ponteira de prata, que está encostada à parede lateral perto da mesa, onde a deixei. Ele dá um salto e a apanha.

Atrás de mim, ouço um barulho de líquido caindo no chão e me viro rapidamente. Rosie está urinando na grama, as orelhas grudadas à cabeça, a tromba enrolada embaixo da cara.

August segura a bengala e bate muitas vezes o cabo na palma da mão.

- Por quanto tempo vocês acharam que poderiam me enganar? - Ele pára por um instante e depois me olha diretamente nos olhos.

- Hein?

- August - digo.

- Eu não tenho a menor idéia do que...

- Eu disse para calar a boca! - Ele dá meia-volta e, batendo violentamente com a bengala no pequeno aparador, derruba travessas, talheres e garrafas no chão. Então, levanta o pé e chuta o móvel. O aparador cai de lado, se desmantela e faz louça, taças e comida voarem pelos ares.

August baixa os olhos para bagunça por um instante e depois os levanta.

- Você acha que eu não vejo o que está acontecendo? - ele pergunta, com uma veia pulsando em sua têmpora e os olhos fuzilando Marlena.

- Ah, você é boa, minha querida - ele sacode o dedo, advertindo-a, e sorri.

- Devo confessar.

Você é muito boa.

Ele retorna à penteadeira e encosta a bengala em sua borda. Em seguida, se inclina e se olha no espelho. Afasta o cabelo da testa e o alisa com a palma da mão. E então, com a mão ainda na testa, fica imóvel.

- Uh-uh! - diz ele, olhando as nossas imagens refletidas.

- Estou vendo vocês! O rosto aterrorizado de Marlena me olha pelo espelho.

August se vira e pega a tiara rosa, enfeitada de lantejoulas, de Rosie.

- E esse é o problema, não é? Eu os vejo. Vocês acham que não, mas vejo. Este

foi um toque especial, devo admitir - diz, girando a tiara cintilante em suas mãos.

- A esposa dedicada, escondendo-se num armário, dando os últimos retoques numa tempestade. Seria num armário? Talvez fosse exatamente aqui. Ou vocês talvez fossem à tenda daquela prostituta. Prostitutas ajudam umas às outras, não é mesmo?

- Ele me olha.

- Então, Jacob, onde é que vocês transaram, hein? Onde foi exatamente que você fodeu a minha mulher?

Seguro o cotovelo de Marlena e digo:

- Vamos. Vamos embora.

- Ah! Então você nem sequer nega!

- August berra. Ele agarra a tiara com tanta força que os nós dos seus dedos ficam brancos, então ele a puxa, gritando e rilhando os dentes, até rasgar o enfeite.

Marlena dá um grito. Deixa cair as taças e aperta a mão na boca.

- Sua prostituta! - August berra.

- Sua devassa. Sua puta imunda!

- A cada insulto, ele rasga mais um pouco a tiara.

- August! - grita Marlena, dando um passo à frente.

- Pare com isso! Pare! O grito parece chocá-lo, porque ele pára. Olha para ela e pisca. Então olha para tiara. Depois torna a olhar para Marlena, confuso.

Depois de uma pausa de muitos segundos, ela dá um passo à frente.

- Auggie? - diz, num tom hesitante. E lhe dirige um olhar suplicante.

- Você está bem agora?

August a fita, perplexo, como se tivesse simplesmente acabado de acordar e se descobrisse ali. Marlena se aproxima dele lentamente.

- Querido? O maxilar inferior de August se mexe. A testa se enrugando e a tiara cai no chão.

Acho que parei de respirar.

Marlena chega mais perto dele.

- Auggie? Ele baixa os olhos para ela. Seu nariz estremece. Então ele a empurra com tamanha violência que ela cai de costas nas travessas e na comida que se espalhou pelo chão. Ele dá um grande passo à frente, inclina-se e tenta arrancar o colar do pescoço de Marlena. O fecho não abre, e então ele acaba arrastando-a pelo pescoço enquanto ela grita.

Eu me precipito pelo espaço vazio e o agarro. Rosie brame atrás de mim enquanto August e eu caímos em cima dos pratos quebrados e do molho derramado.

Primeiro, estou por cima esbofeteando a cara dele. Depois, ele fica em cima de mim me dando socos nos olhos. Eu o derrubo e então, com puxões, o ponho de pé.

- Auggie! Jacob! - berra Marlena.

- Parem! Eu o empurro de novo, mas ele me agarra pela lapela e então caímos juntos sobre a penteadeira. Estou vagamente consciente de ouvir um tilintar quando o espelho se desintegra à nossa volta. August me dá um safanão e nos engalfinhamos no centro da tenda.

Rolamos no chão, grunhindo, tão próximos um do outro que sinto sua respiração no meu rosto. Ora fico em cima dele, dando murros, ora é ele que fica em cima de mim, batendo minha cabeça no chão. Marlena anda de um lado para outro, gritando que paremos com a briga, mas não podemos. Ou, pelo menos, eu não posso - toda a raiva e a dor e a frustração dos últimos meses foram canalizadas para os meus punhos.

Ora estou diante da mesa derrubada, ora estou diante de Rosie, que puxa a corrente da perna e guincha, ora estamos de pé novamente e nos agarramos pelos colarinhos e pelas lapelas, ambos nos defendendo e desferindo golpes. Por fim, caímos na entrada da tenda e vamos parar no meio da multidão que se juntou do lado de fora.

Em segundos, sou agarrado e rebocado dali, por Grady e Bill. Por um instante, parece que August vem atrás de mim, mas então a expressão de seu rosto machucado muda. Ele se levanta e calmamente bate a poeira de suas roupas.

- Você está louco. Louco! - berro.

Ele me observa com indiferença, endireita as mangas e volta para tenda.

- Me soltem - peço, virando a cabeça para olhar primeiro para Grady e depois para Bill.

- Pelo amor de Deus, me soltem! Ele está completamente doido! Vai matá-la!

- E faço tanta força que consigo arrastá-los por alguns metros.

Vindo de dentro da tenda, ouço o barulho de louça quebrada e, em seguida, gritos de Marlena.

Grady e Bill estão grunhindo e fincando as pernas no chão para que eu não me solte.

- Não, ele não vai matá-la - diz Grady.

- Não se preocupe com isso.

Earl irrompe do meio da multidão e se abaixa para entrar na tenda. O quebra-quebra pára. Ouço duas pancadas surdas e depois uma mais forte, e então um silêncio sepulcral.

Eu gelo e fico olhando fixamente a grande extensão de lona.

- Pronto. Está vendo? - diz Grady, ainda segurando firme meu braço.

- Você está bem? Podemos soltá-lo agora? Faço que sim com a cabeça, ainda olhando para tenda.

Grady e Bill me soltam, mas aos poucos. Primeiro afrouxam o aperto das mãos. Depois me largam, mas ficam por perto, me vigiando.

Alguém põe a mão na minha cintura. Walter está de pé ao meu lado.

- Venha, Jacob - diz ele.

- Vamos embora. Ande.

- Não posso.

- Sim, você pode. Venha.

Fito a tenda silenciosa. Mais alguns segundos e desprendo os olhos da lona inflada e vou embora.

Walter e eu subimos no carro dos cavalos. Queenie surge de trás dos baús, onde Camel está roncando. Ela balança o rabo cotó e então pára, farejando o ar.

- Sente-se - ordena Walter, apontando a cama estreita.

Queenie se senta no chão. Eu me sento na beira da cama. Agora que o nível da minha adrenalina está baixando, percebo que estou muito machucado. Minhas mãos estão feridas e tenho a impressão de que estou respirando através de uma máscara de gás e de que enxergo através de uma fenda formada pela pálpebra inchada do meu olho esquerdo. Toco meu rosto e minha mão volta coberta de sangue.

Walter se debruça sobre um baú. Quando se vira, vejo que está segurando uma garrafinha de uísque falsificado e um lenço. Na minha frente, ele tira a rolha.

- Ei! É você, Walter? - Camel chama de trás dos baús.

É claro que ele acordaria com o ruído de uma rolha sendo aberta.

- Você está todo sujo de sangue - diz Walter, sem dar a menor atenção a Camel.

Ele encosta o lenço no gargalo da garrafa, o encharca e o leva ao meu rosto.

- Fique quieto. Vai arder.

Esse foi o eufemismo do século - quando o álcool encosta no meu rosto, dou um tremendo pulo para trás e grito.

Walter espera, com o lenço na mão.

- Você quer alguma coisa que possa morder? - Ele se abaixa para pegar a rolha.

- Tome.

- Não - digo, trincando os dentes.

- Me dê só um instante. - E abraço meu peito, me balançando para frente e para trás.

- Tenho uma idéia melhor - diz Walter, e me passa a garrafa.

- Vá em frente.

Queima como o fogo do inferno quando desce, mas, depois de uns goles, você já não sente tanto.

- O que aconteceu, afinal de contas?

Pego a garrafa e uso as mãos machucadas para levá-la à boca. Estou completamente desajeitado, como se estivesse usando luvas de boxe. Walter me ajuda a firmar a garrafa. O álcool queima meus lábios feridos, me rasga por dentro ao passar pela garganta e explode ao chegar ao estômago. Respiro com dificuldade e

afasto a garrafa tão bruscamente que o líquido salta do gargalo e se esparrama.

- É. Não é dos mais suaves - diz Walter.

- Ei, vocês vão me tirar daqui e dividir isso comigo ou não? - Camel grita do canto.

- Cale a boca, Camel - Walter responde.

- Ei, qual é agora? Isso não é jeito de falar com um velho doente...

- Eu disse para calar a boca, Camel! Estou com um probleminha aqui. Tome - diz ele, tornando a me empurrar a garrafa.

- Beba mais um pouco.

- Que tipo de probleminha? - Camel pergunta.

- Jacob se meteu em confusão.

- O quê? Como? Foi um "ei, caipira"?

- Não - diz Walter, apreensivo.

- Pior.

- E o que é um "ei, caipira"? - murmuro por entre os lábios inchados.

- Beba - diz ele, tornando a me empurrar a garrafa.

- Uma briga entre nós e eles. Pessoal do circo e espectadores. Está pronto?

Tomo mais um gole do uísque que, apesar do que Walter disse, ainda desce como gás de mostarda. Pouso a garrafa no chão e fecho os olhos.

- Estou. Acho que sim.

Walter segura meu queixo com sua mão e vira minha cabeça de um lado para o outro, avaliando os estragos.

- Pelo amor de Deus, Jacob! O que foi que deu em você? - espanta-se ele, examinando o cabelo atrás da minha cabeça. Aparentemente, Walter descobriu alguma atrocidade nova.

- Ele empurrou Marlina.

- Foi pra valer?

- Foi.

- Por quê?

- Ele simplesmente ficou louco.

Não sei de que outra maneira descrever o que aconteceu.

- Sua cabeça está cheia de cacos de vidro. Fique quieto.

- Os dedos de Walter examinam meu couro cabeludo, levantando e separando os fios de cabelo.

- E por que ele ficou louco? - pergunta ele, depositando fragmentos de vidro sobre o livro mais próximo.

- Sei lá por quê.

- Como é que não sabe? Você mexeu com ela?

- Não. De jeito nenhum - respondo, embora eu tenha certeza de que teria ficado

completamente vermelho se minha cara já não estivesse com aspecto de carne moída.

- Espero que não. Para o seu bem, espero que não.

Ouçó um arrastar de pés e umas pancadas à minha direita. Tento olhar, mas Walter segura meu queixo com força.

- Camel, que diabos você está tentando fazer? - Walter grita, jogando seu hálito quente na minha cara.

- Quero ver se Jacob está bem.

- Pelo amor de Deus, Camel. Fique quieto aí, está bem?

Eu não ficaria surpreso se recebêssemos visitas daqui a pouco. Pode ser que eles estejam atrás de Jacob, mas não pense que não vão querer levar você também.

Quando Walter acaba de limpar minhas feridas e de tirar os cacos de vidro do meu cabelo, eu me esgueiro até o colchonete e procuro um lugar confortável para deitar a cabeça, que está toda machucada, da testa à nuca. O olho direito está inchado e completamente fechado. Queenie se aproxima para investigar o que houve e fareja, hesitante. Ela recua alguns passos e depois se deita, de olho em mim.

Walter guarda a garrafa no baú e se mantém debruçado sobre ele, fuçando algo ali dentro. Quando volta a se aprumar, vejo que ele está segurando uma faca grande.

Ele fecha a porta interna, calçando-a com um pedaço de pau. Em seguida, senta-se encostado na parede e a faca ao seu lado.

Algun tempo depois, ouço o barulho de cascos de cavalo na rampa. Ouço também Pete, Otis e DiamondJoe falando em voz baixa do outro Lado do carro, mas ninguém bate à porta interna nem tenta abri-la. Então, nós os ouvimos desarmar a rampa e fechar a porta que dá para fora.

Quando o trem finalmente começa a resfolegar, Walter suspira. Eu o examino. Ele deixa a cabeça cair entre os joelhos e fica assim por um instante. Em seguida, levanta-se e esconde a faca atrás do baú.

- Você é um filho-da-pura de sorte - diz, tirando o calço da porta. Ele a abre e se dirige à fileira de baús que oculta Camel.

- Eu? - pergunto, ainda atordoado da bebida.

- É, você. Por enquanto.

Walter empurra os baús, afastando-os da parede, e recupera Camel. Então ele arrasta o velho para outra parte do carro para ajudá-lo nas abluções da noite.

Eu cochilo, derrotado pela mistura dos traumas com o uísque falsificado.

Lembro-me vagamente de Walter ajudando Camel na hora do jantar.

Lembro-me de ter me sentado de repente para tomar um gole d'água que me ofereceram e de ter voltado a desabar no colchonete. Quando acordo novamente, vejo que Camel está deitado de costas na cama, roncando. Walter está sentado na manta de cavalo no canto com o lampião ao lado e um livro no colo.

Ouçõ passos no telhado e, logo depois, uma pancada abafada do outro lado da nossa porta. Todo o meu corpo desperta.

Walter desliza pelo chão, andando como um caranguejo, e pega a faca atrás do baú. Então, aproxima-se da porta, segurando o punho da faca com firmeza. Ele faz um aceno, mandando que eu vá para perto do lampião. Atravesso o quarto me esgueirando mas, como o olho fechado não me deixa ter noção de profundidade, avanço pouco.

A porta range e se abre para dentro. Os dedos de Walter, no punho da faca, apertam-se e relaxam.

-Jacob?

- Marlena! - grito.

- Meu Deus, mulher! - grita Walter, deixando cair a faca ao seu lado.

- Quase matei você! - Ele segura a porta. A cabeça se agita enquanto ele procura ver o que há ao redor dela.

- Você está sozinha? - Estou - Marlena responde.

- Desculpe. Preciso falar com Jacob.

Walter abre um pouco mais a porta. Então se espanta e exclama:

- Ai, Jesus! É melhor você entrar.

Quando ela entra, levanto um pouco o lampião. Vejo que seu olho esquerdo está roxo e inchado.

- Meu Jesus Cristo! Ele fez isso com você?

- Ai, meu Deus! Olhe só você! - exclama Marlena, esticando o braço. As pontas dos dedos pairam perto do meu rosto.

- Você tem que ir ao médico.

- Estou bem.

- Quem está aí? - Camel pergunta.

- Por acaso é uma mulher? Não estou vendo nada. Alguém pode me virar?

- Ah, me desculpe - diz Marlena, espantada ao ver o corpo aleijado na cama estreita. - Achei que só havia vocês dois... Ah, me desculpe. Vou voltar imediatamente.

- Não, não vai - eu a interrompo.

- Eu não quis dizer... para ele.

- Não quero vê-la andando em cima dos vagões de um trem em movimento, muito menos saltando de um para outro.

- Concordo com Jacob - acrescenta Walter. - Vamos nos mudar para perto dos cavalos para que você tenha alguma privacidade.

- Não, eu não poderia - diz Marlena.

- Então, me deixe levar o colchonete para que você se acomode lá - eu lhe peço.

- Não, eu não queria... - ela balança a cabeça.

- Ai, Deus! Eu não deveria ter vindo. - E ela então cobre o rosto com as mãos.

Em seguida começa a chorar.

Entrego o lampião a Walter e a aperto em meus braços. Ela se afunda em meu peito, soluçando, pressionando o rosto na minha camisa.

- Ai, meu Deus! - diz Walter. - Acho que isso me torna cúmplice.

- Vamos conversar - digo a Marlena.

Ela funga e se afasta, indo em direção ao canto dos cavalos. Eu a acompanho, fechando a porta atrás de nós.

Ouvimos um suave relincho de reconhecimento. Marlena se aproxima e afaga o flanco de Midnight. Eu me sento encostado na parede, esperando-a. Pouco depois, ela se junta a mim. Ao passarmos por uma curva, as tábuas do piso balançam sob nós, nos aproximando, um ombro tocando no outro.

Sou o primeiro a falar.

- Ele já tinha batido em você antes?

- Não.

- Se ele fizer isso de novo, juro por Deus que vou matá-lo.

- Se ele fizer isso de novo, você não vai precisar - ela diz, calmamente.

Dou-lhe uma olhada rápida. O luar atravessa as fendas atrás dela e vejo o seu perfil escuro, sem feições.

- Estou me separando dele - diz ela, abatida.

Instintivamente, pego sua mão. A aliança desapareceu.

- Você já disse isso a ele? - pergunto.

- Deixei bem claro.

- Como ele reagiu?

- Você viu a resposta dele.

Ficamos ali sentados ouvindo os estalidos das rodas debaixo de nós.

Inspeciono rapidamente os dorsos dos cavalos adormecidos e os fragmentos da noite, que vemos através das fendas.

- O que você vai fazer?

- Acho que vou conversar com o Tio Al quando chegarmos a Erie e ver se ele pode me arranjar um beliche no vagão-dormitório das garotas.

- E nesse meio-tempo?

- Nesse meio-tempo, vou ficar num hotel.

- Você não quer voltar para casa da sua família? Ela faz uma pausa.

- Não. Acho que não vão querer me receber.

Encostamo-nos na parede em silêncio, ainda de mãos dadas. Mais ou menos uma hora depois, ela adormece e seu corpo escorrega até a cabeça descansar no meu ombro. Permaneço acordado, com cada fibra do meu corpo ciente da proximidade

dela.

Está na hora de se arrumar. Sr.Jankowski, Meus olhos abrem de repente ao ouvir aquela voz tão perto.

Rosemary paira sobre mim, emoldurada pelos azulejos do teto.

- Hein? Ah, tudo bem - digo, esforçando-me para me apoiar nos cotovelos e levantar. A alegria me invade quando percebo que não só me lembro de onde estou e quem ela é, mas também de que hoje é o dia do circo. Talvez o que aconteceu mais cedo tenha sido apenas um lapso cerebral.

- Fique quieto. Vou levantar a cabeceira da sua cama - diz ela.

- O senhor precisa ir ao banheiro?

- Não, mas quero que você traga a minha camisa nova. E a gravata-borboleta.

- A sua gravata-borboleta! - ela caçoa, jogando a cabeça para trás e rindo.

- É, minha gravata-borboleta.

- Ai, meu Deus, meu Deus. O senhor é muito engraçado - diz ela, indo até o meu armário.

Quando ela volta, já consegui desabotoar três botões da minha camisa. Nada mau para meus dedos retorcidos. Estou bastante satisfeito comigo. Cérebro e corpo, ambos em funcionamento.

Enquanto Rosemary me ajuda a tirar a camisa, examino o meu corpo magrelo. As costelas estão aparentes e os poucos cabelos no peito já estão brancos. A visão me faz lembrar uma pessoa que passa fome, todo tendões e costelas no corpo magro. Rosemary passa meus braços pelas mangas da camisa nova e, alguns minutos depois, se debruça sobre mim, ajeitando as pontas da gravata-borboleta. Então, recua um pouco, inclina a cabeça e faz um último ajuste na gravata.

- Bem, devo dizer que a gravata-borboleta foi uma ótima escolha - diz ela, aprovando com um aceno de cabeça.

A voz é profunda e doce, lírica. Eu poderia passar o dia inteiro ouvindo-a.

- O senhor quer dar uma olhada?

- Você conseguiu endireitá-la? - digo.

- Claro que consegui!

- Então não. Não gosto muito do espelho hoje em dia - resmungo.

- Bem, acho que o senhor está bem bonito - diz ela, colocando as mãos nos quadris e me examinando.

- Ah, shh...! - aceno com a mão ossuda, me dirigindo a ela.

Ela ri outra vez, e o som é como um vinho que me aquece as veias.

- O senhor prefere aguardar sua família aqui ou na sala de espera?

- A que horas começa o espetáculo?

- As três. São duas horas agora - ela responde.
- Vou para sala de espera. Quero sair assim que eles chegarem.

Rosemary aguarda pacientemente que eu sente meu corpo enferrujado na cadeira de rodas. Enquanto ela me conduz à sala de espera, entrelaço minhas mãos no colo, mexendo-as nervosamente.

A sala está cheia de outros velhos em cadeiras de rodas, enfileirados diante das cadeiras de costas curvas destinadas às visitas. Rosemary me estaciona no fim da fila, ao lado de Ipphy Bailey.

Ela está inclinada para frente, sua corcunda de velha a obriga a ficar olhando o próprio colo. O cabelo de Ipphy é fino e branco e alguém - não ela, é claro - o penteou cuidadosamente a fim de cobrir as partes carecas. Ela se vira de repente para mim. O rosto se ilumina.

- Morty! - ela grita, estendendo sua mão esquelética que consegue agarrar meu pulso. - Ah, Morty, você voltou! Afasto o braço com um puxão, mas a mão da velha vem junto. Ela me puxa para si enquanto me encolho.

- Enfermeira - grito, tentando me livrar do aperto.

- Enfermeira!

Alguns segundos depois, alguém consegue me soltar de Ipphy, que está convencida de que sou seu falecido marido e não a amo mais. Ela se debruça no braço de sua cadeira, chorando, sacudindo os braços, numa tentativa desesperada de se aproximar de mim. A enfermeira com cara de cavalo me posiciona um pouco mais afastado de Ipphy e depois coloca o meu andador entre nós.

- Ah, Morty, Morty! Não faça isso! - Ipphy se lamenta.

- Não fiz de propósito. Não foi nada. Apenas um terrível mal-entendido. Ah, Morty! Você não me ama mais?

Continuo esfregando o pulso, exasperado. Por que a casa de idosos não tem uma ala separada para pessoas nesse estado? É claro que essa galinha velha está maluca. Ela poderia ter me machucado. Evidentemente, se houvesse uma ala separada, seria provável que eu acabasse nela depois do que aconteceu esta manhã. Eu me apruma ao me ocorrer uma idéia. Talvez o remédio novo tenha causado o lapso - ah, devo perguntar a Rosemary sobre isso. Ou talvez não. A idéia me animou, e eu gostaria de guardá-la. Preciso proteger meus pequenos oásis de felicidade.

Alguns minutos depois, os velhotes começam a sair, e a fileira de cadeiras de rodas fica parecendo o sorriso esburacado de uma lanterna feita de abóbora.

Surge uma família atrás da outra, cada uma reclamando seus direitos sobre um antepassado decrépito em meio a cumprimentos que atingem muitos decibéis.

Corpos fortes se debruçam sobre fracos; aplicam-se beijos em bochechas.

Soltam-se freios de repente e, um a um, os velhotes, rodeados por suas famílias,

saem pelas portas de correr.

Quando os parentes de Ipphy chegam, dão uma demonstração da grande felicidade que sentem ao vê-la. Ela os fita diretamente no rosto, assombrada, boquiaberta, confusa mas encantada.

Agora sobramos apenas seis e nos entreolhamos desconfiados. A cada vez que a porta se abre, nossos rostos se viram ao mesmo tempo e apenas um se ilumina.

É assim até que eu fique sozinho na sala.

Olho de relance o relógio de parede: 2h45. Merda! Se eles não aparecerem logo, vou perder o Grande Desfile. Troco de lugar, me sentindo rabugento e velho. Que droga, eu sou rabugento e velho, mas devo tentar não perder a paciência quando eles chegarem. Vou apenas levá-los imediatamente à porta, pois quero deixar bem claro que não temos tempo para gracinhas. Eles podem me contar sobre a promoção de fulano ou as férias de sicrano depois do espetáculo.

A cabeça de Rosemary aparece à entrada. Ela olha para os dois lados, assegurando-se de que estou sozinho na sala de espera. Depois contorna o balcão do posto de enfermagem e deixa lá o seu prontuário. Em seguida, se aproxima e se senta ao meu lado.

- Nenhum sinal da sua família, Sr. Jankowski?

- Não! - eu grito.

- E se eles não aparecerem logo, não vai adiantar nada.

Tenho certeza de que os bons lugares já foram ocupados e que vou perder o Grande Desfile. - Volto a olhar o relógio, arrasado e choramingando.

- Por que esse atraso? Eles costumam já estar aqui a essa hora.

Rosemary olha o seu relógio. É de ouro, e os elos da pulseira elástica dão a impressão de lhe beliscar a pele. Sempre usei o meu relógio frouxo, na época em que eu tinha um.

- O senhor sabe quem vem hoje? - ela pergunta.

- Não. Nunca sei. E não importa, realmente, desde que cheguem a tempo.

- Bem, deixe-me ver se descubro alguma coisa.

Ela se levanta e contorna a mesa do posto de enfermagem.

Eu olho cada pessoa que passa do outro lado das portas de vidro, em busca de um rosto conhecido. Mas elas passam como manchas, uma misturada à outra.

Olho para Rosemary, que está de pé junto à mesa falando ao telefone. Ela me lança um olhar, desliga e faz outra ligação.

O relógio agora marca 2h53 - faltam apenas sete minutos para o espetáculo começar. Minha pressão está tão alta que o corpo vibra como as luzes fluorescentes acima de mim.

Desisti inteiramente da idéia de não perder a cabeça. Quem quer que apareça vai levar a maior bronca, garanto. Toda galinha velha e todo velho gagá deste lugar

terão assistido ao espetáculo todo, até ao Grande Desfile, e cadê a justiça nisso? Se há alguém que deveria estar lá, sou eu. Ah, espere só até eu botar os olhos em quem chegar. Se for um dos meus filhos, pode saber que vou lhe passar um sermão. Se for um dos outros, bem, vou ter que esperar até...

- Sinto muito, Sr. Jankowski.

- Hein? - olho de repente. Rosemary está de volta, sentada na cadeira ao meu lado. No estado de pânico em que estou, eu não tinha notado.

- Eles simplesmente não sabiam de quem era a vez.

- Bem, e eles decidiram por quem? E vão levar quanto tempo para chegar aqui? Rosemary faz uma pausa. Ela aperta os lábios e segura minha mão entre as suas. É a expressão que vemos no rosto das pessoas que estão prestes a nos dar más notícias, e o nível da minha adrenalina sobe de tanta expectativa.

- Eles não podem vir - diz ela. - Deveria ser seu filho Simon. Quando liguei, ele se lembrou da visita, mas já tinha outros planos. Nos demais números ninguém atendeu.

- Outros planos? - eu grasno.

- Sim, foi isso.

- Você lhe falou do circo?

- Falei, sim, senhor. E ele realmente sente muito. Mas era algo que ele não podia desmarcar.

Meu rosto se contorce e, antes que eu perceba, estou choramingando como uma criança.

- Sinto muito, Sr. Jankowski. Sei quanto isso era importante para o senhor.

Eu o levaria, mas hoje meu plantão é de 12 horas.

Levo as mãos ao rosto, tentando esconder as minhas lágrimas de velho.

Alguns segundos depois, um lenço de papel é sacudido à minha frente.

- Você é uma boa moça, Rosemary - digo, pegando o lenço e limpando o catarro que escorre do meu nariz.

- Você sabe disso, não sabe? Não sei o que seria de mim sem você.

Ela olha para mim por um longo tempo. Longo demais. Por fim, diz:

- Sr. Jankowski, o senhor sabe que eu estou saindo amanhã, não sabe? Minha cabeça se move rapidamente.

- Hein? Por quanto tempo? - Ai, que merda. Era só o que me faltava. Se ela sair de férias, provavelmente terei me esquecido do seu nome quando voltar.

- Estamos nos mudando para Richmond. Para ficarmos mais perto da minha sogra. Ela não está bem.

Estou assombrado. Meu queixo cai inutilmente por um instante antes que eu encontre as palavras.

- Você é casada?

- Há 26 anos felizes, Sr. Jankowski.
- Vinte e seis anos? Não. Não acredito. Você é uma garota! Ela ri.
- Eu sou avó, Sr. Jankowski. Tenho 47 anos.

Ficamos ali sentados em silêncio por um instante. Ela enfia a mão no bolso cor-de-rosa pálido e substitui meu lenço encharcado por um novo. Enxugo as órbitas fundas que abrigam os meus olhos.

- Ele é um homem de sorte, o seu marido - digo, fungando.
- Somos ambos pessoas de sorte. Pessoas muito abençoadas, realmente.
- Assim como a sua sogra. Você sabe que nenhum dos meus filhos podia me receber em sua casa?

- Bem... Nem sempre é fácil, o senhor sabe.
- Eu nunca disse que era fácil.

Ela pega a minha mão.

- Eu sei, Sr. Jankowski. Eu sei.

Estou arrasado com a injustiça de toda essa situação. Fecho os olhos e imagino a velha e babona da Ipphy Bailey na grande tenda. Ela nem sequer vai saber onde está, quanto mais se lembrar do que aconteceu por lá.

Alguns minutos depois. Rosemary diz: - Há alguma coisa que eu possa fazer pelo senhor? - Não - respondo, e não há nada mesmo.

A menos que ela possa me devolver ao circo ou devolver o circo a mim. Ou me levar com ela para Richmond.

- Acho que eu gostaria de ficar sozinho agora - acrescento.
- Eu compreendo - ela diz, gentilmente.
- Quer que eu o leve para o quarto?
- Não. Acho que vou ficar sentado exatamente aqui.

Ela se levanta, inclina-se o tempo suficiente para me dar um beijo na testa e desaparece corredor afora, com as solas de borracha rangendo no piso de azulejos.

Quando acordo, percebo que Marlena desapareceu. Vou procurá-la imediatamente e a vejo saindo do carro do Tio Al com Earl. Ele a acompanha ao carro 48 e manda August se retirar enquanto ela entra.

Fico satisfeito de ver August com uma aparência muito semelhante à minha, ou seja, como um tomate podre e amassado. Quando Marlena entra no carro ele a chama e tenta acompanhá-la, mas Earl o impede. August está agitado e desesperado, e vai de uma janela para outra, pendura-se na ponta dos dedos, tentando entrar no trem, derramando lágrimas de contrição.

Isso nunca mais vai acontecer. Ele a ama mais do que a própria vida - claro que ela sabe disso. Ele não entende o que lhe aconteceu. E vai fazer de tudo para que façam as pazes. Ela é uma deusa, uma rainha, e ele é só uma poça de remorsos miserável. Será que ela não vê como ele está arrependido? Ela está querendo torturá-lo? Não tem coração? Quando Marlena surge, de mala na mão, passa por ele sem nem ao menos um olhar de relance. Ela está usando um chapéu de palha cuja aba mole cobre o seu olho roxo.

- Marlena - grita August, aproximando-se e agarrando o braço dela.

- Deixe-a em paz - diz Earl.

- Por favor. Estou lhe implorando - diz August.

Ele cai de joelhos na terra. Suas mãos escorregam pelo braço dela até lhe segurar a mão esquerda. August leva a mão da moça ao próprio rosto, inundando-a de lágrimas e beijos enquanto ela, impassível, olha fixamente para frente.

- Marlena. Querida. Olhe para mim. Estou de joelhos. Estou implorando. O que mais posso fazer? Minha querida..., meu amor... por favor, vamos para dentro. Vamos conversar sobre isso. Vamos resolver tudo. - Ele procura algo no bolso e pega um anel, que tenta enfiar no terceiro dedo de Marlena. Ela sacode a mão para soltá-la e começa a andar.

- Marlena! Marlena! - agora August está gritando e até as partes intactas do seu rosto estão sem cor. Fiapos de cabelo caem sobre sua testa.

- Você não pode fazer uma coisa dessas! Não é o fim! Está me ouvindo? Você é minha esposa, Marlena! Até que a morte nos separe, Lembra? - Ele se Levanta e fica parado, de punhos cerrados.

- Até que a morte nos separe! - berra August.

Marlena me entrega a mala sem parar de andar. Viro-me e a sigo, olhando fixamente sua cintura fina enquanto ela marcha e atravessa o chão coberto de grama seca. Apenas ao chegar ao limite do terreno é que ela passa a andar mais devagar e então possocaminhar ao seu lado.

- Em que posso servi-los? - diz o funcionário do hotel, Levantando os olhos quando a sineta acima da porta anuncia a nossa chegada.

Sua expressão solícita e jovial logo se transforma, primeiro em susto e depois em desprezo. São os mesmos sentimentos que vi nos rostos de todos por quem passamos até chegar aqui.

Um casal de meia-idade, sentado num banco ao lado da porta de entrada, nos encara sem disfarçar.

E de fato formamos um casal e tanto. A pele em volta do olho de Marlena é agora de um azul impressionante, mas pelo menos a forma do rosto não mudou - o meu está inchado e amassado, com sangue pisado nas feridas.

- Preciso de um quarto - diz Marlena.

O funcionário a examina com nojo.

- Não temos nenhum vago - ele responde, empurrando os óculos para cima com um dedo. Então volta ao seu livro-caixa.

Ponho a mala no chão e paro ao lado de Marlena.

- O letreiro lá fora diz que há vagas.

Os lábios do homem se contraem num traço arrogante.

- Então está errado.

Marlena toca meu cotovelo.

- Vamos, Jacob.

- Não, não "vamos" - digo, virando-me de novo para o funcionário.

- A senhora precisa de um quarto, e vocês têm vagas.

Ele olha rápida e ostensivamente para mão esquerda de Marlena e levanta uma sobrancelha.

- Não hospedamos casais não casados.

- Não é para nós. E só para ela.

- Hum, hum - diz o sujeito.

- É melhor tomar cuidado, companheiro - digo.

- Não gosto dessas insinuações.

- Vamos, Jacob - Marlena repete.

Ela está ainda mais pálida do que antes e olha para o chão.

- Não estou insinuando nada - diz o homem.

- Jacob, por favor. Vamos para outro lugar.

Lanço ao funcionário um olhar duro e definitivo, para que ele saiba o que eu faria se Marlena não estivesse ali. Então pego a mala do chão. Marlena segue para porta.

- Ei, eu sei quem você é! - diz a metade feminina do casal no banco.

- Você é a garota do cartaz! É, sim! Tenho certeza. - Ela se vira para o homem ao seu lado.

- Norbert, essa é a moça do cartaz! Não é? Senhorita, você é a estrela do circo, não é? Marlena abre a porta do hotel, ajeita a aba do chapéu e dá um passo para fora.

Eu a acompanho.

- Espere - diz o funcionário.

- Talvez haja uma...

Bato a porta ao passar.

O Hotel Três Portas adiante não faz tantas exigências, embora o funcionário me desagrade quase tanto quanto o outro. Ele está simplesmente louco para saber o que aconteceu. Os olhos nos avaliam de cima a baixo, brilhantes, curiosos, sem pudor. Sei o que ele deduziria se apenas o olho de Marlena estivesse roxo, mas, como estou num estado bem pior, as coisas não estão tão claras.

- Quarto 2B - diz ele, sacudindo uma chave na sua frente e ainda hipnotizado pela nossa aparência.

- Subindo a escada, à direita. No fim do corredor.

Acompanho Marlena, observando suas panturrilhas bem torneadas enquanto ela sobe a escada.

Ela se atrapalha um pouco com a chave e então fica parada ao lado da porta, deixando-a na fechadura.

- Não consigo abrir. Pode me ajudar?

Ajeito um pouco a chave até conseguir girá-la na fechadura. Alguns segundos depois, a tranca cede. Abro bem a porta e a seguro para Marlena entrar. Ela joga o chapéu na cama e vai até a janela, que está aberta. Uma lufada de vento agita a cortina, primeiro inflando-a para dentro do quarto e depois a sugando, fazendo com que ela se encoste na veneziana.

O quarto é simples mas adequado. O papel de parede e as cortinas são floridos e uma colcha de chenile cobre a cama. O banheiro, cuja porta está aberta, é grande e tem uma banheira.

Ponho a mala no chão e fico à espera, sem jeito. Marlena está de costas para mim. Vejo um corte em sua nuca, feito pelo fecho do colar.

- Você precisa de mais alguma coisa? - pergunto, fazendo o chapéu girar em minhas mãos.

- Não, obrigada - diz Marlena.

Eu a observo mais um pouco. Minha vontade é atravessar o quarto e abraçá-la, mas, em vez disso, saio e fecho a porta com cuidado.

Por não conseguir pensar em mais nada para fazer, sigo para tenda das jaulas e faço o de sempre. Corto, misturo e distribuo a comida. Examino um abscesso em um dente do iaque, dou a mão a Bobo e passeio com ele de um lado para outro enquanto dou uma olhada nos outros animais.

Já estou bem adiantado nas minhas tarefas quando Diamond Joe aparece atrás de mim.

- Tio Al quer ver você.

Eu o encaro por um instante e então pouso minha pá na palha.

Tio Al está no carro das tortas, sentado diante de um prato de bife e batatas fritas. Ele segura um charuto e solta anéis de fumaça no ar. O seu séqüito habitual encontra-se de pé, atrás dele, as caras fechadas.

Tiro o chapéu.

- O senhor quer falar comigo?

- Ah, Jacob - diz ele, inclinando-se para frente.

- É um prazer vê-lo. Você já resolveu o problema de Marlena?

- Ela está num quarto, se é isso o que o senhor quer saber.

- Em parte, é, sim.

- Não sei exatamente o que o senhor está querendo dizer.

Ele se cala por um instante. Depois abaixa o charuto e junta as mãos, formando uma torre com os dedos.

- É muito simples. Não posso perder nenhum dos dois.

- Pelo que sei, ela não tem nenhuma intenção de deixar o circo.

- Nem ele. Você pode imaginar o que vai acontecer se os dois ficam mas não voltam a viver juntos. August está simplesmente arrasado de tristeza.

- É claro que o senhor não está sugerindo que ela volte para ele.

Ele sorri e levanta a cabeça.

- Ele bateu nela, Al. Ele bateu nela.

Tio Al coça o queixo e reflete.

- Pois é. Não liguei muito para isso, devo confessar. - Ele acena com a mão, apontando a cadeira na sua frente.

- Sente-se.

Eu me aproximo e me sento na beirada.

Tio Al inclina a cabeça para o lado, me examinando.

- Então, há alguma verdade nisso?

- Em quê?

Ele tamborila com os dedos na mesa e aperta os lábios.

- Você e Marlena estão... Hummm... Como direi...

- Não.

- Hummm... - diz ele, ainda refletindo.

- Bom. Eu achei que não. Mas, muito bem. Sendo assim, você pode me ajudar.

- O quê?

- Eu vou cuidar de August e você tenta persuadir Marlena.

- De jeito nenhum!

- Ah, sim, você está numa situação complicada. É amigo dos dois.

- Não sou amigo dele.

Al suspira e toma ares de uma enorme paciência.

- Você precisa entender o August. Ele age assim de vez em quando. Não é culpa dele. - Al se inclina para frente, examinando meu rosto.

- Meu Deus.

Acho melhor chamar um médico para dar uma olhada em você.

- Não preciso de um médico. E é claro que é culpa dele.

Ele me olha fixamente e depois se inclina para trás, ajeitando-se na cadeira.

- Ele está doente, Jacob.

Não digo nada.

- Ele é protótipo esquizofônico.

- Ele é o quê?! - Protótipo esquizofônico - Tio Al repete.

- O senhor quer dizer esquizofrênico paranóide?

- Isso. Tanto faz. O que importa é que ele é louco de pedra. Evidentemente, também é um sujeito brilhante, por isso nós contornamos a situação. É mais difícil para Marlena do que para o restante de nós, é claro. Portanto temos que apoiá-la.

Eu balanço a cabeça, assombrado.

- Será que o senhor ouviu o que disse?

- Não posso perder nenhum dos dois. E se eles não voltarem a viver juntos, vai ficar impossível lidar com August.

- Ele bateu nela - repito.

- Sim, eu sei, é uma situação muito embaraçosa. Mas ele é marido dela, não é?

Ponho o chapéu na cabeça e me levanto.

- Aonde você pensa que vai?

- Voltar para o trabalho - respondo.

- Não vou ficar aqui sentado ouvindo o senhor me dizer que não tem problema August bater em Marlena porque ela é mulher dele. Ou que essa situação não é culpa dele porque ele é maluco. Se ele é maluco, ela tem ainda mais motivos para ficar longe dele.

- Se você quer ter um emprego ao qual voltar, sente-se.

- Sabe de uma coisa? Não dou a mínima para o seu emprego - digo, tomando a direção da porta.

- Até logo. Eu gostaria de dizer que foi um prazer.

- E quanto ao seu amiguinho? Eu gelo. Já estou com a mão na maçaneta.

- Aquele merdinha que tem uma cadela - diz ele, pensativo.

- E também tem aquele outro. Como é mesmo o nome dele? - Ai estala os dedos, tentando se lembrar.

Dou meia-volta, devagar. Sei o que está por vir.

- Você sabe de quem estou falando. Daquele aleijado inútil que vem surrupiando a minha comida e ocupando lugar no meu trem há semanas sem fazer porra nenhuma de trabalho. E quanto a ele? Eu o olho fixamente, com o rosto queimando de tanto ódio.

- Você acha realmente que poderia manter um clandestino sem que eu descobrisse? Sem que ele descobrisse?

- O rosto de Al está duro, os olhos brilham.

De repente, sua expressão se suaviza. Ele sorri afetuosamente. E estende as mãos como se suplicasse.

- Sabe, você me entendeu mal! As pessoas neste circo são a minha família. Eu me importo muito com todas elas. Mas o que eu percebo e você, aparentemente, ainda não é que às vezes um indivíduo tem que fazer um sacrifício em benefício de todos os outros. E essa família precisa que August e Marlena façam as pazes.

Estamos nos entendendo agora? Eu o fito diretamente nos olhos brilhantes, pensando em como eu gostaria de enfiar um machado entre eles.

- Sim, senhor - digo, afinal.

- Acho que sim.

Rosie apóia uma pata dianteira numa tina enquanto eu aparo suas unhas.

Ela tem cinco em cada pata, como um ser humano. De repente percebo que toda atividade humana na tenda das jaulas cessou. Os trabalhadores estão paralisados, com os olhos arregalados fixos na entrada.

Levanto os olhos. August se aproxima e pára na minha frente. Uma mecha de cabelo cai na frente do seu rosto e ele a joga para trás com a mão inchada. Seu lábio superior está roxo e cortado como uma salsicha grelhada. O nariz, achatado e torto para um lado, está incrustado de sangue. Ele tem um cigarro aceso na mão.

- Meu Deus - ele diz e tenta sorrir, mas o lábio rachado o impede. Então dá uma tragada.

- Difícil dizer quem está pior, hein, meu rapaz?

- O que você quer? - pergunto, inclinando-me e raspando a borda da unha enorme da elefanta.

- Você não está mais magoado, está? Eu não respondo.

Por um momento, ele fica parado vendo-me trabalhar.

- Olhe, eu sei que agi mal. As vezes a minha imaginação me domina.

- Ah, então foi isso que aconteceu?

- Veja bem - diz ele, soprando a fumaça.

- Eu gostaria que a gente pudesse esquecer o que passou. Então o que você me diz, rapaz, amigos novamente?

- August me estende a mão.

Eu me aprumo, os braços caídos ao lado do corpo.

- Você bateu nela, August.

Os outros homens olham atentamente, mudos. August parece espantado. A boca se mexe. Ele recolhe a mão estendida e pega o cigarro com ela. Suas mãos estão machucadas, as unhas rachadas.

- É. Eu sei - diz August.

Eu recuo e volto a examinar as unhas de Rosie.

- Polóz fuge. Polóz noge, Rosie! Ela levanta a perna enorme e torna a botá-la no chão. Com o pé, empurro a tina para frente da outra pata dianteira.

- Noge! Noge! Transferindo seu peso para o outro lado, Rosie põe a pata no centro da tina.

- Teraz do przodu - eu lhe digo, cutucando a parte de trás de sua perna até que as unhas fiquem para fora da beirada da tina, na minha frente.

- Boa garota! - digo, afagando-lhe o ombro. Rosie levanta a tromba e abre a boca num sorriso. Estendo a mão e lhe faço um carinho na língua.

- Você sabe onde ela está?

- August pergunta.

Eu me debruço e avalio o estado das unhas de Rosie, passando as mãos sob seus cascos.

- Preciso vê-la - ele continua.

Começo a lixar. O pó das unhas forma uma nuvem fina no ar.

- Tudo bem. Que seja - diz ele, com a voz estridente.

- Mas ela é minha esposa e vou encontrá-la. Mesmo que eu tenha que ir de hotel em hotel, eu vou encontrá-la.

Levanto os olhos justamente quando ele dá um peteleco no cigarro, jogando-o fora. O cigarro faz um arco, vai parar na boca aberta de Rosie e chia ao bater na sua língua. Ela urra, apavorada, movendo a cabeça de um lado para o outro e metendo a tromba na boca para tentar pescá-lo.

August se afasta. Viro-me para Rosie. Ela me olha fixamente e vejo uma tristeza indescritível em seu rosto. Os olhos cor de âmbar estão cheios de lágrimas.

Eu deveria saber que ele iria de hotel em hotel. Mas não pensei nisso e ela acabou ficando no segundo hotel com que nos deparamos. Não poderia ser mais fácil encontrá-la.

Como sei que estou sendo vigiado, aguardo o momento propício. Na primeira oportunidade, dou uma escapulida do terreno e corro para o hotel. Ao chegar à esquina, fico um minuto à espreita para me certificar de que não estou sendo seguido. Depois de tomar fôlego, tiro o chapéu, enxugo a testa e entro no prédio.

O funcionário olha para cima. É outro. Ele me examina.

- O que o senhor quer? - pergunta, como se já tivesse me visto, como se tomates podres e amassados entrassem por aquela porta todo dia.

- Vim visitar a senhorita L'Arche - respondo, lembrando que Marlina se registrara com seu nome de solteira. - Marlina L'Arche.

- Não tem ninguém aqui com esse nome - diz o funcionário.

- É claro que tem - retruco. - Eu estava com ela quando se hospedou aqui hoje de manhã.

- Sinto muito, mas o senhor está enganado.

Olho-o fixamente por um instante e depois saio correndo escada acima.

- Ei, cara! Volte aqui! - grita o funcionario.

Subo os degraus de dois em dois.

- Se o senhor subir essa escada, vou chamar a polícia!

- Vá em frente. Chame!

- Estou chamando! Agora mesmo!

- Ótimo! Bato na porta do quarto com os nós dos dedos menos machucados.

- Marlina! Um segundo depois, o funcionário me agarra e me faz rodopiar, jogando-me contra a parede. Ele me mantém preso pela lapela, com o rosto bem perto do meu.

- Eu já disse que ela não está aqui.

- Está tudo bem, Albert. Ele é amigo.

- Marlina saiu do quarto para o corredor e está atrás de nós.

Ele pára ofegante, jogando seu hálito quente na minha cara. Seus olhos estão arregalados e confusos.

- O quê?! - pergunta, espantado.

- Albert? - digo, igualmente confuso.

- Albert?

- Mas o que a senhora disse mais cedo? - Ele fala atabalhoadamente.

- Este não é o mesmo homem. Este é outro.

- August esteve aqui? - pergunto, finalmente compreendendo. - Você está bem? Albert vira a cabeça rapidamente ora para mim, ora para ela.

- Este aqui é um amigo. Foi quem lutou contra o outro - explica Marlina.

Albert me solta. Ele faz uma tentativa desajeitada de desamassar meu casaco e depois me estende a mão.

- Desculpe, companheiro. Você se parece muito com o outro cara.

- Hum... tudo bem.

- Pegou a mão dele. Ele aperta a minha e eu me encolho de dor.

- Ele está atrás de você - digo a Marlina.

- Temos que tirá-la daqui.

- Não seja bobo - ela responde.

- Ele já esteve aqui - acrescenta Albert.

- Eu disse que ela não estava e ele pareceu acreditar. Por isso fiquei surpreso

quando você..., ele..., quer dizer... apareceu de novo.

Lá embaixo, a campainha acima da porta toca. Albert e eu nos entreolhamos.

Empurro Marlena para dentro do quarto e ele desce correndo.

- Em que posso servi-lo? - o funcionário pergunta enquanto fecho a porta.

Pelo tom de sua voz, posso dizer que não é August.

Eu me encosto à porta, respirando fundo, aliviado.

- Eu me sentiria melhor se você me permitisse procurar um quarto num hotel mais afastado do terreno.

- Não. Quero ficar aqui.

- Mas por quê?

- Ele já esteve aqui e acha que estou em outro lugar qualquer. Além disso, não vou poder evitá-lo para sempre. Tenho que voltar ao trem amanhã.

Eu nem sequer tinha pensado nisso.

Ela atravessa o quarto e, ao passar pela mesinha, deixa a mão deslizar pela superfície. Então se deixa cair numa cadeira e descansa a cabeça no encosto.

- Ele tentou me pedir desculpas - eu digo.

- E você aceitou?

- Claro que não - digo, ofendido.

Ela dá de ombros.

- Seria melhor se você aceitasse. Se não, é provável que você seja mandado embora.

- Ele bateu em você, Marlena.

Ela fecha os olhos.

- Meu Deus... ele sempre foi assim?

- Foi?

Bem, ele nunca me bateu antes. Mas essas mudanças de comportamento? Sempre houve. Quando eu acordo, nunca sei o que me espera.

- O Tio Al disse que ele é esquizofrênico paranóide.

Ela deixa cair a cabeça.

- Como você agüentou?

- Eu não tinha muita escolha. Eu me casei com ele antes de perceber. Você viu. Quando está feliz, ele é a criatura mais encantadora do mundo. Mas quando alguma coisa o aborrece... - Ela suspira e então fica calada por tanto tempo que me pergunto se vai continuar a falar. Quando recomeça, a voz está trêmula.

- A primeira vez que isso aconteceu, estávamos casados havia apenas três semanas, e fiquei apavorada. Ele bateu tanto num dos tratadores dos animais que o homem perdeu um olho. Eu vi tudo. Liguei para meus pais e perguntei se eu podia voltar para casa, mas eles não quiseram nem falar comigo. Como se não bastasse eu ter me casado com um judeu, agora também queria me divorciar? Meu pai obrigou

minha mãe a me dizer que aos olhos dele eu tinha morrido no dia em que fugi de casa para casar.

Atravesso o quarto e me ajoelho ao seu lado. Levanto a mão para acariciar os cabelos dela mas, em segundos, mudo de idéia e a pouso no braço da cadeira.

- Três semanas depois, outro homem da tenda das jaulas perdeu o braço enquanto ajudava August a alimentar os felinos. Ele morreu de hemorragia antes que alguém pudesse descobrir os detalhes do que tinha acontecido. Mais adiante, nessa temporada, eu soube que August só pôde me oferecer aquele conjunto de cavalos porque a domadora anterior pulou do trem em movimento depois de ter passado uma noite com August no camarote dele. E também houve outros incidentes, embora essa tenha sido a primeira vez que ele se voltou contra mim. - Ela se curva para frente.

No momento seguinte, seus ombros se sacodem.

- Ah, não! - digo, em vão.

- Vamos, Marlena. Olhe para mim. Por favor.

Ela se senta direito e enxuga o rosto. Então olha fixamente nos meus olhos.

- Você vai ficar comigo, Jacob?

- Marlena...

- Pssiu.

- Ela desliza até a beirada da cadeira e seu dedo toca meus lábios.

Então escorrega para o chão e se ajoelha na minha frente, a poucos centímetros de mim, o dedo trêmulo ainda em meus lábios.

- Por favor - diz ela.

- Eu preciso de você. - Depois de uma pausa muito breve, ela contorna os traços do meu rosto - delicadamente, hesitante, mal roçando a pele. Respiro fundo e fecho os olhos.

- Marlena...

- Não diga nada - ela pede, baixinho. Os dedos adejam em volta da minha orelha e descem até a nuca. Sinto um arrepio. Cada pêlo do meu corpo se eriça.

Quando suas mãos chegam à minha camisa, abro os olhos. Ela a desabotoa lenta, metodicamente. Eu a observo, sabendo que deveria fazê-la parar. Mas não posso. Estou sem ação.

Depois que a camisa está desabotoada, Marlena a puxa para fora da minha calça e me olha nos olhos. Ela se inclina para frente e roça os lábios nos meus - tão delicadamente que não chega a ser um beijo, apenas um mero contato. Ela pára por um segundo, mantendo os lábios tão perto de mim que sinto seu hálito em meu rosto. Então, inclina-se mais e me beija, um beijo delicado, ainda hesitante, mas demorado. O próximo beijo é mais vigoroso, e o seguinte mais ainda, e antes que eu perceba estou retribuindo os beijos, tomando-lhe o rosto nas mãos enquanto ela passa o dedo pelo meu peito e o faz descer pelo resto do corpo. Quando ela chega à minha calça,

perco o fôlego. Ela faz uma pausa e seu dedo então traça o contorno da minha ereção.

Ela pára. Estou tonto e, de joelhos, oscilo. Ainda me fitando nos olhos, ela me toma as mãos e as leva aos lábios. Pousa um beijo em cada palma e as coloca sobre seus seios.

- Me toque, Jacob.

Estou condenado, acabado.

Os seios são pequenos e redondos, como limões. Eu os tomo nas mãos, passando o polegar sobre eles e sentindo os mamilos se contraírem debaixo do algodão do vestido. Esmago os lábios dela com a minha boca machucada, enquanto, com as mãos, percorro suas costelas, cintura, quadris, coxas...

Quando ela desabotoa minha calça e me toma em sua mão, eu me afasto.

- Por favor - peço, minha voz falhando.

- Por favor, me deixe entrar em você.

Não sei bem como, mas conseguimos chegar à cama. Quando eu finalmente a penetro, dou um grito.

Depois enrosco-me nela como uma concha. Ficamos em silêncio até a noite cair e então, hesitante, ela começa a falar. Ela esconde os pés entre minhas canelas, brinca com as pontas dos meus dedos e, em pouco tempo, as palavras já estão jorrando de sua boca. Ela não precisa nem espera resposta nenhuma, então eu simplesmente a abraço e afago o seu cabelo.

Ela conta da dor, da tristeza e do horror dos últimos quatro anos; de ter que aprender a lidar com o fato de estar casada com um homem que, de tão violento e imprevisível, lhe causava arrepios só de tocá-la, e de achar, até recentemente, que finalmente conseguia lidar com essa situação. Por fim, fala de como o meu aparecimento a fez perceber que estava enganada e que não tinha aprendido a lidar com nada daquilo.

Quando Marlena afinal se cala, continuo a acariciá-la, deixando minhas mãos percorrerem delicadamente seu cabelo, ombros, braços e quadris. Então começo a falar. Conto da minha infância e do rolinho de abricó de minha mãe. Conto que comecei a acompanhar meu pai em suas visitas de veterinário durante minha adolescência e de como ele se sentiu orgulhoso quando fui aceito em Cornell.

Eu lhe falo de Cornell e de Catherine, e de como pensei que aquilo era amor. Eu lhe falo do velho Sr. McPherson fazendo meus pais despencarem da ponte e do banco tomando a nossa casa, e de como eu desabei e fugi do auditório durante as provas finais, quando todas as cabeças perderam seus rostos.

De manhã, fazemos amor de novo. Dessa vez ela toma minha mão e guia os meus dedos, fazendo-os se movimentarem de encontro à sua carne. De início, não compreendo, mas quando ela treme e responde ao meu toque, percebo o que ela está

me mostrando, e essa percepção me faz querer chorar de alegria.

Depois ela permanece deitada, aninhada contra mim, o cabelo me fazendo cócegas no rosto. Eu a acaricio ligeiramente, gravando seu corpo na memória.

Quero me derreter dentro dela, como manteiga numa torrada. Quero absorvê-la e andar por aí pelo resto dos meus dias com ela incrustada em minha pele.

Eu quero.

Fico deitado imóvel, saboreando a sensação do seu corpo contra o meu.

Tenho medo de respirar e quebrar o encanto.

Marlena se mexe de repente. Então senta-se abruptamente e pega o meu relógio na mesinha-de-cabeceira.

- Ai, meu Deus - diz ela, deixando-o cair e passando as pernas para o lado da cama.

- O que foi? - pergunto.

- Já é meio-dia. Tenho que voltar - ela responde.

Ela corre para o banheiro e fecha a porta. Logo depois, ouço o ruído da descarga e da água correndo. Então ela irrompe porta afora e corre de um lado para outro do quarto, catando as roupas do chão.

- Marlena, espere - digo, me levantando.

- Não posso. Tenho que apresentar o meu número - ela responde, lutando para calçar as meias.

Eu me aproximo por trás dela e seguro seus ombros.

- Marlena, por favor.

Ela pára e vira o rosto devagar para me encarar. Primeiro olha para meu peito, depois, para o chão.

Baixo os olhos para fitá-la, subitamente sem fala.

- Ontem à noite você disse "preciso de você". Você não disse a palavra "amor" então só sei o que eu sinto.

- Engulo em seco, piscando para linha que divide seus cabelos.

- Eu amo você, Marlena, de corpo e alma, e quero ficar com você.

Ela continua a olhar para o chão.

- Marlena? Ela levanta a cabeça. Vejo lágrimas em seus olhos.

- Eu também amo você - sussurra ela.

- Acho que amei você desde o momento em que o vi. Mas você não vê? Sou casada com August.

- Podemos dar um jeito nisso.

- Mas...

- Mas nada. Quero ficar com você. Se você também quer isso, vamos dar um jeito.

Faz-se um longo silêncio.

- Nunca houve nada que eu quisesse tanto em toda a minha vida - diz ela, por fim.

Tomo seu rosto em minhas mãos e a beijo.

- Temos que sair do circo - digo então, enxugando as lágrimas com o polegar.

Ela assente com a cabeça, fungando.

- Mas não até chegarmos a Providence.
- Por que lá? - Porque é onde o filho de Camel vai nos encontrar. Ele vai levá-lo para casa.
- Walter não pode cuidar de Camel até lá? Fecho os olhos e inclino a cabeça até encostar minha testa na dela.
- É um pouco mais complicado do que isso.
- Qual é a complicação?
- Tio Al me chamou ontem. Quer que eu a convença a voltar para August. E fez ameaças.
- Bem, é claro que fez ameaças. Ele é o Tio Al.
- Não, ele ameaçou jogar Walter e Camel fora do trem.
- Ah, isso é só papo furado - diz ela.
- Não dê atenção. Ele nunca mandou jogar ninguém do trem.
- Quem disse? August? Tio Al? Ela levanta os olhos, espantada.
- Você lembra quando os homens da estrada de ferro surgiram em Davenport? - pergunto. - Seis trabalhadores haviam desaparecido do Esquadrão Voador na noite anterior.

Ela franze a testa.

- Achei que os homens da estrada de ferro apareceram porque alguém estava tentando complicar a vida do Tio Al.

- Não, eles apareceram porque uma meia dúzia de homens foi jogada do trem. Camel deveria estar entre eles.

Ela me olha fixamente por um instante, e então cobre o rosto com as mãos.

- Ah, meu Deus. Ah, meu Deus. Fui tão burra.

- Burra, não. É difícil conceber uma maldade dessas - digo e a abraço.

Ela aperta o rosto contra o meu peito.

- Ah, Jacob! O que vamos fazer?

- Não sei - respondo, afagando o cabelo dela.

- Vamos encontrar uma solução, mas temos que ter muito, muito cuidado.

Voltamos ao terreno furtiva e separadamente. Carrego sua mala até um quarteirão antes do terreno e depois fico vigiando enquanto ela o atravessa e desaparece em seu camarim. Espero alguns minutos, para o caso de August estar lá dentro. Quando não vejo nada que possa indicar maiores problemas, sigo para o carro dos cavalos.

- Então, o gato está de volta! - diz Walter. Ele está empurrando os baús de encontro à parede, escondendo Camel. O velho está deitado, de olhos fechados e boca aberta, roncando. Walter deve ter lhe dado um pouco de bebida.

- Você não precisa mais fazer isso - digo.

Walter se empertiga.

- O quê?

- Não precisa mais esconder Camel.

Ele me olha assombrado.

- De que diabo você está falando? Sento-me no colchonete. Queenie se aproxima, abanando o rabo. Coço sua cabeça. Ela me cheira todo.

- Jacob, o que está acontecendo? Quando lhe conto, a expressão de seu rosto passa do choque ao horror e, depois, à descrença.

- Seu filho-da-puta - diz ele, por fim.

- Walter, por favor...

- Quer dizer que você vai cair fora depois de Providence. É muito bacana da sua parte esperar tanto tempo.

- É por causa de Cam...

- Eu sei que é por causa de Camel - Walter berra. Então ele bate no peito com a mão fechada.

- E eu? Minha boca se abre, mas não falo nada.

- É. Foi o que eu pensei - diz ele. Sua voz transpira sarcasmo.

- Venha conosco - falo abruptamente.

- Ah, sim, vai ser demais. Só nós três. E aonde é que a gente vai, aliás?

- Vamos dar uma olhada na Billboard e ver o que tem.

- Não vai ter nada. Os circos estão falindo por todo o país. Tem gente morrendo de fome. Morrendo de fome! Nos Estados Unidos da América!

- Vamos encontrar alguma coisa, em algum lugar.

- Vamos porra nenhuma! - diz ele, balançando a cabeça.

- Que merda, Jacob! Espero que ela valha a pena, é só o que posso dizer.

Dirijo-me à tenda das jaulas, atento a August o tempo todo. Ele não está lá, mas a tensão entre os trabalhadores é palpável.

No meio da tarde, sou chamado ao carro-escritório.

- Sente-se - diz Tio Al quando entro. Ele acena para uma cadeira em frente.

Eu me sento.

Em sua cadeira, ele se inclina para trás, torcendo o bigode. Os olhos estão apertados.

- Alguma notícia a nos dar? - pergunta.

- Ainda não - digo.

- Mas acho que ela vai ceder.

Os olhos de Al se arregalam. Os dedos param de tamborilar.

-Acha?

- Não vai ser logo, claro. Ela ainda está muito zangada.

- Ah, sim, claro - diz ele, inclinando-se para frente, ansioso.

- Mas você realmente acha...? - Ele deixa a pergunta no ar. Os olhos cintilam de

esperança.

Respiro fundo e me encosto na cadeira, cruzando as pernas.

- Quando duas pessoas nascem para ficar juntas, elas ficarão juntas. É o destino.

Ele me olha fixamente nos olhos enquanto um sorriso atravessa seu rosto. Ele levanta a mão e estala os dedos.

- Um conhaque para Jacob - ordena.

- E um para mim também.

Um minuto depois estamos segurando copos bojudos de conhaque.

- Mas, me diga, quanto tempo você acha...? - ele pergunta, girando o dedo no ar perto da cabeça.

- Acho que ela quer provar que está certa.

- Sim, sim, claro - diz ele chegando mais para frente, com olhos brilhantes.

- Sim, compreendo perfeitamente.

- E também é importante Marlena sentir que estamos dando apoio a ela, e não a ele. O senhor sabe como são as mulheres. Se ela achar que, de algum modo, não estamos a favor dela, só vamos piorar a situação.

- Claro - diz ele fazendo que sim e balançando a cabeça ao mesmo tempo, de modo que ela se move num círculo.

- Sem dúvida. E o que você nos recomenda fazer nesse caso?

- Bem, August, naturalmente, deve se manter distante. Assim, ela poderá sentir falta dele. Talvez até seja bom para August fingir que ele não está mais interessado. As mulheres são engraçadas nesse aspecto. Além disso, ela não pode nem imaginar que queremos reaproximá-los. É da maior importância que ela pense que a idéia é dela.

- Hummm, sim - diz ele assentindo com a cabeça, refletindo.

- Tem razão.

E quanto tempo você acha...?

- Não mais do que algumas semanas.

Ele interrompe os acenos de cabeça e arregala os olhos.

- Tanto tempo assim?

- Posso tentar acelerar um pouco as coisas, mas há o risco de colocarmos tudo a perder. O senhor sabe como são as mulheres. - Dou de ombros.

- Pode levar duas semanas, mas também pode acontecer amanhã. Mas, caso se sinta pressionada, ela vai protelar a decisão só para provar que tem razão.

- É, realmente - acrescenta Tio Al, levando um dedo aos lábios.

Ele me examina detidamente, a meu ver, por muito tempo.

- Então me diga - diz ele -, o que o fez mudar de idéia de ontem para hoje? Levanto o copo e faço o conhaque girar, olhando fixamente para o lugar em que o pé

encontra o bojo.

- Digamos que, de repente, tudo ficou muito claro para mim.

Seus olhos se estreitam.

- A August e Marlena - digo, erguendo o copo mais alto. Gotas de conhaque caem pela borda.

Ele levanta o copo devagar.

Viro o resto do meu conhaque e sorrio.

Ele baixa o copo sem beber. Inclino a cabeça e continuo a sorrir. Que ele me examine bem. Pode me examinar. Hoje sou invencível.

Ele começa a assentir com a cabeça, satisfeito. Toma um gole.

- Sim. Bom. Tenho que admitir que eu não estava muito certo a seu respeito depois de ontem. Fico feliz que você tenha mudado de idéia. Você não vai se arrepender, Jacob. É a melhor decisão para todo mundo. E especialmente para você - diz ele, apontando o copo de conhaque na minha direção. Depois de uma pancadinha na base do copo, ele o esvazia.

- Eu cuido daqueles que cuidam de mim. - Ele estala os lábios, me encara com olhos atentos e acrescenta:

- E também daqueles que não cuidam.

Naquela noite, Marlena disfarça o olho roxo com uma camada de corretivo e apresenta o seu número com os cavalos. Mas o rosto de August não é tão fácil de consertar, portanto não haverá o número com a elefanta até ele voltar a ter um aspecto humano. Os moradores do lugar - que pelas duas últimas semanas viram um cartaz atrás do outro de Rosie se equilibrando numa bola - ficam extremamente decepcionados quando o espetáculo termina e eles se dão conta de que o paquiderme, que, na maior alegria, aceitava algodão-doce, pipoca e amendoins na tenda das jaulas, nem sequer apareceu no picadeiro da grande tenda. Alguns homens que pedem seu dinheiro de volta são conduzidos a um local onde possam ser apaziguados por palhaços antes que essa idéia se espalhe.

Poucos dias depois, o enfeite de cabeça de lantejoulas reaparece - cuidadosamente remendado com linha rosa - e, na tenda das jaulas, Rosie se exhibe com todo o seu glamour para multidão encantada. Mas ela ainda não participa do show, e após cada sessão ouvem-se muitas queixas.

A vida continua na sua normalidade frágil. Executo minhas tarefas habituais de manhã e me retiro para o fundo da tenda quando a multidão entra. Tio Al não acha que tomates machucados e podres sejam bons representantes para o circo, e não posso dizer que ele esteja errado. Minhas feridas parecem bem piores antes que comecem a melhorar e, quando o inchaço diminui, dá para se ver claramente que o nariz vai ficar torto para o resto da vida.

A não ser na hora das refeições, nunca vemos August. Tio Al o muda de lugar e

ele passa a se sentar à mesa de Earl. Mas, depois que se torna claro que ele vai ficar de cara fechada e olhando para Marlena o tempo todo, August recebe ordens para fazer as refeições no carro-restaurant com o próprio Tio Al. Então, três vezes por dia, Marlena e eu nos sentamos um em frente ao outro, estranhamente sozinhos no mais público dos lugares.

Tio Al tenta manter sua parte no trato, eu reconheço. Mas August está muito longe de ser controlado. No dia seguinte ao da sua retirada da tenda da cozinha, Marlena o vê se escondendo atrás de uma aba da tenda. Uma hora depois, ele a aborda no pátio, cai de joelhos e abraça suas pernas. Ela luta para se libertar e ele a derruba na grama e a mantém presa ao chão, tentando colocar a aliança de volta em seu dedo à força, ao mesmo tempo murmurando súplicas e cuspidando ameaças.

Walter corre até a tenda das jaulas para me buscar, mas, quando chego, Earl já levou August embora. Furioso, eu me dirijo ao carro-escritório.

Quando digo ao Tio Al que o ataque de August acaba de nos fazer voltar à estaca zero, ele desconta sua frustração atirando um decantador de vinhos contra a parede.

August some completamente por três dias e Tio Al volta a dar bengaladas nas cabeças dos homens.

August não é o único a se consumir por não tirar Marlena da cabeça. Ao me deitar à noite na minha manta de cavalo, eu a desejo tanto que o corpo me dói.

Uma parte de mim gostaria que ela viesse me ver - mas não de verdade, porque é perigoso demais. Eu também não posso procurá-la, porque ela está dividindo um beliche com uma das mulheres no carro das virgens.

Conseguimos fazer amor duas vezes no período de seis dias - nos escondendo atrás de biombos e nos atracando freneticamente, dando um jeito nas nossas roupas porque não há tempo de tirá-las. Esses encontros tanto me deixam exausto como reanimado, desesperado e pleno.

O resto do tempo nos comportamos com uma formalidade concentrada na tenda da cozinha. Agimos com tanto cuidado para manter as aparências que, embora ninguém possa ouvir nossas conversas, falamos como se outras pessoas estivessem sentadas à nossa mesa.

Ainda assim, eu me pergunto se o nosso caso não é evidente para todos.

Parece-me que os laços entre nós devem ser visíveis.

Na noite seguinte ao nosso terceiro encontro inesperado e frenético, enquanto ainda sinto seu gosto em meus lábios, tenho um sonho agitado. O trem pára numa floresta, não entendo por quê, pois estamos no meio da noite e ninguém se mexe. Ouço um latido lá fora, insistente e desesperado. Saio do carro dos cavalos, seguindo o ruído dos latidos até a beira de um barranco íngreme. No fundo do barranco, Queenie tenta se livrar de um texugo agarrado à sua perna.

Eu a chamo e avalio nervosamente o terreno tentando encontrar um jeito de descer. Agarro um galho parecido com um cipó e tento chegar até ela, mas meus pés escorregam na lama e acabo tendo que me içar de novo.

Enquanto isso, Queenie se solta e sobe o barranco. Eu a pego no colo e a examino para ver se está machucada. É inacreditável, mas ela está bem. Eu a seguro debaixo do braço e volto para o carro dos cavalos. Há um jacaré de mais de dois metros bloqueando a entrada. Dirijo-me para outro carro, mas o jacaré faz o mesmo, rastejando ao lado do trem, com a boca cheia de dentes aberta, rindo, Apavorado, dou meia-volta. Outro jacaré enorme se aproxima pelo outro lado.

Ouçõ barulhos atrás de nós, folhas sendo esmagadas e galhos arrancados. Eu me viro e vejo que o texugo subiu o barranco e se multiplicou.

Atrás de nós, um muro de texugos. Na frente, uma dúzia de jacarés.

Acordo suando frio.

A situação é totalmente insustentável, e eu sei disso.

Em Poughkeepsie, somos pegos por uma batida policial e dessa vez os estratos sociais se misturam: trabalhadores, artistas e chefes, todos choramingam e fungam enquanto o uísque, tanto o falsificado como o de boa qualidade comprado no Canadá, o vinho, a cerveja e o gim, tudo é derramado no chão de cascalho por homens de caras amargas que nos afastam com os braços estendidos. Todo aquele líquido serpenteia pelas pedras enquanto ficamos apenas olhando, vendo-o borbulhar e entrar na terra que não o merece.

E então somos expulsos da cidade.

Em Hartford, um punhado de espectadores protesta com veemência contra o fato de Rosie não participar do espetáculo, assim como contra a permanência do cartaz que anuncia a Adorável Lucinda, apesar de sua lamentável ausência. Os palhaços não chegam a tempo e, antes que nos demos conta, um enxame de homens furiosos cerca o carro da bilheteria exigindo a restituição do dinheiro.

Com a polícia apertando de um lado e os moradores da cidade do outro, Tio Al é obrigado a devolver toda a renda do dia.

E então somos expulsos da cidade.

A manhã seguinte é dia de pagamento, e os empregados do Circo Irmãos Benzini - O Maior Espetáculo da Terra se enfileiram na frente do carro vermelho da bilheteria. Os operários estão de péssimo humor - eles sabem para que lado sopra o vento. A primeira pessoa a se aproximar do carro vermelho é um trabalhador e, quando o vemos se afastar de mãos vazias, um zumbido de xingamentos enfurecidos percorre a fila. Os outros trabalhadores se afastam, cuspiendo no chão e blasfemando, deixando apenas artistas e chefes na fila. Pouco depois, outro zumbido enfurecido percorre a fila, mas, dessa vez, à fúria se mistura surpresa. Pela primeira vez na história do circo não há dinheiro para os artistas. Só os chefes recebem pagamento.

Walter está indignado.

- Que merda é essa? - ele berra ao entrar no carro dos cavalos. Depois de atirar o chapéu longe, ele se joga no colchonete.

Na cama estreita, Camel choraminga. Desde a batida da polícia, ele passa o tempo ou olhando fixamente para parede ou chorando. Ele só fala quando tentamos alimentá-lo ou lavá-lo, e mesmo assim é só para nos implorar que não o entreguemos ao seu filho. Walter e eu nos revezamos em dizer palavras tranquilizadoras com relação à família e ao perdão, mas nós dois temos dúvidas sobre o que estamos dizendo. Não importa como ele estivesse quando se afastou da família, certamente está bem pior agora, já que sofreu danos talvez irreparáveis e pode até estar irreconhecível. E se eles não estiverem dispostos a perdoar, como vai ser para Camel ficar tão desamparado nas mãos deles?

- Acalme-se, Walter - digo, sentado na manta de cavalo no canto, enxotando as moscas que vêm me atormentando a manhã toda, voando de uma casca de ferida para outra.

- Não, eu não vou me acalmar porra nenhuma. Sou um artista! Um artista! Artistas recebem pagamento!

- Walter berra, dando socos no peito. Ele tira um sapato e o arremessa contra a parede. Então o fita por um instante e depois tira o outro sapato e o joga no canto. O sapato cai em cima do chapéu. Walter dá um soco na manta abaixo dele e Queenie corre para trás da fileira de baús que escondia Camel.

- Não vai ser por muito tempo - digo.

- Espere só mais alguns dias.

- É? E por quê?

- Porque logo virão pegar Camel - nesse momento, ouvimos um lamento pungente vindo da cama - e nós vamos nos mandar daqui.

- É? - indaga Walter.

- E que diabos vamos fazer? Você já pensou nisso?

Meu olhar encontra o dele e o sustenta por alguns segundos. Então viro a cabeça.

- É. Foi o que eu pensei. É por isso que eu precisava ter recebido o pagamento. Vamos acabar como uns mendigos fodidos - diz Walter.

- Não, não vamos - digo, sem muita convicção.

- É melhor você pensar em alguma coisa, Jacob. Foi você que nos meteu nessa merda, não eu. Você e a sua namorada talvez possam pegar a estrada, mas eu não.

Tudo isso pode ser divertido para vocês...

- Não é nada divertido! - ...mas a minha vida está em jogo. Vocês pelo menos têm a opção de pular de um trem para outro e circular por aí. Eu não.

Ele se cala. Olho fixamente para suas pernas curtas, compactas.

Ele assente com a cabeça, num pequeno aceno amargo.

- É. É isso aí. E, como eu disse antes, não sou exatamente talhado para trabalhar na lavoura! Minha cabeça rodopia enquanto estou na fila da tenda da cozinha. Walter está absolutamente certo - eu nos meti nessa merda e tenho que nos tirar dela. Se ao menos eu soubesse como!

Nenhum de nós tem para onde ir. Não importa que Walter não possa saltar por cima dos trens - eu jamais deixaria Marlena passar uma noite que fosse num acampamento de mendigos. Minha preocupação é tanta que estou quase chegando à nossa mesa sem me dar conta disso. Marlena já está lá.

- Oi - digo, me sentando.

- Oi - ela responde, depois de uma ligeira pausa, e então eu percebo imediatamente que há algo errado.

- O que foi? O que aconteceu?

- Nada.

- Você está bem? Ele machucou você?

- Não. Estou bem - sussurra Marlena, de olhos fixos no prato.

- Não, não está. O que foi? O que ele fez? - pergunto. As outras pessoas começam a nos olhar.

- Nada - ela sussurra.

- Fale baixo.

Eu me endireito e, numa demonstração de grande controle, estendo o guardanapo no colo. Pego o talher e corto a costeleta de porco cuidadosamente.

- Marlena, por favor, fale comigo - digo, tranquilamente. Eu me concentro e procuro manter a aparência de quem conversa sobre o tempo. Aos poucos, as pessoas voltam às suas refeições.

- Estou atrasada - diz ela.

- Como?!

- Estou atrasada.

- Para quê? Ela levanta a cabeça e fica vermelha como uma beterraba.

- Acho que vou ter um bebê.

Quando Earl aparece para me buscar, não chego nem a me surpreender. É assim que o dia está correndo hoje.

Tio Al está sentado em sua cadeira, com a cara murcha e rabugenta. Hoje não tem conhaque. Ele morde a ponta do charuto e bate, sem parar, a bengala no tapete.

- Já se passaram quase três semanas, Jacob.

- Eu sei - digo, com a voz trêmula. Ainda estou procurando assimilar a notícia que Marlena me deu.

- Você me desapontou. Achei que tivéssemos um acordo.

- Tínhamos. Temos - corrijo rapidamente.

- Olhe, estou fazendo o melhor que posso, mas August não está ajudando. Ela teria voltado há muito tempo se ele a deixasse em paz.

- Fiz o que pude - diz Tio Al. Ele tira o charuto dos lábios, o examina e depois, com um dedo, remove um fiapo de tabaco da língua e o joga na parede.

O fiapo fica grudado.

- Bem, não foi o suficiente - continuo a argumentar.

- Ele a segue por toda parte. Ele a trata aos berros. Ele grita junto à janela dela. Ela está morrendo de medo dele. Mandar Earl o seguir e o afastar da área quando ele se descontrola não é o bastante. O senhor voltaria para ele se fosse ela? Tio Al me encara. De repente, me dou conta de que estou gritando.

- Desculpe - digo.

- Vou ficar no pé dela. Aposto que se o senhor conseguir que ele a deixe em paz por mais alguns dias...

- Não - diz ele, calmamente.

- Agora vamos fazer do meu jeito.

- O quê? - Eu disse que agora vamos fazer do meu jeito. Pode sair.

- Ele balança as pontas dos dedos na direção da porta.

- Vá.

Olho para ele espantado e pisco estupidamente.

- O que o senhor quer dizer com "do seu jeito"?

A próxima coisa que sinto são os braços de Earl me apertando como uma faixa de aço. Ele me levanta da cadeira e me carrega até a porta.

- O que quer dizer, Al? - berro por cima do ombro de Earl.

- Quero saber o que quer dizer! O que vai fazer? Earl me trata bem mais gentilmente depois de ter fechado a porta. Quando afinal me põe no chão de cascalho, limpa meu casaco.

- Desculpe, companheiro - diz ele.

- Eu tentei, de verdade.

- Earl! Ele pára e torna a se virar para mim, o rosto impassível.

- O que ele tem em mente? Earl me olha, mas não diz nada.

- Earl, por favor. Estou implorando. O que ele vai fazer?

- Sinto muito, Jacob - diz ele. E torna a subir no trem.

Faltam 15 para as sete, a hora do espetáculo. A multidão passeia pela tenda das jaulas admirando os animais, a caminho da grande tenda. Estou parado ao lado de Rosie, supervisionando, enquanto a multidão lhe oferece algodão-doce, chicletes e até limonada. Pelo canto do olho, vejo um homem se aproximar de mim com passadas firmes. É Diamond Joe.

- Você tem que se mandar daqui - diz ele, ultrapassando a corda.

- Por quê? O que está acontecendo?

- August está vindo. A elefanta vai se apresentar hoje.
- O quê? Com Marlena?
- É. E ele não quer ver você. Está num daqueles dias. Vamos, se manda! Olho a tenda à procura de Marlena. Ela está em pé diante de seus cavalos, conversando com uma família de cinco pessoas. Seus olhos me examinam rapidamente e então, quando vêem a expressão em meu rosto, voltam a me procurar a intervalos regulares.

Entrego a Diamond Joe a bengala de ponteira de prata que tem substituído o gancho de elefantes nesse período e passo por cima da corda. Vejo a cartola de August se aproximar à minha esquerda, então saio pela direita, passando a fila das zebras, e paro ao lado de Marlena.

- Você já sabe que vai se apresentar com Rosie hoje à noite?
- Com licença - diz ela, sorrindo para família à sua frente. Ela dá meia-volta e se inclina, chegando mais perto de mim.
- Sei. Tio Al me convocou. Ele disse que o espetáculo está à beira da falência.
- Mas você pode? Quero dizer, no seu... hum...
- Estou ótima. Eu não tenho que fazer nada que exija um grande esforço.
- E se você cair?
- Não vou cair. Além disso, não tenho escolha. O Tio Al também disse... Ai, droga, aí vem o August. É melhor você se mandar daqui.
- Não quero.
- Eu vou ficar bem. Ele não vai fazer nada com toda essa gente em volta. Você tem que ir embora. Por favor.

Viro a cabeça e olho para trás. August se aproxima, levantando os olhos com a cara abaixada, como um touro em posição de ataque.

- Por favor - diz Marlena, em desespero.

Tomo a direção da grande tenda, seguindo a pista dos cavalos até a entrada dos fundos. Paro um pouco e depois entro furtivamente e fico embaixo da arquibancada.

Vejo o Grande Desfile por entre as botas de trabalho de um espectador. Lá pela metade do desfile, percebo que não estou sozinho. Um trabalhador ancião também está espiando pelos vãos da arquibancada, mas em outra direção. Ele está de olho na saia de uma mulher sentada lá em cima.

- Ei! - eu grito.

- Ei! Pare com isso.

A multidão urra de prazer quando uma grande massa cinzenta passa, mais alta do que os artistas. É Rosie.

Viro-me para o velho. Ele está na ponta dos pés, segurando a borda da madeira com as pontas dos dedos e olhando para cima. Ele lambe os beiços.

Não suporto o que vejo. Sou culpado de coisas terríveis, terríveis mesmo -

coisas que condenariam minha alma ao inferno -, mas a idéia de que uma mulher, escolhida ao acaso, esteja sendo violentada dessa maneira é mais do que posso suportar, e então, embora Marlena e Rosie estejam entrando no picadeiro, agarro o sujeito pela lapela e o arrasto para longe da arquibancada.

- Me solta - ele guincha.

- O que deu em você? Eu o mantenho preso, mas minha atenção está no picadeiro central.

Marlena equilibra-se corajosamente em sua bola, mas Rosie está inteiramente imóvel, as quatro paras plantadas firmemente no chão. Os braços de August acenam para cima e para baixo. Ele sacode a bengala. E agita o punho fechado. Sua boca se abre e se fecha. As orelhas de Rosie estão grudadas à cabeça e eu me inclino para frente, para ver mais de perto. A expressão da elefanta é inequivocamente beligerante.

Ai, meu Deus, Rosie. Agora não. Não faça isso.

- Ah, vamos lá! - grita o velho nojento, ainda preso em minhas mãos.

- Isso não é a aula de catecismo. É só uma diversãozinha inofensiva. Qual é? Me solta! Eu baixo os olhos e o examino. O homem está ofegante, tem um hálito terrível e, na mandíbula inferior, dentes compridos e marrons. Enojado, eu o afasto de mim, jogando-o longe.

Ele olha rapidamente de um lado para o outro e, quando vê que ninguém na multidão percebeu nada, ajeita a lapela com indignação e se dirige em passos arrogantes para o fundo da tenda. Pouco antes de sair, lança-me um olhar malévolo. Mas seus olhos apertados são atraídos para além de mim e ele capta algo que não vejo. E então mergulha no ar lá de fora, o rosto congelado numa máscara de pavor.

Eu me viro e vejo Rosie se precipitando na minha direção, a tromba levantada e a boca aberta. Jogo-me contra os espectadores que estão de pé e ela passa, bramindo e pisoteando o pó de serragem do chão com tamanha força que uma nuvem de um metro de partículas se forma atrás dela. August a acompanha, brandindo a bengala.

A multidão explode, em risos e gritos - eles acham que a cena faz parte do show. Tio Al está parado, estupefato, no centro da pista dos cavalos. Ele observa a entrada do fundo da tenda por um instante, de boca aberta. Então entra imediatamente em ação e faz sinal para Lottie.

Equilibrando-me na ponta dos pés, procuro Marlena. Ela passa por mim, uma mancha cor-de-rosa.

- Marlena! A distância, August já está cutucando Rosie. Ela brame e berra, atirando a cabeça para os lados e recuando, mas ele parece uma máquina. August ergue a maldita bengala e a abaixa, fazendo o gancho descer na frente, e de novo e de novo e de novo. Quando Marlena os alcança, ele se vira para encará-la. A

bengala cai no chão. Ele olha Marlena fixamente, com um olhar intenso e ardente, completamente esquecido de Rosie.

Conheço esse olhar.

Eu me lanço para frente. Antes que eu possa dar uma dúzia de passos, meus pés somem debaixo de mim e sou jogado de cara no chão, com um joelho na minha bochecha e um dos meus braços torcido nas minhas costas.

- Sai de cima de mim, porra! - grito, contorcendo-me para me livrar.

- Que diabo deu em você? Me solta!

- Cala a boca - ouço a voz de Blackie acima de mim.

- Você não vai a lugar nenhum.

August se inclina e, quando se levanta, Marlena está pendurada em seu ombro, socando as costas dele com os punhos, chutando e berrando. Ela quase consegue escorregar do ombro dele, mas August torna a agarrá-la e sai depressa.

- Marlena! Marlena! - chamo, berrando, retomando a minha luta.

Eu me contorço e saio de baixo do joelho de Blackie. Estou quase de pé quando alguma coisa atinge minha nuca. Meu cérebro e meus olhos se abalam em suas cavidades. Minha vista se enche de centelhas pretas e brancas, e é possível que eu também esteja surdo.

Pouco depois, a visão começa a voltar, de fora para dentro. Surgem rostos e bocas se movendo, mas tudo o que escuto é um zumbido ensurdecedor. Oscilo, apoiado nos joelhos, tentando me situar, mas agora o chão avança na minha direção. Sou incapaz de impedi-lo de avançar e por isso passo os braços em volta do meu corpo, para me defender, mas no final isso não é necessário porque as trevas me engolem antes que ele me atinja.

- Psssiu, não se mexa.

Não estou me mexendo, embora minha cabeça balance para os lados com o movimento do trem. Ouço a locomotiva apitar lugubrememente, um som distante que de algum modo atravessa o zumbido constante nos meus ouvidos. Todo o meu corpo parece de chumbo.

Alguma coisa fria e molhada chega à minha testa. Abro os olhos e vejo um leque de cores e formas que se transformam. Quatro braços fora de foco cruzam meu rosto e então se fundem, formando um único braço curto. Sinto náuseas, e meus lábios se abrem involuntariamente. Viro a cabeça, mas nada sai de mim.

- Mantenha os olhos fechados - diz Walter.

- Fique quieto, só isso.

- Hump. - resmungo. Deixo a cabeça pender para o lado e o pano cai de onde estava. Logo depois é colocado de volta.

- Você levou uma pancada e tanto. Bom ver você de volta.

- Ele está acordando? - pergunta Camel.

- Ei, Jacob, você ainda está conosco? Sinto como se estivesse saindo de uma mina profunda e tenho dificuldade de me localizar. Parece que estou no colchonete. O trem já entrou em movimento.

Mas como cheguei aqui e por que eu estava dormindo? Marlena! Meus olhos se abrem bruscamente. Luto para me levantar.

- Eu não disse para ficar quieto?

- Walter me repreende.

- Marlena! Onde está Marlena? - pergunto, ofegante, tornando a cair no travesseiro.

O cérebro gira na minha cabeça. Acho que de algum modo se soltou.

Sinto-me pior com os olhos abertos, então torno a fechá-los. Uma vez removidos todos os estímulos visuais, a escuridão parece maior em minha cabeça, como se a cavidade craniana tivesse virado do avesso.

Walter está de joelhos ao meu lado. Ele tira o pano da minha testa, mergulha-o em água e depois o torce, tirando o excesso. A água goteja na tigela, um som limpo, claro, familiar. O zumbido começa a diminuir, e é substituído por uma dor latejante que vai de orelha a orelha atrás do crânio.

Walter torna a pôr o pano no meu rosto, passando-o na testa, nas bochechas e no queixo, deixando a pele úmida. O arrepio que o frio me dá ajuda a me concentrar no que se passa fora da minha cabeça.

- Onde ela está? Ele a machucou?

- Não sei.

Torno a abrir os olhos, e o mundo oscila violentamente. Com esforço, me apóio nos cotovelos e dessa vez Walter não me empurra de volta. Em vez disso, ele se inclina e examina meus olhos.

- Merda. Suas pupilas estão de tamanhos diferentes. Você quer beber alguma coisa? - ele pergunta.

- Hum... quero - respondo, ofegante. É difícil encontrar as palavras. Sei o que quero dizer, mas é como se o caminho entre a boca e o cérebro estivesse cheio de algodão.

Walter cruza o quarto e ouço uma tampinha cair no chão. Ele volta e leva uma garrafa aos meus lábios. É refrigerante.

- Sinto muito, mas foi o melhor que achei - diz ele, pesaroso.

- Malditos tiras - resmunga Camel.

- Você está legal, Jacob? Eu gostaria de responder, mas preciso de toda a minha concentração para me manter equilibrado.

- Walter, ele está legal? - Camel parece bem mais preocupado dessa vez.

- Acho que sim - responde Walter, pondo a garrafa no chão.

- Você quer se sentar? Ou prefere esperar alguns minutos?

- Tenho que buscar Marlena.

- Esquece isso, Jacob. Não há nada que você possa fazer agora.

- Tenho que buscá-la. E se ele...? - minha voz falha. Não consigo nem terminar a frase. Walter me ajuda a sentar.

- Você não pode fazer nada neste momento.

- Não posso é aceitar isso.

Walter se vira, furioso.

- Pelo amor de Deus, será que você pode me ouvir pelo menos uma vez?

A raiva de Walter me cala. Ajeito os joelhos e me inclino, descansando a cabeça nos braços. Ela me parece pesada e enorme - pelo menos do tamanho do corpo.

- Não importa que estejamos num trem em movimento e que você esteja com uma concussão. Nós estamos na merda. Numa grande merda. E a única coisa que você pode fazer neste momento é piorar as coisas. Porra, se você não tivesse caído duro e se o Camel não estivesse aqui conosco, eu não teria voltado para este trem esta noite.

Por entre os joelhos, olho fixamente para o colchonete, tentando me concentrar na dobra maior do tecido. As coisas estão mais firmes agora, já não oscilam tanto.

A cada minuto que passa, outras partes do meu cérebro começam a funcionar.

- Veja bem - continua Walter, a voz mais calma -, temos ainda três dias antes de descarregar o Camel. Enquanto isso, vamos simplesmente ter que lidar com a

situação da melhor maneira possível. O que significa ficar atentos o tempo todo e não fazer nenhuma besteira.

- Descarregar o Camel? - diz Camel.
- É assim que vocês me tratam?
- Neste momento, é! - Walter grita.
- E você devia nos agradecer por isso.

Que porra você acha que aconteceria com você se nós saltássemos do trem agora? Hein? Da cama estreita não sai nenhuma resposta.

Walter faz uma pausa e suspira.

- Olhe, o que está acontecendo com Marlena é horrível, mas pelo amor de Deus! Se nós nos mandarmos antes de Providence, Camel está perdido. Ela vai ter que se virar durante os próximos três dias. Que diabo! É o que ela vem fazendo há quatro anos. Acho que ela pode agüentar mais três dias.

- Ela está grávida, Walter.
- O quê? Faz-se um longo silêncio. Levanto os olhos. Vejo que a testa de Walter está franzida. E ele pergunta:
- Tem certeza?
- Foi o que ela disse.

Ele me olha nos olhos por muito tempo. Tento encontrar o seu olhar, mas meus olhos oscilam ritmicamente, desviando-se para o lado.

- Mais um motivo para agir com todo o cuidado. Jacob, olhe para mim!
- Estou tentando!
- Vamos sair daqui. Mas se todos nós queremos ganhar essa parada, temos que jogar bem. Não podemos fazer absolutamente nada até Camel ter ido embora. Quanto mais cedo você se acostumar com essa idéia, melhor.

Ouvimos um soluço vindo da cama estreita. Walter vira a cabeça.

- Cale a boca, Camel! Eles não iriam aceitar você de volta se não tivessem perdoado. Ou você prefere ser jogado para fora do trem?
- Para ser sincero, não sei - choraminga o velho.

Walter se vira na minha direção.

- Olhe para mim, Jacob. Olhe para mim. - Quando olho, ele continua:
- Ela vai saber lidar com ele. Estou lhe dizendo, ela sabe lidar com ele. Ela é a única que pode fazer isso. Ela sabe o que está em jogo. É só por três dias.
- E depois o quê? Como você mesmo vem dizendo, não temos para onde ir. Ele vira o rosto, zangado. Então gira a cabeça de novo.
- Será que você compreende realmente a nossa situação aqui, Jacob? Porque às vezes eu me pergunto se você compreende.
- Claro que sim! Só que não gosto de nenhuma das opções que temos.
- Nem eu. Mas, como eu disse, teremos que resolver isso depois. Neste

momento, vamos apenas nos concentrar em sair daqui vivos.

Camel soluça e funga enquanto tenta dormir, apesar de Walter lhe assegurar que a família vai recebê-lo de braços abertos.

Por fim, ele acaba dormindo. Walter o examina mais uma vez e depois apaga o lampião. Ele e Queenie se retiram para manta de cavalo no canto. Poucos minutos depois, ele começa a roncar.

Eu me levanto cuidadosamente, testando meu equilíbrio a cada movimento.

Quando consigo me manter razoavelmente ereto, dou um passo hesitante para frente. Estou tonto, mas acho que posso me equilibrar. Dou mais alguns passos seguidos e, quando a tentativa funciona, atravesso o quarto e chego ao baú.

Minutos depois, estou engatinhando no telhado do carro dos cavalos, com a faca de Walter entre os dentes.

Os pequenos estalidos que ouvimos dentro do trem soam aqui onde estou como pancadas violentas. Os vagões tremem e cambam quando fazemos uma curva, eu paro, me agarrando à barra superior até voltarmos a andar em linha reta.

Na beira do carro, paro e examino as minhas opções. Teoricamente, eu desceria pela escada, saltaria para o vagão-plataforma e atravessaria os diversos carros até chegar ao que me interessa. Mas não posso correr o risco de ser visto.

Então... Então é isso.

Fico parado, ainda com a faca entre os dentes. Estou com as pernas abertas, os joelhos dobrados e os braços balançando dos lados do corpo, como o equilibrista andando na corda bamba.

O vão entre este carro e o próximo parece imenso, um grande salto sobre a eternidade. Eu me concentro e pressiono a língua contra o metal amargo da faca.

E então dou um pulo, fazendo com que cada grama de músculo contribua para me impelir para frente. Agito braços e pernas furiosamente, me preparando para agarrar qualquer coisa - qualquer coisa mesmo - se eu falhar.

Bato no teto. Agarro-me à barra superior, arfando como um cachorro, prendo os dois lados da lâmina. Alguma coisa quente escorre do canto da minha boca.

Ainda me apoiando com o joelho na barra, tiro a faca da boca e lambo o sangue dos lábios. Então a prendo novamente, tentando manter os lábios retraídos.

Dessa maneira, atravesso cinco vagões-dormitório. A cada vez que dou um salto, pouso com mais perfeição, com mais elegância. Ao chegar ao sexto, tenho que me lembrar de agir com cuidado.

Quando chego ao carro-escritório, sento-me no telhado e avalio a situação.

Meus músculos doem, a cabeça roda e a respiração está ofegante.

O trem se balança todo ao fazer outra curva e eu agarro a barra, atentamente para locomotiva. Estamos contornando a encosta de um morro coberto de mata, e seguimos em direção a uma ponte. Pelo que posso ver na escuridão, a ponte desce

até a margem pedregosa de um rio que corre uns 20 metros abaixo de nós. O trem resfolega mais uma vez e tomo a minha decisão. Farei o restante da jornada até o carro 48 dentro do trem.

Ainda prendendo a faca entre os dentes, desço da borda do vagão-plataforma.

Os carros que abrigam os artistas e chefes são acoplados por placas de metal, e tudo o que tenho de fazer é pisar nelas. Estou pendurado pelas pontas dos dedos quando o trem camba mais uma vez, fazendo minhas pernas penderem para um lado. Eu me agarro desesperadamente à borda do carro enquanto os dedos suados começam a escorregar no metal com ranhuras.

- Quando o trem recupera o prumo, caio em cima da placa. O vagão-plataforma tem um corrimão, e me encosto nele por um momento, me concentrando.

Com os dedos doloridos e trêmulos tiro o relógio do bolso. São quase três da manhã. Conseqüentemente, tenho poucas chances de me deparar com alguém.

Ainda assim, é melhor ter cuidado.

A faca é um problema. É grande demais para caber no bolso, afiada demais para ser levada à cintura. Afinal, enrolo-a no meu casaco e o meto debaixo do braço.

Então passo os dedos no cabelo, limpo o sangue dos lábios e abro a porta de correr.

O corredor está vazio, iluminado pelo luar que atravessa as janelas. paro o tempo suficiente para dar uma olhada para fora. Agora, estamos atravessando a ponte. Eu tinha subestimado sua altura - estamos a uns 40 metros das grandes pedras arredondadas da beira do rio e diante de um imenso vazio. Enquanto o trem se balança, agradeço por não estar no teto.

Não demora muito e estou diante da porta do camarote 3. Desembrulho a faca e a deixo no chão enquanto torno a vestir o casaco. Então a pego de volta e olho fixamente para maçaneta por um momento.

Ouçó um dique sonoro quando a giro e eu paro, apavorado, a mão ainda a segurando, esperando para ver se há alguma reação. Alguns segundos depois, continuo a girar a maçaneta e empurro a porta para dentro.

Esgueiro-me na direção do quarto, agarrado à faca. A cortina de veludo está fechada. Puxo-a pela borda e espio lá dentro. Quando vejo que ele está sozinho, respiro aliviado. Ela está a salvo, provavelmente no carro das garotas. Devo ter engatinhado por cima dela no meu percurso até aqui.

Entro sorrateiramente e fico de pé ao lado da cama. Ele está dormindo no lado mais próximo, deixando lugar para uma Marlena ausente. As cortinas das janelas estão recolhidas, e vejo o luar cintilar através das árvores, ora iluminando, ora ocultando o rosto dele.

Olho para ele fixamente. Ele veste um pijama listrado e está com a aparência tranqüila, como um menino. O cabelo preto está emaranhado e o canto da boca se

mexe deixando-o ora sorridente, ora sério. Está sonhando. De repente ele se mexe, estalando os lábios, e, mudando de posição, deita de lado. Em seguida estende o braço para o lado de Marlena na cama e dá algumas pancadinhas no espaço vazio. Então, tateando, ele chega ao travesseiro dela. Ele o agarra e o leva ao peito, abraçando-o, afundando o rosto nele.

Levanto a faca, segurando-a com ambas as mãos, a ponta 60 centímetros acima da garganta dele. Tenho que executar a tarefa com precisão. Acerto o ângulo da lâmina para que o corte seja o maior possível, de um lado a outro. O trem passa pelas árvores e um fino raio de luar atinge a lâmina, que brilha, lançando minúsculos feixes de luz enquanto ajusto o ângulo. August se mexe de novo, bufando e se virando violentamente, voltando a ficar deitado de costas. O braço esquerdo pende para fora da cama e pára a poucos centímetros da minha coxa.

A faca ainda brilha, ainda reflete a luz, mas agora não por causa de ajustes que eu esteja fazendo. Minhas mãos tremem. A mandíbula inferior de August se abre e ele respira com um ruído terrível e estalos dos lábios. A mão ao lado da minha coxa pende, bamba. Os dedos da outra mão se fecham.

Debruço-me sobre ele e deposito a faca cuidadosamente no travesseiro de Marlena. Olho fixamente por mais uns segundos e então saio.

Não mais deslizando numa onda de adrenalina, minha cabeça parece novamente ser maior que meu corpo, e eu cambaleio até chegar ao fim do corredor dos camarotes.

Tenho uma decisão a tomar. Ou subo ao teto de novo ou continuo atravessando o carro-escritório - onde é muito provável que ainda haja alguém jogando - e depois torno a atravessar todos os vagões-dormitório, até, a uma certa altura, ter que subir ao teto de novo, para chegar ao carro dos cavalos. Então, decido subir de uma vez.

Quase não consigo suportar a subida. Minha cabeça parece que vai explodir e estou com muita dificuldade de me equilibrar. Subo no gradeado de um vagão-plataforma que serve de conexão e, com muito esforço, consigo chegar ao topo.

Uma vez lá, eu me deito, encostado à barra do teto, enjoado e vacilante. Passo uns 10 minutos me recuperando e depois continuo engatinhando. Ao chegar à borda do carro, extenuado, descanso de novo entre as barras. Estou completamente esgotado. Não consigo imaginar como vou continuar, mas tenho que seguir, porque, se de repente adormeço aqui, posso cair do trem assim que fizermos uma curva.

O zumbido volta e meus olhos giram. Atravesso o grande vão quatro vezes, todas elas com a certeza de que não vou conseguir. Na quinta, quase não consigo. As mãos chegam à grade de ferro, mas a borda do carro bate na minha barriga. Fico ali pendurado, assombrado e tão cansado que chego a pensar que seria mais fácil desistir. Deve ser o que sentem os afogados em seus últimos segundos, quando finalmente desistem de lutar e se deixam levar pelas águas. Só que o que me espera

não são as águas. É um desmembramento violento.

Reajo e prossigo, mexendo as pernas com dificuldade, até encontrar um ponto de apoio na borda superior do carro. Depois é fácil me içar e chegar, em um segundo, ao topo e me deitar, encostado de novo à barra do teto, ofegante.

O trem apita e levanto a minha cabeça enorme. Estou no topo do carro dos cavalos. Tenho apenas que chegar ao respiradouro e me deixar cair. Vou me esgueirando aos arrancos até o respiradouro. Está aberto, o que é estranho, porque eu o tinha fechado. Ao entrar, bato com força no chão. Um dos cavalos relincha e não pára de bufar e bater com o casco no chão, irritado com algo à sua volta.

Viro a cabeça. A porta que dá para fora está aberta.

Aos solavancos, arrasto-me até me deparar com a porta interna, também aberta.

Walter! Camel! - grito..

Nada, a não ser o ruído da porta batendo delicadamente na parede atrás dela, acompanhando o ritmo dos estalidos das rodas abaixo de nós.

Eu me levanto com esforço e me precipito para porta. Vergado e me apoiando nas mãos, uma no batente da porta e a outra na coxa, vasculho o quarto com olhos cegos. Todo o sangue se esvaiu da minha cabeça e mais uma vez o meu campo de visão se enche de pequenas fagulhas pretas e brancas.

- Walter! Camel! Começo a recuperar a visão, de fora para dentro, e isso me faz virar a cabeça na tentativa de ver o que há ao meu redor. A única luz é a que chega através das fendas e ela me revela uma pequena cama vazia. O colchonete também está vazio, assim como a manta de cavalo no canto.

Cambaleando, dirijo-me à fileira de baús encostados à parede dos fundos e me debruço sobre eles.

- Walter? Mas tudo o que encontro é Queenie, que está tremendo, encolhida como uma bola. Ela levanta os olhos para mim aterrorizada, o que me tira qualquer dúvida.

Caio no chão, arrasado de dor e de culpa. Atiro um livro contra a parede, pisoteio, enfurecido, as tábuas do chão. Faço ameaças aos céus e a Deus e, quando finalmente me rendo a soluços incontroláveis, Queenie sai sorrateiramente de trás dos baús e desliza para o meu colo. Abraço seu corpo quente até ficarmos os dois nos balançando ali, em silêncio.

Preciso acreditar que ter levado a faca de Walter não fez nenhuma diferença.

Mas, mesmo assim, eu o deixei sem a faca, sem nenhuma chance sequer.

Preciso acreditar que eles sobreviveram. Tento imaginar a cena - os dois rolando pelo chão da mata úmida em meio a imprecações furiosas. Neste exato momento, Walter deve estar procurando ajuda. Ele deixou Camel abrigado em algum lugar e foi procurar ajuda.

Tudo bem. Tudo bem. Não foi tão ruim quanto eu pensei. Vou procurá-los.

De manhã, vou pegar Marlena e nós vamos voltar à cidade mais próxima e perguntar por eles no hospital. Talvez até na cadeia, uma vez que podem ter sido considerados vagabundos. Deve ser bastante fácil descobrir qual é a cidade mais próxima. Posso localizá-la pela proximidade da...

Eles não fizeram isso. Não podem ter feito. Ninguém teria jogado um velho aleijado e um anão de uma ponte. Nem mesmo August. Nem mesmo Tio Al.

Passo o resto da noite pensando em diversas maneiras de matá-los, remoendo sobre essas idéias e as saboreando, como se eu estivesse esculpindo numa pedra.

O guincho prolongado dos freios me desperta do transe. Antes mesmo que o trem esteja parado, salto do carro para o leito de cascalho e me dirijo a passos largos para os vagões-dormitório. Subo a escada de ferro do primeiro carro, suficientemente deteriorado para servir de abrigo a trabalhadores, e abro a porta de correr tão violentamente que ela se fecha de novo. Torno a abri-la e entro, pisando firme.

- Earl! Earl! Cadê você?

- Minha voz soa gutural de tanto ódio e raiva.

- Earl! Vou descendo o corredor, examinando os beliches. Nenhum dos rostos surpresos com que me deparo é o de Earl.

Entro no outro carro,

- Earl! Você está aí? Paro um pouco e me viro para um homem espantado num beliche.

- Onde está ele, porra!? Está aqui?

- Você está falando do Earl da segurança?

- É. Ele mesmo.

Ele aponta com o polegar por cima do ombro.

- Dois carros adiante.

Atravesso outro carro, procurando evitar as pernas que saem de baixo dos beliches e os braços que tombam das bordas.

Abro a porta ruidosamente.

- Earl! Cadê você? Sei que você está aqui! Faz-se uma pausa espantada, homens de ambos os lados do carro mudam de posição em seus beliches para dar uma espiada nesse intruso barulhento. Quase no fundo do carro, vejo Earl. E disparo contra ele.

- Seu filho-da-puta! - digo, chegando mais perto para agarrá-lo pelo pescoço.

- Como você pôde fazer uma coisa dessas? Como pôde? Earl salta do beliche e imobiliza meus braços abertos.

- Quem foi... espere aí, Jacob. Calma. O que está acontecendo?

- Porra! Você sabe muito bem do que estou falando! - berro, torcendo os antebraços para os lados, me libertando. Eu me jogo contra ele mas, antes que eu me

aproxime, ele mais uma vez consegue me manter a distância.

- Como você pôde fazer uma coisa dessas? - Lágrimas escorrem pelo meu rosto.

- Como pôde? Achei que você era amigo de Camel! E o que o Walter fez contra você? Earl empalidece. Ele fica paralisado, ainda com as mãos me prendendo os pulsos. O choque que vejo em seu rosto é tão genuíno que paro de lutar.

Piscamos um para o outro, horrorizados. Passam-se segundos. Um zumbido atravessa o resto do carro.

Earl me solta e diz:

- Venha comigo.

Descemos do trem, depois de termos andado uns 12 metros, ele se vira para mim.

- Eles sumiram? Eu o olho fixamente, procurando respostas em seu rosto. Não há nenhuma.

- Sumiram.

Earl respira fundo. Os olhos se fecham. Por um minuto, acho até que ele pode chorar.

- Você está me dizendo que não sabia de nada? - eu lhe pergunto.

-Porra, não! O que você acha que eu sou? Nunca faria uma coisa dessas. Ah, que merda. Que inferno. Aquele pobre velho. Espere um minuto... - diz ele, voltando os olhos para mim de repente.

- Onde você estava?

- Em outro lugar - respondo.

Earl me fita por um instante e depois baixa os olhos para o chão. Põe a mão na cintura e suspira, sacudindo a cabeça e refletindo.

- Tudo bem - diz ele.

- Vou descobrir quantos outros pobres-diabos foram jogados para fora do trem, mas deixe eu lhe dizer uma coisa: artistas não são jogados do trem, nem mesmo os mais miseráveis. Se fizeram isso com o Walter, eles estavam atrás de você. No seu lugar, eu me mandaria daqui agora mesmo e nunca mais olharia para trás.

- E se eu não puder me mandar? Ele fica me olhando por um longo tempo, com olhos penetrantes. O queixo se mexe de um lado para o outro.

- Você estará a salvo no terreno, durante o dia - diz, por fim.

- Se voltar para o trem hoje à noite, não se aproxime do carro dos cavalos. Ande pelas plataformas e descanse debaixo dos carros. Não se deixe apanhar e não baixe a guarda. E suma do circo assim que puder.

- Vou sumir. Pode crer. Mas antes tenho algumas questões a resolver.

Earl me lança um último olhar demorado.

- Vou tentar encontrar você mais tarde - diz. Então, com passos firmes, ele

segue para tenda da cozinha onde os homens do Esquadrão Voador estão reunidos em pequenos grupos, os olhos lançando faíscas e as caras assustadas.

Além de Camel e Walter, outros oito homens também sumiram, três do trem principal e o restante do Esquadrão Voador, o que significa que Blackie e seu grupo se dividiram em turmas, agindo em diferentes seções do trem. Com o espetáculo à beira da falência, os trabalhadores provavelmente seriam jogados para fora do trem, mas não de uma ponte. Esse castigo era para mim.

Então me ocorre que minha consciência me impediu de matar August no exato momento em que alguém, a mando dele, estava tentando me matar.

Imagino o que ele sentiu ao acordar ao lado daquela faca. Espero que ele compreenda que, embora tenha começado como uma ameaça, aquilo agora se transformou em promessa. Devo cumpri-la em nome de cada um dos homens que foram jogados do trem.

Passo a manhã toda me esgueirando, sorradeira e desesperadamente, à procura de Marlena. E não a vejo em lugar nenhum.

Tio Al anda pomposamente por toda parte, de calça de xadrez preto-e-branco e colete vermelho vivo, batendo com a bengala na cabeça das pessoas que não são ágeis o suficiente para sair de sua frente. A uma certa altura, ele me vê e estaca. Nós nos encaramos, separados por uns 80 metros. Eu o fito demorada e fixamente, tentando fazer com que meus olhos reflitam todo o meu ódio. Alguns segundos depois, seus lábios exibem um sorriso frio. Então ele se vira bruscamente para direita e continua sua marcha, com os puxa-sacos atrás.

A distância, vejo quando a bandeira aparece acima da cozinha, na hora do almoço. Marlena está lá, usando roupa comum, à espera na fila da comida.

Seus olhos percorrem a multidão; sei que ela está me procurando e espero que ela saiba que estou bem. Quase no mesmo momento em que Marlena se senta, August chega, não sei de onde, e se aboleta em frente a ela, sem trazer um prato de comida. Ele diz alguma coisa e estende a mão para pegar o pulso dela.

Marlena recua bruscamente e derrama o café. As pessoas ao redor se viram para olhar. August não liga e se levanta tão rapidamente que o banco cai para trás, na grama. Então, agitado, ele sai. Assim que August desaparece, corro até a cozinha.

Marlena levanta os olhos, me vê e empalidece.

- Jacob! - ela dá um grito sufocado.

Levanto o banco e me sento na beirada.

- Ele machucou você? Está tudo bem?

- Estou ótima. E você? Ouvi dizer... - as palavras se engasgam em sua garganta e ela cobre a boca com a mão.

- Nós vamos sair daqui hoje. Vou ficar observando você. Assim que puder, você vai embora do terreno e eu a acompanho.

Ela me fita, pálida.

- E Walter e Camel?

- A gente volta e vê o que consegue descobrir.

- Preciso de algumas horas.

- Para quê? Tio Al está por ali, nas imediações da cozinha, e o vejo estalar os dedos.

Atravessando a tenda, Earl se aproxima.

- No nosso quarto tem algum dinheiro. Vou até lá quando ele não estiver - Marlena me informa.

- Não. Não vale a pena se arriscar - retruco.

- Vou tomar cuidado.

- Não!

- Vamos lá, Jacob - Earl fala, me tomando pelo braço.

- O chefe quer que você se mande.

- Me dê só um segundo, Earl.

Ele suspira fundo.

- Tudo bem. Lute mais um pouco. Mas só mais uns segundos, hein? Depois eu tenho que tirar você daqui.

- Marlena - digo, desesperado -, prometa que você não vai entrar lá.

- Eu tenho que entrar. Metade da grana é minha, se eu não pegar esse dinheiro não vamos ter nem um centavo.

Eu me solto das mãos de Earl e fico parado diante dele. Ou do peito dele, mais precisamente.

- Diga onde está a grana que eu vou buscá-la - rosno, dando uma cutucada com o dedo no peito de Earl.

- Debaixo do banco da janela - sopra Marlena, ansiosamente. Ela se levanta e dá a volta na mesa, pondo-se ao meu lado.

- O banco se abre. Está numa lata de café. Mas provavelmente seria mais fácil se eu...

- Pronto, agora tenho que levar você - Lati diz e, me obrigando a dar meia-volta, coloca meu braço dobrado atrás das minhas costas. Em seguida ele me empurra para frente e eu fico curvado.

Viro a cabeça na direção de Marlena.

- Vou pegá-lo. Fique longe daquele vagão. Prometa! Eu me contorço um pouco e Earl não me atrapalha.

- Eu disse para você me prometer! - minha voz sibila.

- Eu prometo - diz Marlena.

- Tome cuidado!

- Me larga, seu filho-da-puta! - grito para Earl. Para disfarçar, é claro.

Ele e eu fazemos uma bela cena ao sair da tenda. Imagino se alguém notou que ele não está dobrando o meu braço o suficiente para que eu sinta dor. Mas ele corrige essa falha me dando um empurrão que me joga na grama, uns três metros adiante.

Passo a tarde inteira espiando pelos cantos, me esgueirando atrás de abas de tendas e me escondendo embaixo dos vagões. Mas não consigo me aproximar do carro 48 sem ser visto nem uma vez sequer - e, além disso, não vejo August desde a hora do almoço, então é bem provável que ele esteja lá. Portanto, aguardo o momento oportuno.

Hoje não tem matinê. Por volta das três da tarde, Tio Al se posiciona num guichê no centro do terreno e informa que é melhor para todos que o espetáculo daquela noite seja o melhor de suas vidas. Ele não diz o que pode acontecer caso não seja verdade e ninguém pergunta.

Um desfile é improvisado às pressas e depois dele os animais são levados para tenda das jaulas e os baleiros e outros vendedores arrumam suas mercadorias.

A multidão que voltou da cidade acompanhando o desfile se reúne no pátio e logo Cecil surge para distrair os caipiras com as atrações do show secundário.

Do lado de fora, imprensado contra a lona da tenda das jaulas, abro as tiras que fecham as costuras e dou uma espiada lá dentro.

Vejo August trazendo Rosie. Ele mantém a bengala de ponta de prata sob a barriga e atrás das pernas dela, ameaçadoramente. Ela segue, obediente, mas seus olhos estão vidrados de tanta hostilidade. Ele a conduz ao seu lugar habitual e acorrenta sua pata a uma estaca. Ela olha atentamente as costas curvadas dele e, com as orelhas caídas ao lado da cabeça, parece mudar de atitude. Então começa a balançar a tromba e a vasculhar o chão à sua frente. Encontra alguma coisa e a apanha. Enrola a tromba para dentro e esfrega o objeto nela, examinando-lhe a textura. Em seguida o mete na boca.

Os cavalos de Marlena já estão alinhados, mas ela ainda não pode ser vista. A maioria dos espectadores já está atravessando o corredor que leva à grande tenda. Ela também já deveria ter chegado. Vamos, vamos, onde você está?...

De repente penso que, apesar da promessa que me fez, Marlena deve ter ido ao camarote. Merda, merda, merda. August ainda está mexendo na corrente de Rosie, mas ele não vai demorar a notar a ausência de Marlena e vai querer procurá-la.

Sinto um puxão na manga e então me viro, com os punhos fechados.

Grady levanta as mãos num gesto de rendição.

- Epa, rapaz. Vamos com calma.

Baixo os punhos.

- Estou meio nervoso. É só isso.

- E com toda a razão - diz ele, dando uma olhada em volta.

- Você já comeu? Vi quando você foi expulso da cozinha.
- Não - respondo.
- Vamos lá. Vamos até aquela espelunca.
- Não. Não posso. Estou completamente duro - digo, louco para que ele me deixe sozinho. Viro-me novamente para tenda e abro os lados da costura para espiar. Marlena ainda não apareceu.

- Eu pago para você - Grady fala.
- Estou bem, de verdade - falo, ainda de costas para ele, esperando que ele entenda a deixa e vá embora.

- Escute aqui, temos que conversar - Grady me diz com a voz calma.

- No pátio é mais seguro.

Viro a cabeça e nossos olhos se cruzam.

Eu o acompanho ao pátio. Dentro da grande tenda, a banda dá início a música que abre o Grande Desfile.

Entramos na fila diante da espelunca. O homem atrás do balcão prepara hambúrgueres muito rapidamente, atendendo a poucos mas ansiosos fregueses que ainda estão por lá.

Grady e eu conseguimos chegar ao início da fila. Ele levanta dois dedos:

- Dois hambúrgueres, Sammy. Sem pressa.

Em segundos, o homem atrás do balcão estende dois pratos de lata. Eu pego um e Grady o outro. Ele também estende uma nota enrolada.

- Sai pra lá - diz o cozinheiro, balançando a mão.

- Seu dinheiro não é bem- vindo aqui.

- Obrigado, Sammy - diz Grady, guardando a nota no bolso.

- Eu lhe agradeço, de verdade.

Ele então se dirige para uma mesa de madeira muito antiga e gasta e passa uma perna por cima do banco. Eu dou a volta e me sento na frente dele.

- Então, o que está acontecendo? - pergunto, passando o dedo na madeira.

Grady dá uma olhada furtiva ao redor.

- Alguns dos caras que foram jogados do trem ontem à noite se safaram - ele me informa, levantando o hambúrguer e esperando enquanto três gotas de gordura caem em seu prato.

- O quê? Eles estão aqui agora? - pergunto, me aprumando e vasculhando a área. Com exceção de um punhado de homens na frente do estrado do show secundário, provavelmente esperando para ir até Bárbara, todos os caipiras estão na grande tenda.

- Fale baixo, rapaz - diz Grady.

- É isso aí, cinco deles.

- E Walter...?

- Meu coração dispara. Nem bem eu pronuncio o nome dele, os olhos de Grady piscam e eu tenho a resposta.

- Ai, meu Deus! - exclamo, virando a cabeça para o outro lado. Pisco para afastar as lágrimas e engulo em seco. Levo um minuto para me recompor.

- O que aconteceu? Grady põe o hambúrguer no prato. Depois de uns cinco segundos de silêncio, ele responde calmamente, sem inflexões na voz.

- Eles foram jogados de cima da ponte, todos eles. Camel bateu com a cabeça nas pedras e morreu na hora. Walter teve as pernas esmagadas. Tiveram que deixá-lo para trás. - Ele engole em seco e acrescenta:

- Acham que ele não resistiu até de manhã.

Olho longamente a distância. Uma mosca pousa em minha mão. Eu a afasto com um safanão.

- E os outros?

- Alguns morreram e outros conseguiram se safar - os olhos de Grady oscilam de um lado para o outro.

- E Bill é um deles.

- E o que eles vão fazer? - pergunto.

- Ele não falou - diz Grady.

- Mas, de um jeito ou de outro, vão acabar com o Tio Al. Pretendo ajudar, se eu puder.

- Por que você está me contando isso?

- Para que você tenha uma chance de escapar. Você era amigo do Camel, e a gente não vai esquecer isso. - Ele se inclina para frente e seu peito encosta na mesa.

- Além disso - Grady continua a falar calmamente -, acho que você tem muito a perder neste momento.

Levanto os olhos abruptamente. Ele está olhando diretamente para mim, com a sobrelanceira levantada.

Ai, meu Deus. Ele sabe. E se ele sabe, todo mundo sabe. Temos que ir embora agora, neste minuto.

Ouve-se uma explosão de aplausos estrondosos na grande tenda e a banda emenda a valsa de Gounod. Eu me viro instintivamente para a tenda das jaulas.

A essa altura ou Marlena está se preparando para montar ou já está sentada na cabeça de Rosie.

- Tenho que ir - digo.

- Sente aí - retruca Grady.

- Coma. Se você está pensando em ir embora, pode ser que demore até encontrar o que comer.

Ele apóia os cotovelos na madeira áspera da mesa e torna a pegar o seu hambúrguer.

Olho fixamente para o meu, sem saber se conseguirei engolir um pedaço sequer.

Estendo a mão para pegá-lo, mas, antes que o faça, a música guincha e pára de repente. Ouve-se uma terrível colisão de metais e o som oco de um címbalo tremula na grande tenda, atravessa o terreno e depois desaparece no silêncio.

Grady fica paralisado e encolhido diante do seu hambúrguer.

Olho de um lado para outro. Ninguém mexe um músculo sequer - todos os olhos estão voltados para grande tenda. Alguns fiapos de feno rodopiam preguiçosamente no chão.

- O que foi isso? O que está acontecendo? - pergunto.

- Psiu - silva Grady, bruscamente..

A banda ataca de novo, agora tocando o Stars and Strip es Forever.

- Meu Deus! Ah, que merda! - Grady se levanta de um salto, derrubando o banco.

- O que foi? O que é isso?

- A Marcha Fatídica! - ele grita, virando a cabeça para trás.

Todos que estão ligados ao circo disparam em direção à grande tenda. Eu saio do banco e fico ali parado, espantado, sem entender o que está acontecendo.

Então me viro para o cozinheiro, que está lutando para tirar o avental.

- De que diabos ele está falando? - grito.

- Da Marcha Fatídica - o homem responde, tirando o avental pela cabeça. - É sinal de que está acontecendo algo errado. Muito errado.

Alguém passa correndo e esbarra em meu ombro ao passar. É DiamondJoe.

- Jacob, são as jaulas - grita ele, virando-se para trás.

- Os animais se soltaram. Corra, corra! Ele não precisa repetir. Ao me aproximar da tenda das jaulas, ouço um grande estrondo e fico apavorado. Não se pode chamar isso de barulho. O solo vibra sob meus pés, o movimento é provocado por cascos e patas no chão duro.

Atravesso rapidamente a abertura da aba e me encosto na parede lateral enquanto o iaque passa por mim, galopando ruidosamente, os chifres curvos a alguns centímetros do meu peito. Uma hiena se agarra ao dorso dele, com os olhos apavorados.

O que estou vendo é um estouro de animais genuíno. As jaulas estão todas abertas, e o centro da tenda parece um aglomerado de manchas e listras que se agitam. Olhando fixamente, vejo partes de chimpanzé, de orangotango, de lhama, de zebra, de leão, de girafa, de camelo, de hiena e de cavalo - na realidade, vejo dezenas de cavalos, até os de Marlena, todos eles enlouquecidos de tanto medo. Criaturas de todo tipo perambulam, saltam, berram, se balançam, galopam, grunhem e relincham; estão por toda parte, penduradas em cordas e galgando postes, escondidas sob as jaulas, impressadas contra paredes e escorregando ao atravessar o

centro da tenda.

Meus olhos varrem a tenda à procura de Marlena. Em vez dela, vejo uma pantera atravessar sorrateiramente a passagem que leva à grande tenda. Enquanto seu corpo negro e ágil desaparece, eu me preparo para o ataque. Demora alguns segundos, mas então acontece - um grito prolongado seguido de outro, e depois outro, e então todo o circo explode num barulho estrondoso de corpos tentando abrir caminho entre outros corpos, lutando para sair da arquibancada.

- Deus, por favor, faça com que eles saiam pelos fundos. Não deixe que eles tentem passar por aqui.

Atrás do mar turbulento de animais, vejo dois homens. Eles estão agitando cordas, o que deixa os bichos cada vez mais furiosos. Um deles é Bill. Ele capta o meu olhar e o sustenta por um momento. E logo se enfia na grande tenda, seguido pelo outro homem. A banda guincha e pára de novo, mas dessa vez permanece em silêncio.

Meus olhos percorrem a tenda. Estou desesperado, à beira do pânico. Cadê você? Porra! Cadê você? De repente, vejo as lantejoulas cor-de-rosa e minha cabeça gira em todas as direções. Quando enxergo Marlena parada ao lado de Rosie, choro de alívio.

Aquele filho-da-puta está na frente delas - claro, onde mais ele estaria? Marlena cobre a boca com as mãos. Ela ainda não me viu, mas Rosie, sim. Ela me fita com um olhar comprido e duro, e algo em sua expressão me paralisa.

August está distante - de costas para ela, com a cara vermelha, berrando, agitando os braços e balançando a bengala de ponteira de prata. A cartola de seda está jogada no feno ao lado dele, amassada, como se ele tivesse pisado nela.

Rosie estica a tromba, procurando alguma coisa. Uma girafa passa entre nós - o pescoço comprido balançando graciosamente, apesar do pânico - e, quando ela sai da frente, vejo que Rosie arrancou a estaca de ferro do chão e a está segurando frouxamente, com uma ponta encostada na terra dura. A corrente ainda está presa à sua pata. Ela me olha com olhos bestificados. Depois, esse olhar se transfere para nuca descoberta dele.

- Ai, meu Deus - murmuro, compreendendo de repente. Tropeço, avanço e dou um pulo para evitar o lombo de um cavalo em disparada.

- Não faça isso! Não faça isso! Ela levanta a estaca, como se não fosse pesada, e racha a cabeça dele num único movimento - pum - como uma melancia. Ela segura a estaca até ele cair para frente, e então a solta, quase preguiçosamente, no chão. Ao dar um passo atrás, ela revela Marlena, que pode ou não ter visto o que acabou de acontecer.

Quase imediatamente, um bando de zebras passa em disparada, a frente deles. Vejo flashes de membros humanos se agitando em meio a um atropelo de pernas

pretas e brancas que batem com força no chão. Para cima e para baixo, mão, pé, membros se torcendo e balançando como se não tivessem ossos.

Quando o rebanho passa, aquilo que era August virou uma massa de carne, um emaranhado de entranhas e palha.

Marlena olha fixamente para aquilo, de olhos arregalados. Então ela despenca no chão. Rosie abana as orelhas, abre a boca e dá um passo para o lado, parando exatamente acima de Marlena.

Embora o estouro continue sem tréguas, ao menos sei que Marlena não vai ser pisoteada antes que eu consiga contornar a tenda e chegar até ela.

É inevitável que as pessoas tentem sair por onde entraram - pela tenda das jaulas. Estou ajoelhado ao lado de Marlena, segurando sua cabeça em meus braços, quando vejo as pessoas saírem correndo da passagem. Elas começam a entrar na tenda antes que tenham tempo de perceber o que está acontecendo.

As que estão à frente do grupo param de repente e são jogadas no chão pelas que vêm atrás. Elas seriam pisoteadas, mas a essa altura as outras também já viram o estouro.

A massa de animais de repente muda de direção, um rebanho de espécies misturadas - leões, lhamas e zebras correm ao lado de orangotangos e chimpanzés, uma hiena dispara ombro a ombro com um tigre. Doze cavalos e uma girafa com um macaco-aranha pendurado em seu pescoço. O urso-polar move-se pesadamente sobre as quatro patas. E todos eles seguem para o pequeno ajuntamento de pessoas.

O bando se vira, gritando, e tenta voltar para grande tenda. Os que estão bem atrás, jogados no chão recentemente, se agitam desesperadamente, batendo costas e ombros nos que estão na frente. A multidão se dissipa, e pessoas e animais voam juntos numa grande massa barulhenta. É difícil dizer quem está mais aterrorizado - sem dúvida, a única coisa que os animais desejam é salvar suas peles. Um tigre de Bengala procura, à força, passar entre as pernas de uma mulher, tirando-a subitamente do chão. Ela olha para baixo e desmaia. O marido a agarra pelas axilas e a arrasta para grande tenda.

Em poucos segundos restam apenas três criaturas vivas na tenda das jaulas além de mim: Rosie, Marlena e Rex. O leão sarnento se esgueirou de volta para sua jaula e está ali no canto, tremendo.

Marlena geme. Levanta a mão e a deixa cair. Dou uma olhada rápida para massa que era August e decido não deixar que ela a veja de novo. Eu a pego no colo e a levo para fora, atravessando a cancela da bilheteria.

O terreno está quase vazio, seus limites são delineados por pessoas e animais que correm o mais rápido que podem se espalham e se dispersam como círculos concêntricos na superfície de um lago.

PÓS-ESTOURO, PRIMEIRO DIA.

Ainda estamos encontrando e recuperando animais. Já pegamos um número considerável, mas os que se deixam capturar não são os que preocupam os moradores da cidade. Ainda estão faltando a maioria dos felinos e o urso.

Imediatamente após o almoço somos chamados a um restaurante local. Quando chegamos, encontramos Leo escondido debaixo da pia da cozinha, tremendo de medo. Imprensado ao lado dele está um lavador de pratos igualmente aterrorizado. Homem e leão, lado a lado.

Tio Al também está desaparecido, mas ninguém se surpreende com isso. O terreno está cheio de policiais. O corpo de August foi encontrado e removido ontem à noite, e estão procedendo a uma investigação. Apenas rotina, claro, já que não há dúvida de que ele foi pisoteado. Diz-se que o Tio Al está se mantendo afastado até se certificar de que não vão acusá-lo de nada.

PÓS-ESTOURO, SEGUNDO DIA.

Um animal após o outro, a tenda das jaulas se enche. O xerife volta ao terreno com funcionários da ferrovia e faz um sermão sobre as leis contra a vadiagem.

Ele nos quer fora da área. E quer saber quem é o responsável pelo circo.

À noite, falta comida na cozinha.

PÓS-ESTOURO, TERCEIRO DIA.

No fim da manhã, o trem do Circo Irmãos Nesci para num ramal próximo ao nosso. O xerife e os funcionários da ferrovia voltam e cumprimentam o gerente geral como se ele fosse um membro da realeza. Passeiam juntos pelo terreno e encerram a visita com apertos de mão e risos retumbantes.

Quando os homens dos Irmãos Nesci começam a levar os animais e os equipamentos dos Irmãos Benzini para suas tendas e seu trem, nem mesmo o mais fervoroso dos otimistas entre nós pode negar o óbvio.

Tio Al fugiu. Estamos todos desempregados.

Pense, Jacob. Pense.

Possuímos dinheiro suficiente para nos mandar daqui, mas de que adianta, se não temos para onde ir? Vem um bebê por aí. Precisamos de um plano. Preciso de um emprego.

Vou até a agência do correio da cidade e ligo para o reitor Wilkins. Temo que ele não se lembre de mim, mas, pela sua voz, ele parece aliviado de ter notícias minhas. Ele diz que muitas vezes se perguntou por onde eu andava e se eu estava bem, e, aliás, o que foi que eu andei fazendo nesses últimos três meses e meio?

Respiro fundo e, mesmo enquanto penso como seria difícil explicar tudo, as

palavras começam a jorrar de dentro de mim. Elas saem aos borbotões, se atropelando, e às vezes tão emboladas que preciso voltar atrás e retomar a história.

Quando finalmente paro de falar, o reitor Wilkins fica calado por tanto tempo que me pergunto se a ligação foi cortada.

- Reitor Wilkins? O senhor ainda está aí?

- Então tiro o fone do ouvido e o examino. Penso em bater o fone contra a parede, mas não faço isso, pois a agente do correio está olhando. Na realidade, ela está me encarando ansiosamente, porque ouviu cada palavra do que eu disse. Viro-me para parede e torno a pôr o fone no ouvido.

O reitor Wilkins pigarreia, gagueja por um segundo e então diz que sim, sem dúvida, posso voltar e prestar os exames.

Quando volto ao terreno, vejo Rosie a alguma distância da tenda das jaulas com o gerente geral dos Irmãos Nesci, o xerife e um funcionário da ferrovia.

Corro em direção a eles.

- O que está acontecendo aqui? - pergunto, parando ao lado de Rosie.

O xerife se volta para mim.

- O senhor é o responsável por este circo? - Não - respondo.

- Então não é da sua conta - diz o policial.

- Esta elefanta é minha. Então é da minha conta, sim.

- Este animal faz parte dos bens do circo Irmãos Benzini e, como xerife, estou autorizado em nome do...

- Faz parte dos bens do circo uma ova! Ela é minha.

Uma multidão começa a se reunir, a maioria de homens desempregados dos Irmãos Benzini. O xerife e o funcionário da ferrovia trocam olhares nervosos.

Greg dá um passo à frente. Nós nos entreolhamos. Então ele se dirige ao xerife:

- É verdade. Ela é dele. O rapaz é um andarilho e tem essa elefanta. Ele estava viajando conosco, mas a elefanta é dele.

- Suponho que o senhor possa provar isso.

Sinto o rosto queimar. Greg lança um olhar hostil ao xerife. Segundos depois, ele começa a trincar os dentes.

- Sendo assim - diz o xerife com um sorriso tenso -, por favor, deixe-nos tratar dos negócios.

Viro-me para o gerente geral dos Irmãos Nesci, que arregala os olhos, surpreso.

- O senhor não vai querer levá-la - explico.

- Ela é burra como uma porta.

Eu consigo que ela faça uma coisa ou outra, mas o senhor não vai tirar nada dela.

As sobrancelhas do homem se levantam.

- Hein?

- Vá em frente, mande-a fazer alguma coisa - insisto.

Ele me olha fixamente, como se eu fosse uma aberração.

- Estou falando sério - digo.

- O senhor tem um domador de elefantes? Tente mandá-la fazer alguma coisa.

Ela é inútil, burra.

Ele me encara por mais um momento. Em seguida, vira a cabeça e rosna:

- Dick, mande essa elefanta fazer alguma coisa.

Um homem com um gancho de elefantes na mão dá um passo à frente.

Olho fixamente no olho da elefanta. Rosie, por favor. Entenda o que está acontecendo aqui. Por favor.

- Qual é o nome dela? - pergunta Dick, olhando para mim por sobre o ombro.

- Gertrudes.

Ele se volta para Rosie.

- Gertrudes, me dê o pé. Me dê o pé, agora - ele fala alto, com voz aguda.

Rosie resfolega e começa a balançar a tromba.

- Gertrudes, me dê o pé, agora - repete o homem.

Rosie pisca. Ela varre o chão com a tromba, faz uma pausa e enrola sua ponta.

Depois, com a pata, a enche de terra e a sacode, sujando o próprio dorso e as pessoas ao seu redor. Na multidão, muitos homens riem.

- Gertrudes, levante a pata - diz Dick, chegando à frente e parando exatamente junto ao ombro dela. Ele bate no dorso da perna dela com o gancho.

- Levante!

Rosie abana as orelhas e o fareja com a tromba.

- Levante! - ele grita, batendo nela novamente.

Rosie sorri e cheira os bolsos dele. As quatro paras continuam firmes no chão.

O domador de elefantes afasta a tromba de Rosie e se vira para o chefe.

- Ele tem razão. Ela não sabe porra nenhuma. Como é que a trouxe até aqui?

- Esse cara a trouxe - responde o gerente, apontando para Greg. Ele torna a se virar para mim.

- Então, o que é que ela faz?

- Ela fica na tenda das jaulas e come doces.

- Só isso? - o homem, incrédulo, pergunta.

- É - respondo.

- Não é de admirar que a droga do circo tenha falido - diz ele, balançando a cabeça. E se volta para o xerife.

- Então, o que mais o senhor tem aí? Não ouço nada depois disso porque meus ouvidos começam a zumbir.

O que foi que eu fiz? Estou fitando, desamparado, as janelas do carro 48, pensando em como dar a Marlena a notícia de que agora temos uma elefanta, quando

ela de repente aparece à porta e salta da plataforma como uma gazela. Assim que chega ao chão, ela sai em disparada, sacudindo os braços e as pernas.

Viro-me para acompanhar sua trajetória e imediatamente entendo o porquê da pressa. O xerife e o gerente geral dos Irmãos Nesci estão parados ao lado da tenda das jaulas, apertando-se as mãos e sorrindo. Os cavalos de Marlena se enfileiram atrás deles e os homens do circo Nesci os seguram.

O gerente e o xerife se agitam quando ela se aproxima. Estou longe demais e mal consigo ouvi-los, mas alguns fragmentos do discurso acalorado de Marlena - as palavras ditas em voz alta - chegam a mim. Coisas como "audácia espanto- "como se atreve?" e "descaramento execrável".

Ela gesticula exageradamente, agitando os braços. "Grande roubo" e "processar" ecoam pelo terreno. Ou teria sido "prisão"?

Os homens estão atônitos.

Por fim, Marlena pára. Cruza os braços, xinga e bate o pé. Os homens se entreolham, estupefatos. O xerife se vira e abre a boca, mas, antes que tenha tempo de pronunciar uma palavra sequer, Marlena explode de novo, gritando como uma louca, metendo o dedo na cara dele. O homem recua, mas ela avança em sua direção. Ele se detém e se retesa, com o peito arquejante e os olhos fechados. Quando o dedo ameaçador pára de se sacudir, ela torna a cruzar os braços, batendo o pé e balançando a cabeça.

Os olhos do xerife então se abrem e ele torna a olhar para o gerente geral.

Depois de uma pausa sugestiva, ele encolhe ligeiramente os ombros. O gerente fecha a cara e se volta para Marlena.

Passam-se aproximadamente cinco segundos antes que ele recupere-se um pouco e levante as mãos em sinal de rendição. A palavra "Tio" está gravada em sua testa.

Marlena põe as mãos na cintura e, deslumbrante como sempre, espera. Por fim, ele se vira, com a cara vermelha, e late alguma coisa para os homens que estão segurando os cavalos.

Marlena continua a vigiar até ter certeza de que todos os 11 animais foram levados de volta à tenda das jaulas. Então, pisando firme, ela retorna ao carro 48.

Meu Deus. Não só estou desempregado e sem teto como tenho uma mulher grávida, uma cachorra enlutada, uma elefanta e 11 cavalos para cuidar.

Volto ao correio e ligo para o reitor Wilkins. Dessa vez ele fica em silêncio por mais tempo. Por fim, gagueja uma desculpa: ele sente muito - e gostaria de poder ajudar -, ainda sou bem-vindo a Cornell para prestar os exames finais, é claro, mas ele não tem a menor idéia do que eu possa fazer com a elefanta.

Volto ao terreno completamente atordoado. Não posso deixar Marlena e os animais aqui enquanto vou a Ilhaca fazer as provas. E se o xerife vender os outros

nesse meio-tempo? Podemos encontrar um abrigo para os cavalos e pagar para que Marlena e Queenie fiquem num hotel por enquanto, mas Rosie?

Atravesso o terreno, dando uma grande volta para contornar as pilhas de lona espalhadas por ali. Os trabalhadores do circo Irmãos Nesci estão desenrolando pedaços da grande tenda sob os olhos vigilantes do responsável pelas lonas.

Parece que eles estão à procura de rasgões antes de fazerem uma oferta.

Ao subir a escada que leva ao carro 48, sinto o coração aos pulos e a respiração ofegante. Preciso me acalmar - a cabeça gira em círculos cada vez menores, o que não é bom, nada bom.

Quando abro a porta, Queenie corre para meus pés e me olha demoradamente numa mistura patética de surpresa e gratidão. E, insegura, abana o rabo.

Eu me abaixo e coço sua cabeça.

- Marlena? - chamo, me endireitando.

Ela sai de trás da cortina verde. Parece apreensiva, torcendo os dedos e evitando meu olhar.

- Jacob... ah, Jacob! Fiz uma besteira.

- O que foi? - pergunto.

- Você está falando dos cavalos? Tudo bem. Eu já sei.

Ela levanta os olhos depressa..

- Sabe?

- Eu estava observando. Era bastante óbvio o que estava acontecendo.

Ela cora.

- Desculpe. Eu apenas... reagi. Não pensei no que faríamos com eles depois.

Acontece que eu os amo muito e não podia deixar que ele os levasse. Ele não é melhor que o Tio Al.

- Está certo. Eu compreendo. - E, depois de uma pausa, acrescento:

- Marlena, eu também tenho uma coisa a lhe dizer.

- Tem? Minha boca se abre e se fecha, mas não digo nada.

Ela parece preocupada.

- O que foi? O que está acontecendo? Há alguma coisa errada?

- Liguei para o reitor em Cornell e ele me deixou prestar os exames finais.

O rosto dela se ilumina.

- Que maravilha!

- E também temos Rosie.

- Temos o quê?

- Foi o mesmo que houve com você e os cavalos - falo rapidamente, tentando me justificar.

- Não gosto da cara do domador de elefantes dos Nesci e não podia deixar Rosie aos cuidados dele. Só Deus sabe aonde ela iria parar. Eu amo aquela elefanta.

Não podia deixá-la ir. Então, fingi que ela era minha. E agora acho que é mesmo.

Marlena fica me olhando por muito tempo. Então - para meu enorme alívio ela faz um aceno com a cabeça, dizendo:

- Você fez muito bem. Eu também amo Rosie. Ela merece mais do que teve.

Mas isso significa que nos metemos numa enrascada. - Marlena olha pela janela com os olhos apertados, um ar pensativo. Por fim, ela diz:

- Temos que nos juntar a outro circo. é isso.

- Como? Ninguém está contratando.

- O Ringling está sempre contratando, se você for realmente bom.

- Você acha que temos alguma chance?

- Claro que sim. Temos um tremendo número com uma elefanta, e você é um veterinário que estudou em Cornell. Temos grandes chances, sem dúvida. Mas teríamos que ser casados. Eles realmente fazem o gênero moralista.

- Meu bem, pretendo me casar com você assim que a tinta daquele atestado de óbito secar.

O sangue desaparece do rosto dela.

- Ah, Marlena, me desculpe. Desculpe a minha falta de jeito. O que eu quis dizer é que nunca tive a menor dúvida de que vou me casar com você.

Depois de uma breve pausa, ela estende o braço e põe a mão no meu rosto.

Em seguida, pega a bolsa e o chapéu.

- Aonde você vai? - pergunto.

Ela se ergue na ponta dos pés e me beija.

- Dar um telefonema. Deseje-me sorte.

- Boa sorte.

Eu a acompanho até lá fora, sento-me na plataforma de metal e a observo se afastar. Marlena caminha com muita segurança, pondo um pé exatamente na frente do outro e mantendo os ombros retos. Quando passa, todos os homens se viram para olhar para ela. Meus olhos a seguem até ela desaparecer atrás de um prédio.

Quando me levanto para voltar ao camarote, ouço um grito de surpresa dos homens que desenrolam as lonas. Um deles dá um grande passo atrás, com as mãos no estômago. Em seguida, ele se inclina para frente e vomita na grama.

Os outros continuam a olhar atônitos para o que descobriram ali. O homem responsável pelas lonas tira o chapéu e o aperta no peito. Um por um, os outros fazem o mesmo.

Eu me aproximo deles, olhando fixamente para o embrulho escuro. É grande e, à medida que chego mais perto, percebo vestígios de um brocado vermelho e dourado e de um xadrez preto-e-branco.

É o Tio Al. Há um garrote improvisado em volta de seu pescoço enegrecido.

Mais tarde nessa noite, Marlena e eu entramos sorrateiramente na tenda das

jaulas, pegamos Bobo e o levamos para o nosso camarote.

Já que começamos, vamos até o fim.

Então é a isso que tudo se resume? A esperar sozinho num salão por uma família que não vai chegar?

Não acredito que Simon tenha se esquecido. Logo hoje. Logo Simon - esse menino passou os primeiros sete anos de sua vida no circo dos Irmãos Ringling.

Para falar a verdade, acho que o menino está com 71 anos. Ou seriam 69? Que droga! Estou cansado de não saber.

Quando Rosemary voltar vou lhe perguntar em que ano estamos e resolver esse assunto de uma vez por todas. Ela é muito boa para mim, essa Rosemary. Ela não vai deixar que eu me sinta um tolo, mesmo que eu seja. Um homem deve saber a idade que tem.

Lembro-me nitidamente de muitas coisas. Como o dia do nascimento de Simon. Meu Deus, que alegria. Que alívio! A vertigem que tomou conta de mim ao me aproximar da cama, o receio. E lá estava o meu anjo, a minha Marlena, sorrindo para mim, cansada, radiante, com uma trouxinha de cobertor aninhada em seus braços. O rosto dele era tão escuro e enrugado que nem parecia o de uma pessoa. Mas quando Marlena tirou o cobertor da cabeça e eu vi que o cabelo era ruivo, achei que iria realmente desmaiar de alegria. Eu nunca duvidei, realmente - nunca, realmente, e eu o teria amado e criado de qualquer maneira - mas, ainda assim, quase caí por cima da cama quando vi aquele cabelo ruivo.

Olho de relance para o relógio, nervoso, desesperado. O Grande Desfile já acabou, com certeza. Ah, isso não é justo! Todos aqueles velhotes que não têm a menor idéia do que estão vendo lá e eu aqui! Preso nesta sala de espera! Será?

Franzo a testa e pisco. O que, exatamente, me faz pensar que eu estou preso? Olho de um lado para outro. Ninguém. Viro-me e olho para o corredor. Uma enfermeira passa correndo, agarrada a uma ficha e olhando para os sapatos.

Escorrego o corpo até a beira da cadeira e estendo a mão para pegar o andador. Pelos meus cálculos, estou apenas a uns seis metros da liberdade. Bem, há um quarteirão inteiro a atravessar depois, mas, se eu me apressar, aposto que ainda pego os últimos números. E o finale - isso não compensa o fato de eu ter perdido o Desfile, mas já é alguma coisa. Sinto um arrepio quente me atravessar e engulo uma risadinha. Posso ter noventa e tantos, mas quem disse que sou um inválido?

A porta de correr se abre quando me aproximo. Graças a Deus! Acho que eu não conseguiria lidar com o andador e uma porta comum. Eu estou trêmulo, é verdade. Mas até aí tudo bem. Posso lidar com isso.

Chego à calçada e paro, cego com a luz do sol.

Estou há tanto tempo longe do mundo real que a combinação de motores

ligados , cachorros latindo e buzinas soando me dá um nó na garganta. As pessoas que estão andando pela calçada passam por mim como se eu fosse uma pedra num riacho. Ninguém parece achar estranho que haja um velho parado, de chinelos, na calçada, bem na porta de uma casa de repouso. Mas, de repente, me dou conta de que ainda posso ser visto caso uma das enfermeiras entre na sala de espera.

Levanto o andador, giro-o alguns centímetros para esquerda e o coloco no chão de novo. Suas rodinhas de plástico raspam o concreto e o ruído me deixa tonto. É um ruído de verdade, um rangido, e não o chiado abafado da borracha no chão. Vou arrastando os pés atrás dele, saboreando o arrastar dos meus chinelos. Mais duas manobras dessas e estarei no caminho certo. Exatamente do outro lado do quarteirão. Seguro firme, arrasto os pés, concentrando-me neles, e parto.

Não devo andar muito rápido. Cair seria um tremendo desastre. Como não há azulejos cobrindo o piso, meço o meu progresso em pés - os meus pés. Dou um passo de cada vez. Coloco o calcanhar de um pé paralelo aos dedos do outro.

E assim avanço, 25 centímetros de cada vez. Devagar, mas firme. Vejo a tenda branca e carmim um pouco maior a cada vez que levanto os olhos.

Levei meia hora e tive que parar duas vezes, mas estou praticamente lá, e já sinto a emoção da vitória. Fiquei um pouco ofegante, mas as pernas continuam firmes. Houve aquela mulher que eu achei que poderia me causar problemas, mas consegui me livrar dela. Não me orgulho disso - normalmente não é esse o meu jeito de falar com as pessoas, principalmente com as mulheres -, mas imagine se eu ia deixar alguma intrometida caridosa estragar a minha saída. Não ponho mais os pés naquela instituição de novo até eu ter visto o que ainda resta do espetáculo, e aí de quem tentar me obrigar a isso. Mesmo que as enfermeiras cheguem para me buscar agora, farei um escândalo, um tumulto. Eu as deixarei sem jeito diante de todos e as obrigarei a chamar Rosemary. Quando ela perceber minha determinação, vai me levar até o circo. Mesmo que isso atrapalhe o resto do seu plantão, ela vai me levar - afinal, esse é mesmo seu último plantão.

Oh, Senhor. Como vou sobreviver à saída dela? A lembrança de sua partida iminente me enche de dor, que logo, logo é substituída pela alegria - estou bem perto e já posso ouvir a música ritmada vindo da grande tenda. Ah, o doce, tão doce, som da música de circo. Coloco minha língua no canto da boca e disparo.

Estou quase lá. Mais alguns metros à frente e...

- Ei, vovô. Aonde o senhor pensa que vai? Paro, alarmado, e olho para cima. Há um garoto sentado atrás do guichê da bilheteria, com a cara emoldurada por sacos de algodão-doce azul e rosa. Através do vidro do balcão onde ele apóia os braços vejo brinquedos que piscam e brilham. Ele tem um brinco na sobrancelha, um botão enfiado no lábio inferior e uma grande tatuagem em cada braço. As mãos terminam em unhas pretas.

- Onde é que parece que estou indo? - digo, num tom impertinente. Não tenho tempo para isso. Já perdi muito do espetáculo.

- A entrada custa 12 paus.

- Não tenho nem um centavo.

- Então não pode entrar.

Estou estupefato e ainda lutando para encontrar palavras quando surge um homem ao meu lado. Um sujeito mais velho, bem barbeado e bem-vestido. O gerente, posso apostar.

- O que está acontecendo aqui, Russ? O garoto agita o dedo apontando para mim.

- Peguei esse velho tentando penetrar.

- Penetrar! - exclamo, com justa indignação.

O homem dá uma olhada na minha direção e se vira para o garoto.

- Qual é o seu problema?

Russ fecha a cara e olha para baixo.

O gerente se posta na minha frente, sorrindo gentilmente.

- Senhor, é um prazer recebê-lo. O senhor não se sentiria melhor se tivesse uma cadeira de rodas? Assim não teríamos que nos preocupar em encontrar um bom lugar.

- Seria ótimo. Obrigado - digo, prestes a chorar de tanto alívio. Minha discussão com Russ me deixou trêmulo. A idéia de que eu tivesse conseguido chegar até ali só para ser mandado embora por um adolescente com um lábio furado era horripilante. Mas agora está tudo bem. Não só consegui, como acho que vou me sentar na primeira fila.

O gerente contorna um lado da grande tenda e volta com uma cadeira de rodas modelo padrão. Deixo que ele me ajude a me ajeitar na cadeira e então relaxo os músculos doloridos enquanto ele me empurra até a entrada.

- Não ligue para o Russ - diz o homem.

- Ele é um bom garoto debaixo de todos aqueles furos, embora seja um milagre o líquido que ele bebe não vazar.

- Na minha época, eles punham os sujeitos velhos na bilheteria. Era meio fim de linha.

- O senhor trabalhou num circo? - o gerente pergunta. - Em qual?

- Trabalhei em dois. O primeiro foi o dos Irmãos Benzini, o Maior Espetáculo da Terra - digo, cheio de orgulho, deixando cada sílaba rolar língua afora.

- O segundo foi o Ringling.

A cadeira pára. O rosto do homem aparece de repente diante de mim.

- O senhor trabalhou com os Irmãos Benzini? Em que ano?

-No verão de 1931.

- O senhor estava lá quando houve o estouro?
- Claro que sim - exclamo.
- Eu estava no meio do tumulto. Na tenda das jaulas. Eu era o veterinário do circo.

Ele me encara, com olhos incrédulos.

- Não acredito! Depois do incêndio do Hartford e da destruição do Hagenbeck-Wallace, esse provavelmente é o desastre mais famoso envolvendo um circo.

- Foi uma coisa séria, realmente. Lembro como se fosse ontem. Puxa vida! Lembro-me disso até melhor do que de ontem.

O homem pisca e estica a mão para mim.

- Charlie O'Brien, terceiro.

- Jacob Jankowski - respondo, apertando a mão dele.

- Primeiro.

Charlie O'Brien me olha fixamente e por muito tempo, com a mão aberta encostada ao peito como se estivesse fazendo um juramento.

- Senhor Jankowski. Vou deixá-lo entrar agora, antes que não haja mais nada a ser visto, mas seria uma honra e um privilégio se o senhor me acompanhasse ao meu trailer, depois do espetáculo, para tomarmos um drinque. O senhor é uma testemunha viva da história, e, sem dúvida, eu adoraria ouvir o relato daqueles eventos em primeira mão. Eu teria muito prazer em levá-lo a sua casa depois.

- Eu ficarei encantado - acrescento.

Ele rapidamente dá a volta e se posiciona atrás da cadeira.

- Então estamos combinados. Espero que o senhor goste do espetáculo.

Uma honra e um privilégio.

Enquanto ele me conduz até a borda do picadeiro, sorrio serenamente.

vinte e quatro

O espetáculo terminou - aliás, foi muito bom, embora não tivesse a magnitude do Benzini nem do Ringling, mas como poderia? Para isso seria necessário um trem.

Estou sentado a uma mesa de fórmica nos fundos de um trailer impressionantemente bem equipado tomando um “puro malte” legítimo, igualmente impressionante - Laphroaig, se não me engano -, e abrindo o bico. Eu conto tudo a Charlie: dos meus pais, do meu caso com Marlena, das mortes de Camel e Walter.

Também conto como atravessei o trem me esgueirando, no meio da noite, com uma faca entre os dentes e um assassinato na cabeça. Falo sobre os homens jogados do trem em movimento, e o estouro dos animais, e o Tio Al estrangulado.

E, por fim, conto o que Rosie fez. Por nem um minuto sequer penso no que estou dizendo. É só abrir a boca e as palavras saem com facilidade.

O alívio é instantâneo e palpável. Por todos esses anos tudo isso permaneceu trancado em mim. Achei que eu me sentiria culpado, como se a tivesse traído, mas o que sinto - principalmente diante dos simpáticos acenos de aprovação de Charlie - está mais para absolvição. Até mesmo redenção.

Nunca tive certeza absoluta se Marlena sabia - tanta coisa estava acontecendo na tenda das jaulas naquele momento que não tenho idéia se ela viu e nunca toquei no assunto. Eu não podia, pois não queria correr o risco de mudar o que ela sentia por Rosie - ou, em última instância, o que sentia por mim. Embora Rosie tenha matado August, eu também o queria morto.

A princípio não falei nada para proteger Rosie - e não havia dúvida de que ela precisava de proteção; naquela época não era um fato raro o assassinato de elefantes - mas não havia desculpa para eu não contar o que sabia a Marlena.

Mesmo que se tornasse mais dura com Rosie, ela nunca teria feito nenhum mal à elefanta. Durante toda a história do nosso casamento, esse foi o único segredo que guardei e, com o tempo, tornou-se impossível revelá-lo. A uma certa altura, um segredo como esse acaba sendo irrelevante. Mas não o fato de que você o guardou.

Depois de ouvir a minha história, Charlie não me parece nem um pouco chocado nem crítico, e o meu alívio é tão grande que, quando acabo de lhe contar sobre o estouro, continuo a falar. Eu lhe falo dos nossos anos no Ringling e de como saímos de lá após o nascimento do nosso terceiro filho. Marlena simplesmente cansou de viver na estrada - algo como precisar de um ninho, acho - e, além disso, Rosie estava ficando velha. Para minha sorte, o veterinário do zoológico Brookfield, em Chicago, escolheu aquela primavera para bater as botas, e eu era um candidato de mão-cheia - não só tinha sete anos de experiência com animais exóticos e um diploma de peso, como também trazia uma elefanta.

Compramos uma propriedade no campo que era suficientemente afastada do zoológico para podermos manter os cavalos, mas próxima o bastante para que eu pudesse ir trabalhar de carro. Os cavalos foram mais ou menos aposentados, embora Marlena e as crianças os montassem de vez em quando. Eles viveram felizes e engordaram - os cavalos, não as crianças nem Marlena. Bobo foi conosco, claro. Ele deu mais trabalho no correr dos anos do que todos os meus filhos juntos, mas nós o amávamos do mesmo jeito.

Aqueles foram os tempos da infância, os anos tranquilos! As noites insones, as crianças chorosas; os dias em que o interior da casa parecia ter sido atingido por um furacão; o tempo em que eu tinha cinco filhos, um chimpanzé e uma mulher de cama, com febre. Mesmo que, numa única noite, tenha se derramado o quarto copo de leite, ou que os gritos estridentes ameaçassem rachar meu crânio, mesmo quando tive que pagar para tirar um filho ou outro - ou, numa ocasião memorável, Bobo - da cadeia por conta de uma infração, aqueles foram anos bons, sensacionais.

Mas tudo passou depressa demais. Num minuto, Marlena e eu estávamos cheios daquilo tudo e, no outro, nossos filhos tinham pegado o carro emprestado e fugido para faculdade. E agora, aqui estou. Com meus 90 anos e sozinho.

Charlie, graças ao seu bom coração, está realmente interessado na minha história. Ele pega a garrafa e se inclina. Enquanto empurro o copo na direção dele, ouvimos uma batida na porta. Recolho rápido minha mão, como se algo a tivesse chamuscado.

Charlie desliza para fora do banco e se inclina em direção a uma janela, puxando a cortina de xadrez com dois dedos.

- Merda - diz ele.

- É uma batida. O que será que aconteceu?

- Estão atrás de mim.

Ele me lança um olhar duro e certo.

-O quê?

- Estão atrás de mim - repito, tentando manter meus olhos no mesmo nível dos dele. Isso é difícil para mim, porque tenho nistagmo, consequência de uma concussão muito antiga. Quanto mais eu tento olhar firme para alguém, mais meus olhos oscilam.

Charlie deixa a cortina cair e vai até a porta.

- Boa noite - ouço uma voz profunda vir da entrada.

- Estou procurando o Sr. Charlie O'Brien. Disseram que eu poderia encontrá-lo aqui.

- Está falando com ele. Em que posso servi-lo?

- Espero que o senhor possa nos ajudar. Um senhor desapareceu da casa de repouso que fica na rua aqui de trás. A equipe de enfermagem acha que ele

provavelmente veio para cá.

- Não seria uma surpresa. Gente de todas as idades gosta de circo.

- Claro. Sem dúvida. Acontece que ele tem 93 anos e é bastante frágil. Eles achavam que ele voltaria por sua própria conta depois do espetáculo, mas já se passaram algumas horas e ainda não apareceu. Estão bastante preocupados com ele.

Fitando o policial, Charlie pisca para ele, divertido.

- Mesmo que ele tenha vindo para cá, eu não acho possível que ainda esteja por perto. Estamos nos arrumando para partir logo, logo.

- O senhor se lembra de ter visto alguém esta noite com as características de que lhe falei?

- Claro. Um monte. Muitas famílias trouxeram seus parentes idosos.

- E viu algum um velho sozinho?

- Não prestei atenção, mas passa tanta gente por aqui que, depois de um certo tempo, eu simplesmente desligo.

O policial enfia a cabeça no trailer e me olha com franco interesse.

- Quem é esse?

- Quem? Ele? - Charlie pergunta, acenando na minha direção.

- É.

- É meu pai.

- O senhor me dá licença de entrar um instante? Depois de uma brevíssima pausa, Charlie dá um passo para o lado.

- Claro, fique à vontade.

O policial sobe no trailer. Ele é tão alto que precisa se curvar. O queixo é proeminente, e o nariz acentuadamente adunco. Ele tem os olhos bem juntos, como os de um orangotango.

- Como vai o senhor? - o policial pergunta, aproximando-se. Ele olha de esguelha e me examina de perto.

Charlie me lança um rápido olhar.

- Papai não fala. Teve um derrame grave há alguns anos.

- Não seria melhor se ele estivesse em casa? - pergunta o policial.

- Esta é a casa dele.

Fico de queixo caído e tremo. Estendo a mão trêmula para pegar o copo e quase o derrubo. Quase, porque seria uma pena desperdiçar um uísque tão bom.

- Aqui, papai, deixa eu te ajudar - diz Charlie, aproximando-se rapidamente.

Ele desliza um pouco no assento para se sentar ao meu lado, pega meu copo e o leva aos meus lábios.

Deixo que a ponta da minha língua, como a de um papagaio, toque as pedras de gelo que rolam ao encontro da minha boca.

O policial só observa. Não estou olhando diretamente para ele, mas minha

visão periférica me permite vê-lo.

Charlie pousa meu copo na mesa e olha longa e placidamente para o homem.

O policial nos observa por mais algum tempo e depois percorre o interior do trailer com os olhos apertados. A cara de Charlie está completamente inexpressiva, e eu faço o possível para babar.

Por fim, o homem nos cumprimenta tocando o boné.

- Senhores, muito obrigado. Se o senhor vir ou ouvir alguma coisa, por favor, nos comunique imediatamente. O velho que sumiu não tem condições de se virar sozinho.

- Comunico, sem dúvida - diz Charlie.

- Esteja à vontade se quiser dar uma busca no terreno. Mandarei o meu pessoal ficar de olho. Seria terrível se acontecesse alguma coisa a esse senhor.

- Este é o meu número - diz o policial, estendendo um cartão a Charlie.

- Se o senhor souber de algo, me telefone.

- Pode ficar tranqüilo.

O policial dá mais uma olhada ao redor e depois se dirige para porta.

- Bem, então, boa noite.

- Boa noite - diz Charlie, acompanhando-o à porta. Depois de fechá-la, ele volta à mesa. Senta-se e nos serve outro uísque. Tomamos um gole e depois permanecemos em silêncio.

- O senhor tem certeza? - ele pergunta, por fim.

- Tenho.

- E a sua saúde? O senhor toma algum remédio? - Não. Não há nada de errado comigo a não ser a velhice. E imagino que ela se encarregue de si mesma no final das contas.

- E sua família? Tomo outro gole de uísque, faço o resto de líquido girar no fundo do copo e então o esvazio.

- Mandarei cartões-postais.

Vejo no rosto dele que não foi uma resposta feliz.

- Não foi isso que eu quis dizer. Eu os amo e sei que eles me amam, mas sei também que não faço mais parte da vida deles. Sou uma espécie de obrigação.

Foi por isso que tive que lutar para chegar aqui esta noite. Eles simplesmente se esqueceram de mim.

Vejo que a testa de Charlie está franzida. Ele parece indeciso.

Então falo rápido, desesperado:

- Estou com 93 anos. O que tenho a perder? Posso cuidar de mim, na maioria das vezes. Vou precisar de ajuda para algumas coisas, mas nada disso que você está pensando. - Sinto que meus olhos estão úmidos e faço o possível para que minha cara enrugada aparente firmeza. Não sou nenhuma banana, pelo amor de Deus.

- Deixe-me ir com vocês. Posso vender ingressos. Russ pode fazer qualquer coisa, ele é jovem. Me dê o lugar dele. Ainda sei contar e não roubo no troco. Sei que vocês não são trambiqueiros.

Os olhos de Charlic ficam enevoados. Juro por Deus que sim.

Eu continuo, sem parar:

- Se eles me pegarem, tudo bem. Se não, no fim da temporada, ligo para eles e volto. E se houver algum problema nesse meio-tempo, você simplesmente liga e eles vêm me buscar. Que mal há nisso? Charlie me olha fixamente. Nunca na minha vida vi um homem com ar tão sério.

Um, dois, três, quatro, cinco, seis - ele não vai responder - sete, oito, nove - ele vai me mandar de volta para lá, e por que ele não o faria?, ele nunca me viu mais gordo - dez, onze, doze...

- Tudo bem - diz ele.

- Tudo bem? - Tudo bem. Vamos dar alguma coisa para o senhor contar aos seus netos. Ou bisnetos. Ou tataranetos.

Eu bufo de tanta alegria, de tanta excitação. Charlie pisca e me serve mais um dedo de uísque. Depois de pensar melhor, torna a virar a garrafa.

Estendo a mão e seguro o gargalo.

- Melhor não - digo.

- Não quero ficar bêbado e quebrar a bacia.

E então rio com vontade, porque tudo me parece tão ridículo e tão maravilhoso e é só o que posso fazer para não me desmanchar em risadas. E daí que eu tenha 93 anos? E daí que eu seja velho e entrevado e meu corpo uma ruína? Se eles estão a fim de me aceitar, a mim e à minha consciência culpada, por que eu não deveria ir embora com o circo? É como Charlie disse ao policial. Para este velho aqui, esta é a sua casa.



EPUB produzido pela Toca Digital
Visite-nos: www.tocadacoruja.net

A idéia para este livro me ocorreu inesperadamente. No início de 2003, eu estava me preparando para escrever um livro totalmente diferente, quando o Chicago Tribune publicou um artigo sobre Edward J. Kelty, um fotógrafo que acompanhou circos ambulantes por todos os Estados Unidos nas décadas de 1920 e 1930. A imagem que ilustrava o artigo me fascinou tanto que comprei dois livros de fotos antigas de circo: *Step Right This Way: The Photographs of Edward J. Kelty* e *Wild, Weird, and Wonderful: The American Circus as Seen by E W Glasier*. Ao acabar de folheá-los, eu estava inteiramente seduzida. Abandonei o projeto do livro anterior e mergulhei no mundo dos circos que viajam de trem.

Comecei a pesquisar a partir de uma bibliografia sugerida pelo arquivista do museu Circus World, em Baraboo, Wisconsin, onde originalmente se localizava o abrigo de inverno dos Irmãos Ringling. Muitos livros estavam esgotados, mas consegui obtê-los em sebos de livros raros. Algumas semanas depois, parti para Sarasota, na Flórida, onde visitei o museu do circo Ringling, que, por acaso, estava vendendo os livros raros de sua coleção que tinham duplicados. Voltei para casa centenas de dólares mais pobre, mas enriquecida com mais livros do que eu podia carregar.

Passei os quatro meses e meio seguintes adquirindo o conhecimento necessário para tratar do assunto como ele merecia - fiz três outras viagens de pesquisa (uma volta a Sarasota, uma ida ao Circus World, em Baraboo, e um fim de semana visitando o zoológico de Kansas City, acompanhada de um de seus antigos tratadores de elefantes, para aprender sobre linguagem corporal e o comportamento desses animais).

A história do circo norte-americano é tão rica que recolhi muitos de seus detalhes mais terríveis tanto da realidade como do anedotário que a acompanha (na história do circo, a linha divisória entre uma e outra é pouco definida). Entre eles, destaco a exposição de um hipopótamo conservado em formol, o cadáver de uma "mulher forte", de 400 quilos, que percorreu a cidade num carro de elefante, o paquiderme que muitas vezes arrancava sua estaca do solo e roubava a limonada e outro que fugiu e foi apanhado numa horta, um gerente de circo que foi assassinado e teve seu corpo enrolado na lona da grande tenda, etc. Também incorporei à história a tragédia assustadora e real da paralisia causada pela gengibirra da Jamaica, que destruiu a vida de aproximadamente 100 mil americanos entre 1930 e 1931.

E, por fim, eu gostaria de chamar atenção para duas elefantas de circo dos velhos tempos, não só porque elas inspiraram momentos importantes da trama, mas também porque essas garotas merecem ser lembradas.

Em 1903, uma elefanta chamada Topsy matou seu domador depois que ele deu um cigarro aceso para ela comer. A maioria dos elefantes de circo da época era perdoada por uma morte ou duas - desde que as vítimas não fossem espectadores -, mas esse tinha sido o terceiro ataque de Topsy. Os donos de Topsy, no Luna Park de Coney Island, decidiram tornar a execução da elefanta um espetáculo público, mas, ao anunciá-lo, se depararam com uma grande revolta - não era o enforcamento um castigo cruel e incomum? Sempre engenhosos, os donos de Topsy contataram Thomas Edison.

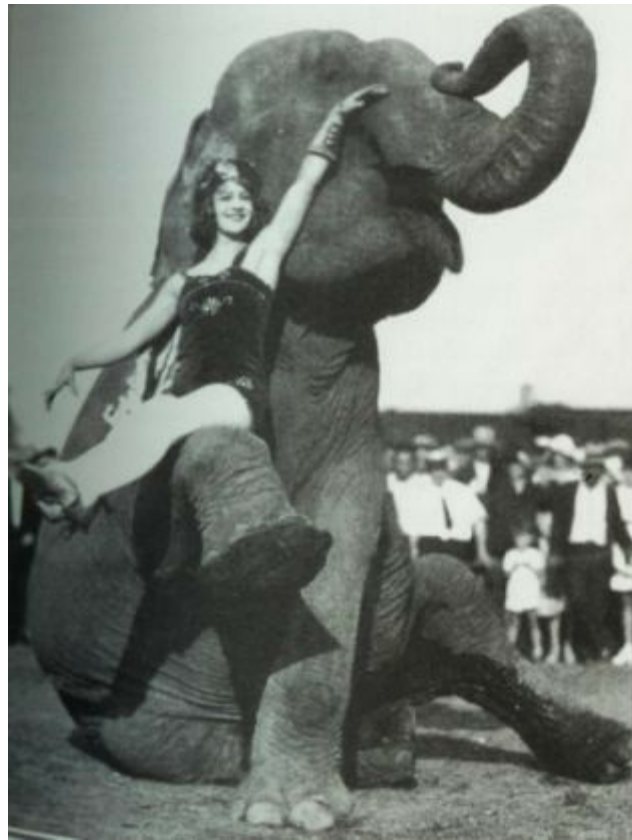
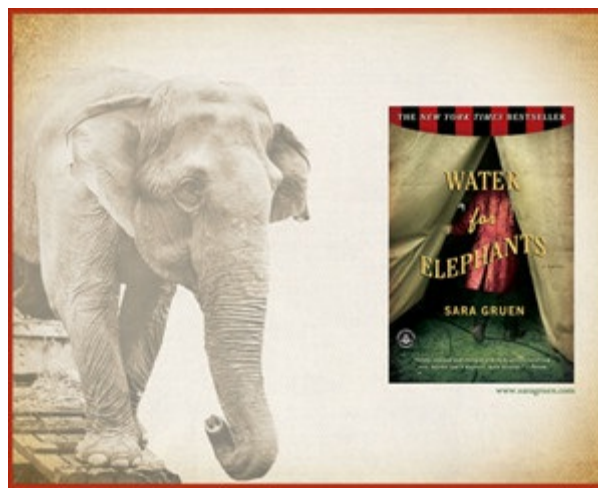
Havia anos, Edison vinha tentando "provar" que a corrente alternada do rival George Westinghouse tinha sido responsável por eletrocutar publicamente cachorros e gatos de rua, assim como, vez por outra, um cavalo ou uma vaca - mas nada tão ambicioso quanto um elefante. Ele aceitou o desafio. Como a cadeira elétrica substituíra o patíbulo como método oficial de execução em Nova York, os protestos cessaram.

Os relatos divergem. Não se sabe ao certo se Topsy ingeriu cenouras recheadas com ácido cianídrico numa frustrada execução anterior ou se ela as comeu imediatamente antes de ser eletrocutada, mas o que não entrou em discussão foi o fato de Edison ter levado uma câmera filmadora, mandado que Topsy fosse amarrada a sandálias debruadas de cobre e recebesse uma carga de 6.600 volts em seu corpo na frente de 1.500 espectadores, o que a matou em aproximadamente 10 segundos.

Edison, convencido de que esse feito desabonava a corrente alternada, prosseguiu seu trabalho apresentando o filme a platéias que se reuniram em todo o país.

Continuemos num tom menos sombrio. Também em 1903, um grupo de Dallas adquiriu uma elefanta, chamada Old Mom, de Gari Hagenbeck, uma lenda do mundo do circo que a apresentou como a elefanta mais inteligente que ele jamais tivera. Com suas esperanças despertadas, os novos domadores de Old Mom ficaram desapontados ao descobrir que ela não fazia nada além de arrastar as patas de um lado para outro. Na realidade, ela era tão inútil que "tinha que ser puxada e empurrada de um circo a outro". Quando, pouco tempo depois, Hagenbeck visitou Old Mom em seu novo lar, ele se sentiu ofendido ao ouvir que ela era estúpida e fez sua reclamação - em alemão. De repente, todos se deram conta de que a língua que Old Mom entendia era o alemão. Depois dessa descoberta, ela foi de novo treinada em inglês e teve uma carreira ilustre. Old Mom morreu em 1933, aos 80 anos de idade, cercada de amigos e colegas de circo.

Este livro é para Topsy e Old Mom...



^[1]No original, jake: bebida alcoólica extraída de gengibre jamaicano, distribuída pelo governo a mendigos e sem-teto durante a lei seca. (N T)